

18

cadernos temáticos CRP SP
**Psicologia do Esporte:
Contribuições para a
atuação profissional**



Conselho Regional de **PSICOLOGIA** SP

18

cadernos temáticos CRP SP
**Psicologia do Esporte:
Contribuições para a
atuação profissional**

São Paulo · 2016 · 1ª Edição
Conselho Regional de Psicologia SP - CRP 06



Conselho
Regional de
PSICOLOGIA SP
Psicologia todo dia, em todo lugar.

Caderno Temático nº18 - Psicologia do esporte: contribuições para a atuação profissional

XIV Plenário (2013-2016)

Diretoria

Presidente | Elisa Zaneratto Rosa
Vice-presidente | Adriana Eiko Matsumoto
Secretário | José Agnaldo Gomes
Tesoureiro | Guilherme Luz Fenerich

Conselheiros

Alacir Villa Valle Cruces; Aristeu Bertelli da Silva; Bruno Simões Gonçalves; Camila Teodoro Godinho; Dario Henrique Teófilo Schezzi; Gabriela Gramkow; Graça Maria de Carvalho Camara; Gustavo de Lima Bernardes Sales; Ilana Mountian; Janaína Leslão Garcia; Joari Aparecido Soares de Carvalho; Livia Gonsalves Toledo; Luis Fernando de Oliveira Saraiva; Luiz Eduardo Valiengo Berni; Maria das Graças Mazarin de Araujo; Maria Ermínia Ciliberti; Marília Capponi; Mirnamar Pinto da Fonseca Pagliuso; Moacyr Miniussi Bertolino Neto; Regiane Aparecida Piva; Sandra Elena Spósito; Sergio Augusto Garcia Junior; Silvio Yasui

Organização do caderno

Paulo Paranhos

Revisão ortográfica

Paulo Paranhos | Vírgula & Crase

Projeto gráfico e editoração

Paulo Mota | Comunicação do CRP SP

C755c Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.
Psicologia do Esporte: Contribuições para a atuação profissional.
Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. - São Paulo: CRP SP,
2016.

178p.; 21x28cm.(Cadernos Temáticos CRP SP)

ISBN: 978-85-60405-37-4

1. Psicologia –Esporte. 2. Psicologia do Esporte. 3. Sistema Esportivo Brasileiro. I.
Título

CDD 158.2

Ficha catalográfica elaborada por Marcos Antonio de Toledo – CRB-8/8396.

Cadernos Temáticos do CRP SP

Desde 2007, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo inclui, entre as ações permanentes da gestão, a publicação da série *Cadernos Temáticos do CRP SP*, visando registrar e divulgar os debates realizados no Conselho em diversos campos de atuação da Psicologia.

Essa iniciativa atende a vários objetivos. O primeiro deles é concretizar um dos princípios que orienta as ações do CRP SP, o de produzir referências para o exercício profissional de psicólogas(os); o segundo é o de identificar áreas que mereçam atenção prioritária, em função de seu reconhecimento social ou da necessidade de sua consolidação; o terceiro é o de, efetivamente, garantir voz à categoria, para que apresente suas posições e questionamentos acerca da atuação profissional, garantindo, assim, a construção coletiva de um projeto para a Psicologia que expresse a sua importância como ciência e como profissão.

Esses três objetivos articulam-se nos *Cadernos Temáticos* de maneira a apresentar resultados de diferentes iniciativas realizadas pelo CRP SP, que contaram com a experiência de pesquisadoras(es) e especialistas da Psicologia para debater sobre temáticas ou assuntos variados na área. Reafirmamos o debate permanente como princípio fundamental do processo de democratização, seja para consolidar diretrizes, seja para delinear ainda mais os caminhos a serem trilhados no enfrentamento dos inúmeros desafios presentes em nossa realidade, sempre compreendendo a constituição da singularidade humana como fenômeno complexo, multideterminado e historicamente produzido. A publicação dos *Cadernos Temáticos* é, nesse sentido, um convite à continuidade dos debates. Sua distribuição é dirigida a psicólogas(os), bem como aos diretamente envolvidos com cada temática, criando uma oportunidade para a profícua discussão, em diferentes lugares e de diversas maneiras, sobre a prática profissional da Psicologia.

Este é o 18º Caderno da série. O seu tema é “Psicologia do Esporte: contribuições para a atuação profissional”.

Outras temáticas e debates ainda se unirão a este conjunto, trazendo para o espaço coletivo, informações, críticas e proposições sobre temas relevantes para a Psicologia e para a sociedade.

A divulgação deste material nas versões impressa e digital possibilita a ampla discussão, mantendo permanentemente a reflexão sobre o compromisso social de nossa profissão, reflexão para a qual convidamos a todas(os).

Os Cadernos já publicados podem ser consultados em www.crsp.org.br:

- 1 – Psicologia e preconceito racial
- 2 – Profissionais frente a situações de tortura
- 3 – A Psicologia promovendo o ECA
- 4 – A inserção da Psicologia na saúde suplementar
- 5 – Cidadania ativa na prática
- 5 – *Ciudadanía activa en la práctica*
- 6 – Psicologia e Educação: contribuições para a atuação profissional
- 7 – Nasf – Núcleo de Apoio à Saúde da Família
- 8 – Dislexia: Subsídios para Políticas Públicas
- 9 – Ensino da Psicologia no Nível Médio: impasses e alternativas
- 10 – Psicólogo Judiciário nas Questões de Família
- 11 – Psicologia e Diversidade Sexual
- 12 – Políticas de Saúde Mental e juventude nas fronteiras psi-jurídicas
- 13 – Psicologia e o Direito à Memória e à Verdade
- 14 – Contra o genocídio da população negra: subsídios técnicos e teóricos para Psicologia
- 15 – Centros de Convivência e Cooperativa
- 16 – Psicologia e Segurança Pública
- 17 – Psicologia na Assistência Social e o enfrentamento da desigualdade social

Sumário

- 07** APRESENTAÇÃO
- 09** PARTE 1
 - ABERTURA E AGRADECIMENTOS
 - 11** Camila Teodoro Godinho, coordenadora
 - 12** Yan Cintra
 - 13** Fernanda Magano
 - 14** Luciana Ferreira Angelo
 - 15** Elisa Zaneratto Rosa
 - PSICOLOGIA, HISTÓRIA E A FORMAÇÃO DO SISTEMA ESPORTIVO BRASILEIRO
 - 18** José Aníbal Marques, coordenador
 - 19** Flávio de Campos
 - 28** Michel Mattar
 - 32** Marcelo Rodrigues de Lima
 - 38** Debates
 - ESTRUTURA E GESTÃO DO SISTEMA ESPORTIVO BRASILEIRO E O PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE
 - 45** Luciana Ferreira Angelo, coordenadora
 - 46** Paula Korsakas
 - 51** Leandro Carlos Mazzei
 - 56** Cristiano Roque Antunes Barreira
 - 61** Debates
- 66** ENCERRAMENTO E INFORMAÇÕES DO EVENTO

67 PARTE 2

I ENCONTRO - Dialogando sobre Psicologia, ética, mídia e comunicação

69 *Abertura:* Camila Teodoro Godinho, coordenadora

70 Victor Cavallari Souza

72 Alessandra Dutra

77 Fabiana Salviano

82 Luiz Eduardo Valiengo Berni

88 Debates

II ENCONTRO - Psicologia do Esporte e Práticas Integrativas e Complementares

96 *Abertura:* Gislane Ferreira de Melo, coordenadora

97 Carla Di Pierro

102 Fabíola Matarazzo

108 Luiz Eduardo Valiengo Berni

111 Debates

III ENCONTRO - Dialogando sobre a formação em Psicologia do Esporte no Estado de São Paulo

122 *Abertura:* Camila Teodoro Godinho

123 Victor Cavallari Souza, coordenador

124 Marisa Markunas

129 Sílvia Regina de Souza

134 Gisele Maria da Silva

141 Rafael Campos de Oliveira Dutra

147 Debates

IV ENCONTRO - Saúde Mental e Esporte Paralímpico: da Inclusão ao Alto Rendimento

155 *Abertura:* Camila Teodoro Godinho

156 Edgar Bittner Silva, coordenador

157 Gabriela Gonçalves

161 Ricardo Santoro

165 Mariana Maeda

170 Debates

177 INFORMAÇÕES DOS EVENTOS

Apresentação

Núcleo Áreas Desafio para o CRP SP Incubadoras Temáticas

Subnúcleo Psicologia do Esporte

O complexo e multifacetado fenômeno do esporte se manifesta culturalmente em diversos contextos assumindo variadas finalidades que são definidas pelos atores que o praticam. O esporte incide na formação pessoal e profissional de indivíduos, sendo seu acesso e prática um direito humano, o que, portanto, está diretamente relacionado às políticas públicas que extrapolam o esporte em si, alcançando aspectos socioeconômicos, culturais, educacionais, de mobilidade e de saúde.

Assim, a Psicologia deve assumir um papel fundamental para a construção e manutenção de um sistema esportivo nacional em que pautará a garantia de direitos, o bem-estar físico e psicológico, o desenvolvimento humano através do esporte, busca por melhor rendimento esportivo entre outros aspectos que se apresentam no cotidiano. Portanto, a Psicologia tem no esporte um campo vasto para a prática profissional, produção de conhecimento e no cumprimento de suas responsabilidades ético políticas na sociedade.

A primeira organização de psicólogas e psicólogos em torno da temática Psicologia do esporte no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo ocorreu entre os anos de 1998 a 2001 quando se formou a primeira Comissão de Esporte do CRP SP, congregando profissionais da área e estudantes de Psicologia. Nesta época o IX Plenário (1998-2001) realizou diversas ações em torno da temática e realizou entre os dias 05 e 07 de maio de 2000 um grande evento intitulado: Encontros e desencontros: "Descobrimos a Psicologia do Esporte" reunindo um grande número de profissionais em torno da problematização dos desafios colocados pela prática profissional nos diferentes campos do esporte. Foram publicados dois livros

da coleção qualificação profissional organizados pela Comissão de Esporte à época: "Encontros e desencontros: Descobrimos a Psicologia do Esporte" e "Psicologia do Esporte, Interfaces, Pesquisa e Intervenção". Na atual gestão (2013-2016) o XIV Plenário propõe a criação de Núcleos temáticos.

A Psicologia do Esporte faz parte do Núcleo de Trabalho intitulado: "Áreas Desafios para o CRP SP - Incubadoras Temáticas" em que formou um Subnúcleo de Trabalho composto por profissionais da área, estudantes, entidades e laboratórios científicos ligados à Psicologia do Esporte.

Motivados pelas deliberações do 8º Caderno de propostas do Congresso Nacional de Psicologia o Subnúcleo priorizou os seguintes objetivos: acolher propostas de qualificação profissional para que, em parceria com instituições afins possam incentivar a realização de eventos, seminários, palestras, encontros, simpósios na área de Psicologia do Esporte, de modo a fortalecer a atuação da/o psicóloga/o do esporte nos diversos campos de trabalho; esclarecer às psicólogas e à sociedade os princípios éticos norteadores da profissão; desenvolver e atualizar referências para o exercício profissional, convidando a categoria a avançar nas discussões sobre os processos de trabalho desenvolvidos.

Este é o objetivo do Caderno Temático sobre psicologia do e no esporte, que possamos, a partir da sistematização da discussão que se retomou nos últimos cinco anos no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, avançar na direção de pensarmos propostas e realizarmos encaminhamentos e ações para que seja possível a qualificação profissional, uma participação de

psicólogas e psicólogos, efetivamente pautada na ética técnica e ciência psicológica no campo do esporte no interior da realidade brasileira. A parte I trata da II Mostra de Práticas em Psicologia do Esporte: "Desenvolvimento Humano e o Projeto Esportivo Brasileiro." A programação da Mostra problematizou o desenvolvimento humano através da atividade física e esportiva e os diversos olhares, significações e contextos que esse desenvolvimento manifesta. Questões de gênero e relações raciais no esporte; mobilidade humana - atividade física e saúde mental para todas as idades; questões sociais e desenvolvimento moral no esporte; corpo e desenvolvimento humano; condições de trabalho no esporte foram alguns dos temas de debate durante a organização de grupos temáticos no evento. Os objetivos da II Mostra de Práticas em Psicologia do Esporte do Estado de São Paulo foram: ma-

pear e conhecer as práticas em Psicologia do Esporte no Estado de São Paulo; integrar psicólogos, estudantes e profissionais do Esporte que atuam e que pretendem atuar na Psicologia do Esporte, em todo Estado de São Paulo, e construir uma rede de profissionais da área; reunir subsídios para proposição de políticas públicas na área do esporte; ampliar a compreensão sobre o sistema esportivo, gestão no esporte e posicionamento da Psicologia nesse contexto; discutir o desenvolvimento humano a partir da atividade física e a contribuição da Psicologia nessa perspectiva. A parte II refere-se ao Ciclo Estadual de debates - "Diálogos sobre Psicologia do Esporte" que teve como objetivo debater sobre as diretrizes e referências para o exercício profissional, orientar, refletir e posicionar-se por meio da ética profissional sobre a práxis da/o psicóloga/o do/no esporte em diversos contextos. 🌐

18

Parte 1

*II Mostra Estadual de Práticas
em Psicologia do Esporte:
"Desenvolvimento Humano
e o projeto esportivo brasileiro"*

Abertura

Camila Teodoro Godinho

Conselheira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - CRP SP e Coordenadora do Núcleo de Psicologia do Esporte

Bom dia a todas e todos, gostaria de agradecer a presença de vocês nesta manhã gelada; dizer que é um momento muito importante para o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo a II Mostra de Práticas em Psicologia do Esporte. Meu nome é Camila Teodoro. Como vocês podem ver, no momento conselheira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, coordenadora da subsede do Grande ABC e também estou coordenando o Núcleo de Psicologia do Esporte. Para compor a mesa, então, gostaria de convidar Yan Cintra que é representante da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP). Fernanda Magano que é presidente da Federação Nacional dos Psicólogos (FENAPSI), tesoureira do Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo, psicóloga na Coordenadoria de Saúde, na Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo. Luciana Ferreira Angelo, coordenadora do GT Nacional de Psicologia do Esporte e do Conselho Federal de Psicologia e Elisa Zanerato Rosa, conselheira presidente do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.

“Falar da diversidade da Psicologia enquanto campo científico, é falar também das diversas áreas que possibilitam um exercício profissional de psicólogas e psicólogos”.

Quero iniciar minha fala agradecendo aos departamentos de comunicação e eventos do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo pela dedicação, organização desta Mostra; agradecer às entidades e movimentos que estiverem aqui presentes; ao representante do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro - conselheiro Rodrigo Acioli - obrigado pela presença; aos representantes de faculdades que aqui estiverem o nosso muito obrigado; e claro,

“A Psicologia do Esporte ainda é pouco reconhecida por nossa sociedade, porém já é uma área construída e constituída em Psicologia. Ela está em constante desenvolvimento”.

aos membros do Núcleo de Psicologia do Esporte, muito obrigado pela parceria e por todo trabalho que a gente vem desempenhando junto ao Núcleo. Falar da diversidade da Psicologia enquanto campo científico, é falar também das diversas áreas que possibilitam um exercício profissional de psicólogas e psicólogos. A Psicologia do Esporte ainda é pouco reconhecida por nossa sociedade, porém, já é uma área construída e constituída na Psicologia. Ela está em constante desenvolvimento. Acho que é diferente de alguns anos atrás, quando falávamos que a Psicologia do Esporte “está em ascensão ou está em construção”. Não. Acho que a Psicologia do Esporte está sendo construída, já mostra certo desenvolvimento e precisa crescer ainda mais no que diz respeito ao campo científico e na realização de pesquisas e de tantas outras possibilidades de prática e teoria que temos. Por isso, guiados pelas diretrizes do Congresso Nacional de Psicologia, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo tem pautado a Psicologia do Esporte e realizado diversas ações por meio deste Núcleo de trabalho, que está sendo construído há mais ou menos um ano, Núcleo esse que prioriza o acolhimento de demandas da categoria e sociedade relacionadas ao esporte, formação em Psicologia do Esporte, e garantia de direitos para todas as pessoas, além da busca pela qualificação profissional em Psicologia do Esporte, para psicólogas e psicólogos. A Segunda Mostra que acontece hoje irá, sem dúvida, ampliar a compreensão sobre o sistema esportivo brasileiro, o que é gestão no esporte e qual o posicionamento da Psicologia nesse contexto. Muito se fala da Psicologia do Esporte enquanto campo que está em alto rendimento. Esta Mostra, não: queremos levar um pouco, trazer um pouco mais para outras questões, não só de gestão de esporte, mas também questões de gênero e relações raciais no esporte, mobilidade humana, atividade física e saúde mental para todas as idades; questões sociais e desenvolvimento moral no esporte, corpo e desenvolvimento humano, e fechando sobre as condições de trabalho no esporte. 🧠

*Representante da Associação Brasileira
de Psicologia do Esporte - ABRAPESP*

Bom dia a todos. Meu nome é Yan Cintra; faço parte da atual diretoria da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte - ABRAPESP; é um prazer para mim estar aqui representando a Associação nesta Segunda Mostra estadual de práticas em Psicologia do Esporte. A ABRAPESP apoia este evento, e também faz parte do Núcleo de Psicologia do Esporte do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Nosso agradecimento especial à Camila Teodoro, líder e conselheira deste Núcleo de Psicologia do Esporte; aos palestrantes que aceitaram o convite de participar do evento e a todos vocês aqui presentes. O movimento humano se apresenta em contextos va-

riados na Psicologia, em especial na Psicologia do Esporte; temos como base a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da Unesco. E ela considera que a prática da educação física e do esporte é direito fundamental ao longo da vida. Acredito que já é hora de discutirmos os temas propostos deste evento e também dar mais voz ativa aos protagonistas do movimento, ou seja, os profissionais e estudantes das ciências e do esporte, os atletas profissionais e amadores, os praticantes de atividade física de um modo geral. Então, espero que todos aproveitem bem o evento; possam criar, contribuir, compartilhar de alguma forma. Muito obrigado. 🙏

Fernanda Magano

Presidente da Federação Nacional dos Psicólogos; Tesoureira do Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo; Psicóloga na Coordenadoria de Saúde na Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo.

Bom dia a todos e a todas; agradeço aqui nas pessoas da Camila e do Luís esta oportunidade; agradeço ao Yan por vir representar a ABRAPESP e à Luciana por representar aqui o Grupo de Trabalho do Conselho Federal de Psicologia, e todo trabalho que já construiu também no decorrer desses tempos na própria ABRAPESP e no próprio Regional de Psicologia, nas publicações e em toda uma construção mesmo. Dizer que é importante marcar que a ABRAPESP faz parte do Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia – FENPB - que, inclusive, discute, compartilha, traça as ações e políticas conjuntas para pensar a Psicologia como um todo, e trata então, da especificidade da Psicologia do Esporte. Eu estive na secretaria executiva do FENPB por um período, e é importante falar disso em eventos, porque muitas vezes há estudantes que desconhecem desta relação da Psicologia que é única entre as 14 profissões de saúde regulamentadas. Que é a possibilidade de se ter um fórum que congrega as várias frentes da Psicologia para tirar pautas conjuntas e pensar aquilo que é bastante caro para nós, que é a visibilidade da Psicologia, o cuidado com as pessoas, uma Psicologia séria e comprometida para atender à população brasileira, e fazer a relação de que essa Psicologia avance dos seus espaços privados para uma, de fato, consolidação nas políticas públicas. Em relação a esse evento, é importante o quanto tem avançado; então, estamos nesta Segunda Mostra de práticas em Psicologia do Esporte e o quanto no decorrer do tempo a Psicologia do Esporte vem se consolidando. Se pensarmos na história, ela data mais ou menos, na Rússia e nos Estados Unidos, do início do século XX; depois, na realidade brasileira, um dos primeiros marcos dela é em 1958, na construção da Copa, isso inclusive antes da própria regulamentação da profissão em 1962. Então, temos esse marco de que a Psicologia ainda nem era regulamentada aqui, mas já tinha esse acompanhamento e esse procedimento acontecendo.

“A minha relação de estar aqui também é para pensarmos essa perspectiva na lógica de um mundo sindical: o quanto a gente precisa avançar para consolidar a Psicologia do Esporte como um mercado de trabalho”.

Depois, enquanto ciência e estudos e construção mesmo desse conhecimento teórico para a realidade brasileira, de 1980 para a frente, temos no início dos anos 2000 a construção do título de especialista, quando a Psicologia do Esporte se consagra como uma das áreas para titulação de especialistas. E de lá para cá, vai avançando nas suas especialidades, fato que esta mostra então detalhará bastante bem para cada um de nós. A minha relação de estar aqui também é para pensarmos essa perspectiva na lógica de um mundo sindical: o quanto a gente precisa avançar para consolidar a Psicologia do Esporte como um mercado de trabalho. Para além do avanço nos clubes, nas várias modalidades de esporte, o quanto precisamos travar diálogos com o Ministério; o quanto precisamos avançar na perspectiva disso enquanto política pública, porque sabemos que muitas vezes nas prefeituras, nas vinculações com os projetos sociais, deparamo-nos com contratações precárias de ONGs, OSs, UNGs. Existem projetos em que há interface da Psicologia e do Esporte, mas o quanto isso ainda é precário e colocado em um segundo plano. Então precisamos superar isso, pensar também o marco regulatório apresentado pelo governo no ano de 2014, nessa relação das organizações sociais, para que possamos constituir de fato um espaço onde haja carreira profissional; onde haja jornada delimitada; onde haja piso salarial; que de fato faça referência a todo esforço que demanda estar na construção de uma área e que essa área, como a Camila disse, está consolidada, mas ainda tem passos a avançar na construção desse conhecimento. Então, que possamos aproveitar a oportunidade do dia de hoje para aprofundar esses conhecimentos, e tirar daí algumas diretrizes nessa perspectiva do quanto a gente pode fazer uma ação parceira, Conselho e mundo sindical na construção dessa possibilidade de novos mercados de trabalho. Obrigada. 🙏

Coordenadora do GT Nacional
de Psicologia do Esporte do
Conselho Federal de Psicologia.

Bom dia a todos; gostaria de agradecer imensamente a presença de todos vocês na II Mostra de Práticas em Psicologia do Esporte; agradecer ao Conselho Regional de Psicologia, à conselheira Elisa, presidente do Conselho; conselheira Camila, coordenadora e líder do Núcleo de Psicologia do Esporte, do qual eu também faço parte, pois sou psicóloga aqui em São Paulo, pertencendo ao Conselho Regional de Psicologia e estou aqui compondo a mesa, representando o Grupo de Trabalho Nacional em Psicologia do Esporte. Desde que tivemos a eleição para o Conselho e para o Sistema de Conselhos, a Psicologia do Esporte vem sendo pautada nos núcleos que existem nos Conselhos Regionais e no Conselho Federal, possibilitando a discussão do tema Psicologia do Esporte como especialidade, fazendo parte do planejamento estratégico. A Psicologia do Esporte hoje é vista como uma área fundamental e importante quando se pensa na promoção da saúde, em mobilidade urbana, principalmente, nos grandes centros como São Paulo e nos centros expandidos. Temos São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais em diversas regiões do Brasil; então, o GT Nacional discute hoje, basicamente, ações que a Fernanda levantou, relacionadas a políticas públicas e possibilidades da temática da Psicologia do Esporte frente à sociedade civil. Hoje o GT Nacional é representado pelos conselheiros Rodrigo Acioli, do Rio de Janeiro, que está aqui; Murilo Calafange, de Pernambuco; Cristianne Carvalho, do Maranhão; Giane Souza, do Pará; Fabrício Raupp, de Santa Catarina e Adriana Bernardes, de Goiás, para vocês entenderem como o Brasil todo tem discutido essa temática. E uma das ações do GT

“A Psicologia do Esporte hoje é vista como uma área fundamental e importante quando se pensa na promoção da saúde, em mobilidade urbana, principalmente, nos grandes centros como São Paulo e nos centros expandidos”.

está sendo realizada em parceria, num primeiro momento, aqui com o Núcleo de Psicologia de São Paulo. Temos no material que foi entregue a vocês um convite para que todos possam participar do Censo na Psicologia do Esporte. O GT Nacional junto com os CRs, então todo o sistema conselhos, tem uma preocupação de saber quem somos, onde estamos, o que fazemos, quais são as facilidades e dificuldades profissionais. Existe um documento que se chama “Instrumento de investigação do GT de Esporte”, que está na pasta que vocês receberam. Estamos convidando vocês para que possam preencher essa pesquisa e entregar na recepção para que possamos fazer esse levantamento. Essa parceria com o Núcleo aqui de São Paulo é bastante importante: São Paulo é uma das regiões onde temos mais registros de profissionais especialistas na Psicologia do Esporte, e para nós então é interessante verificar se há semelhanças, diferenças, em relação às diversas regiões do país na prática profissional. Espero que vocês aproveitem bastante o encontro. Obrigada. 🙏

Elisa Zaneratto Rosa

Conselheira Presidente do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - CRP 06.

Bom dia a todas e a todos aqui presentes; muito bom dia aos meus colegas que estão aqui na mesa; agradeço por terem vindo participar e construir em conjunto esse trabalho do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, a todos que aceitaram o convite de participar dos debates, seja trazendo seus trabalhos para expor, seja participando das mesas, seja participando do próprio evento.

“Então, que possamos reconhecer no dia a dia do trabalho da categoria, referências, diretrizes, desafios, as dificuldades, os pontos, enfim, que precisamos estar atentos para fazer avançar a Psicologia que queremos no nosso estado”.

Queria dizer que temos enorme satisfação em realizar esse evento, e essa satisfação decorre talvez de dois princípios que têm sido fundamentais na nossa gestão e que muito bem se expressam neste encontro. Um desses princípios é de que a gente faça uma gestão no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, que dialogue, que esteja próximo das práticas realizadas pelas psicólogas e psicólogos do Estado no seu cotidiano. Então, que possamos reconhecer no dia a dia do trabalho da categoria, referências, diretrizes, desafios, as dificuldades, os pontos, enfim, que precisamos estar atentos para fazer avançar a Psicologia que queremos no nosso estado. E esse desenho, de mostra, de práticas, de convite para conversa sobre as práticas nesse sentido, é muito exitoso

para responder a essa finalidade, para responder a esse objetivo. Acho que um outro princípio que também bem se expressa nesse evento, que para nós é muito caro, tem relação com esse primeiro, que é a possibilidade de podermos construir o nosso trabalho no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, num diálogo com os hoje grupos organizados da Psicologia. Então, se vamos tratar da Psicologia do Esporte, interessa-nos - e só podemos fazer isso - um diálogo em construção conjunta com todos os coletivos que historicamente se organizaram para tratar das questões dessa área; então, acho que neste momento em que realizamos esta Segunda Mostra temos como produto uma trajetória histórica, um conjunto de coletivos, de associações, de laboratórios, de grupos, enfim, que pensam essa questão, que trabalham com essa questão. E temos feito um esforço de estar junto com todos esses grupos, porque entendemos que trazem diferentes contribuições que precisam caber no espaço do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, que precisam estar em diálogo com o trabalho que fazemos no Conselho. Há cerca de quinze anos o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo deflagrou no seu trabalho uma construção em torno dessa temática com o conjunto de eventos, de discussões que resultam também em algumas publicações e depois, durante alguns anos, quem tem o protagonismo desse trabalho são essas associações, são esses coletivos e, portanto, é nessa reconstrução que vamos fazer enquanto Conselho neste momento; precisamos desses coletivos conosco. Desde a última gestão reiniciamos essa construção; a gestão passada começou a partir de uma ação de regionalização dessa discussão a trazer novamente esse debate no interior dos conselhos, do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, e realiza a Segun-

da Mostra de práticas em Psicologia do Esporte, buscando, então, conhecer, aproximar-se desses trabalhos, enfim, e neste momento aprofundamos, retomamos esse desafio, aprofundamos esse desafio a partir desse diálogo com esses coletivos, com esses grupos que estão organizados hoje no Estado de São Paulo e no Brasil.

“À medida que avançamos na construção de políticas públicas, de garantia de direitos, somos convocados a pensar como a Psicologia do Esporte contribui com a construção dessas políticas das mais diversas áreas, com a classificação das políticas das mais diversas áreas”.

Tenho a impressão de que esse método para nós é fundamental; neste momento a sociedade brasileira é provocada especialmente a pensar a questão do esporte, todo o cenário dos megaeventos coloca em evidência a área de Psicologia do Esporte, e temos, portanto, a obrigação de qualificar para a sociedade as diretrizes éticas e técnicas que orientam o nosso trabalho nessa área, assim como evidenciar para a sociedade qual é a contribuição que nós, enquanto categoria profissional, demos a esse campo. Então, considero que este momento em especial nos convoca para isso, e entendo que para além disso, à medida que avançamos na construção de políticas públicas, de garantia de direitos, somos convocados a pensar como a Psicologia do Esporte contribui com a construção dessas políticas das mais diversas áreas, com a classificação das políticas das mais diversas áreas. Então, entendemos que a Psicologia do Esporte tem uma interface com políticas de educação, com políticas para criança e adolescente, com políticas de cultura, com políticas de saúde, com políticas de assistência, enfim, nos diversos espaços em que temos ampliada a presença da Psicologia as contribuições da Psicologia do Esporte podem ser fundamentais para contribuirmos com a construção dessas políticas e assim contribuir também com a construção de uma sociedade mais democrática e igualitária. Acho que esta é a perspectiva, o projeto ético político que nos orienta neste momento, esperando que esta Mostra, que na verdade é um momento de um tra-

balho contínuo que estamos fazendo, realizando no Conselho dois encontros ampliados que discutiram a temática da Psicologia do Esporte. Temos este momento da Mostra, e vamos então seguir com outras estratégias, enfim, seguir com este trabalho, esperando que este momento seja estratégico para uma construção que está afinada com algumas preocupações. De qualificar referências para atuação nessa área, de ampliar a presença das psicólogas e psicólogos do esporte nas mais diversas políticas, de contribuirmos, enquanto Psicologia, para a construção de políticas relacionadas ao esporte, de políticas relativas ao campo do sistema esportivo. Considero que essas são as preocupações que temos neste momento e que entendemos que estes espaços de diálogo, de troca, enfim, podem contribuir. Queria lembrar que o VIII CNP e o VIII Congresso Nacional da Psicologia nos pautam em relação a essas questões, coloca a necessidade de que os conselhos possam debater as referências em relação à Psicologia do Esporte, e possam discutir a ampliação da presença desse campo de atuação, de conhecimento, enfim, nas políticas públicas no Brasil. Acho que respondemos a esse desafio, e nesse sentido realizamos um trabalho em São Paulo que faz parte de um sistema maior enquanto sistema de Conselhos de Psicologia; estamos tentando organizar isso a partir deste trabalho nacional. É isso que eu queria dizer a vocês; queria aproveitar a oportunidade para convidar todos vocês que aqui estão para mostrarem seus trabalhos, também a partir do projeto Psicologia todo dia, em todo lugar, para uma sociedade mais democrática e igualitária, que é um projeto que temos desenvolvido aqui no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e que pretende ser uma mostra permanente das práticas de todas as psicólogas e psicólogos no estado.

“Precisamos ouvir e conhecer o que cada um dos psicólogos, das psicólogas está fazendo pelo estado; para mostrar à sociedade o que temos feito e para podermos também construir a nossa gestão alinhada e aproveitando e produzindo referências a partir desta Psicologia produzida cotidianamente”.

Construímos a partir deste projeto um grande portal em que aparecem as psicólogas, os estudantes, os usuários, os gestores das mais diferentes áreas, contando pontualmente ali em um minuto e meio sobre o seu trabalho, sobre o trabalho que realizam na Psicologia, e a nossa ideia é que a partir disso poderemos fazer uma gestão que aproveite essas práticas, que reconheça o que cada profissional está fazendo em cada lugar, como um subsídio importante para podermos fazer avançar a Psicologia. Precisamos ouvir e conhecer o que cada um dos psicólogos, das psicólogas está fazendo pelo estado; nosso desejo era ter os 90 mil vídeos dos 90 mil psicólogos, de cada lugarzinho, de cada município do Estado de São Paulo, para mostrar à sociedade o que temos feito e para podermos também construir a nossa gestão alinhada e aproveitando e produzindo referências a partir desta Psicologia produzida cotidianamente. Acho que este é um momento de mostra

de práticas, mas gostaríamos muito que ele se traduzisse nesta Mostra que fica permanente no portal, que todos possam ver, que iremos divulgar posteriormente nas nossas redes sociais. A nossa equipe veio para filmar, para registrar, e gostaria de fazer o convite para que vocês aparecessem, para que vocês contassem as suas experiências, a fim de que possamos disponibilizar nas redes sociais este espaço de mostra que estamos fazendo aqui neste sábado. Desejo que seja um bom encontro, e gostaria de agradecer imensamente e reconhecer aqui o importante trabalho do Núcleo de Psicologia do Esporte do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, agradecendo a conselheira Camila Teodoro pela sua dedicação, e a todos aqueles que compõem o Núcleo junto com ela: eu não saberia o nome de todos e sobretudo as entidades e coletivos que se dispuseram a essa construção conjunta com nosso Núcleo; acho que sem isso não iríamos avançar. Muito obrigada a todos vocês. 🙏

Psicologia, História e a Formação do Sistema Esportivo Brasileiro

José Aníbal Marques

Psicólogo e mestre em Psicologia Social. Foi psicólogo do Redbull Brasil e do Botafogo de Futebol e Regatas. Atua hoje como consultor da Interação – esporte e psicologia para atletas de várias modalidades esportivas.

Bom dia a todos e a todas. Quando ouvi a Fernanda falar, fazendo um resgate histórico, e quando chegou em 2000, quando no Conselho Regional de Psicologia se começou a discutir e a pensar a questão da especialização, eu voltei quinze anos no tempo e comecei a pensar sobre as temáticas que conversávamos, que discutíamos, que tratávamos em relação à Psicologia do Esporte. E quando fiz essa volta e retornei para cá em 2015, isso me causou uma satisfação grande por conta de perceber quais as temáticas discutiremos hoje, e perceber a evolução que a área teve em quinze anos. Quando a gente pensa em quinze anos, principalmente para os pais ou mães recentes aqui, parece uma eternidade falar: meu filho está fazendo 15 anos, ou meu filho tem 5, ou qualquer outra forma de referência temporal que a gente queira fazer, mas quando a gente pensa em desenvolvimento de uma área científica, ou de produção científica, isso é um bebê engatinhando, é muito pouco. E por que desta minha satisfação? Porque eu componho a mesa com três profissionais que não são psicólogos e isto causa muita satisfação. Porque desde 2000, uma questão que me intrigava muito, e que me estimulava muito a estar na área, e a desenvolver, contribuir para o desenvolvimento no país, era a relação interdisciplinar. Nunca entendi por que o profissional de Psicologia trabalhando no esporte pudesse atuar de outra forma. Naquela época existia uma discussão muito grande de como ocuparíamos espaço, como faríamos com os profissionais da Educação Física e do Esporte, e isso me estimulava a pensar que não se tratava de uma disputa por espaço, de um confronto entre profissionais, mas sim como dividiríamos esse espaço produzindo ciência e uma área que tivesse qualidade para o desenvolvimento do esporte no Brasil.

E hoje, quando tenho aqui ao meu lado um bacharel em Esporte, um bacharel em Esporte que caminha para o Marketing, para a área administrativa,

“A questão da gestão das instituições esportivas das organizações esportivas esbarra na atuação do profissional de Psicologia, do técnico esportivo, do profissional de Administração, de Marketing, do comunicador, do assessor de imprensa, da equipe de suporte, enfim, de todos os agentes que compõem uma instituição, uma organização esportiva e que certamente irão compor e desenvolver o esporte nacional”.

e um historiador, se assim posso lhe chamar, Flávio, isso me causa muita satisfação, porque a temática que a gente busca discutir aqui nesta mesa, a Psicologia, História, desenvolvimento do sistema esportivo, não faria o menor sentido se não partilhássemos isto com outras áreas, e não pensássemos na atuação do profissional de Psicologia também na área da gestão, porque percebemos como a questão da gestão das instituições esportivas das organizações esportivas esbarra na atuação do profissional de Psicologia, do técnico esportivo, do profissional de Administração, de Marketing, do comunicador, do assessor de imprensa, da equipe de suporte, enfim, de todos os agentes que compõem uma instituição, uma organização esportiva e que certamente irão compor e desenvolver o esporte nacional. Então, é com muita satisfação e orgulho que vejo o desenvolvimento e evolução dessa área, mas principalmente a abertura para outras áreas para que possamos construir um esporte nacional com qualidade. 🌍

Flávio de Campos

Professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Coordenador Científico do LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas). Professor do curso de pós-graduação História Sociocultural do Futebol, ministrado no Departamento de História da USP. Organizador do livro "Futebol Objeto das Ciências Humanas", Editora Leya, 2014. Coordenador científico e curador artístico do projeto "Vista sua camisa com orgulho, contra a homofobia no futebol".

Obrigado, bom dia a todos e a todas. Muito obrigado pelo convite; para mim é sempre um grande prazer falar para pessoas que não são da área de História, e isto é um desafio. Sou historiador e espero poder contribuir para as discussões que vocês têm desenvolvido, mas o meu interesse vai ser pensar a questão do esporte e do futebol em particular, mais do esporte em geral, e as diversas relações sociais, e como o esporte em geral e o esporte no Brasil evidenciam determinadas situações e expressam determinadas tensões da sociedade brasileira. Farei uma rápida abertura e depois apresentarei um conjunto de slides para evidenciar determinadas situações que quero discutir com vocês.

"Sou historiador e espero poder contribuir para as discussões que vocês têm desenvolvido, mas o meu interesse vai ser pensar a questão do esporte e do futebol em particular, mais do esporte em geral, e as diversas relações sociais, e como o esporte em geral e o esporte no Brasil evidenciam determinadas situações e expressam determinadas tensões da sociedade brasileira".

Acho que é interessante pensar no caso do esporte em geral, que cada sociedade elege uma ou mais modalidades esportivas, que se tornam para essa sociedade, num determinado momen-

to histórico, janelas privilegiadas para se pensar a dinâmica da sua sociedade. Evidentemente no esporte - e a modalidade esportiva eleita no Brasil é o futebol - o futebol é essa modalidade; nos Estados Unidos não é o futebol, nos Estados Unidos podemos pensar pelo menos numa divisão: o beisebol, o futebol americano, o basquete. Temos aí uma diversidade de modalidades esportivas. Evidentemente, retornando ao futebol - e gostaria de falar aqui sobre a FIFA e a CBF - o futebol se tornou, no mundo inteiro, a principal modalidade esportiva contemporânea; não há nenhuma modalidade esportiva - eu diria não há nenhuma modalidade cultural - que tenha uma assistência de bilhões de espectadores numa final de competição. Falando de um público de bilhões, e evidentemente um público de bilhões significa um mercado potencial, tudo isto também contribui para o bem e para o mal em relação a isso. No caso do Brasil, vou recuperar a leitura que considero ainda muito atual e muito pertinente, que é a do antropólogo Roberto da Matta. Da Matta tem uma chave interpretativa para o futebol, e para a relação de futebol e sociedade brasileira, que considero muito interessante; ele nota que o futebol tem o papel de dramatizar questões importantes da sociedade brasileira. Ele dramatiza, ele encena, ele põe em evidência. Ele põe no palco. Eu acrescentaria que o futebol é tão importante para a sociedade brasileira que ele potencializa, amplia determinadas tensões em determinadas situações históricas. Vou exemplificar isso, tentando ser rápido. Analisando as jornadas de junho, as manifestações políticas no Brasil, desde 2013, e que se estendem até agora, ecoam mesmo até o momento. Dentre essas manifestações, a imprensa deu muita cobertura, dando muito destaque para o movimento do chamado "Passe Livre", um movimento de meninos que surgiu no Fórum Mundial de Porto Alegre, inclusive muitos alunos meus

da FFLCH-USP. Além desse movimento, um outro, uma articulação que não avançou, não obteve um espaço na mídia convenientemente, e por isso não permitiu a compreensão correta do significado das jornadas de junho de 2013, que foi a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa (ANCOP). Por trás da ANCOP havia dezenas de entidades e movimentos sociais no Brasil, significativamente articulados à mesma. Vou citar alguns: o projeto "Jovens Limpos"; o Instituto ETHOS; o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto; a União Nacional Por Moradia Popular, movimentos que ganharam muita força por conta das desapropriações realizadas em diversas cidades do Brasil, por conta da construção de estádios, inclusive o de Itaquera. A Frente Nacional dos Torcedores, a Associação Nacional dos Torcedores, a Central dos Movimentos Populares, isto é bem significativo que duas situações que se entrelaçam, que esses movimentos tenham se articulado em torno da ANCOP, e é significativo que a gente tenha tido, desde a chegada do PT ao poder em 2003, um recuo dos movimentos sociais, um arriamento das bandeiras dos movimentos sociais em torno de uma espécie de compromisso e de aparelhamento que o governo do PT fez com os movimentos sociais de todo o Brasil. Então essas bandeiras arriadas, esses movimentos que foram, de certa maneira, amortecidos pela chegada do PT ao poder, rearticulam-se num contexto de Copa do Mundo ligados à ANCOP; é o futebol que permite a articulação política desses movimentos. No momento em que as centrais sindicais, cada uma delas hoje correspondendo a um conjunto de partidos políticos, as centrais sindicais hoje no Brasil defendem interesses partidários muito claramente: esses movimentos sociais, órfãos, vão se articular em torno da Copa do Mundo. Eu diria que essas manifestações dramatizaram alguns dos principais conflitos de algumas das principais tensões que estamos vivendo até hoje. E que estavam atordoadas, estavam paradas, estavam esquecidas. Críticas à organização da Copa (críticas existem desde 2009, 2010), os elementos, as indicações de que haveria desperdício de dinheiro público, que alguns estádios seriam desnecessários, já haviam sido feitas desde 2009, mas parece que a sociedade recusava-se a se mobilizar, e vai estourar, a coisa vai "pipocar" em 2013, um pouco antes da Copa das Confederações, e que geram um elemento novo que estava amortecido também no Brasil e que aparece hoje nitidamente: as polarizações ideológicas, à direita e à esquerda. O Brasil hoje é um país dividido; em 2012 e 2013, durante a gestão do governo, dos dois governos Lula e no início do

governo Dilma, parecia que não existia direita, não existia esquerda, estava tudo acomodado dentro do mesmo guarda-chuva, e essas polarizações da direita e da esquerda revelam para nós o ponto de vista sociológico e político, o esgotamento de um modelo de presidencialismo de coalisão; esse grande acordo, essa grande aliança que o Fernando Henrique fez, à direita e à esquerda, chamando o PSDB para se aliar aos Democratas (o antigo PFL) - era a direita; e a mesma coisa que o governo Lula fez, articulando-se também à direita para governar. Esse presidencialismo de coalisão esgotou-se; esse modelo esgotou-se; esse modelo político de concessão, de privilégios e de divisão do dinheiro público e do estado entre diversos partidos está esgotado; resta saber até aonde ele vai, mas a realidade caducou. Isso aparece em relação ao futebol. À direita vocês viram, a gente vê até hoje o resgate desse nacionalismo autoritário, de falas autoritárias, que fazem apologia à ditadura militar, significativamente, 50 anos depois, com relação ao golpe, e algumas falas que estão na nossa sociedade. O rechaço a todos os partidos políticos, os discursos nas ruas, "o povo unido não precisa de partido", é um discurso extremamente autoritário.

"Com relação à esquerda, os movimentos sociais começaram com uma discussão interessante, com uma indagação interessante, uma palavra de ordem que era "Copa para quem"? E como "para quem" era extremamente interessante, extremamente bacana, quem que se beneficiaria com a Copa?"

O Brasil é o meu partido; essa ideia de unidade nacional como partido, a queima de bandeiras e agressões a militantes de esquerda que vimos na Avenida Paulista, a criminalização dos movimentos sociais, que é um processo em curso no Brasil, e é ao mesmo tempo significativo, ao mesmo tempo em que se mantém, montam-se essas alianças, criminaliza-se qualquer tipo de movimento social, e a reverberação daquilo que eu chamo de "neolacerdismo" na imprensa brasileira. "Neolacerdismo" é uma alusão a Carlos Lacerda, apelidado de "Corvo", jornalista e político da UDN (União Democrática Nacional) que atacou sistematicamente e articulou o golpe de 1964. Atacou Getúlio Vargas, atacou Juscelino Kubitschek, atacou João Goulart, atacou

Brizola e foi um dos articuladores do golpe de 1964. Esse “neolacerdismo”, essa coisa odiosa que a gente vê hoje na imprensa, nomeadamente na revista *Veja*, na *Folha de S. Paulo*, no *Estadão* e no *Google*, com alguns jornalistas que eu não vou nomear aqui (você sabem exatamente quem são), ela reverbera um pouco nessa movimentação da direita nas ruas. Com relação à esquerda, os movimentos sociais começaram com uma discussão interessante, com uma indagação interessante, uma palavra de ordem que era “Copa para quem”? E como “para quem” era extremamente interessante, extremamente bacana, quem que se beneficiaria com a Copa? E depois se enveredaram por uma sinuca, por uma armadilha, que era a “não vai ter Copa”. Na verdade, uma brava-ta, pois realizou-se a Copa e os movimentos sociais tiveram que se recolher, e foi um percurso extremamente equivocado. Críticas aos governos federais, estaduais e municipais, exigências de mudanças nas prioridades sociais. Um dado bem interessante, uma pauta bastante legal, você inverter as prioridades dos gastos públicos que ocorreram durante a Copa, e a questão da descentralização e pulverização das lideranças. Então, não haver um movimento unificado, mas haver diversos movimentos, o que impede, inclusive, o diálogo, e impede uma proposição de transformação mais completa, mais acabada para a sociedade brasileira. Se existissem partidos políticos ficaria mais fácil ter uma plataforma e uma perspectiva de transformação. Com isso a ação direta, os confrontos, as violências, os enfrentamentos e o vandalismo que vimos em todos esses movimentos. Encerro essa minha exemplificação com a questão da estética dessas massas. O que me chamou a atenção além disso? Além desse ponto de partida, essa organização e essa articulação com o futebol? A maneira como essas manifestações se expressavam esteticamente. A sua gestualidade, a sua “vocalidade”. Mimetizando expressões gestuais e “focalidades” das arquibancadas de futebol.

“O povo acordou” também possui matriz futebolística, “o campeão voltou”; “vamos ganhar, porco”; “sou brasileiro com muito orgulho, com muito amor”, é o decalque, tal e qual aquele canto entoado e enjoadado, que é o único canto que a torcida brasileira consegue fazer nos estádios”.

Um pouco antes da jornada de junho, uma propaganda interessante da Fiat falava que “a rua é a maior arquibancada do Brasil”, parecia profético, 15 dias, 20 dias antes de estourarem as jornadas de junho. Mas alguns slogans, “pula, sai do chão contra o aumento do “busão”, ou contra a corrupção”, é uma paródia do “pula, sai do chão, faz ferver o caldeirão”, das arquibancadas. “O povo acordou” também possui matriz futebolística, “o campeão voltou”; “vamos ganhar, porco”; “sou brasileiro com muito orgulho, com muito amor”, é o decalque, tal e qual aquele canto entoado e enjoadado, que é o único canto que a torcida brasileira consegue fazer nos estádios, que não anima ninguém, parece que estamos indo para um funeral em partidas da seleção, e agora, recentemente, nas manifestações de 2015, essas que são herdeiras das jornadas de junho, têm uma outra conotação, mas são herdeiras, pessoas que estavam nas jornadas de junho também estão nessas manifestações de 2015 contra o governo Dilma, contra o governo federal. Além dos cantos de futebol, o que é sensacional, a grande maioria está com camisa da seleção brasileira, parece uma grande torcida, depois da ressaca do 7 a 1, é o que a gente vê nas avenidas. Isso aqui é um pouco do exemplo desse entrelaçamento em relação ao Brasil. Vamos agora para os slides. Trouxe um conjunto de situações, começando com uma cena de 1973: é a seleção do Chile com o presidente Allende em 1973. Nesse ano houve uma situação muito curiosa, antecedendo a Copa do Mundo prevista para 1974 na Alemanha Ocidental. Na época disputavam apenas 16 seleções e a última vaga, a 16ª vaga, seria disputada numa repescagem entre uma seleção da Europa e uma seleção da América do Sul e, ironia do destino, a seleção europeia era a União Soviética e a seleção da América do Sul era a seleção do Chile. Essa aqui (no slide) é a delegação do Chile, os jogadores saindo para jogar a primeira partida. A repescagem seria disputada em duas partidas, uma na União Soviética e a outra no Chile. Para a primeira partida, os jogadores se despedem do então presidente Salvador Allende e, em particular, um jovem menino, o Caszely, grande jogador da seleção chilena, que além de jogador é de uma família de esquerda no Chile; os pais eram militantes ferroviários, a mãe uma militante ferroviária, ligada ao partido comunista chileno. Eles vão e arrancam um triunfal empate de 0 a 0 na União Soviética.

E voltam para decidir a vaga no Chile, com aquele resultado que animou a todos os torcedores. Acontece que em agosto, entre a primeira e a segunda partida, ocorre o golpe, o nosso 11

“O que é impressionante - quem for a Santiago visite o Museu da Tortura - no Museu da Tortura em Santiago é a desfaçatez da ditadura militar chilena, em deixar-se filmar, em deixar registrar as práticas autoritárias do regime”.

de Setembro de 1973, um 11 de Setembro muito mais perverso do que o 11 de Setembro das Torres Gêmeas. Muito mais perverso - porque alguns devem recordar disso - e o que foi mais impressionante foi a cobertura jornalística do golpe ao vivo. E isso é impressionante. O que é impressionante - quem for a Santiago visite o Museu da Tortura - no Museu da Tortura em Santiago é a desfaçatez da ditadura militar chilena, em deixar-se filmar, em deixar registrar as práticas autoritárias do regime. Desde a filmagem do golpe, aqui [no slide] é o Palácio De La Moneda sendo bombardeado pelas forças armadas do Chile e as tropas chilenas nos prédios atirando contra o Palácio. O presidente do Chile, para quem não se lembra, sai daqui morto! Ele é morto durante esse dia, esse dia começa na manhã do 11 de Setembro e termina ao final do dia, com o corpo do presidente saindo carregado de dentro do palácio presidencial. É chocante isso. E é chocante ver as horas e horas de gravações, de filmagens, de militantes opositoristas ao governo do Pinochet e simpatizantes do Allende sendo carregados e jogados em caminhões, vivos, como sacos de batata. As entrevistas dos presos políticos no Chile, nos campos de prisioneiros, declarações das torturas que eram vitimados com militares do lado. Os militares não tinham nenhum problema. Quer falar que está sendo torturado? Pode falar, pode dar o depoimento, isso é realmente impressionante. E estas aqui são cenas do estádio nacional em Santiago, onde em uma parte tem um memorial. O estádio nacional de Santiago, como outros estádios do Chile - como o Ulrico Mursa no Brasil - foram utilizados como campo de prisioneiros da ditadura militar e campo de extermínio. Os opositores do regime foram levados para as arquibancadas, eram vigiados pelos militares, e eram submetidos às torturas nas salas embaixo do estádio nacional. Entre aquela partida e essa, a União Soviética solicita à FIFA primeiramente que o Chile seja eliminado; segundo, recusa-se a jogar no estádio nacional de Santiago como estava pre-

visto, porque o estádio nacional tinha virado um campo de prisioneiros. A FIFA mantém a data da partida, e o que é mais sensacional, a União Soviética não aparece. Minha ideia era passar o vídeo, mas cheguei atrasado e não vai dar. Mas o vídeo é sensacional: abre-se o estádio, vem a torcida, o time do Chile entra em campo e, como nos nossos torneios de fim de semana, quando outro time não aparece o resultado é o WO [walkover] e nesse caso o que se tem que fazer? Dar a saída, tocar a bola e fazer um gol simbólico, que vale como resultado da partida. Acontece isso numa disputa para a última vaga da Copa do Mundo de 1974! O que é sensacional está nesse slide aqui da direita de quem observa: aqui é a torcida chilena, vejam bem os cartazes, é a torcida chilena numa partida da Copa de 1974, o Chile vai à Copa. Austrália e Chile, a torcida chilena com a suástica; a torcida do Chile ocupando a arquibancada e fazendo uma manifestação contra a ditadura militar. E invade o campo. Eu também tinha esse vídeo para passar para vocês, eles invadindo o campo, mas isso não aparece quando se fala em manifestações, em organização de Copa do Mundo, suprime-se. Eu não assisti a nenhum programa de televisão no Brasil retomando essas imagens que estão no *Youtube*. A torcida do Chile invade o campo, interrompe a partida Austrália e Chile, a polícia aparece, arranca os caras, nesse elemento de tensão, e o que é interessante, mais uma vez, é a visibilidade que o futebol tem, a importância que o futebol tem, e como o futebol foi utilizado para denunciar o autoritarismo do governo chileno. Na mesma Copa de 1974 há uma situação sensacional. A Copa ocorre na Alemanha Ocidental (ainda são duas Alemanhas). No grupo I da Copa, por sorteio, caem Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental, aí é o exemplo básico maior da Guerra Fria, da divisão do mundo (Alemanha Capitalista e Alemanha Comunista); esse slide aqui mostra o início da partida.

“Os alemães festejam, derrubam o muro, decretam o fim da divisão, mas não portam bandeiras. Porque portar bandeiras alemãs aciona um nacionalismo cuja matriz é o nazismo”.

Os dois capitães, o Beckenbauer e o capitão da Alemanha Oriental. E, continuando a temática alemã, pulo aqui para 1989, e aqui é um dos momentos da derrubada do muro de Berlim, alemães

orientais, alemães ocidentais se confraternizando, bebendo, festejando durante dias, subindo no muro, quebrando o muro, aquela farra toda. Notem uma ausência significativa lá em cima. Praticamente não há bandeiras da Alemanha. Os alemães festejam, derrubam o muro, decretam o fim da divisão, mas não portam bandeiras. Porque portar bandeiras alemãs aciona um nacionalismo cuja matriz é o nazismo. A última vez que se utilizou a bandeira da Alemanha na frente do Portão de Brandemburgo foi em 1945 com Hitler no poder. Aqui os alemães estão constrangidos. Há um constrangimento em portar uma bandeira nacional alemã nesse momento. O próximo slide mostra um ano depois, 1990. A comemoração. Aqui o mesmo Beckenbauer, agora como técnico da seleção alemã, e a comemoração da torcida alemã pela conquista da Copa de 1990. Duas questões interessantes: o que a conquista da Copa do Mundo significou para a unificação alemã e para a construção de uma identidade positiva para esse nacionalismo em torno da conquista do futebol, e a denúncia recente de que essa Copa de 1990 foi comprada, que era muito importante para a Alemanha. Essas denúncias são recentes, tem menos de um mês, por conta dos escândalos da FIFA, denúncias de que a seleção da Argentina e a arbitragem favoreceram a vitória da Alemanha, porque era muito importante para o mundo ocidental a vitória da Alemanha, para poder alavancar o projeto de uma imputação e eliminação do socialismo real que é simultâneo.

“E aí dois atletas são chamados: o Asamoah (primeiro atleta negro a jogar com a camisa da seleção alemã), que já havia disputado a Copa de 2002, e o David Odonkor, que é judeu. Então é para montar mesmo uma seleção multicultural, para evitar essa coisa do arianismo que também está na memória relacionado à Olimpíada de Berlim de 1936”.

Próximo slide. Esses daqui são dois jogadores, dois atletas da Alemanha da Copa de 2006, quando a Copa volta para a Alemanha, disputada numa Alemanha já unificada. E qual é a grande preocupação do Klinsmann, que é o técnico da Alemanha, e dos

integrantes da federação alemã? É não ter uma seleção muito ariana, é ter uma seleção multirracial, multicultural. E aí dois atletas são chamados: o Asamoah (primeiro atleta negro a jogar com a camisa da seleção alemã), que já havia disputado a Copa de 2002, e o David Odonkor, que é judeu. Então é para montar mesmo uma seleção multicultural, para evitar essa coisa do arianismo que também está na memória relacionado à Olimpíada de Berlim de 1936. Próximo slide. Essa aqui é a seleção que para nós traz uma memória não muito agradável, mas ela foi sensacional! A seleção da França de 1998, que a direita francesa não conseguia reconhecer, melhor dizendo, causar a causa, problemas da diretoria francesa no começo da Copa da França em 1998. Aqui é uma seleção de negros, africanos argelinos, descendentes dos integrantes das ex-colônias etc. Essa aqui é uma imagem que eu gosto muito, o primeiro slide ali de cima é a comemoração da conquista da Espanha na Copa de 2010 na África do Sul. O Galvão Bueno deu uma errada no ar: “Nossa, que interessante, eles estão dando a volta olímpica com uma bandeira diferente da bandeira da Espanha!”. Logo depois alguém no ponto deve ter falado para o Galvão: “Não, é a bandeira da Catalunha”. Ele disse: “Não, não, é a Catalunha. Estava só”. E a culpa é do Arnaldo!

“A maior parte dos jogares da seleção espanhola era do Barcelona e era da Catalunha. Isso tem uma significação tremenda: eles não darem a volta olímpica com a bandeira da Espanha, darem a volta olímpica com a bandeira da Catalunha, evoca o movimento separatista da Catalunha”.

Mas de qualquer maneira, como sempre, o que é legal aqui é mostrar o Puyol junto com os atletas dando a volta olímpica com a bandeira da Catalunha e a taça. A maior parte dos jogares da seleção espanhola era do Barcelona e era da Catalunha. Isso tem uma significação tremenda: eles não darem a volta olímpica com a bandeira da Espanha, darem a volta olímpica com a bandeira da Catalunha, evoca o movimento separatista da Catalunha. Aquele outro slide, a Catalunha, o novo Estado europeu, uma campanha pela indepen-

“Em 1968 o mundo está pegando fogo e também no México há um conjunto de manifestações: os jovens, os estudantes mexicanos contra a realização dos Jogos Olímpicos por conta dos gastos públicos”.

dência da Catalunha e a cena é muito semelhante à que se repete sempre no Camp Nou quando o Barcelona vence, ocasião em que é desfraldada a bandeira da Catalunha e a volta olímpica é dada. E os mosaicos e as bandeiras e as mensagens que aparecem no estádio do Barcelona: “Catalunha não é Espanha”, e as bandeiras da Catalunha. Próximo slide, por favor. Esse aqui é um mosaico muito bonito, muito legal que a torcida do Barcelona faz com frequência no seu estádio. Tem um pouco de idealização nisso, um pouco de construção idealista, mas é muito bonito. O slogan do Barcelona é que o Barcelona é mais que um clube. Na verdade, Barcelona é mais que um clube se torna um slogan no final da década de 1960 numa campanha de um dirigente para disputar a presidência do clube e evoca que “O Barcelona é mais que um clube”. Se vocês visitarem o site do Barcelona verão que “o Barcelona é mais que um clube” porque representa as aspirações legítimas e a autonomia da Catalunha e o Barcelona se tornou um dos espaços de resistência à ditadura britânica. E um espaço de luta pela democracia na Espanha. Na realidade é meia verdade, pois Barcelona, o último reduto republicano da guerra civil espanhola, foi a última região a ser conquistada. O clube foi bombardeado e o presidente do clube foi sequestrado e morto. O Barcelona sempre ficou sob vigilância. Mas em algumas décadas seus dirigentes articularam-se ao regime e o rompimento se deu na década de 1960 no momento em que já se percebe que o franquismo iria acabar; há um desgaste do governo e de Franco e, aí sim, um conjunto de atitudes mais contundentes contra a ditadura franquista. Mas de qualquer maneira é muito bonito ver um clube que tenha uma torcida e disposição em defender a democracia, em construir discursos pela democracia. Próximo slide. Essa aqui é famosa imagem de John Carlos e Tommie Smith, corredores dos 200 metros nas Olimpíadas de 1968 no México. E aí o símbolo, a gestualidade deles tirando as luvas e fazendo o gesto dos “Panteras Negras” contra o racismo nos Estados Unidos. Essa imagem é muito conhecida. A imagem do lado é menos conhecida.

Vinte dias antes do início dos Jogos Olímpicos no México em 1968 há um massacre chamado “Massacre de Tlatelolco”, onde pelo menos 300 jovens foram mortos pela polícia mexicana. Em 1968 o mundo está pegando fogo e também no México há um conjunto de manifestações: os jovens, os estudantes mexicanos contra a realização dos Jogos Olímpicos por conta dos gastos públicos e, por um detalhe, que no México é mais angustiante, a tocha olímpica que vai acender a pira olímpica no México refaz o caminho de uma das viagens de Colombo. Algum genial organizador quis reconstituir o percurso de Colombo, que para os indígenas é visto como opressão e o genocídio que foi cometido na Mesoamérica por conta da conquista colonial. É a mesma lógica do Paris-Dakar. Quando o Paris-Dakar se realizava mesmo de Paris até Dakar, na África, a imprensa mundial não conseguia entender por que no percurso os corredores eram metralhados. E se o cara perdia o comboio ele sumia, porque o percurso do Paris-Dakar é a celebração dos domínios imperialistas franceses na África. O percurso passa pelas antigas colônias francesas. Então você exhibe diante do outro a dominação imperialista. É óbvio que isso vai gerar algum tipo de reação. Trago aqui o cartaz, não sei se dá para vocês verem aqui no cadeado está escrito USA. Aí a brincadeira, o símbolo do México, o logo do México e a corrente na boca. Próximo slide. Esse aqui é um protesto mais sutil e muito mais interessante. Aqui são as Olimpíadas de Tóquio, de 1964. Aqui mostra a cerimônia de abertura. Aparentemente, não tem protesto nenhum. E não haveria se esse rapaz, Yoshinori Sakai, não tivesse nascido exatamente no dia em que explodiu a bomba atômica em Hiroshima. E aí os japoneses, de uma maneira muito elegante, muito sofisticada, escalam esse menino para fazer a abertura, para acender a pira olímpica e aí é o recado dado. Eu acho essa imagem sensacional, por conta de sua significação. Aqui há duas ima-

“Na Argentina, apesar de a ditadura tentar ganhar, lucrar com a organização da Copa, durante algumas partidas da seleção argentina há relatos que no meio da turba torcedores entoavam um canto “você vai acabar, você vai acabar a ditadura militar”.

gens que eu também gosto: o Videla olhando para a taça da FIFA parece aquele personagem do *O Senhor dos Anéis*, *my precious*, não lhes parece também? Ele está vidrado, olhando, pegando a taça e tirando a taça do Passarela, arrancando a taça do capitão. Quer dizer, de quem é a taça?

E aqui do lado um cartaz que faz alusão ao logo da Copa do Mundo de 1978, um cartaz que pregava o repúdio à Copa de 1978 e o boicote à Copa na Argentina em plena ditadura militar. Na Argentina, apesar de a ditadura tentar ganhar, lucrar com a organização da Copa, durante algumas partidas da seleção argentina há relatos que no meio da turba torcedores entoavam um canto "você vai acabar, você vai acabar a ditadura militar". Então, mesmo com toda ofensiva da ditadura militar, a resistência aproveitando-se do futebol. Já que estou falando de Argentina, como não falar do Maradona? Bom, aqui uma situação sensacional que é a Copa de 1986 no México, com o gol de mão. O contexto dessa partida é sensacional. É o primeiro confronto entre Argentina e Inglaterra após a Guerra das Malvinas, na qual a Argentina foi humilhada. Uma aventura da ditadura, dos militares argentinos. Mas é também o primeiro confronto entre argentinos e ingleses desde a Copa do Mundo de 1966. Numa partida em que os argentinos foram eliminados pela seleção da Inglaterra e um jogador da Argentina, o Rattín, foi expulso. Não havia cartão vermelho ainda. O cartão vermelho se estabelece na Copa seguinte, em 1970. O Rattín é expulso pelo árbitro e ele diz "não compreendo" e não sai do campo. É um pau danado, uma briga danada em campo e um organizador da Copa na Inglaterra faz uma declaração bombástica dizendo que os argentinos são animais. É com esta motivação que argentinos e ingleses se encontram em 1986 na Copa do México.

É tudo que se espera contra o maior adversário, maior rival é um gol de mão, é um gol roubado, não é mesmo? Os palmeirenses aqui vão entender muito bem o que eu estou falando!

E aí o Maradona, que é deste tamanho, pula na área com o goleiro inglês, um inglês deste tamanho. O que é sensacional nessa jogada? Está

0x0, segundo tempo, se vocês olharem a imagem, o Maradona não pula com o braço esticado. Quem pula com o braço esticado é o goleiro, quem pula errado é o goleiro. Maradona pula com o braço junto à cabeça. Ele faz esse movimento, ele pula e faz isso. O juiz, de longe, vê um braço, mas acha que é o braço do goleiro. O Maradona faz o gol e antes de comemorar para na área, dá uma olhadinha para o bandeirinha. Como vê o bandeirinha correndo para o meio de campo, aí comemora, sai para o outro lado. Bom, os ingleses vão para cima do juiz, do bandeirinha, a torcida argentina vai ao delírio. É tudo que se espera contra o maior adversário, maior rival é um gol de mão, é um gol roubado, não é mesmo? Um gol roubado contra o maior rival é delicioso. E o Maradona fez mais um gol. É tido como o gol mais sensacional da história das Copas. Ele pega uma bola no campo da Argentina e vai costurando todo mundo sem tocar para ninguém, vai driblando todo mundo e entra com bola e tudo! Ou seja, cruza o campo da Inglaterra e entra com bola e tudo! Ao final da partida, de imediato, sem ninguém para orientá-lo, ele é entrevistado. Eu lembro bem disso, tendo acompanhado na televisão a partida e fiquei boquiaberto. Aí o jornalista pergunta: "Diego, foi com a mão?". E aí ele constrói a definição mais sensacional: "Foi com a mão de Deus e a cabeça do Maradona". E esse gol fica conhecido como "La Mano de Dios", e os argentinos viram para nós e falam: "Vocês têm o rei do futebol, mas nós temos o deus do futebol, não é?", e tem um "quezinho" aí de verdade. Aqui na imagem temos o Maradona com a tatuagem famosa do Che Guevara, que vem a ser um outro argentino famoso. E ali em cima, eu fiz questão de trazer porque é uma partida, a celebração de um gol, o gol do Caniggia numa partida Itália e Argentina na Copa do Mundo de 1990, na Itália. O Maradona era atleta do Nápoli, do sul da Itália. Vocês sabem daquela rivalidade entre o sul e o norte da Itália? A Itália é uma construção incompleta, então há muitas rivalidades entre as diversas regiões dos diversos países e, sobretudo, o norte e o sul. Esse jogo é disputado no estádio de San Paolo, em Nápoli. Antes de começar a partida, torcedores da Itália exibem faixas pedindo desculpas ao Maradona porque hoje vão torcer pela Itália. E uma parte da torcida napolitana não torce para a Itália, torce para a Argentina, por conta da rivalidade norte e sul. É o único caso em Copa do Mundo de um atleta que consegue dividir a torcida do país. O Maradona tem uma dimensão muito significativa e tanto para argentinos quanto para ingleses. Essa aqui é uma foto bonita também. Já que eu mostrei a foto do Allende e dos jogadores da seleção chilena a caminho da União Soviética, eu mostro a nossa

seleção a caminho do México em 1970 com o “democrático” presidente Médici ao centro e logo atrás dele vocês vão ver que estava o Gerson e o Pelé no centro da fotografia. Está aqui o Parreira, o Zagallo. Não vou perder muito tempo. Mas essa foto aqui é muito, muito interessante com relação à vinculação com a ditadura aqui também.

“A ditadura foi muito eficiente para censurar texto e fala, mas foi pouco eficiente para censurar imagem. Imagem é mais difícil de censurar”.

Eu só chamo a atenção para aquela foto ali de cima, é um fotógrafo profissional que faz essa foto na comemoração. E o fotógrafo foi muito engenhoso. A ditadura foi muito eficiente para censurar texto e fala, mas foi pouco eficiente para censurar imagem. Imagem é mais difícil de censurar. O que faz o fotógrafo? Ele espera, ele deixa o centro vazio, se você olhar aí tem um buraco, tem uma bandeira aqui atrapalhando. Ele está esperando. Ele poderia centralizar facilmente essa foto nas duas fileiras de carros e o caminhão ficar ali na frente. Por que ele estende a foto até aqui? Porque ele espera, ele vai fotografar quando o caminhão chegar até a placa “serviço militar”. E no momento que chega ali está dada a mensagem na fotografia. Essa aqui do Reinaldo é sensacional, um jogador que tem uma história muito interessante. Eu também tinha o vídeo dele, mas fica só a imagem. O Reinaldo em 1977 vai para Belo Horizonte morar num prédio em que no andar dele tinha umas pessoas que se reuniam em torno do Frei Beto e da esquerda que não estava querendo a ditadura e lutando pela campanha da anistia etc. E ele começa a conviver com essa esquerda, ele, moleque, começa a se envolver, a se interessar. E começa a comemorar os gols dele com o punho erguido. É uma característica.

“Antes de sair para a Copa em 1978 na Argentina a delegação passa por Brasília e o Geisel – isso pelo relato do Reinaldo – chama-o e fala: “Menino, vem cá. Você joga bem, mas futebol e política não combinam não”.

Depois o Sócrates vai fazer isso também, só que ele faz o gol e comemora com o punho erguido, como sinal da esquerda, de uma certa esquerda. Antes de sair para a Copa em 1978 na Argentina a delegação passa por Brasília e o Geisel – isso pelo relato do Reinaldo – chama-o e fala: “Menino, vem cá. Você joga bem, mas futebol e política não combinam não. Posso te dar um conselho? Para de comemorar os gols assim”. E ele faz esse gol no final do primeiro tempo contra a Suécia (está 1x0 para a Suécia e ele empata). Olhando também no vídeo é sensacional. Ele faz o gol e para dentro da área da Suécia e ergue uma mão. Aí lembra do Geisel e tenta disfarçar. Então essa é a imagem dele tentando disfarçar a comemoração do gol. Vamos lá para a próxima. Esses aqui são os três atletas que eu considero os mais importantes da resistência política na história brasileira. O Reinaldo já mais velho, o Afonsinho, jogador do Rio de Janeiro, que foi o primeiro a conquistar o passe livre numa disputa porque ele na década de 1970 era cabeludo e barbudo, “bicho grilo”, “riponga” e tal. E essa aqui é uma figura sensacional: é o irmão do Zico. É o Nando Antunes Coimbra. Ele foi torturado pela ditadura militar. Uma prima do Zico é presidente do “Brasil Nunca Mais” no Rio de Janeiro. Ela foi torturada, violentada durante meses no Rio de Janeiro. O Nando foi perseguido aqui no Brasil, depois vai jogar em Portugal e é perseguido pela polícia política do governo Salazar. E os relatos dele são sensacionais a respeito da ditadura e quase ocasionou a interrupção da carreira do Zico. O Zico não disputou as Olimpíadas de 1972, pois a ditadura não deixou convocar o Zico porque era de uma família de esquerda. E aí depois a família segura esses relatos, esses relatos só vão aparecer por conta da Comissão Nacional da Verdade e agora, que não tem mais nenhuma implicação na carreira futebolística do Zico. Aqui uma foto que pode parecer muito patriótica. É bem legal essa foto. É da seleção do Lazzaroni, de 1990. Então notem que os jogadores da seleção estão com a mão no peito. Parece que está todo mundo ali num gesto patriótico. E a comissão técnica, não. O que essa foto na verdade representa? A patrocinadora da Copa - e uma das patrocinadoras da seleção era a Pepsi - não chega a um acordo no valor que os jogadores iriam receber pelo prêmio se ganhassem a Copa de 1990. Então, os jogadores bem-humorados (vejam que eles estão rindo) combinam que vão cobrir o logo da Pepsi. Então cobrem o logo e fazem a foto oficial para sair para a Copa de 1990. Essa aqui é uma forma de pro-

testo bem-humorado. O próximo slide. Duas situações lindíssimas da história do futebol brasileiro: campanha da anistia em 1978 no jogo Santos e Corinthians, no Morumbi, mas não foi a "Gaviões da Fiel" que fez isso, e sim um integrante da "Gaviões" que é o Chico Malfitani, e abrem aquela faixa "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita" no meio da torcida do Corinthians, no meio da "Gaviões". E a outra é o palco de um comício no Anhangabaú em 1984, com integrantes da democracia corinthiana, o Casagrande, o Sócrates, o Osmar Santos, aqui na frente, o Adilson Monteiro Alves e lá na ponta o Juninho. Seguindo, o próximo slide. 1983, final do campeonato paulista, São Paulo e Corinthians.

"Ganhar ou Perder, mas sempre com democracia", impossível não se comover".

Ali eu torceria fácil contra qualquer um, fácil. Fui ao estádio, mas nesse dia eu torci para o Corinthians. Fui pronto para não torcer para o Corinthians nessa partida, mas quando os caras entram com essa faixa "Ganhar ou Perder, mas

sempre com democracia", impossível não se comover. Esse aqui é um exemplo de uma torcida muito legal, de um clube muito legal que é o St. Pauli, de Hamburgo. Essa torcida e esse clube baniram todos os nazistas do seu meio. Eles fazem manifestações contra qualquer tipo de racismo, contra qualquer tipo de preconceito. O antigo presidente do St. Pauli era um homossexual assumido. Então há uma intervenção do ponto de vista da política desse clube que é sensacional. Recomendo que vocês acompanhem. Essa aqui é uma torcida muito simpática do Brasil. É a "Resistência Coral" do Ferroviário de Fortaleza. E é uma torcida engajada de esquerda e o slogan deles "Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes". Então, a torcida que prega a não-violência. Essa aqui é a minha torcida, infelizmente, que exibe uma faixa e é quase uma faixa que poderia ser manchete de jornal. Bem elaborada, "a homofobia versus preconceito. É com o orgulho de ser homofóbico". Coisa que a gente está lutando contra hoje em dia em várias áreas. E aqui no finalzinho, para fechar as manifestações e essa articulação que eu havia feito inicialmente: as alusões à FIFA, ao estádio e à questão das prioridades dos investimentos sociais. Espero não ter tomado muito tempo. Obrigado. 🙏

Mestre em Administração e bacharel em Esporte pela USP. MBA em Marketing pela FIA - Fundação Instituto de Administração. Atualmente é professor e coordenador de projetos da FIA, aonde coordena inclusive o curso "Gestão de Negócios Esportivos EAD"; professor do curso Master em Gestão do Futebol da Federação Paulista de Futebol, e sócio da Mattar Serviços de Marketing (agência de captação de patrocínios e consultoria esportiva). Foi Diretor Executivo e de Marketing do Grêmio Barueri Futebol Ltda. entre 2008 a 2010. É autor do livro "Na Trave - O que falta para o futebol brasileiro ter uma gestão profissional" - Ed. Elsevier - 2014, e organizador e coautor do livro "Gestão de Negócios Esportivos" - Ed. Elsevier - 2013. Tem experiência nas áreas de Gestão Esportiva e Marketing Esportivo, atuando principalmente nos seguintes temas: Gestão de instituições esportivas, Planejamento e estratégias para instituições esportivas, Gestão de marketing esportivo e Gestão de patrocínios esportivos.

Bom dia a todos. Primeiramente, agradeço o convite para participar da mesa e desse debate. Parabênzulo o Conselho pela iniciativa. Na verdade, a minha abordagem é uma abordagem bastante pragmática. Em relação a como a Psicologia do Esporte pode se aplicar hoje dentro das organizações. É uma abordagem, uma reflexão na verdade que proponho e acho que depois a interação com vocês talvez seja ainda mais rica. Essa reflexão parte fundamentalmente de uma análise conjuntural. Quer dizer, como estão caracterizadas as nossas organizações esportivas, instituições do esporte em geral e em função disso (e talvez o professor fale, pudesse em outro momento até) as razões históricas que justificam e que, enfim, acabam justificando a formação dessas organizações da maneira que elas são, porque realmente existe uma, aliás, é muito interessante essa questão da relação esporte com a sociedade porque está presente em tudo. Eu já havia feito alguns cursos também na parte relativa a Esporte e Sociologia e isso explica quase tudo. Muito embora hoje a gente tenda a simplificar as análises, realmente a História acaba explicando muito das questões do dia a dia das organizações, de como elas foram formadas. E fundamentalmente, então, eu imagino que claro que há uma razão, estamos falando de instituições, principalmente das mais tradicionais do Brasil.

"Na verdade, a minha abordagem é uma abordagem bastante pragmática. Em relação a como a Psicologia do Esporte pode se aplicar hoje dentro das organizações".

São instituições centenárias, enfim. Isso tem uma interface histórica e uma razão de ser. Mas de qualquer forma, uma maneira muito mais pragmática, como o profissional, a atividade do psicólogo e o profissional ele se encaixa nisso. Quais são os dilemas, o que eventualmente pode ser aprimorado, enfim, discutido, principalmente porque estamos aqui no Conselho com uma série de cabeças pensantes e lideranças, enfim, na área; que tipo de proposta, que tipo de reflexão deve ser feita para que a atividade, enfim, atinja níveis ainda mais profundos dentro do dia a dia dos clubes, das federações. E evidentemente para mim, que não sou psicólogo e não estou no dia a dia dessas reflexões, é realmente uma satisfação; primeiro a quantidade de pessoas que estão aqui, mas fundamentalmente em função da exposição inicial da primeira mesa, ter-se pelo menos uma noção inicial da quantidade de pessoas que estão refletindo sobre o tema, grupos formados nas mais diversas partes do Brasil, refletindo sobre isso e aquilo; dá muita satisfação e dá uma perspectiva diferente para a área, através de conhecimento científico, através da interface dessas pessoas com a prática, com os clubes, com as federações, com o poder público, enfim, então realmente isso é bastante gratificante e dá uma perspectiva diferente. Porém, e aí talvez estou agindo um pouquinho como advogado do diabo, muito embora eu não goste de fazer essa função, mas sob a ótica geral, sob a ótica de quem não está na prática da Psicologia, é importante dizer que dentro dessas instituições a percepção que reina é de um reducionismo da atividade. Reduccionismo da atividade muito mais voltada para o campo, para a quadra, para a parte técnica. E aí eu acho que é uma grande proposta que a gente tem que fazer em termos de reflexão, de entender isso e de como, de repen-

“Sob a ótica geral, sob a ótica de quem não está na prática da Psicologia, é importante dizer que dentro dessas instituições a percepção que reina é de um reducionismo da atividade”.

te, expandir isso, porque hoje o psicólogo, talvez muito por estigmas de um passado recente, enfim, com atuação sempre voltada para aquela questão de intervenções pontuais motivacionais, ou talvez, até obtendo um pouquinho mais, mas atuando na identificação de perfis e tudo mais, mas uma área muito de suporte, e exclusiva área técnica. E muito embora essa atividade seja uma atividade genuína e fundamental para o resultado esportivo, realmente acredito que é um reducionismo da atividade, que poderia estar difundida de outras formas dentro da organização, mas infelizmente isso não acontece, pelo menos não até o presente momento. Acho que vale também ressaltar que isso não é um privilégio da área de Psicologia, várias outras áreas de conhecimento - e aí falando especificamente do setor esportivo - também têm o seu escopo reduzido. Poderiam dar outras contribuições em níveis muito mais profundos dentro das organizações, mas acabam também fazendo intervenções estritamente técnicas e pontuais, então não é uma particularidade da área, mas a área também acaba participando solidariamente nesse formato. E aí, até para contextualizar, na verdade, temos que entender um pouquinho das organizações, enfim, do que são os clubes, as federações, e de novo estou falando aqui, tentando me pautar, ou me orientar mais para as instituições de alto rendimento, os clubes esportivos, as federações; não estou entrando em outras esferas que evidentemente também são áreas de intervenção dos profissionais da área. Mas sobre os clubes e federações falamos de alguns conflitos que são naturais dessas instituições e que muitas vezes temos que entender esses conflitos para poder fazer algum tipo de intervenção, seja pontual ou seja de uma forma mais conjuntural. Entendo que as instituições esportivas hoje vivem esse dilema. Por quê? Na essência, elas são instituições voluntárias sem fins econômicos. Na essência, 99% das instituições têm essa natureza, de um corpo estratégico, diretivo, voluntário. Extremamente politizado, uma dedicação voluntária, não especializada e todas as consequências que esse tipo de dedicação

acarreta. Por outro lado, o setor em si, de esporte, e vamos falar especificamente da área de negócios do esporte, enfim, mercado, tem demandado dessas instituições um tipo muito mais profundo, muito mais qualificado de intervenção. Então, vemos o dilema que os dirigentes dessas instituições vivem hoje. Eles têm, por um lado, uma estrutura de organização voltada para fins não econômicos extremamente voluntária, e aí, claro, temos que ter a tendência de pensar nos grandes clubes, nos clubes mais ricos, mas a gente está falando do Brasil, onde são 680 clubes de futebol, por exemplo, falando especificamente de futebol, mas existem todas as outras áreas e outros clubes esportivos espalhados pelo país. Muitos deles extremamente pobres, sem recursos, enfim, então existe a gestão baseada no voluntariado. Mas para o mercado - por que a interface? - o futebol e o esporte tornaram-se um negócio, então a interface, os clientes do esporte esperam dessas instituições uma interface muito mais qualificada. E muitas vezes você tem um *gap*, um intervalo muito profundo entre essas duas intervenções. E é evidente que esse tipo de situação produz conflitos.

“A contratação de um atleta de uma forma atabalhoada, sem pensar nos impactos que isso pode produzir, por exemplo, na coesão de um grupo, em aspectos de liderança, impactos de remuneração e essa preocupação, de fato, não existe e é claro que isso traz conflitos”.

Produz conflitos internos entre a relação, como é em qualquer organização do 3º setor, entre as relações desse corpo de voluntários, mas que ocupa uma posição diretiva, estratégica que toma as decisões importantes, e *staff*, por exemplo, que são profissionais qualificados, treinados, e aí evidentemente que a área de Psicologia também se enquadra, mas que muitas vezes tem que fazer essa interface com um corpo não qualificado, e como é que fica? E aí surge uma série de conflitos como, por exemplo, a tomada de decisão por parte desse grupo voluntário não qualificado, e aqui eu não estou querendo colocar de forma pejorativa, é muito mais uma característica, uma constatação, de um diretor,

por exemplo, que toma uma decisão atabalhoada, mas que afeta todo o corpo técnico; a contratação de um atleta de uma forma atabalhoada, sem pensar nos impactos que isso pode produzir, por exemplo, na coesão de um grupo, em aspectos de liderança, impactos de remuneração e uma série de outras questões, e essa preocupação, de fato, não existe e é claro que isso traz conflitos. E tem a consequência evidentemente de o mercado esperar um tipo de intervenção qualificada e o clube dar um outro tipo de resposta, isso também produz conflitos. E por que estou colocando em evidência esses conflitos? É para dizer que é evidente que essas instituições mereceriam outros tipos de intervenção, em outros níveis que não só o nível técnico, por parte de quem entende desse tipo de situação, de quem tem ferramentas e conhecimento para fazer uma intervenção muito mais qualificada para tentar, na pior das hipóteses, solucionar ou dar o direcionamento adequado para esses inúmeros conflitos que surgem por conta da característica dessas instituições. Só que o problema está na cultura das organizações. O problema está na falta de governança; essas organizações, por terem na sua essência, no seu objetivo principal, desempenho esportivo, resultado técnico, e pela ausência de estímulos externos que motivem um outro tipo de comportamento, então já têm por essência a busca de resultado esportivo, e aí todos os grupos com quem se relaciona, os torcedores, a imprensa e assim por diante, patrocinadores, enfim, também querem que o resultado esportivo aconteça.

“O foco das organizações está fundamentalmente voltado para a área técnica, para a área de resultado”.

Você acaba tendo então um viés da gestão, um viés da cultura, um viés do comportamento que privilegia esse tipo de atividade em detrimento a uma série de outras atividades. É o que a gente chama de foco técnico; então, o foco das organizações está fundamentalmente voltado para a área técnica, para a área de resultado. E a consequência disso, muito embora a consequência na área técnica seja interessante, porque você tem, se olhar em qualquer clube esportivo, a área que tem mais profissionais de fato, você não tem mais voluntário, profissionais, as diversas formações, enfim, intervenções, é a área técnica que é multidisciplinar e profissionalizada.

“A gente percebe que a atuação no campo, na quadra, a intervenção técnica do psicólogo, ela já vem sendo reconhecida há algum tempo, muito embora possa evoluir, e possa ter um aprofundamento maior”.

Mas quando vir, por exemplo, a gestão da organização, ela é totalmente voluntária, muitas vezes sem as devidas qualificações, enfim, é evidente que você tem então esse tipo de consequência e você retroalimenta todos esses conflitos que já mencionei. Estou dizendo tudo isso, e aqui vai uma rápida conclusão, até porque quero que depois haja tempo para a gente interagir, e o Marcelo ainda tem um monte de coisa para falar para vocês, mas é que eu acho que muito mais que a intervenção pontual de algum profissional, porque é evidente que a gente percebe que a atuação no campo, na quadra, a intervenção técnica do psicólogo, ela já vem sendo reconhecida há algum tempo, muito embora possa evoluir, e possa ter um aprofundamento maior, mas já existe, essa atividade já existe, mas é necessário que - e aí talvez não seja uma prerrogativa exclusiva de psicólogos, mas psicólogos com certeza - tenha uma interface no nível estratégico das organizações, podendo dar o encaminhamento adequado para essa série de conflitos que eu mencionei.

“Há uma série de estudos, pesquisas em desenvolvimento nesse aspecto, que é o aspecto micro, digamos assim, mas tem que se pensar, a área tem que pensar em fazer intervenções em nível estratégico”.

Só que nesse momento que a gente vive hoje há um conflito entre essa demanda e a questão da cultura e da governança das organizações que, por darem foco extremo à área técnica, não reconhecem esse tipo de demanda, ou não têm, ou não encontram meios para dar encaminhamento, para incluir esse tipo de

conhecimento, esse tipo de intervenção num nível estratégico. E fica muito difícil para um profissional específico, pontualmente atuando na área técnica, fazer qualquer tipo de mudança na organização, porque não é uma mudança em uma organização pontual. (Estamos falando de um problema conjuntural.) E aí talvez venha a grande conclusão, e este tipo de evento do qual estamos participando traz esse tipo de reflexão e fica eventualmente como o caminho a se seguir, de que haja um conjunto, ou seja, por meio dessas cabeças pensantes que haja um esforço para se aproximar dessas lideranças do esporte, para tentar, de certa forma, e aos poucos rompendo as questões culturais, aproximando-se de questões de liderança. Sem claro, deixar de lado o aspecto da atividade técnica, da intervenção técnica que é fundamental; seguramente há uma série de estudos, pesquisas em desenvolvimento nesse aspecto, que é o aspecto

micro, digamos assim, mas tem que se pensar, a área tem que pensar em fazer intervenções em nível estratégico, e somente com uma aproximação, de novo, não sendo uma prerrogativa exclusiva de psicólogos, isso vale, por exemplo, para a minha área: eu fui diretor de marketing de instituição esportiva e também tinha a mesma dificuldade, pois o marketing era visto como atividade operacional. O mesmo vale para a área de finanças, o mesmo vale para todas as áreas. Mas a única maneira de mudar isso é conseguirmos fazer intervenções para que esse tipo de atividade atinja de fato um nível estratégico. Se isso não acontecer, provavelmente a área de Psicologia esportiva vai estar condenada a passar diversos anos atuando exclusivamente na área técnica. Que muito embora seja uma área interessante, acabe sendo, infelizmente, uma limitação do escopo de uma atividade importante como essa. Obrigado. 🙏

Bacharel em Esporte pela EEFÉ-USP; Especialização em Fisiologia do Exercício; MBA em MKT Esportivo pela ESPM. Preparador Físico (2001 a 2007); Fisiologista do Exercício (2003-2006) e Coordenador Técnico (2009 a 03/2015) do Depto. de Futebol de Base do São Paulo Futebol Clube.

Bom dia. Primeiramente agradeço o convite do Conselho Regional de Psicologia, é um prazer estar aqui com vocês, e também parabenizar o Conselho pela atitude, e parabenizar quem teve a ideia de nos colocar aqui à frente. Então, vou tentar colocar alguns tópicos que anotei.

“Qualquer grande empresa que tenha hoje uma receita anual de mais de um milhão de reais tem um setor de metodologia que pensa no clube”.

São cinco, desde a minha apresentação, de como eu comecei, até onde eu cheguei, e dentro dessa apresentação, nessa linha do tempo, colocar as outras questões que seriam o que é o clube de futebol, o que é o futebol, o que é uma metodologia, porque hoje infelizmente nenhum clube possui uma metodologia aplicada, e na verdade definida - muito menos aplicada. Mas nem a definição de metodologia os clubes hoje possuem. Qualquer grande empresa que tenha hoje uma receita anual de mais de um milhão de reais tem um setor de metodologia que pensa no clube. Os clubes hoje têm montantes aí de 300, 400 milhões/ano, ninguém se preocupa com planejamento estratégico, com o método que é aplicado, entre outras áreas, e a Psicologia faz parte da metodologia, e na minha opinião é o fundamental no processo das áreas-meio para que se chegue ao fim, que é o futebol. Dessas áreas-meio, a Psicologia é uma delas, só que tem que ter uma atuação total em todas elas. E ela faz parte delas, só que infelizmente ninguém aproveita. Passar também a visão hoje da atuação

da Psicologia nesses quinze anos que eu tive de São Paulo; nos dois de Barueri e nesses 30 dias que eu tenho hoje de Ituano Futebol Clube. Hoje sou o gerente de futebol do Ituano, um clube modesto, com uma gestão bem profissional, que vai dar bastante fruto na frente. E finalizar com alguns casos dentro dessa linha do tempo com as coisas que aconteceram, aproveitando os exemplos do professor Flávio, do Michel e um pouquinho do que eu vou dizer aqui.

“Futebol é aquela coisa do QI, que só é indicado quem entra para trabalhar aquele que é amigo do conselheiro, do técnico, ou que for um ex-jogador”.

Então, primeiramente comecei como preparador físico em 2001, uma coisa inédita dentro do São Paulo que tinha um plano de estágio dentro da Universidade de São Paulo com seleção, com algo que eu nunca imaginei que iria encontrar no futebol. Futebol é aquela coisa do QI, que só é indicado quem entra para trabalhar aquele que é amigo do conselheiro, do técnico, ou que for um ex-jogador. Sem uma capacitação, ele já entra no mercado e começa a trabalhar com uma coisa tão importante e delicada que é uma categoria de base. E dentro desse caminho eu percorri todas as categorias, como preparador físico, depois como fisiologista e, num determinado momento com certo sucesso nas duas áreas, fui convidado para um projeto bem interessante, que era o Grêmio Barueri e ambos os gestores que lá estavam deram-me a oportunidade para fazer a coordenação no clube. Abro aqui parênteses para falar sobre a pa-

lavra “gestão”, que não existe no futebol. Digo, a vocês que desde 2001, não digo hoje, mas está começando a melhorar mais, mas até 2008, 2009 não havia gestão num clube, a gestão era totalmente amadora; é aquele indicado para fazer um tipo de gestão que está de acordo com o presidente, que também não está de acordo com todo o contexto do clube. Bom dentro da minha área, o meio na época, que seria a preparação física e a fisiologia, para a mim área-fim é o futebol, é o jogo em si, é como esse atleta se apresenta entre outras coisas; a área-meio, na verdade, preparação física de fisiologia também não conseguia avançar. Retorno, então, dizendo que foram conselhos desses gestores do Grêmio Barueri que ali entrei para fazer uma coordenação, uma diretoria, uma direção da área das ciências, da Psicologia, da Fisiologia, da preparação física, da Nutrição, e também da Fisioterapia. Uma ideia inédita que invadiu diversas áreas fora da Educação Física; gerou conflito no início, mas depois que com harmonia, com processo de gestão foi à frente (esse caso não foi mérito meu, pelo contrário, foi mérito de quem lá estava, já estava estruturado; a minha área, a minha direção foi a última a entrar nesse projeto, já existia a de Marketing, já existia a técnica, já existia Psicologia, já havia outras frentes dentro do Barueri e eu só consolidei com aplicação na atividade-fim que seria o futebol em si), então tive liberdade, pois era um clube-empresa, e num clube-empresa você é responsável pelas suas ações. O Michel citou também que um clube de futebol pelos aspectos culturais e aspectos sociais não é gerido profissionalmente e não é uma empresa. É um clube social, como todos vocês devem conhecer. Não tem continuidade nos processos, não tem continuidade no trabalho da direção, embora no próprio São Paulo tivéssemos pesquisado bastante quando criamos essa metodologia, para que o São Paulo tivesse uma continuidade de gestão, e hoje está bem claro que não existe mesmo, foi desconstruído tudo que foi construído pelos dirigentes históricos que por lá passaram, pelos gestores técnicos; até a forma de jogar o clube perdeu um pouco, o que era o principal.

“A história da instituição tem que estar acima de tudo, e ela tem que ser preservada, modificada aos poucos culturalmente com a presença de novos profissionais que deem continuidade a essa história que cada clube tem”.

Quando eu falar na metodologia citarei sobre a forma de jogar, pois ela tem tudo a ver com o que o Flávio narrou aqui; a forma de gerir também tem tudo a ver com a parte que o Flávio comentou. A história da instituição tem que estar acima de tudo, e ela tem que ser preservada, modificada aos poucos culturalmente com a presença de novos profissionais que deem continuidade a essa história que cada clube tem. E a forma de jogar do clube é a mesma coisa. Vou citar um pouco o São Paulo, que tem um jogo ofensivo, porque ele atende ao seu consumidor final, que é o torcedor. Torcedor é o carro chefe de todo esse processo e, infelizmente, nenhum clube hoje valoriza ou respeita o torcedor; considero que a palavra respeito é mais forte, mas essa é a grande verdade. Nenhum torcedor no Brasil é respeitado, nenhum. Não vejo nenhum clube hoje que faça um trabalho voltado ao seu torcedor. E é ele quem paga a conta no final, e é totalmente desrespeitado, aquela pessoa que muitas vezes não tem dinheiro para comer, se mata para passar um dia inteiro, um domingo inteiro, para chegar ao estádio, para pegar fila entre outras coisas, e assistir ao espetáculo de uma forma totalmente incorreta. Em pé, sem respeito... ir ao estádio, infelizmente, hoje não é uma coisa bem agradável. Embora com as novas arenas houvesse alguma melhora, mas ainda não é o ideal, há muito problema nas arenas. Mas retornando ao que comentava. Fui para o Barueri para a área de gestão porque fui convidado por duas pessoas, e abandonei toda a minha carreira de fisiologista e preparador físico para entrar numa nova área, e aí também há uma crítica que a gente sempre faz: infelizmente na gestão esportiva as pessoas da área técnica são migradas para a gestão, por falta de profissionais, por falta de cursos, por falta de capacitação, por outros motivos que estão sendo corrigidos ao longo do tempo, visto que já existem algumas especializações em gestão esportiva, cursos em EAD, livros, entre outras coisas que no passado nunca existiram. Depois desse sucesso retornamos para o São Paulo justamente quando ele entra na parte da metodologia. Em 2009, quando retornei, o clube estava bem dividido, por exemplo, em categoria de base, o profissional tinha um método de trabalho, o treinador fazia um trabalho, o preparador físico outro, com treinador do Sub-17, do Sub-20 e do profissional, era um trabalho que não tinha sequência lógica, e muito menos um fim, que era atender o torcedor do São Paulo que quer ver sua equipe num Morumbi lotado, numa final de Libertadores, para possivelmente disputar o mundial. Então, era esse cenário que encontrei: um

jovem, vindo da academia, sem ter experiência de sucesso, prática como jogador de futebol, que é o que infelizmente o meio mais respeita, o jogador de futebol, o ex-jogador, o ídolo, aquele personagem da cultura do clube. Eu não sou contra isso, pelo contrário, sou a favor que o gestor ou que o técnico, o dirigente seja sim da cultura da instituição, que tenha prática do futebol, porém, ele tem que se capacitar em exercer a sua função com qualificação. Mas retornando. Por estratégia tive que entrar na parte física primeiro, como fiz no Barueri para depois avançar, e até um futuro recente, entrar na área-fim que é o futebol em si, a parte estratégica, tática e técnica, dominada pelos ex-jogadores, que não querem saber de estudo, não querem saber dos psicólogos, não querem saber das outras áreas, eles querem saber deles, a liderança é deles, só que eles não têm um trabalho, não têm uma metodologia para ser aplicada no atleta condizente com a história do clube, com o que o futebol hoje exige; o futebol brasileiro está muito atrás das outras escolas do mundo.

“Estamos de novo num futebol mais pragmático, num futebol mais prático, retrancado, e dependendo sempre do talento individual que, infelizmente, está para se extinguir no Brasil”.

Foi citada aqui a própria Alemanha, a própria Espanha; infelizmente, no Brasil um insucesso vira caso de sucesso. Nossa seleção passou vergonha e nada foi modificado, e nem vai ser modificado porque não atende a interesses econômicos, financeiros de quem está no poder; a Confederação Brasileira, na qual faço parte de um pequeno processo, também não está muito a fim dessa mudança, visto que hoje temos de novo um futebol diferente da cultura do nosso país, aquele futebol alegre, aquele futebol ofensivo, aquela habilidade, aquele drible, o que o torcedor do Brasil gosta. Então, estamos de novo num futebol mais pragmático, num futebol mais prático, retrancado, e dependendo sempre do talento individual que, infelizmente, está para se extinguir no Brasil. O processo de formação do Brasil sempre foi natural, veio da rua, veio das brincadeiras, veio dos exemplos, Pelé, Garrincha, os grandes ídolos e hoje o ambiente de formação se modificou, não existe mais

esse espaço para isso; hoje os jogadores estão vindo de escolas de futebol que têm um formato totalmente diferente de formação do talento. Não acredito no talento divino, como os ex-jogadores, a grande maioria dos dirigentes do país acredita que o talento no Brasil é divino: “Foi Deus quem colocou ele aí, ele vai ser jogador de futebol”. Acho que tanto o divino como o genético têm parte em formação de talento, mas 80 a 90% desse talento é ambiental, é do que ele vivenciou, é das oportunidades que ele teve na vida, do que ele aprendeu com a sua família, da sua escola, por isso acho que a Psicologia também prega esse lado da formação do talento, não só divino. E voltando, ataquei a área física, a gente conseguiu consertar a área física, atacamos a área tática, técnica, começamos a colocar um modelo de jogo de acordo com a cultura do clube. E aqui eu cito alguns exemplos, desde quando eu comecei, em 2001.

“Essa é a grande gestão da Psicologia: o psicólogo tem que fazer parte da comissão técnica, só que fazer parte não é estar presente ali, é atuar como subsídio de todas as áreas”.

O São Paulo sempre teve Psicologia, sempre teve psicólogos atuando, só que de uma forma como o Michel citou, multidisciplinar, ou seja, cada um dentro da sua “caixinha”, dentro da sua “casinha”, trabalhando só Psicologia, não conseguindo entrar no futebol e sim na parte técnica; com certeza o São Paulo evoluiu, passando por uma coordenação de Psicologia nesse tempo, depois com estagiários em cada etapa, mas também sem entrada nenhuma na comissão técnica, pois essa é a grande gestão da Psicologia: o psicólogo tem que fazer parte da comissão técnica, só que fazer parte não é estar presente ali, é atuar como subsídio de todas as áreas. Tanto com o treinador, no futebol profissional (o José Aníbal teve a oportunidade de militar) e, infelizmente, o psicólogo no futebol profissional é visto como bombeiro para apagar incêndio, tentando fazer o gerenciamento das crises e conflitos que o futebol profissional tem. Não é colocado num contexto de planejamento, muito menos estratégico, como o Michel colocou, que considero uma grande área hoje para a evolução do futebol nessa parte de governança. Que o psi-

cólogo consiga fazer parte, não da tomada de decisão, do dirigente, do presidente, seja lá de quem for, mas que ele seja ouvido, e que ele faça parte dessa discussão. E na parte técnica também, embora houvesse uma evolução grande, ainda há um preconceito, ainda há um resquício de não utilizar o psicólogo. Creio que a Psicologia tem um pouco de culpa nisso, mas a culpa principal é da área técnica, como citei anteriormente. Muitos psicólogos, quando conseguiram o espaço desse Qi, não agiram de forma correta. Ou são aqueles que a gente chama, desculpem o bolo genérico, os "goleirões", que quer pôr uma chuteira, quer pôr a camisa do clube, quer ir para o campo, ficar perseguindo treinador para "puxar o saco", ao invés de se preocupar com planejamento, com as coisas maiores, com o estado de cada atleta, individual, coletivo, entre outras coisas. E, infelizmente, também aproveitar um relato aqui, um testemunho que presenciamos no próprio São Paulo: numa certa época um dirigente, um conselheiro bem importante, soube que tinha Psicologia na categoria de base e tal, e foi lá querer conhecer. E a primeira frase que ele falou: "Psicólogo para mim é aquela pessoa que é amiga do jogador e que segue o jogador tanto aqui dentro do clube como fora para depois trazer para o técnico". O que o jogador está fazendo! E com muita correção os nossos psicólogos responderam justamente o contrário, primeiro que pelo meu código de ética não posso fazer isso, segundo que não é essa Psicologia que a gente atua aqui dentro, que a gente faz aqui dentro, ela tem que ter um planejamento, ela tem que atuar como subsídio, como forma de apoio à comissão, dar recurso para que a comissão, principalmente o treinador, atue na formação desses meninos etc. e ele foi muito contestado.

"O treino do futebol hoje já é sistêmico, já é integrado, ou seja, não existe mais aquele treino, existe sim, mas em pequena proporção, está sendo ultrapassado, pois essa é a grande defasagem do futebol brasileiro".

Mas não é assim que funciona, o futebol não é assim, infelizmente um grande clube pensava dessa forma, e graças aos dois que estão aqui, o Gabriel e o Augusto, que são extremamente competentes, eles mudaram essa visão do clube, e

estão a cada dia batalhando e lutando pela área de vocês, que eu acho, como falei no início, fundamental, e dentro desse processo, nessa linha do tempo que citei para vocês, tanto o treinamento do futebol, como também a própria gestão, ela foi tecnicista no início e está caminhando para uma visão sistêmica. O treino do futebol hoje já é sistêmico, já é integrado, ou seja, não existe mais aquele treino, existe sim, mas em pequena proporção, está sendo ultrapassado, pois essa é a grande defasagem do futebol brasileiro, enquanto todo mundo copiou a nossa seleção brasileira de 1970, que tinha um futebol perfeito, técnico, vistoso, entre outras atribuições, outras características, marcantes, começaram a estudar como neutralizar isso, e como chegar nisso, e o Brasil tinha aquilo de uma forma, na minha opinião, que condiz também um pouco com a história, como uma coisa incidental, ou seja, pela nossa realidade, nossa formação, nossa sociedade, o jogador se formava com aquela defesa, aquela técnica, aquela individualidade, aquela plasticidade. E desde 1970 todo mundo vem evoluindo, principalmente no aspecto tático, estratégico, e o Brasil não, o Brasil sempre ficou no talento individual. Conforme citei para vocês, já acabou essa formação incidental, e hoje ela tem que ser produzida e nós não estamos prontos para essa produção de talentos, e digo isso de boca cheia para vocês, porque a gente faz parte hoje de um programa dentro da CBF de qualificação dos treinadores, que também tem suas críticas, é um programa muito correto, muito perfeito, e similar ao da UEFA, mesma carga horária, mesmo conteúdo, mesmas disciplinas, porém não tem um norte do futebol brasileiro de acordo com essa metodologia, com essa história etc.

"E mesmo com a parte técnica avançando para a parte sistêmica, e sabendo que a Psicologia é importante, ainda tem alguns preconceitos".

É passado de tudo que existe e cada profissional que sai dali vai se adequar na sua realidade, e também, como eu já disse, os clubes não têm uma metodologia própria, para que haja um trabalho de desenvolvimento do perfil individual e coletivo da sua equipe, de acordo com a sua história. E quem perde com tudo isso é a própria gestão do clube e, conseqüentemente, o torcedor, que não vai estar

nunca satisfeito porque não está sendo apresentado àquele futebol que ele como torcedor gostaria da sua equipe; e a Psicologia, voltando um pouquinho a esse tema mecanicista ou tradicional, e sistêmico, a Psicologia ficou muito tempo nessa visão tradicional, multidisciplinar, porque não teve abertura e não teve acesso. E mesmo com a parte técnica avançando para a parte sistêmica, e sabendo que a Psicologia é importante, ainda tem alguns preconceitos. Não vou nem comentar em relação aos gestores; infelizmente os gestores dos clubes de futebol hoje são amadores, é dirigente estatutário, não remunerado. Você pode ter certeza que ele não está ali porque ele é apaixonado pelo clube, ele tem outros interesses, que não cabe a nós aqui discutir. Existem poucas ações hoje de clubes e empresa, o Red Bull é uma delas; havia o Pão de Açúcar-Audax, que também se esfacelou, um projeto totalmente diferente hoje depois da venda, para um empresário, um conselheiro do Bradesco, se eu não me engano, e também se jogou fora o projeto empresarial e profissional que o Brunoro tinha dentro do Pão de Açúcar-Audax, e hoje posso dizer também que é um clube com uma gestão não tão profissional, avançada como nós desejamos. E é isso que falta agora para que a gente entenda essa visão sistêmica, para que o psicólogo entre nisso, e assim não é, não serão vocês que vão conseguir isso, seremos nós da área técnica que teremos que colocar isso na cabeça do treinador, do dirigente, a importância da área de vocês. E retomando, a parte final que eu queria falar para vocês: a Psicologia era, como eu disse, bem sistemática, está entrando nessa área sistêmica, ela não faz parte ainda 100%, mas deveria fazer, e a perspectiva futura - que eu acho que é a solução também do futebol - é que ela entre na parte estratégica como o Michel citou. Na parte de governança, na tomada de decisão, eu dividi aqui, por exemplo, em três áreas. Como já falamos demais da parte técnica, tomemos a parte administrativa e a parte até de recursos humanos da instituição.

"A atuação da unidade de Psicologia, é que ela seja o subsídio, o apoio, o alicerce para o treinador tomar as suas decisões perante o grupo".

A parte técnica, comunicação, coesão, auto-gestão, liderança, gestão de conflitos e a competição em si, têm tudo a ver com a área de vocês,

cabe aos profissionais da comissão que vão aplicar o conteúdo diretamente no jogador, na equipe, entender e transmitir isso. Acho muito difícil um psicólogo conseguir entrar em todas essas dimensões dentro de uma equipe, porque vai dividir a liderança, haverá alguns conflitos internos. Acabei de falar de vaidade, de preconceito etc., então a forma que a gente colocou na gestão técnica, a atuação da unidade de Psicologia, é que ela seja o subsídio, o apoio, o alicerce para o treinador tomar as suas decisões perante o grupo. Da parte técnica seria isso. Os recursos humanos, todos esses itens que citei cabem perfeitamente em todas as áreas-meio para que chegue no fim, o futebol. Como na administração, no marketing, na presidência, entre outras coisas. Uns exemplos que eu peguei, premiação, remuneração e contratação. Um dirigente que não tenha noção nenhuma de Psicologia, só fará contratações erradas, dará premiações erradas, dará salários errados para os seus jogadores etc., sem um norte, sem um conceito bem estabelecido do que isso possa gerar em um grupo. Então, por exemplo, você tem um grupo coeso, onde todo mundo tem um padrão salarial idem, traz um jogador por um salário muito maior. Quando ele chega, no grupo já existe um desequilíbrio enorme do mesmo. Premiação é a mesma coisa. Tem gente que não vai para o jogo, não tem o bicho. O bicho é a premiação por vitória, por metas alcançadas esportivamente. Muitas vezes o dirigente acha que o treinador tem que ter 200% do bicho, se é 200% do bicho, a vitória é mil reais, o treinador ganha 2 mil, o jogador ganha mil, e quem está no banco não ganha nada, por exemplo. O roupeiro, o massagista, o nutricionista, o próprio psicólogo, que estão ali no dia a dia também não são reconhecidos na premiação. Então todos esses aspectos administrativos influenciam demais na gestão de grupo. O grupo hoje para o esporte é fundamental. Você ter talento individual, o que for, pela evolução do treinamento, pela evolução das escolas fora daqui, se não tiver um grupo bem coeso... eu não acredito somente no treinamento técnico e tático e estratégico para isso. O grupo é fundamental. Um exemplo que tenho para vocês é o nosso ex-treinador da seleção: ele é notoriamente reconhecido como um líder, não? Embora na última Copa vimos que só a liderança, a coesão de grupo não funcionou. E afirmo que isso foi determinante também para o resultado, não ter um padrão tático, estratégico definido, uma escola brasileira de futebol desenvolvida, e para que a gente jogasse melhor uma Copa do Mundo, por exemplo, no nosso próprio país. Da parte de gestão teve mu-

dança no comando técnico, às vésperas da Copa; na parte do técnico, ele quis seguir uma plataforma de jogo do técnico antigo, mas com um modelo, uma forma de jogar totalmente diferente, e não era em seis meses, sete meses que conseguiria mudar isso, e aconteceu o que aconteceu.

“Os Estados Unidos hoje têm o 5º maior campeonato do mundo, está avançando na Copa do Mundo, na anterior chegou até às quartas-de-final, e é lá onde o futebol hoje está concentrado, onde todo mundo quer trabalhar”.

Aproveitando a Espanha e a Alemanha, a Alemanha teve um insucesso em 2000, depois outro em 2004, e a federação alemã começou a difundir o que ela queria para o futebol alemão, colocou regras, colocou especificações, um desenvolvimento global no futebol no país, difundindo conhecimento a todos e não restringindo conhecimento para

um e para outro, difundiu, o futebol alemão cresceu e foi isso que a gente viu, e vai ser assim pelos próximos quatro, oito anos, com certeza, e hoje, infelizmente, a gente perde até para os Estados Unidos. Os Estados Unidos hoje têm o 5º maior campeonato do mundo, está avançando na Copa do Mundo, na anterior chegou até às quartas-de-final, e é lá onde o futebol hoje está concentrado, onde todo mundo quer trabalhar; economicamente o mundo inteiro está falido, tirando os Estados Unidos e a China, não existem mercados assim potenciais econômicos do futebol. A Europa está falida também; a Espanha foi citada aqui, mas creio que o sucesso da Espanha foi indireto, pelo Barcelona, o Barcelona no início dos anos 2000 teve um processo que, na verdade, o Real Madrid se beneficiou de uma ação do governo da venda de um CT, e fez aquele time dos “galácticos” e o Barcelona não tinha essa grana toda e teve que correr atrás, e correu atrás como? Na metodologia de trabalho, na formação do torcedor que depois culminou no Barcelona, na seleção espanhola e vimos um futebol bonito, vistoso, que o próprio Brasil gostaria de ter. Acho que é isso, falei da parte técnica, falei da parte administrativa, e de recursos humanos, agradeço a todos; se faltou algum item para comentar aguardamos as perguntas. Obrigado. 🙏

José Aníbal Marques: Obrigado, Marcelo. Então pessoal, abrimos para as perguntas.

Não identificado: Bom dia, sou formado em Gestão de Esportes, e mestre em Educação, então, a minha área da gestão esportiva vê esse lado educacional e social. A pergunta que eu queria dirigir ao professor Michel é a seguinte: dentro do mestrado tive acesso a um texto que falava sobre ilusão do conhecimento econômico nas últimas décadas no Brasil. Do ponto de vista da economia, o Brasil cresceu, chegou a estar entre as dez maiores economias do mundo e, automaticamente, como na fala do professor, o futebol também foi nessa linha, o futebol cresceu em termos de investimento, novas contratações, arenas etc., mas proporcionalmente o IDH não correspondeu, o nosso IDH está abaixo dos nossos vizinhos sul-americanos, e coincidentemente o futebol também está nessa mesma linha. Como você, gestor esportivo, do ponto de vista estratégico vê essa problemática, do crescimento econômico versus o, vamos dizer assim, IDH do futebol brasileiro?

Michel Mattar: Primeiramente obrigado pela pergunta. Acho que na verdade nunca existe um único fator para explicar algum tipo de situação, são vários fatores, e vou tentar apontar alguns que eu acho que colaboram para esse tipo de situação. Primeiro, o futebol em particular, ele se tornou foco nos últimos anos, então houve uma concentração de investimentos que, talvez há mais de dez anos, estavam canalizados, ou estavam distribuídos entre outros setores, principalmente setor de comunicação.

Esse tipo de setor acabou sendo canalizado, e isso contribuiu para esse aspecto, e acho que isso gerou um certo desequilíbrio em relação, talvez, à

“O futebol concentrou recursos que estavam distribuídos em outros setores, e essa concentração não aconteceu em outros ramos da sociedade”.

concentração de riqueza que a gente vê em outros setores no Brasil; o que eu estou querendo dizer, em outras palavras, é que o futebol concentrou recursos que estavam distribuídos em outros setores, e essa concentração não aconteceu em outros ramos da sociedade. Então, o baixo IDH que você menciona, talvez a concentração de riqueza que se reflete em outros setores, na maior parte dos setores da nossa sociedade, especificamente no esporte, até em função, como eu já mencionei, no discurso inicial, em função do esporte ter se tornado um negócio de fato, principalmente depois da entrada da televisão e patrocinadores e tudo mais, quer dizer, esse desenvolvimento do setor, que é algo que estava provavelmente estacionado, ou estava retido na verdade, dentro do setor esportivo, porque não era um setor fundamentalmente desenvolvido do ponto de vista de negócios, essa locação de recursos que aconteceu nos últimos vinte anos, realmente gerou um desequilíbrio, é o crescimento no setor esportivo, e como o professor Flávio colocou, fundamentalmente no futebol, porque nós somos um país esportivo, principalmente em termos de negócio, o que gera essa percepção e que puxa o futebol, e se este se tornou tão rico de repente, por que o resto da sociedade não acompanhou? Por conta disso, porque o futebol estava reprimido, não era um negócio comparando-se com outras ligas internacionais, campe-

onatos internacionais, fundamentalmente as ligas norte-americanas que são modeladas do ponto de vista de negócio há muito mais tempo do que nós. Essa demanda estava reprimida, quando houve o estouro dessa bolha e, de novo, eu faculto isso fundamentalmente à entrada da televisão no jogo, foi na década de 1990. A nossa geração, vocês devem lembrar, não tinha jogo na televisão, era só no sábado à tarde, domingo era no rádio, quarta-feira não tinha futebol, era um jogo por semana; hoje em dia, a qualquer hora do dia você tem jogo acontecendo em algum campeonato do mundo. E isso evidentemente que, a partir do momento em que você tem essa superexposição da entrada da televisão, além dos recursos da própria televisão, você alavanca a cadeia toda. Em termos de patrocínios, em termos de propriedades comerciais e assim por diante, então essa alavancagem produziu essa situação de, não vou dizer enriquecimento, mas de fato uma alocação de recursos desproporcionado ao crescimento dos demais setores da sociedade. Como eu disse, acho que há inúmeras explicações, mas acho que esse é um fator que para mim é fundamental. Não sei se respondi a sua pergunta, mas para mim é uma explicação real.

F: Professor Flávio, podemos deslocar um pouquinho para a Sociologia ou você fica desconfortável? Tive uma disciplina no mestrado, Sociologia do Esporte, com a professora Heloísa. Discuti com ela seis meses dizendo que eu não achava que estávamos caminhando para um processo civilizatório. Por conta da sofisticação, da violência, da mídia e tudo mais que me parece que muitas vezes faz um contrassenso com relação ao processo civilizatório, não que eu ache que muito antes, quando se soltavam leões e pessoas para duelarem, era uma coisa muito linda, não. Mas me parece que era menos hipócrita. Então, assim, será que daria para você dar alguma contribuição para o incremento dessa reflexão? Talvez para uma paz de espírito minha e nossa.

Flávio de Campos: Bom, o que você traz é uma discussão central na Sociologia, e na obra do Norbert Elias e do Eric Dane, que é a ideia de que você tem uma mudança no século XIX entre as modalidades lúdicas praticadas até então, que vêm desde a antiguidade, e o processo de "esportivização", que é uma categoria conceitual que está associada à emergência da sociedade industrial. Então, esse é o ponto de partida do Norbert Elias. Quando ele pensa essa questão do processo civilizatório, ele está pensando junto com Freud, essa ideia de uma sociedade; você tem um caminho civilizatório

que implica na contenção de impulsos. Você tem que permitir, não é? O Norbert Elias tem uma tradução muito ruim; o processo civilizador em dois volumes tem uma edição muito ruim, muito mal cuidada, mas é o que a gente tem circulando no Brasil. Quando ele pensa isso, compara o grau de violência de modalidades lúdicas anteriores ao século XIX ao processo de emergência dos esportes na sociedade tecnológica. E aí, de fato, você tem alguns elementos que organizam as modalidades esportivas, de acordo com as regras da sociedade burguesa. Por exemplo, igualdade de oportunidade. Tem uma cena (você falou dos leões) de o *Gladiador* que todos vocês devem ter assistido: o imperador desce na arena para enfrentar o herói da trama. Evidentemente na lógica lúdica, são mais rituais, são mais cerimônias do que esporte, pois o imperador não vai disputar uma competição em igualdade de condições. A igualdade não se coloca, o conceito de igualdade é histórico, nós construímos historicamente o conceito de igualdade, definimos o conceito de igualdade a partir do final do século XVIII, comecinho do século XIX como elemento que deve normatizar as nossas relações, mas isso é historicamente localizado, você não pode imputar a igualdade às modalidades lúdicas anteriores. Então, a questão da violência também há no século XIX, com a emergência dos esportes, uma atenuação, não uma eliminação, assim os esportes terão manifestações de violência. Nas partidas a gente vai observar o enfrentamento físico, nas diversas modalidades esportivas, inclusive no jogo de xadrez. Lembro a vocês as competições de xadrez, durante a Guerra Fria, entre o Bobby Fischer e o Karpov: a mesa era vedada, porque eles se chutavam, então se você não fecha a mesa aqui, o outro vai chutar e ninguém está vendo! Então, a questão da violência vai aparecer, e o que acontece no esporte? Você tem que atenuar. Você normatiza, você regulamenta, e você cria, pelo menos em tese, a igualdade de oportunidades para a disputa. Então terão que jogar onze de cada lado. Uma equipe não pode entrar com doze e outra com dez, que é diferente dos nossos acordos. Os nossos jogos, que não são esportes, que não são regulamentados em escala mundial, então se a gente for fazer uma partida aqui, ao final do encontro, mista, a gente já está subvertendo tudo. Vamos fazer uma partida mista, homens e mulheres jogando, e nós vamos fazer o quê? Vamos ver que uma equipe está ficando mais forte, percebemos que uma equipe está ficando muito mais forte, então mudamos, alteramos os jogadores, colocamos mais jogadores de um lado e menos jogadores de outro. Essa é uma

lógica das modalidades lúdicas, não é a lógica da modalidade esportiva. Então, nesse aspecto, não pensando a questão da civilização como evolução, como aperfeiçoamento do ser humano, mas na passagem; no século XIX a gente tem sim um processo civilizatório, que está ligado à emergência das diversas modalidades esportivas.

Não identificado: Eu tenho duas questões, a primeira eu gostaria que o José Aníbal comentasse também, que é sobre como vocês veem o desenvolvimento humano, e a constituição da subjetividade no contexto esportivo no cenário atual que a gente está vivendo no Brasil; e a segunda, quais são as ações que vocês, profissionais de diversas áreas, acham que os psicólogos e a Psicologia podem desenvolver em favor da gestão e da técnica no esporte?

José Aníbal Marques: É uma ótima pergunta, mas a primeira coisa a que fui remetido a pensar é no processo de formação esportiva. Quando a gente fala de desenvolvimento humano, de construção da subjetividade, construção da identidade, o termo que se queira usar, é necessário que a gente pense em processos de formação. E eu acho que isso no Brasil é muito malcuidado, e por que, é muito malcuidado? Por conta, principalmente, do que o Marcelo e o Michel apresentaram, acho que principalmente o Marcelo, de qual é o objetivo principal quando a gente pensa no esporte, no resultado, na performance.

“Tem uma expressão no futebol, principalmente no futebol profissional, que é a seguinte (na verdade, não é uma expressão, é uma fala): “Ganhou está tudo bem, perdeu está tudo mal”.

Se eu fizer uma formação esportiva ruim, e eu tiver resultado por algum motivo, tudo está certo. Tem uma expressão no futebol, principalmente no futebol profissional, que é a seguinte (na verdade, não é uma expressão, é uma fala): “Ganhou está tudo bem, perdeu está tudo mal”. Então, ganhou está tudo certo, e perdeu, está tudo errado. Muitas vezes você ganha, está tudo errado, e perde, mas está tudo certo. Mas não é esse o raciocínio que se faz, eu acho que isso se aplica à formação esportiva. Então, o que é necessário fazer? É necessário pensar que o processo de formação esportiva compõe o processo de formação

humana, e a partir desse princípio, se eu cuido do processo de desenvolvimento, se eu respeito as fases de maturação, os estímulos que eu ofereço, terei um resultado; eu acredito nisso, sei que o Marcelo também, muita gente daqui também, vou ter resultados melhores; o problema é que isso demora de dez a quinze anos. E as pessoas não têm - eu vou ser um pouco mais contundente, porque eu não sou tão velho assim, mas também não sou tão novo, e eu confesso que cansa algumas coisas - a dignidade de esperar. Porque a gente remete a isso? Quando eu ocupo um cargo ou uma função de educador, de formador, de dirigente, de presidente, do que quer que seja, eu preciso ter para mim com quem eu estou trabalhando, o que eu estou cuidando. Então, se eu sou presidente de um grande clube, é óbvio que eu tenho que me preocupar se o meu time vai chegar na Libertadores, se a minha equipe de vôlei disputa a Liga Mundial, eu tenho que me preocupar com isso. Agora eu tenho que me preocupar como faço para chegar até lá. E isso vai começar com as crianças num processo de formação. Eu tive a oportunidade de trabalhar com futebol profissional e, pasmem, acredite quem quiser. Eu vi jogadores profissionais que não conseguiam fazer exercício coordenativo de aquecimento. O cara é profissional, ganha salário, disputa campeonato brasileiro, um exercício de aquecimento que envolvia coordenação multimembros ele não conseguia fazer. E esse problema está no processo de formação. E isso gera, por exemplo, a “tiração de sarro” entre os amigos ali, que você não vai falar que tipo de sofrimento ele passava. Mas essa gozação compõe construção de subjetividade e identidade: “Olha lá o descoordenado. Sabe quando é que ele vai jogar? Terceiro time para sempre, hein amigo!” Terceiro time para quem não conhece o futebol é um time que tem jogadores que muitas vezes nem relacionados para os jogos são: existe a equipe titular, dita titular, principal; a equipe reserva, que normalmente faz os coletivos, e jogam, são relacionados para o banco, e o dito terceiro time.

“Esperar pontualmente que o profissional de Psicologia, que está no campo de atuação dele, atuando no campo técnico, possa fazer algum tipo de intervenção, ou, novamente, esperar que um abençoado de um dirigente surja com uma mentalidade inovadora, é realmente colocar todo o projeto em risco”.

Então, esse terceiro time busca sempre chegar no segundo, para chegar no primeiro. Então, se não cuidarmos desse processo de formação e de desenvolvimento na formação esportiva, estaremos contribuindo para não ajudar, não contribuir, num processo de construção da subjetividade, de construção de identidade, que tenha um norte saudável, um norte de construção de uma consciência crítica, de um processo de desenvolvimento adequado. Acho que falha muito nesse processo, e vou encerrar a minha fala pedindo licença para o Flávio e para toda a comunidade alviverde, mas eu vou citar o atual técnico do São Paulo, o Juan Carlos Osório: ele estava dando uma entrevista, perguntando-se para ele sobre futebol e tudo mais, e daí indagaram quem ele considerava o melhor jogador do mundo, pelo que disse ser o Messi. E não lembro exatamente como foi a questão, mas a essência era: "E se você tiver que marcar o Messi, o que você faz? Qual a sua estratégia?". Ele disse: "Bom, marcar o Messi é difícil, mas a bola precisa chegar no Messi, então, talvez seja mais fácil marcar quem passa a bola para ele" e considero que essa analogia cabe bem aqui, pois acho que estamos muito preocupados em "marcar o Messi" e ficamos felizes da vida quando conseguimos marcá-lo por 15, 20 minutos, só que nos esquecemos de marcar a origem da jogada, o que faz a bola chegar nele. Acho que o processo de formação esportiva é a origem da jogada, é a origem onde começamos o processo de desenvolvimento humano, e nesse caso acho que a gente está pecando, sim.

Michel Mattar: Excelente a sua participação, José Aníbal, e na verdade isso reforça um pouco o que eu penso em relação a ser muito difícil - até respondendo a sua pergunta Camila - a intervenção individual, quer dizer, o que cada profissional sente, porque a gente está discutindo aqui uma questão conjuntural, quando ele menciona assim.

O mais difícil que você tem, principalmente nesse setor, é esperar uma ação de benevolência de um

"Se você não criar estímulos - a gente está falando da Psicologia - isso vale para várias outras áreas, por exemplo, mas nós estamos discutindo nesse momento a lei de responsabilidade fiscal no esporte".

dirigente, isso não vai acontecer. Você precisa criar estímulos - a gente está falando da Psicologia - mas isso vale para várias outras áreas. Hoje, as instituições gozam de uma série de benefícios, e a questão da formação de atletas deveria ser, inclusive, uma questão social que essas instituições deveriam, de fato, se sentirem obrigadas a dar essa contribuição, e acabam tendo os objetivos totalmente deturpados; então, precisamos criar mecanismos, porque simplesmente aguardar que surja alguém dentro daquela instituição, que politicamente ascendeu ao poder, e que aquela pessoa pontualmente se preocupa com isso, é realmente elevar as mãos para o céu. Assim, deve haver algum tipo de intervenção, não no mau sentido, ou uma regulação, ou uma pressão, por exemplo. A lei de responsabilidade fiscal, fazendo uma analogia com o aspecto financeiro fiscal, está acontecendo no terceiro setor e no setor de mercado. Não dá para ter instituições falidas, devendo para a sociedade, porque boa parte dessa dívida é, por exemplo, vinda de impostos e tudo mais, e todo mundo tirando o chapéu. Então, a sociedade faz pressões para que ocorram, para que haja esse tipo de ajuste. Então, é claro que todas as instituições organizadas têm um papel preponderante nisso. Para atuar num nível de governança, num nível estratégico, para fazer gestões para que essas mudanças possam vir a acontecer. Esperar pontualmente que o profissional de Psicologia, que está no campo de atuação dele, atuando no campo técnico, possa fazer algum tipo de intervenção, ou, novamente, esperar que um abençoado de um dirigente surja com uma mentalidade inovadora, é realmente colocar todo o projeto em risco.

Marcelo Rodrigues de Lima: Eu concordo com ambos, o primeiro ponto vem de cima para baixo. Os nossos dirigentes não são capacitados para entender a formação esportiva. Visto que o campeonato paulista hoje, Sub-11 e Sub-13, não possui regras adaptadas; você tem um garoto que nem atingiu a puberdade, por exemplo. Voltando, então, o campeonato paulista Sub-11 e Sub-13 hoje possui regras adaptadas: são os garotos de 11 e 13 anos, que não atingiram seu estirão de crescimento, uma massa muscular que só vem após a puberdade, entre outros fatores físicos, técnicos e também táticos, eles são obrigados a jogar num campo de 100 metros, com traves de 7 por 2, com dirigentes não entendendo o processo de formação e cobrando resultado, num garoto de 11, 13, 15 anos, quando eles estão em mudanças corporais, emocionais, psicológicas entre outras coisas. Então já começa

errado desde as nossas federações, que deveriam comentar o desenvolvimento do futebol; não fazem dessa forma, fazem de acordo com interesses próprios como a gente acabou de dizer. Que tem um pouco a ver com o que o Michel prega também, que os clubes não são unidos, são inimigos hoje, não são coirmãos como deveriam ser; buscar também os seus interesses em comum, para o bom desenvolvimento técnico do futebol; eles só pensam em si, que é ganhar. Vou citar um exemplo no sul, que isso acontece e está bem claro, todo mundo que está no futebol sabe. Qualquer clássico no Sub-11, 13, 15, 17 e 20, Grêmio e Inter, no sul, a comissão que é derrotada é demitida; isso é fato, porque o dirigente não aceita perder para o rival. Tem um documentário do SporTV sobre o torneio mais famoso lá do Sul e esse documentário acompanha a equipe do Grêmio num campeonato sub-12. Os jogadores do Grêmio Sub-12 não falam o nome do Inter. Então já começa desde lá debaixo porque os dirigentes, que são responsáveis por esse processo de gestão, não entendem o processo de formação. Então já começa nesse sentido. Tem que haver uma capacitação deles, e acho que a solução é o que o Michel falou, é vir da sociedade, é vir da própria regulamentação de leis que forcem esses dirigentes a fazer a coisa adequada. Se depender deles, nunca vão fazer. Infelizmente.

Michel Mattar: Só aproveitando o “gancho”, para ilustrar para vocês: quando falo que faltam estímulos externos, o estímulo que a gente tem hoje é totalmente oposto, o estímulo (o José Aníbal bem colocou), a formação 10, 15 anos, enfim, o estímulo que você tem hoje. Se eu tenho um contrato de um atleta de 5 anos que assinei com 16 anos, ou enfim, eu quero que esse atleta seja maduro com 19, 20 anos para poder vender. É o estímulo contrário que nós temos hoje. E aqui não estou dizendo que sou contra o mecanismo econômico, nem nada. Eu só estou reforçando que o estímulo que o indivíduo recebe hoje ou seja pela pressão da imprensa, ou pela pressão da torcida, então fica muito difícil essa questão da ausência de objetivos, que é fundamental, quer dizer, qual que é o objetivo de uma formação? É você formar atletas para a sua categoria profissional, é você formar atletas para vender na categoria de base, ou é você ganhar títulos em qualquer uma das categorias? Se você não tiver isso muito bem mapeado e disseminado na cultura da organização, ou do próprio setor como um todo, isso é canibalismo, aí você gera esse tipo de situação que o Marcelo mencionou; então, a métrica, qual a métrica? Você não tem métrica, a métrica é se eu

perder domingo no Sub-11. Então não tem formação, você não fala em formação. Você está falando de equipe competitiva de alto nível com 11 anos de idade! Então, enquanto os estímulos - e aqui eu não estou me restringindo às leis nem nada, porque tem muitas leis que não são nem factíveis, nem praticáveis -, como um todo, legais, econômicos, conjunturais, enfim, culturais, forem nesse sentido, você só refragmenta negativamente o processo e gera esse círculo vicioso. E é muito difícil vencer essa barreira com iniciativas isoladas e pontuais.

Marcelo Rodrigues de Lima: Complementando a resposta, só em relação à Psicologia, dentro de um planejamento plurianual colocar os conteúdos dentro das fases sensíveis, como o José Aníbal disse, vocês conseguindo atuar dessa forma, junto com a formação técnica com o respaldo da direção, que deva entender o que é uma formação esportiva, acho que os conteúdos psicológicos entram claramente nesse processo todo, desde os 10 até os 20 anos, quando na verdade o jogador profissional está pronto; pela literatura, a partir dos 23; dos 18 até os 23 ele tem que ter a experiência competitiva e principalmente maturação desses aspectos competitivos, mentais, psicológicos que são mais importantes do que qualquer tipo de treino nessa faixa etária.

Não identificado: Eu trabalho com Psicologia do Esporte, voltada para a área do esporte para pessoas com deficiência. Gostaria de saber do Michel e do Flávio, talvez por uma contextualização histórica, por que para o desporto no país, de acordo com o IBGE, com 25% da população apresentando características para a deficiência, ainda os deixaram de lado, quando a gente discute políticas públicas, quando a gente discute até mesmo eventos como esse, a questão do paradesporto, o que falta na questão de proporcionar melhor qualidade para esses profissionais, e se tem algum viés histórico, também, a questão da pessoa com deficiência ser sempre deixada de lado, discriminada.

Michel Mattar: Eu tenho uma visão muito pragmática com relação a isso, da maneira como o Flávio já colocou desde o início - e a gente vai reforçando isso - vivemos num país muito esportivo. E imagino que a gente só consegue desenvolver as modalidades no contexto atual, no esporte enquanto negócio, que tem demanda econômica, porque você tem duas formas de financiar: ou você vai financiar com capital privado, ou você vai financiar por iniciativas públicas. Certo?

“O capital privado vai para uma modalidade, pois são raras as exceções de algumas outras modalidades, às vezes um voleibol, um basquete, alguma coisa, ou então você vai cair na política pública, ou com financiamento direto, ou com lei de incentivo, ou com empresa estatal”.

Só que no Brasil toda modalidade que não tem demanda econômica cai fundamentalmente em iniciativas e políticas públicas, enfim, no desenvolvimento do esporte. Como a gente tem uma concentração numa única modalidade, fica assim: o capital privado vai para uma modalidade, pois são raras as exceções de algumas outras modalidades, às vezes um voleibol, um basquete, alguma coisa, ou então você vai cair na política pública, ou com financiamento direto, ou com lei de incentivo, ou com empresa estatal. Então eu não sei, e aí eu peço até perdão se estiver equivocado nesse sentido, você que é o especialista da área aqui, mas eu coloco as modalidades paraolímpicas no mesmo rol das modalidades que não têm perfil econômico, para o financiamento privado. Então, para mim, falar desse tipo de modalidade, é como a gente falar para ter algum tipo de capital privado para desenvolvimento do bobsled no Brasil, por exemplo, ou de alguma modalidade que não tem demanda privada. Então fundamentalmente essas modalidades, essa categoria, enfim, elas vão cair nas políticas públicas, é a única maneira, então, não adianta; eu costumo dizer, “dar murro em ponta de faca”, achar que você tem que ir para o capital privado, que ele tem obrigação. Porque não é essa a visão, muito embora a gente possa reconhecer que ele tem que devolver algo para a sociedade e tudo mais, a mentalidade do capital privado é “eu recolho imposto e tudo mais”. É uma visão muito pragmática nesse sentido. E aí ele fala, bom, então quem tem que resolver agora o problema é o ente público, através desses mecanismos todos que eu mencionei. Então, de novo, eu estou colocando para você uma visão bastante pragmática, porque a gente vê. Eu trabalhei muito tempo com captação de recursos e tudo mais, então, assim, a pessoa confunde ainda a questão de um patrocínio comercial com a questão da fi-

lantropia, e são diferentes; um indivíduo hoje que entra com um capital privado, ele espera ter algum tipo de retorno, seja diretamente econômico, seja com retorno de imagem, enfim, outros tipos de benefícios. Quando você já vai para uma iniciativa de benevolência, por exemplo, aí você faz uma doação e hoje você até tem leis de incentivo para isso, mecanismos criados para isso. A dificuldade reina nisso. Não se trata de uma categoria com demanda, e aí você não consegue girar o mecanismo econômico, você não tem demanda, você não tem interesse da televisão, você não tem interesse do patrocinador, você não tem interesse, então não gira a roda econômica. Então, vai ter que depender de benevolência, enfim, de doações ou da ajuda do estado, infelizmente.

“A sociedade brasileira ainda é muito apática em relação a despertar esse envolvimento no sentido da inclusão, da própria circulação, da própria mobilidade urbana dessas pessoas, da visibilidade dessas pessoas, da possibilidade da intervenção profissional dessas pessoas, que dirá das práticas esportivas!”

Flávio Campos: Eu concordo com o Michel. Acho que você tem uma questão: além do estado, do poder público e na iniciativa privada, tem a questão da sociedade civil. Tem uma responsabilidade nossa, em diversas outras coisas que a gente geralmente transfere; então, é o poder público, é o governo, seja ele A, B ou C, ou sejam as empresas que lucram muito, que ganham muito e que têm que devolver, e a gente se exime, nós, cidadãos, e integrantes de diversos canais de expressão da sociedade civil, nós nos eximimos. Francamente, o que você tem em relação a qualquer tipo de portador de necessidade especial? É evidente que a partir também do final do século XVIII, começo do século XIX, numa sociedade que é uma sociedade tecnológica produtiva, cuja lógica é a produção e o lucro, é a competição, é evidente que a tendência - não que não existisse isso anteriormente -, mas a tendência é de uma marginalização maior, não é? Daqueles que não têm uma integridade

corporal para poder atuar nessa lógica competitiva; então, você tem uma marginalização maior a partir do século XIX. Ocorre que, o que eu vejo nesse momento, no caso da nossa sociedade, da sociedade brasileira, a falta de pressão da sociedade por políticas de inclusão.

Um envolvimento - e estamos pensando desde a questão da prática esportiva com pessoas portadoras de deficiência, e até mesmo a convivência -; a sociedade brasileira ainda é muito apática em relação a despertar esse envolvimento no sentido da inclusão, da própria circulação, da própria mobilidade urbana dessas pessoas, da visibilidade dessas pessoas, da possibilidade da intervenção profissional dessas pessoas, que dirá das práticas esportivas! Então, acho que existe um mea-culpa dessa sociedade. Você tocou no assunto da questão dos portadores de necessidades especiais, eu sei que abro aqui uma janela que daria uma discussão tremenda: vou discutir, por exemplo, o futebol de mulheres. É a mesma lógica. Por que não há desenvolvimento no futebol de mulheres? Os clubes não investem no futebol de mulheres, a CBF não investe em futebol de mulheres, mas a sociedade brasileira também não se posiciona nesse sentido. Então, você fica

numa situação em que se a sociedade não demanda, você vai ter tanto do poder público quanto da iniciativa privada, você vai ter respostas, porque há demanda, há pressão.

Marcelo Rodrigues de Lima: Para complementar, você mencionou a questão do futebol feminino, eu achei bastante interessante, porque nessa lei de responsabilidade fiscal no esporte uma das questões, por exemplo, que a Confederação Brasileira de Futebol e os clubes lutam contra nos artigos da lei é a obrigatoriedade de se investir x% do faturamento anual em futebol feminino. E os clubes entendem que é uma transferência de prioridade, por entenderem que para eles, que são entidades privadas, não faz sentido econômico investir no futebol feminino. Então, realmente faz todo sentido essa reflexão, muito embora a gente possa estar discutindo paraolimpíadas, ou como eu falei, qualquer modalidade, ou categoria, ou, enfim, o que você for discutir, você vai ter que colocar na lógica econômica se você quiser esperar de algum ente privado que faça algum tipo de investimento naquele desenvolvimento, senão, realmente, dá muita margem para discussão. 🤖

Estrutura e Gestão do Sistema Esportivo Brasileiro e o Projeto Ético-político da Psicologia do Esporte

Luciana Ferreira Angelo

Membro do Núcleo Psicologia do Esporte do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP 06.

Agradeço a possibilidade de estar aqui compondo esta mesa, coordenando colegas tão queridos e competentes na área. Muito bem, a ideia, então, desta mesa, que tem como título “A Estrutura e a Gestão do Sistema Esportivo Brasileiro e o Projeto Ético-político da Psicologia do Esporte”, é exatamente poder discutir junto a vocês a questão da Psicologia do Esporte e suas atribuições. Entendemos que compreender a imensa teia de relações humanas e institucionais que compõem o sistema esportivo brasileiro é hoje poder pensar aonde e como a Psicologia do Esporte pode estar inserida, e a partir de que contextos podemos fazer algumas discussões para que a contribuição seja efetiva. 🌍

Mestre em Pedagogia do Movimento Humano pela EEFÉ-USP. Coordenadora do Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte (CEPEUSP) e sócia da Interação Esporte e Psicologia, atuando como consultora para programas esportivos. Autora de artigos e capítulos de livros sobre esporte infanto-juvenil.

Primeiro queria agradecer o convite do CRP SP para falar aqui. A gente começa a ficar velho e começa a contar os anos, não é? Eu estou há 20 anos atuando na área de esporte, há 20 anos como uma das coordenadoras do Programa Desenvolvimento Humano por Esporte da Universidade de São Paulo. Não comecei como coordenadora de esporte, obviamente, comecei como assistente técnica de basquetebol em um projeto que praticava especialização precoce, selecionava crianças de 10 anos para saber quem deveria ou não ficar no projeto. E ao longo desses 20 anos a Psicologia do Esporte foi uma área que me ajudou a entender o meu papel como profissional de esporte, como técnica e mais tarde como gestora esportiva. Tem gente que me conhece também do curso de especialização em Psicologia do Esporte do SEDES, porque também tenho atuado como docente em cursos de especialização; fui docente universitária responsável por disciplinas de Psicologia do Esporte, então, tenho passeado por essa área. Quando me formei em esporte pensei em fazer Psicologia, mas achei que era mais fácil casar com um psicólogo, e foi isso que eu fiz! Alguns de vocês conheceram o José Aníbal, que é meu marido, também há quase 20 anos juntos! O que eu trouxe para vocês é um pouco das reflexões e do que pude aprender nesses 20 anos, não sozinha, pois muito do que a gente construiu no Programa Desenvolvimento Humano pelo Esporte, que é o antigo projeto “Esporte Talento” fundado pelo Instituto Ayrton Senna em 1985, como primeiro projeto do instituto depois derivou para o Programa Educação pelo Esporte, muitas das coisas que se faz hoje no terceiro setor. Quem aqui trabalha em ONG? Quem já trabalhou em ONG? Então, por exemplo, a possibilidade de pensarmos em psicólogo do esporte atuar no terceiro setor, atuar em projetos sociais, começa lá

no nosso projeto quando a gente resolve ter uma parceria com o Instituto de Psicologia, 1996, 1997, talvez, e hoje é uma prática mais ou menos comum encontrarmos muitos psicólogos atuando em projetos sociais, mais até do que imaginamos. Enfim, vamos começar. A ideia é não partir da Psicologia do Esporte em si, mas provocar vocês. Como eu estou mergulhada em um processo de construção de um do novo Sistema Nacional de Esporte, acho que isso é bastante relevante para a nossa discussão hoje. Eu trouxe uma apresentação tipo *quiz*, são perguntas que vocês vão ter que responder comigo para fazermos um aquecimento para as duas outras apresentações da mesa e para pegar firme na discussão. Qual a visão de esporte que temos no Brasil? Quem me ajuda? O que é o esporte no Brasil, como é que ele é visto? Vocês que trabalham com esporte, estudam esporte, ou querem atuar com esporte, como é que o esporte é visto e entendido? Certo, chegou chegando Marisa: futebol! Alguém dá mais? O esporte de alto rendimento. Quem está falando? Negócio. Que mais? Política do pão e circo. Tem alguma visão um pouco mais positiva, ou não? Por que vocês querem trabalhar nessa área se é um negócio, se é somente futebol, e somente voltada para o esporte de alto rendimento? O que o psicólogo tem a fazer lá? Prazer. Que mais? Alguém já leu a “Lei Pelé”? Vocês têm um monte de dicas de estudo e visitas de *sites* para vocês. Vamos lá! Como é que o esporte era visto no século XX? Vamos fazer uma retrospectiva histórica, quando pensamos em século XX, alguns de vocês já tinham nascido e já estavam estudando, atuando, trabalhando, o que é o esporte no século XX? Mais ou menos isso que vocês estão falando, não é? Temos o esporte moderno emergindo fortemente, talvez vocês tenham visto um pouquinho disso de manhã na primeira mesa sobre história.

“Acho que é muito simples a gente falar do futebol, culpar o futebol, e falar que o esporte no Brasil é somente futebol. Se olharmos um pouco mais profundamente, veremos que o futebol é sim o que está na mídia”.

E o esporte era basicamente um privilégio de quem era bom. A gente fala do futebol como a expressão máxima do esporte no Brasil, mas sabemos que tem um pouco mais do que isso. Acho que é muito simples a gente falar do futebol, culpar o futebol, e falar que o esporte no Brasil é somente futebol. Se olharmos um pouco mais profundamente, veremos que o futebol é sim o que está na mídia. Acabou de sair o diagnóstico do esporte, é o esporte mais praticado pelos brasileiros, mas não temos somente isso dentro da nossa cultura esportiva. O que acontece no final do século XX para começar a mudar o panorama do esporte no Brasil, alguém sabe? O que acontece no final do século XX, final da década de 80, começo dos anos 90? Qual é a grande transformação que o Brasil sofre? Não estou falando mais de esporte, estou falando de Brasil.

“Então, quando falamos no esporte entendido no Brasil somente como rendimento, quase 30 anos depois da promulgação da Constituição, vemos que há algo errado nessa história. Porque já estamos chegando em 30 anos que o esporte é um direito constitucional, direito de todo cidadão brasileiro”.

Vocês sabem, vamos lá que é para ninguém dormir na última palestra! Temos a Constituição de 1988 estabelecida, e ali o esporte passa de privilégio, porque não tinha regulação nenhuma, até havia algumas regulações, mas sempre voltadas para o esporte de rendimento, e com a Constituição ele passa a ser um direito. Então, quando falamos no esporte entendido no Brasil somente como ren-

dimento, quase 30 anos depois da promulgação da Constituição, vemos que há algo errado nessa história. Porque já estamos chegando em 30 anos que o esporte é um direito constitucional, direito de todo cidadão brasileiro. É efetivado ou não? Aí é uma grande história para discutirmos. O fato é que a gente começa a ter um outro cenário de esporte. Não é mais somente o bom e o melhor, ou aquele que tem as qualidades específicas para o esporte de rendimento que começa a praticar esportes. Começamos a ver pessoas com deficiência envolvendo-se cada vez mais com o esporte. Terceira idade envolvendo-se com o esporte nas diferentes formas - e aqui falando do esporte em um contexto mais amplo, ainda que as fotos sejam da competição. Mas, pensando nas práticas corporais como um todo, vemos crianças começando a praticar um esporte, e se pensar em um esporte diferente para as crianças também, que não é mais primeiro, segundo, terceiro, mas pensamos como podemos adequar a experiência esportiva para elas. Então, algumas coisas começam a mudar na passagem de século que tivemos. E eu trago isso não somente por uma questão pessoal, porque construo a minha carreira profissional justamente nessa transição de visão de esporte, mas acho que é fundamental entendermos o processo histórico e o dinamismo que existe no processo histórico da construção do esporte enquanto política pública ou enquanto campo de atuação profissional, para a gente “sacar” qual é o espaço que vocês, como psicólogos, ou como profissionais do esporte interessados pela Psicologia do Esporte, têm de fazer política enquanto profissional. Então, esse é o esporte no Brasil hoje. Isso está na lei. É assim que ele é dividido. Existem três principais manifestações, esporte e educação, participação em esporte de rendimento, e aí subdivisões e alguns princípios gerais que deveriam ou que devem orientar cada uma dessas diferentes manifestações esportivas. Isso é familiar a vocês, já viram, discutiram, conhecem. Isso é bom, é ruim? Qual a opinião de vocês a respeito dessa estruturação da concepção de esporte no Brasil? Alguém arrisca? Funciona? É assim mesmo?

Não identificado: Antes do início da sua fala estávamos aqui em uma sala conversando um pouco sobre isso. E esse sistema, se não me engano, era chamado de piramidal, é a base do acesso ao esporte, pela participação, educação e no topo da pirâmide o esporte de alto rendimento. A questão é que crianças, jovens atletas de alto rendimento, estão já entrando no topo da pirâmide. Então, eu não sei se isso é o ideal, respondendo um pouco a sua pergun-

ta, se esse sistema acontece em uma linha imaginária, primeiro o acesso ao esporte de participação, à educação, e depois ao alto rendimento, sendo que crianças já estão entrando no topo da pirâmide.

Paula: Eu não sei se podemos dizer que entra no topo da pirâmide, já que, por enquanto, não tem pirâmide, não é? E isso difere exatamente da prática. Acho que isso aqui é o que está posto, é a forma como se imagina que o esporte deveria acontecer no Brasil, e aí eles acontecem como práticas paralelas, e não como uma prática sequencial de pirâmide, teoricamente, no texto da lei.

“Ainda constatamos no Brasil práticas de especialização precoce. A criança entra direto no esporte de rendimento”.

Então, teríamos o esporte educacional voltado para formação, cidadania e educação integral. O esporte participação voltado para a prática livre de inclusão. E esporte rendimento, sim, para a performance. Ainda constatamos no Brasil práticas de especialização precoce. A criança entra direto no esporte de rendimento. Isto é basicamente entender que a base da pirâmide somente serve para o esporte rendimento e com métodos de intervenção equivocados. Isso ainda existe no Brasil. Que outro ponto vocês poderiam destacar quando olham para isso?

Não identificado: Estão nessa discussão aqui dois pontos importantes que foram falados. É que a parte do esporte educação não se conversa na escola e a formação não conversa com educação, enfim. Também por conta do fato de a maior parte da verba de esporte no Brasil estar concentrada nos esportes de alto rendimento, e não na base, que seria a entrada, esporte educação ou participação.

Paula: Acho que esse é um dos grandes problemas quando olhamos para essa conjuntura e pensamos em ações paralelas, sem entender que o sujeito que está na escola é o sujeito que vai estar no clube, que tem os seus 11 anos, e a seleção já está pensando se esse moleque vai chegar lá ou não. Temos somente um sujeito, e aí estamos trazendo à questão o quanto é importante o papel de vocês, para lembrar que não tratamos de coisas quando falamos de esporte, estamos falando de pessoas que vão estar envolvidas com essa prática. E aí ficamos com isso, não é? Onde é que cabe cada

uma dessas coisas? A criança que começa a praticar esporte vai direto para o esporte de rendimento? Ou ela vai no que chamam de esporte social da ONG? Ou ela está na escola praticando esporte escolar? Mas o esporte da escola é bacana, ou ele também está fazendo processo seletivo e somente deixando quem é bom de bola praticar? Então, ainda não conseguimos, mesmo com essas mudanças de passar a ser um direito, estabelecer que o esporte não é somente rendimento, e tudo isso para romper com a cultura da ditadura militar em que a educação física e o esporte de fato eram voltados para o alto rendimento. Ainda que tenhamos estabelecido essas diferenças entre as manifestações esportivas, não conseguimos ainda resolver o problema de adequar a prática às diferentes necessidades nos diferentes ciclos de vida. Esse ainda é um problema que persiste. O que eu mostrei para vocês não é o sistema em si, mas a visão que pode embasar a construção do sistema. Então, essa ainda é uma grande questão para o Brasil. Segunda grande pergunta, qual é a função, qual é o papel do Sistema Nacional de Esporte no Brasil? Quando falamos de Sistema Nacional de Esporte, o que vem à cabeça de vocês? Já sei que a pirâmide é uma coisa que aparece forte. O que mais vem? E o que o Sistema Nacional de Esporte tem a ver com isso? Mais alguma coisa? Não tem certo e errado, é somente para irmos pensando. Vocês falaram o dia inteiro sobre Sistema Esportivo Brasileiro; do que estamos falando quando pensamos em sistema? E eu sei que o Mazzei vai explicar ainda o que é o sistema, o que é um sistema esportivo. Pirâmide, desenvolvimento integral. O papel das instituições esportivas na promoção do esporte. A articulação estratégica dessas instituições todas. Diferentes níveis. Então, somente para começarmos a alinhar, existe uma definição mais técnica somente para entendermos de onde vem. O que é sistema? É colocar junto, organizar, articular, dar um sentido mais lógico para coisas que têm intersecção e que precisam estar articuladas, reunião de diversas partes diferentes. E é um pouco diferente de estrutura. O sistema é algo que é intencional. Temos uma estrutura esportiva no país hoje? Temos. Temos órgãos nacionais, temos comitês olímpicos, temos confederações, temos federações estaduais, temos clubes, temos as escolas, temos as organizações da sociedade civil, temos as associações de bairros, temos um monte de organizações, instituições esportivas, secretarias estaduais e municipais, ministério, tudo isso compõe uma estrutura esportiva que integra o esporte do país. Temos um sistema? Existe uma articulação lógica, pensada estrategicamente, voltada para objetivos de curto, médio, longo prazo,

para integrar o esporte da maneira que achamos que ele deva ser feito no país? Não. Por que não temos um sistema? Vamos responder um pouco mais para a frente. Então, não temos.

“Quando falamos em sistema esportivo no país, o que costumamos ouvir? Sempre exemplos de outros países: “Tinha que ser igual ao sistema cubano, que começa na escola, todo mundo pratica esporte, tem educação de qualidade, e tem atleta de alto rendimento”.

Pensando que não temos, como é que deveria ser? O que vocês imaginam? Vocês conseguiriam desenhar? Se tivéssemos mais tempo faria essa brincadeira com vocês, mas o que vocês imaginam? Como ele seria? Quem faz parte desse sistema? Falamos um pouco. Existe um jeito certo, uma fórmula mágica para se pensar um sistema? Não. Quando falamos em sistema esportivo no país, o que costumamos ouvir? Sempre exemplos de outros países: “Tinha que ser igual ao sistema cubano, que começa na escola, todo mundo pratica esporte, tem educação de qualidade, e tem atleta de alto rendimento”; “não, a solução é o sistema norte-americano, que o esporte está na escola e segue até a universidade, de lá saem os atletas olímpicos”, ou, “não, é o sistema francês”. Então, sempre nos remetemos aos outros países para tentar achar solução para o nosso país. Funciona? Talvez. Vamos lá, será que deveríamos ser como o sistema esportivo dos Estados Unidos? O que vocês acham? Sim ou não, e o porquê. Prós e contras.

Não identificado: Fazendo uma análise desse quadro, colocando o esporte rendimento no topo da pirâmide, dá a entender que seria o mais importante, seria onde merece mais atenção, enquanto talvez o mais importante seria a base, a base de tudo. Mas hoje há um foco maior no rendimento, a atenção é sempre maior na ponta e não na base.

Paula: Esse é um dos grandes problemas conhecidos e criticados. E agora perguntaria para vocês, onde é que estamos nós, os adultos, nesse sistema? Nós adultos, que somos atletas. Meio nebuloso. A gente está exatamente nessa zona cin-

zenta que o Cristiano falou. O que é interessante? Esse é um sistema muito conhecido, é a lógica do esporte rendimento, isso não temos que negar, isso não é ruim. É como o esporte rendimento funciona, e tem que ser assim, porque precisamos no topo da pirâmide dos caras que são mais competentes nas suas modalidades esportivas. A grande questão é quando isso comanda toda a política pública de um país inteiro. Acho que esse é o grande ponto. Onde é que nós estamos? Nós não existimos aqui. Se pensarmos que se o Brasil segue um sistema como esse, o esporte é um direito de todo cidadão brasileiro, mas ali ele não é direito, ali ele continua como privilégio. O que que é interessante? Nos últimos anos temos visto uma série de críticas vindas dos americanos sobre seu próprio sistema. Eu aprendi (eu não sabia disso) esta semana no seminário que aconteceu na Câmara dos Deputados, em Brasília, que esse sistema nunca foi intencional. Foi um processo construído espontaneamente, culturalmente, historicamente, dentro dos Estados Unidos. Foi assim que se estruturou e se organizou o esporte norte-americano. E que é extremamente desarticulado, por mais incrível que pareça. Eles não têm, por exemplo, um Ministério do Esporte para ditar políticas públicas. Por outro lado, temos uma experiência um pouco mais recente, que vem do começo do século, dos anos de 2000 e pouco, que é o sistema canadense. Alguém já tinha visto? E aí, o que que parece para vocês? Muito complexo? Esse aqui é o esporte rendimento, a pirâmide continua, as fases de seleção continuam, o que muda? Onde é que estamos nós aí? Continuamos na zona cinzenta? Tem uma corzinha mais bacana, um vermelhinho aqui para quem ainda se arrisca a competir em diferentes níveis, e tem uma área vermelha, vibrante, que é para quem está ativo. Pensando que eu começo o meu percurso esportivo aqui, mas que ele não se encerra, eu não tenho como única finalidade o esporte rendimento. Tenho várias possibilidades e, sejam elas quais forem, posso adotar um estilo de vida ativo até ficar velho, lá em cima. Então, essa é uma nova abordagem, é um sistema que tem influenciado muitas outras políticas públicas em outros países. Tivemos a oportunidade de ter alguns palestrantes responsáveis por esse sistema no ano passado em um evento que organizamos com o SESC-SP. Mas, funcionaria no Brasil? O que vocês acham? Será que dá conta das nossas demandas? Tem gente dizendo que não, tem gente que não acredita mesmo no país, não é? Então, isso é o desenho do sistema esportivo norte-americano; eu não vou explicar, obviamente, mas temos todas as estruturas esportivas voltadas para o Comitê Olím-

pico norte-americano. E aí têm os satélites, as ligas de igreja, a Associação Cristã de Moços também aparece em algum canto, o esporte comunitário. E esse é o sistema canadense, a estrutura canadense, na qual você tem os organismos internacionais, você tem os organismos nacionais, então, o Comitê Olímpico canadense, as organizações nacionais de esporte, a associação de técnicos, aqui algo que corresponde ao Ministério do Esporte, que é o Sport Canada, as organizações de nível provincial, e as organizações de nível municipal. Então, dá para entender que quando a gente está falando de estrutura de um sistema, é isso. Como é que será a estrutura do Brasil?

“Qual é o papel que a gente tem como profissional da área de esporte para fazer acontecer e fazer diferente?”

Enfim, tenho meio minuto. Acabou, último slide. Por que eu trouxe essas questões e um pouco deste exercício de perguntar a vocês? Porque acho que é esse o papel que a gente tem, daqui para a frente mais ainda, para se colocar no meio dessa história, ou não ficar esperando ou somente assistindo na TV se votaram o projeto de lei, se o projeto de lei foi aprovado ou não, se teve mudança, os clubes de futebol vão conseguir mais anistia? Vão continuar não pagando dívidas e tudo bem? Qual é o papel que a gente tem como profissional da área de esporte para fazer acontecer e fazer diferente? Nos vinte anos de trabalho na área, uma das coisas que sempre fizemos (a minha equipe do programa), o nosso questionamento, sempre foi essa visão desintegrada de esporte; é entender o esporte a partir das manifestações e não do sujeito. Sempre provocamos uma visão mais integradora, que é o título da minha apresentação. E estamos envolvidos também há alguns anos com a Rede Esporte pela Mudança Social, tivemos a oportunidade, com a mudança de Ministério e o trabalho de *ad hoc*, o trabalho político que a Rede tem feito para melhorar o esporte no país, temos uma oportunidade de ocupar uma cadeira no Grupo de Trabalho para a construção do Sistema Nacional do Esporte, alguém já ouviu falar? É um grupo de trabalho que foi instituído alguns meses atrás exatamente para propor um sistema esportivo para o país, e torcemos para que esse seja o grande legado que temos para deixar, porque isso não aconteceria se não tivéssemos os Jogos

Olímpicos e a Copa do Mundo. Isso, de fato, foi uma situação provocada por tudo o que temos visto no país. Então, somente para contar para vocês, sabem há quanto tempo temos o Ministério do Esporte no Brasil? 12 anos, ele foi criado em 2003. Também descobri esta semana que o Ministério da Educação é bem mais antigo, e ele ainda não conseguiu implantar o Sistema Nacional de Educação, estão tentando há 80 anos, o que é mais impressionante ainda. Nós. Novinhos, conseguiremos em menos tempo, tomara! Alguém daqui participou das Conferências Nacionais de Esporte que aconteceram em 2004, 2006 e 2010? É um papel fundamental para todos que atuam na área, inclusive psicólogos do esporte, para se fazerem ouvidos, para colocar qual é o papel do profissional, onde é que esse profissional de Psicologia do Esporte deve estar inserido. Então, foram três conferências que aconteceram em níveis municipal, estadual e nacional. Com base em todos os documentos, as resoluções e as conferências, junto com a análise de todos os modelos legais que têm regido o esporte no Brasil desde a década de 40. Esta semana foi lançado o *Diagnóstico Nacional do Esporte*, primeiro volume. Temos ainda mais 3 volumes ainda para conhecer. É uma grande pesquisa que o Ministério do Esporte fez sobre o que é o esporte no país, quem pratica, aonde, quanto custa, para onde vai esse dinheiro. E aí, finalmente, todos esses documentos, todos esses conhecimentos e informações que temos das conferências, dos modelos legais, a legislação que tem regido o esporte no país, o diagnóstico, temos atuado no grupo de trabalho junto com a Comissão de Esporte da Câmara dos Deputados, que tem uma subcomissão para traçar o Plano Nacional de Esporte no país. E esperamos que até setembro possamos apresentar um projeto de lei, porque aí não passa mais a ser uma política do governo X, Y, Z, mas passa a ser uma política de Estado, uma política instituída por lei, para que possamos melhorar e de fato ter um sistema lógico, uma organização que consiga, como preceito máximo, universalizar a prática esportiva para todo cidadão brasileiro. E aí, eu lanço a pergunta para vocês, qual é o papel do psicólogo do esporte nessa história toda? O que eu aprendi nesses vinte anos é que o meu fazer profissional, seja lá com aquela criança, ou seja aqui falando para vocês, ou seja representando a REMS no Ministério do Esporte, é que é um ato político, o tempo todo a gente assume e banca essa questão. Então, eu desafio vocês ajudarem a construir um espaço consistente, ético e relevante para o profissional de Psicologia do Esporte, fazendo do exercício profissional de vocês um ato político sempre. Obrigada. 🙏

Doutorando (joint-PhD) da Escola de Educação Física e Esporte da USP e pela Vrije Universiteit Brussel - VUB (Bélgica) [desde 2011]. Mestre de Gestão Desportiva pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto - FADEUP (2006). Ex-atleta profissional de judô. Atualmente é professor de ensino universitário e coordenador de projetos esportivos. Organizador do livro "Gestão do Esporte no Brasil: Desafios e Perspectivas".

Boa tarde. Todo mundo vivo ainda aí? Dormindo? Vou tentar falar rápido. Muita gente diz que eu falo devagar, então vou tentar falar mais rápido. A Lu, quando me apresentou, falou que eu fui atleta profissional de judô, eu me classifico assim, mas a própria legislação brasileira, para vocês terem uma ideia, o capítulo 3 mostra as finalidades e natureza do desporto no Brasil. Como a Luciana disse, fala da educação, participação, rendimento. No rendimento pode-se ter duas categorias, profissional e não profissional. O que se entende como esporte não profissional? Calma, não respondam, vou ler para vocês: "De modo não profissional, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio". Esse era o meu caso, eu era não profissional, mas eu recebia o que chamávamos de ajuda de custo. Consequentemente, eu não tinha direito às benesses da lei trabalhista, como imposto de renda e uma série de outras coisas, como décimo terceiro, férias, e por aí vai. Eu era atleta de uma modalidade olímpica, então você pode entender que eu parei de ser atleta, digamos, neste estado em 2005. Digo isso porque ainda vou competir este ano, recebendo para lutar jogos regionais. Fazendo esse *brainstorming* rápido, um monte de atleta está na mesma situação E, detalhe, alguns menores, muito menores: 14, 15, 16 anos. Então, à parte a questão atlética, esportiva de desempenho, aventurei-me na área acadêmica, hoje sou doutorando, termino meu doutorado este ano. Para não ser tão simples assim, inventei de ter duas orientadoras em duas instituições. Aqui acho que todo mundo já teve uma orientadora ou orientador na vida, então eu coloquei nisso um algo a mais. Não basta fazer, tem que ser difícil, certo? Inclusive, uma não fala nem português e nem inglês. Então, é um desafio constante. Eu preciso de psicólogo, às ve-

zes, preciso da Psicologia. Tentarei aqui fazer alguns *insights*, porque eu não vou ter todas as respostas do que o título da palestra traz. Vamos refletir aqui, e espero que o Cristiano no final consiga dar as respostas. Eu duvido, não é? Bom, coloquei aqui quatro tópicos para falar para vocês; eu vou dar uma contextualizada nesses dois primeiros tópicos, vou falar da nossa realidade enquanto sistema esportivo, daí vou colocar até umas possíveis respostas, da contribuição da Psicologia no que eu vou falar durante a apresentação. Nosso atual momento é o seguinte - é isso aí o que vocês estão lendo no slide -, principalmente as modalidades olímpicas; já que passou a Copa do Mundo vamos tirar um pouco o futebol desse contexto, se bem que no futebol, a cada dia e a cada jogo que passa, a cobrança é cada vez maior. O governo federal, e isso se traduz como Ministério do Esporte, colocou essa expectativa aí. Quando ele lançou o Plano Brasil Medalhas com um prazo razoável - esse lançamento foi em 2012 - logo agora, "nosso objetivo aqui é ficar, pela primeira vez na história, entre os 10 melhores nos Jogos Olímpicos".

"As pessoas em geral, na rua, na escola, nas universidades, no trabalho dizem "vamos ganhar muitas medalhas já que o objetivo é ficar entre os 10 primeiros". A mídia, impressa, televisiva, internet, o que vocês queiram, dizem "vamos ganhar medalhas porque vamos ficar entre os 10 primeiros, já que essa é nossa meta".

O Comitê Olímpico Brasileiro, não ao mesmo tempo, um pouco antes ou um pouco depois, também apresentou essa meta de "top 10" no número total de medalhas. Então, essas são as expectativas. Consequentemente e principalmente, eu acho, entre a mídia e os patrocinadores se propagada essa ideia: "Vamos ficar entre os 10 melhores". As pessoas em geral, na rua, na escola, nas universidades, no trabalho dizem "vamos ganhar muitas medalhas já que o objetivo é ficar entre os 10 primeiros". A mídia, impressa, televisiva, internet, o que vocês queiram, dizem "vamos ganhar medalhas porque vamos ficar entre os 10 primeiros, já que essa é nossa meta". Clubes e organizações esportivas esperam isso. O próprio cara que está ali treinando do lado dos atletas fala "a gente vai ganhar, já estamos com a mão na taça". Na Copa não foi assim? Somente faltava jogar! E principalmente a população cria a expectativa de que os resultados serão bons. Mas, não é tão simples assim. Esse é o quadro de medalhas dos últimos Jogos Olímpicos em Londres. Destaques: Itália, Hungria e Austrália ficaram em oitavo, nono, e décimo lugar no quadro de medalhas, no qual eles levam como critério principal as medalhas de ouro, não o total de medalhas. Então, esses conseguiram 8 medalhas de ouro, 7 medalhas; no total a Itália ficou com 28, a Hungria com 17, mas teve 8 de ouro, então está aqui em cima, e a Austrália com 35 medalhas. E o Brasil foi esse aqui. Não fiquem tristes, porque, na minha opinião pessoal, existem grandes chances de se cumprir a meta. Vai chegar entre os 10. Estatisticamente, ok? Existem estudos que tentam prever resultados e falam que vai ter uma curva agora, o fator casa é determinante, todos os atletas estão classificados, está tudo certo.

"Tivemos uma experiência que acho que até fica de tema para estudo. Veja o que aconteceu na Copa, qual o estado emocional dos atletas naquele momento, "aí, deu branco, 5 minutos".

Aliás, vou falar isso no final, pois tem a questão da Psicologia que influencia nos resultados dentro de casa, e por aí vai. Mas, vai ser difícil. E, com toda essa expectativa criada, na hora em que a maioria de nossos atletas vai estar competindo, como eles vão estar? Vou falar aqui em termos, talvez da Psicologia, qual vai ser o sentimento deles

na hora de decidir o ponto ou o resultado final do jogo? Tivemos uma experiência que acho que até fica de tema para estudo. Veja o que aconteceu na Copa, qual o estado emocional dos atletas naquele momento, "aí, deu branco, 5 minutos". Esporte de rendimento, na minha modalidade, judô, um piscar - não são cinco minutos - pode decidir tudo. Então, essa expectativa que se coloca, que infelizmente alguns órgãos oficiais colocam, me preocupa bastante. Porque isso vai tudo nas costas dos atletas. Seria muito bom se essas expectativas estivessem "linkadas" por um sistema. Temos um sistema esportivo? Respondam para mim, sim ou não? Quem acha que sim, levanta a mão. Quem acha que não? Nós não temos um sistema. Um sistema deveria ser o seguinte: teoria geral de sistemas, que vem principalmente da administração, tem aqui recursos, que recursos? Financeiros, humanos, materiais, acho que principalmente humanos. Esses recursos entrarão em uma cadeia de processos e isso vai gerar um resultado. Claro que isso é teoria da administração, estou pensando em termos gerenciais. Teve esse autor aqui, as referências estão embaixo, depois até disponibilizo a apresentação; ele coloca um pouco em relação ao esporte. Então, aqui na entrada tem que ter os talentos, o recrutamento, o pessoal, uma série de coisas, aqui vai ter o treinamento, as competições, o suporte, principalmente a gestão de carreira, os planos, e isso vai gerar padrões de desempenho que podem ou não gerar medalhas. Eu não posso chegar para um atleta de hóquei de grama brasileiro e falar que ele vai ser medalhista.

"Infelizmente, nós brasileiros pensamos em termos de medalhas, mas o resultado individual também é relativo".

Aliás, infelizmente a modalidade que somente seria no feminino, no caso do Brasil não tem índice mínimo, pois o índice mínimo é 90 na classificação mundial para participar dos Jogos. Não tem, então não posso chegar para algumas modalidades e dizer que vão ganhar medalhas. Calma, vamos ser realistas, se você chegar lá na fase final e ganhar um jogo já está ótimo. Infelizmente, nós brasileiros pensamos em termos de medalhas, mas o resultado individual também é relativo. Quando eu era atleta eu falava "não vou ser olímpico, não tenho esse nível". Na minha cabeça isso estava claro. Talvez, alguém falasse "não, você tem".

“Nós temos boas iniciativas para desenvolvimento esportivo desde a base até alto rendimento? Temos, mas eles são isolados. Cada um por si, Deus contra todos”.

Trabalha a motivação do cara, que aliás é essencial. Mas, tem que ser um pouco realista também. A melhor frase que define o Sistema Esportivo Brasileiro é essa daqui, que já é antiga, do professor Matsuda, acho que muitos de vocês já ouviram falar dele, e no capítulo de um livro ele definiu o seguinte: “O Brasil possui programas esportivos assistemáticos, ou seja, não tem um sistema, de forma que o Estado, clubes, família, se responsabilizam pelo desenvolvimento dos atletas”. Isso eu posso dizer para vocês. Nós temos boas iniciativas para desenvolvimento esportivo desde a base até alto rendimento? Temos, mas eles são isolados. Cada um por si, Deus contra todos. Se fosse desenhar um Sistema Esportivo Brasileiro, era essa figura aqui. Essas autoras fizeram uma análise documental da legislação brasileira e decifraram, tentaram desenhar um Sistema Esportivo Brasileiro. Nós temos de um lado organizações governamentais, do outro lado organizações não-governamentais. O Ministério do Esporte, a legislação esportiva, tem um conselho aqui no meio, mas geralmente ele repassa recursos financeiros, principalmente para o Comitê Olímpico Brasileiro - COB; o COB distribui para as confederações, as confederações comunicam com as federações estaduais, e as federações estaduais se comunicam com os clubes.

“Uma vez estava em uma reunião com ingleses e falei para eles disso, dos clubes aqui no Brasil, porque o conceito de clubes na Europa é outro, são clubes praticamente comunitários, não são privados. E eu falei “não, aqui são clubes privados; para você entrar lá, você tem que pagar”.

Então, esse sistema que a gente chama aqui é o Sistema Clássico Esportivo Mundial. Vou chegar aqui para você e falar “eu quero que seu filho

seja medalhista olímpico”, o que você tem que fazer? Calma, eu quero que seja de esgrima, ela é uma modalidade olímpica, o que você tem que fazer? O professor Gabriel aqui, meu colega de turma, por acaso, de graduação, respondeu à pergunta “você tem que colocar ele em um clube”. Mas os clubes no Brasil, 99% deles são privados. Quem aqui é sócio de clube? Que clube? É? Alguém é sócio de um clube, pelo menos? Militante. Uma vez estava em uma reunião com ingleses e falei para eles disso, dos clubes aqui no Brasil, porque o conceito de clubes na Europa é outro, são clubes praticamente comunitários, não são privados. E eu falei “não, aqui são clubes privados; para você entrar lá, você tem que pagar”. E aí você pensa na maioria da população brasileira, quem tem condição de ser sócio de clube? Somente nas últimas décadas, umas duas, três décadas atrás, além das organizações não governamentais, algumas prefeituras e associações começaram a abranger uma maior parte da população que era simplesmente excluída desse sistema. “Leandro, como você começou judô?”. Simples, minha mãe me matriculou na academia e a pagava. Era como se fosse um miniclube específico. Hoje já tem mais acessibilidade. Não se esqueçam que eu estou contextualizando em São Paulo, imagine no resto do país. Então, esse sistema é assim mesmo. E não é somente aqui, não, é no mundo inteiro. Mas, para nós o fato de os clubes serem privados é uma barreira muito grande para que você coloque o seu filho em um sistema esportivo não governamental que dará acesso às equipes de alto rendimento a longo prazo. Nós temos o nosso sistema governamental. Qual é o problema aqui? Na verdade, tem pontos positivos e negativos. Positivo, segundo a nossa legislação, Constituição Federal, os estados e municípios têm autonomia para fazerem suas próprias legislações, principalmente do esporte. Que bom, então o Estado do Amazonas, o município de Manaus, eles vão fazer as políticas de acordo com a realidade deles, ótimo! Qual é o ponto negativo? Não tem um mínimo a ser cumprido. Então, a legislação educacional, por exemplo, é clara, “a prioridade do município é a educação infantil”. Pode ter o fundamental 1, 2, e o médio, até a universidade? Pode, mas a prioridade é infantil. Estado, prioridade, fundamental 1 e 2, e médio. Pode ter universidade, como por exemplo a Universidade de São Paulo, por aí vai? Pode ter creche? Pode, mas a prioridade é o ensino básico. Federal, qual é a prioridade do sistema educacional? Universidade. Tem colégio federal? Tem, mas a prioridade é a universidade. Se tivesse esse mínimo no esporte, aliás não sei se vocês estão discutindo sobre isso, já? Se tivesse esse mí-

nimo já ajudaria bastante, mas o problema aqui é que não tem conexão. Bom, agora vou acelerar. Tem essas referências aqui para que vocês visualizem como são em outros países. Esse autor aqui relata nove sistemas, inclusive Rússia, Estados Unidos e China, dentre eles. E vocês vão ver que o Brasil, naquele outro desenho anterior, não está muito longe do que o resto do mundo faz. Mas, em uma comparação de sistemas, onde vou mostrar o resultado de um estudo, dá para comparar sistemas, país com país? Dá. É que nem comparar frutas, existem duas frutas, certo? Elas são diferentes por "n" motivos, mas são classificadas como frutas. Então, a pesquisa que eu vou mostrar agora comparou somente sistemas, independentemente da economia e cultura do país. Comparou somente esporte. Essa pesquisa que vou mostrar é internacional, o nome do modelo é "SPLLIS (Sports Policies Leading to Sport Success)", estão aí as referências para vocês poderem ver com calma depois. O "SPLISS" é um modelo de comparação que compara um sistema esportivo em nove coisas. 1 - o suporte financeiro; 2 - a política ou abordagem que se dá para o esporte; 3 - a participação esportiva; 4 -, desenvolvimento de talentos; 5 - suporte para carreira. Então, esse é um fluxo sistêmico desportivo geral. E aqui o que dá suporte para esse sistema, instalações esportivas, qualidade dos técnicos e treinadores, calendário de competições, tanto nacional quanto internacional, participação em competições internacionais e pesquisas científicas aplicadas ao esporte. Então, essa pesquisa internacional foi feita em 16 países e comparou tudo isso entre eles. É óbvio que em 2008 foi a comparação de 6 países. Existe este livro publicado para quem se interessar, a referência está aqui, e eles fizeram uma segunda versão comparando todos esses países aqui, inclusive o Brasil. O resultado do Brasil é este aqui. Então, aqui no traçado tem a média de todos aqueles 16 países, em azul o Brasil. Olha que a gente tem coisa boa. Nós temos dinheiro, mas não sabemos usar. Ou a gente não tem a gestão necessária para usar o fluxo de recursos, principalmente motivados pelos grandes eventos, para criar estruturas que ficassem a longo prazo. Então, pilar 2, que é estrutura, está abaixo da média. Pilar 3 e pilar 4 são os piores. Quando eu falo em participação esportiva, eu não posso somente falar de futebol, que é o que o relatório do esporte apontou. Aliás, nem de musculação, diga-se de passagem, que é o segundo ou terceiro mais praticado lá. Musculação não é esporte, é atividade física. Eu tenho que falar de esgrima, eu tenho que falar de judô, eu tenho que falar de rugby, eu tenho que falar de vôlei, e por aí vai. "Professor, eu quero falar de

esgrima", então pergunta, aonde você vai praticar? Em que espaço você vai praticar esgrima? Tem um professor capacitado para ensinar isso para a molecada? Estou falando de um ponto fora da curva, que é a esgrima. Agora, imagine para as outras modalidades. Então, o pilar 3 é baixo, sistema de talentos não tem, depende muito da modalidade. Vou falar um exemplo aqui, peneira de futebol, como você vira jogador profissional de futebol? Você faz uma entrevista com os jogadores (a Luciana fez) e fala "olha, tem empresário aqui e tal". E se você não tem? Pós-carreira e suporte da carreira está baixo. Instalações esportivas baixo. Qualidade dos técnicos e desenvolvimento dos treinadores, que é a capacitação inclusive, formação, está baixo. Competição a gente está na média, até pelo volume de competições que vieram para o Brasil nesses últimos anos. Pesquisa científica está baixo. Olha o Japão, que é da Olimpíada em 2020. Ano que vem é aqui no Brasil. Aí a minha orientadora, que faz modelo, falou "olha que ele legal" eu falei "não". Bom, e ainda tem essa aqui, essas quatro notícias que eu coloquei aqui, desde 2001 o governo sabia sobre corrupção na CBF. Qual o impacto que isso tem nos atletas? Porque tem, não adianta eles falarem que não tem. Mesmo sem credibilidade, o basquete tem o apoio do governo para novo patrocínio.

"A Federação Nacional de Basquete disse "ou vocês pagam o que tinham que pagar para competir o mundial ano passado ou vocês não jogam os Jogos Olímpicos no Brasil", que legal!"

Não sei se vocês seguiram esta semana, mas o basquete corre risco de não participar dos Jogos Olímpicos, é uma pressão, mas é. A Federação Nacional de Basquete disse "ou vocês pagam o que tinham que pagar para competir o mundial ano passado ou vocês não jogam os Jogos Olímpicos no Brasil", que legal! Fraudes no vôlei e o bombástico relatório da CGU, escândalo do contrato de patrocínio com o Banco do Brasil, por acaso, até nisso o vôlei foi mais profissional que o restante, porque a primeira atitude do presidente foi pedir renúncia, onde você vê isso no Brasil? Renúncia? Pedir renúncia? E tem outros casos aí. Bom, algumas reflexões possíveis, algumas reflexões da Psicologia, eu vejo que não dá para interferir num sistema que não tem

sistema, mas dá para interferir diretamente na gestão da carreira dos atletas, e eu acho que isso, a maioria aqui imagino que seja psicólogo, vocês podem ajudar muito. Vocês conhecem a atleta Ketleyn Quadros? Foi a primeira mulher medalhista olímpica numa modalidade individual, ela ganhou em 2008, ficou fora de Londres e está tentando retornar agora. Vai ser muito difícil, mas ela deu uma entrevista em que ela declarou que “eu era muito nova e tive que lidar com isso”, ou seja, ela ganhou a medalha, todo mundo começou a convidar ela para eventos e simplesmente ela esqueceu de treinar e se você é atleta e você não treina, tem alguém treinando ali no seu lugar, aliás, para roubar o seu lugar. Caso semelhante aconteceu com o Diogo Silva, primeira medalha nos Jogos Pan-Americanos de 2007. Começou a dar entrevista e em 2012, nos últimos jogos, ele deu a seguinte declaração: “Sem medalha olímpica, a gente volta para o buraco de novo”, emocional bom. E vai tentar vaga agora de novo, mas você imagina o elefante que ele está carregando, o mundo que ele está carregando nas costas para competir lá. Família Falcão, recentemente o pai, depois do programa do Luciano Huck, colocou fogo na casa, os atletas, os dois, Esquivia e Yamaguchi Falcão, deixaram o boxe olímpico e foram para o boxe profissional, dinheiro. Quem gerencia a carreira deles? Por outro lado, tem exemplos bons, aqui tem a declaração de uma medalhista de ouro, Sara Menezes, do judô: “Fiz um trabalho psicológico muito forte com a Luciana Castelo Branco” (nome da psicóloga) “e sentia muita pressão em Olimpíadas”, ela já tinha competido em Pequim, “você sente ainda mais”, nas Olimpíadas você sente ainda mais, “o trabalho fez com que eu conseguisse lutar bem e o ouro chegasse, já me senti muito bem na vila olímpica, dormi bem, estava bem, ou seja, fui atleta”.

“O psicólogo do esporte não vai fazer com que a derrota fique normal, perder ou ganhar é normal do esporte, mas o atleta tem que ter uma certa vontade de ganhar, agressividade, motivação”.

Fechando, eu acho que é necessário dentro dessa salada sistêmica que nós vivemos, com todas as dificuldades que nós temos, o essencial são equipes multidisciplinares e um psicólogo ali é fundamental. Detalhe, pessoal, o psicólogo do esporte

não vai fazer com que a derrota fique normal, perder ou ganhar é normal do esporte, mas o atleta tem que ter uma certa vontade de ganhar, agressividade, motivação, ele não pode falar “ah!, perdi, tudo bem”, eu estou falando isso porque isso já aconteceu, principalmente na minha modalidade judô, deixaram os caras mansos, perdeu, o cara já entrou “se eu perder tudo bem”, não dá. Não pode, não faça isso. São outras coisas que vocês têm que trabalhar com eles “você tem que estar com a cabeça focada ali para vencer”, essas expectativas para 2016 podem ser mais um, ou muda ou acaba, fazendo uma associação com o futebol, ou muda ou vai acabar, por incrível que pareça, na minha opinião.

“Não adianta chegar na véspera do jogo: “Psicólogo do esporte, me salva”; o trabalho é a longo prazo. Então, quando você vir que existe, pode ter certeza que tem um gestor atrás disso que conta com essa pessoa, ou alguém que falou, precisa”.

Necessidade de um sistema esportivo brasileiro, nas reuniões, provavelmente os atletas pelo Brasil estão lutando, assim como a Paula está. Precisa ter algo mais claro, qual o papel de cada um, o que precisa para que o esporte realmente seja massificado ou mais popularizado no Brasil. E deixo essa mensagem para vocês. O bom gestor tem que saber que o psicólogo é necessário. Não adianta chegar na véspera do jogo: “Psicólogo do esporte, me salva”; o trabalho é a longo prazo. Então, quando você vir que existe, pode ter certeza que tem um gestor atrás disso que conta com essa pessoa, ou alguém que falou, precisa. Obrigado e espero perguntas no final, espero não ter me prolongado muito. Esse atleta aqui, depois dos jogos, o Leandro Guilherme, que já tem duas medalhas olímpicas, e já disputou a terceira, e se alguém me perguntar se “ele tem chances para 2016?”, eu falo “muito difícil”, mas ele era o primeiro do ranking e foi lá e perdeu. E aí uma outra falha nossa no Brasil vem crítica de tudo quanto é lado, até da sua mãe: “Meu filho, você é ruim, você ganhou duas, mas não ganhou a terceira, olha como você é ruim”, calma gente, isso também tem que ser trabalhado com os atletas, que existe vida após os jogos, após as competições. Obrigado. 🙏

Professor Associado da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, docente orientador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP; psicólogo; livre-docente pela USP. Realiza pesquisas em Psicologia do Esporte pela perspectiva fenomenológica.

Obrigado, Paula e Leandro, pelas apresentações. Acho que isso vai com os “ganchos”. Estamos em vias de encerrar a Segunda Mostra Estadual de Práticas em Psicologia do Esporte, para a qual eu acolhi com gratidão a oportunidade de compor esta mesa. Como professor e pesquisador, as minhas preocupações são, particularmente, científicas e particularmente dadas à fundamentação racional dos entendimentos, das práticas e dos conhecimentos em nossa área.

“O que se visa é explicitar e não ocultarem abstrações, aquilo que move cada um de nós em nossas próprias práticas”.

Há uma razão para, mesmo este não sendo um momento acadêmico, optar por propor este momento, a título de diálogo teórico, quando falamos de nossas práticas em Psicologia do Esporte, falamos de algo que está sempre intensamente arriscado a um deslize, o deslize de uma reprodução inconsequente, uma “cronificação” que encontra num questionamento e em uma problematização seus melhores anticorpos. Um diálogo teórico visa então, em nossa Mostra, dar uma linguagem comum a práticas que só se configuram com precedentes, circunstâncias, motivações que as fazem particulares, singulares, únicas e que as une, só pode ser compreendido com uma passagem que busque em algum nível teorizá-las.

Assim, o que se visa é explicitar e não ocultarem abstrações, aquilo que move cada um de nós em nossas próprias práticas. Claro que nem tudo que move psicologicamente cada um aqui presen-

“Se de tempos em tempos não nos déramos ao desafio de explicitar esse sentido, ele mesmo fica mais vulnerável a se consumirem repetições crônicas que o contradizem, fechando-se em um hábito técnico”.

te pode ser explicitado, entretanto há algo, sim, que com um fundo comum, podemos dizer com segurança e convicção que nos mova, tratasse do sentido ético daquilo que se faz, daquilo que se pretende. Se de tempos em tempos não nos déramos ao desafio de explicitar esse sentido, ele mesmo fica mais vulnerável a se consumirem repetições crônicas que o contradizem, fechando-se em um hábito técnico. É fácil aqui, interromper-se no incômodo da constatação de que cada um tem seu sentido ético particular e isso não deixa de ter algo de verdadeiro. Propõe que tentemos dar um passo adiante para acharmos, mesmo na particularidade moral, a unidade desse sentido e a necessidade de busca incessante por essa linguagem comum que nos permita assumir um posicionamento eticamente mais consistente, menos psicológico ou psicologista, mais ciente de si e de tudo aquilo que em nós o ameaça, fazendo da vida uma aventura e uma interminável luta ética pela humanidade, a qual a Psicologia pode ou não servir. Aqui, pelo tema da mesa, deve-se ainda cumprir uma articulação desse sentido ético com estrutura e gestão do sistema esportivo brasileiro, uma vez que o título que me foi proposto para fazer essa intervenção é “Contribuições da Psicologia do Esporte, um projeto ético político para a formação da subjetividade no sistema esportivo brasileiro”. No zelo humano uma prática esportiva e seus praticantes, ou

para ampliarmos nosso alcance, no zelo para com as questões próprias da pessoa em movimento corporal, entramos, certamente, no domínio mais próprio, embora não exclusivo da Psicologia do Esporte.

“Entendo que seja precisamente nesta relação que more a possibilidade de se pensar um projeto ético-político que vise a formação da subjetividade no sistema esportivo brasileiro, ou seja, no sistema esportivo atento aos desafios da realidade de nosso contexto, esses desafios que vocês também mostraram estar enfrentando”.

Já quando se fala em estrutura e gestão, toma-se alguma distância daquilo que é visivelmente mais imediato à prática concreta da Psicologia do Esporte, mas não há distância com relação as suas preocupações, embora os instrumentos de gestão e seus conceitos e procedimentos sejam domínios pertinentes a outra área. Uma, porém, pode e deve servir a outra, pois se referem a níveis diferentes de ação e relação com os praticantes e os não praticantes de atividade física que na melhor das hipóteses estarão em consonância e terão coerência. Entendo que seja precisamente nesta relação que more a possibilidade de se pensar um projeto ético-político que vise a formação da subjetividade no sistema esportivo brasileiro, ou seja, no sistema esportivo atento aos desafios da realidade de nosso contexto, esses desafios que vocês também, pelo que eu pude falar ao longo de todo dia, mostraram estar enfrentando. Para nortejar tal projeto, não restando numa perspectiva ideológica, é preciso ir em busca de critérios éticos referenciais aos quais, algo que, de maneira que soa quase idealista, podemos chamar de amor ao esporte, se manifeste e se atualize, chamando como se quiser, paixão, gostar, zelar, todas as suas práticas visam qualificar melhor isso que se ama, porque se o quer bem, porque se o quer belo, porque se o quer justo, porque se o quer verdadeiro, que é o esporte, mas aqui eu abstraio excessivamente. O que é isso, o esporte, a atividade física que se ama. A bem pensar, viria também um ou muitos modos de ser do esporte e da atividade física que não amam, eu detesto.

“A caracterização do esporte como fenômeno raso nos mostra como ele não é, por si, produtor de ideologias, mas as absorve, reproduz, expressa ao sabor de usos tão variados como foram os nacionalistas, fascistas, comunistas e capitalistas”.

Não pretendo dar maior espaço a eles aqui, apenas fazer ver que um e outro, a atividade física e o esporte são uma abstração, são conceitos vazios, movimentos com gasto energético maior que o repouso, prática corporal competitiva e institucionalizada, composta por fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos. É com relação a nossa experiência com essas atividades que elas ganham cor, mas também, por que não, principalmente, com relação ao imaginário e o modo que são informadas e reguladas socialmente. Essa caracterização do esporte como fenômeno raso nos mostra como ele não é, por si, produtor de ideologias, mas as absorve, reproduz, expressa ao sabor de usos tão variados como foram os nacionalistas, fascistas, comunistas e capitalistas. Mesmo em experiência acadêmica na área, não deixo de me estarrecer com a mentalidade fascista de que muitos fazem apegar-se ao esporte. Todas essas grandes narrativas ideológicas já foram decifradas como supertécnicas político-sociais, assim, com relação ao esporte, muitas vezes, por se fixar numa dada ideia ou imagem de bem, belo, justo e verdadeiro, perde-se o devir aberto a circunstancialidades que exigem saber ler, que exigem a abertura recíproca de nossa parte, exigem nossa constante reflexão e intervenção, a fim de cumprir nosso papel de psicólogos para que aqueles envolvidos em diferentes posições e com as diferentes instituições esportivas, não distorçam seus melhores fins em fixações ideológicas, instrumentais. Todo o conhecimento e desenvolvimento técnico nasce com uma intenção ética, uma intenção de melhoria, mas quando passa a substituir a intenção pela própria técnica, a reifica, afetifica, torna-se um tecnicismo instrumental, ao invés de visar a intenção de vida boa, a intenção ética, visa a si mesmo a se realizar e, por essa via, a nos realizar como seres instrumentais e técnicos, falhando nossa própria dimensão ética. Vive aqui o enorme perigo de uma Psicologia do Esporte tec-

nicista. Talvez um dos mais gerais dos exemplos contemporâneos que se possa dar disso, seja o caso do biopoder, esse que nos faz crer que a atividade física deva ser entendida como necessária, principalmente em função de sua capacidade de prevenção de doenças crônico-degenerativas, por exemplo. Graças a autores como Giorgio Agamben, Hannah Arendt e Foucault, sabe-se como essa ênfase na vida nua, a dimensão meramente biológica de uma vida vivida para ser sobrevivida, isto é, uma vida que menos a esfera da dignidade e mais a esfera da idade com um fino verniz de qualidade de vida, pauta ordem política com áreas de hegemonia mundial de modo a tirar de cena da vida pública questões decisivas como a política pautada pelo bem comum, na convivialidade, no debate aberto aos múltiplos pontos de vista.

“O alto rendimento que, para o bem e para o mal, é uma vitrine que poderia servir para tantas coisas, para tantos valores, como o de divulgar e estimular a prática para todos, a se tornar amplamente um destino em si”.

Não deixa de se tratar de um novo higienismo, no qual a eugenia não levanta bandeiras, mas é posta à disposição no mercado das tecnologias biomédicas, como engenharia biomédica, e tem como um dos principais *standards* a supereficiência espetacularizada no esporte de alto rendimento. Já tangenciando a gestão, o alto rendimento que, para o bem e para o mal, é uma vitrine que poderia servir para tantas coisas, para tantos valores, como o de divulgar e estimular a prática para todos, a se tornar amplamente um destino em si. Ilustra isso claramente, o que se faz com os jogos regionais no Estado de São Paulo, as competições que deveriam promover, estimular a iniciação e formação esportiva nas diferentes regiões e cidades, acaba sendo um momento em que boa parte das secretarias municipais do esporte investe o grosso do seu orçamento na contratação de atletas de fora para representá-las. A prática, perversamente destrutiva, já é naturalizada em todas as instâncias, inclusive pelos atletas. Os dados do diagnóstico do esporte e do ministério assinalam 45% de brasileiros fisicamente inativos, sedentários.

‘É somente a valorização local que tem esse poder, a disponibilização de um sistema que torna o esporte a atividade física, o lazer, a promoção de saúde pela cultura corporal de movimento, algo ao alcance da mão dos cidadãos e para todos de todas as idades’.

São 75%, segundo o IBGE, os que não fazem atividade física como esporte ou lazer, ou seja, em seu tempo livre, assim, 30% da população é fisicamente ativa em função de suas atividades laborais e deslocamento cotidiano. O sistema nacional do esporte, sua estrutura e gestão, devem estar atentos as suas relações existentes entre esses fatos e dados, a visibilidade e valorização social do esporte não vai de par com o aumento da incidência de seus praticantes. É somente a valorização local que tem esse poder, a disponibilização de um sistema que torna o esporte a atividade física, o lazer, a promoção de saúde pela cultura corporal de movimento, algo ao alcance da mão dos cidadãos e para todos de todas as idades; trata-se de pensar uma educação física pública. A vida ética e subjetividade que devemos almejar enquanto psicólogos, é aquela que vê nas instituições fontes de integração pessoal, de fomento da vida boa. Isso não se faz a sós, individualmente, como destaca Axel Honneth, já que depende da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal. Sinto que os indivíduos se constituem como pessoas, unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a quem cabem determinadas propriedades e capacidades. A gravidade disso, em relação aos nossos padrões de movimento corporal, é que a dimensão da corporeidade constitutiva da integração pessoal sofre uma ausência de reconhecimento da sua diversidade que vai de par com o reconhecimento valorado quase exclusivamente a tipos bastante uniformizados, razão pela qual a maioria da população não se identifica enquanto seres de direito, estima e confiança para se mover com qualidade, isto é, exercer o prazer do movimento pelo movimento não utilitário, não laboral. Aqui é fundamental a importância de designar a esfera do corpo enquanto dimensão constitutiva da pessoa, não apenas o corpo que se tem, por objeto, mas o corpo vivido, corporeidade, designá-las serve

para sensibilizar para algo negligenciado, inclusive pela Psicologia, seja devido as suas epistemologias mentalistas, seja muitas vezes devido a abordagens sociais racionalistas que enxergam, no cuidado corporal e no esporte, signos de individualismo e de ideologias. Com relação à cultura corporal do movimento, a corpos socialmente mais sujeitos a exclusão, em diferentes segmentos e âmbitos, serão os corpos fora dos padrões de forma física, os obesos, por exemplo, fora dos padrões de habilidade motora, os ruins de bola, por exemplo, corpos expressivos da diversidade social, étnica, de deficiências e deformidades, assim como em diferentes classes sociais os corpos de mulheres e idosos, estes, todavia, são corpos visíveis, e quanto aos invisíveis? São aqueles que foram excluídos, não em função de qualquer signo de visibilidade, mas por sua experiência histórica. Quais são essas histórias de exclusão que se inscrevem em nossos corpos, com potência suficiente para imobilizá-los, para afastá-los da cultura corporal de movimento, visíveis ou invisíveis, essas inscrições são sempre históricas, e é por isso que na Psicologia do Esporte sem historicidade, fechada em técnicas e conceitos, é cega e surda para a realidade com a qual atua. É na substância das histórias comunitárias e pessoais que a estrutura intersubjetiva da identidade pode encontrar seus nexos de integração, ou por outro lado, as experiências de esgarçamento pessoal em que a cultura corporal de movimento parece não encontrar lugar, não encontrar reconhecimento para tantos. Os níveis de inscrição corporal são equivalentes aos níveis em que se inscrevem três aspectos psicológicos cruciais para a integração pessoal. O primeiro é o da autoconfiança, se inscreve na experiência de amor, nosso amor às práticas corporais por serem reveladoras de esferas tão essenciais de nossos próprios seres, nos impede a trabalhar com viças a que outros também vivenciem essa experiência e com ela a autoconfiança em suas capacidades próprias. O segundo encontra num reconhecimento jurídico do poder público a possibilidade do autorrespeito, de saber-se com direito a, sem precisar pedir licença, definindo suas escolhas sem depender do favor de alguém, mas com autonomia regularmente assegurada.


“Direito, estima e confiança, encontram possibilidades de se realizar correlativamente a padrões de relações intersubjetivas, isto é, padrões de reconhecimento”.

O terceiro encontra a autoestima no reconhecimento próprio a experiências de solidariedade, de saber-se socialmente estimado em suas capacidades na cultura de movimento corporal e não depreciado. Direito, estima e confiança, encontram possibilidades de se realizar correlativamente a padrões de relações intersubjetivas, isto é, padrões de reconhecimento. Sem esses padrões positivamente vividos, o que não depende do indivíduo por si mesmo, é a autorrealização humana que se compromete, trazido para nós isso significa não se ver como sujeito com direito de exercer a atividade física, algo que afeta o autorrespeito devido às próprias possibilidades de viver o corpo e movimento como um corpo capaz, e isso dentro de seus referenciais próprios. Aqui, porém, não se trata de um corpo pensado, um corpo de direito, mas de um corpo vivido, um corpo que não encontra no sistema esportivo brasileiro acolhida, não se sente convidado a se mover, mas se vê como sem direito a, vive negligenciado porque não se conhece, não se reconhece, apenas se confere diferente do padrão uniformizado que disponibiliza o movimento para muito poucos; trata-se, em diferentes níveis de reconhecimento, de um corpo que não vive qualquer pertencimento efetivo a cultura corporal de movimento; no mais das vezes, o pertencimento cultural é impedido por uma relação de consumo, uma relação meramente social, ao modo do mercado, onde vige certo anonimato no registro de um modelo de dever ser corporal.

“O sistema nacional de esporte nos diferentes níveis de conhecimento encontra na estrutura, na gestão e na Psicologia do Esporte, paralelos significativos para se pensar um projeto ético-político para formação da subjetividade”.

Nesse registro, é especialmente o corpo objeto que é enfatizado, onde conta muito pouco com a prática que envolva subjetivamente a corporeidade numa cultura corporal de movimento em que haja senso de pertence. Nesse sentido, é como se a possibilidade de apropriação dessa cultura, a possibilidade de qualificar uma esfera decisiva para a integração pessoal

de si mesmo fosse excluída, passa fora de alcance, a não ser quanto a objeto de consumo, produto reduzido a mercadoria. O sistema nacional de esporte nos diferentes níveis de conhecimento encontra na estrutura, na gestão e na Psicologia do Esporte, paralelos significativos para se pensar um projeto ético-político para formação da subjetividade. Os níveis mais elevados, situados no registro jurídico e social, encontram seus correspondentes num trabalho de gestão e precisa ter congruência nos níveis mais elementares de reconhecimento, que tem na Psicologia do Esporte seu campo de cuidado e atenção. O diálogo, a congruência entre esses diferentes níveis, deve ser estruturante, a fim de que a gestão seja responsável por promover um sentido de pertencer a cultura corporal de movimento e promover com competência e eficiência um sentido que encontrará na Psicologia do Esporte seus processos de mediação e realização. Passa-se aí de um nível social, em que a regulação do sistema o coloca como um objeto à disposição e de direito à população, a um nível de relação e reconhecimento comunitário, não mais

de objeto, não mais de equipamento e técnica destinados ao corpo, embora nem sejam necessários, não mais anônima, mas de pessoa a pessoa, corpo a corpo, onde o movimento seja fruto e fonte de confiança, de amor a uma possibilidade de si mesmo ainda tão negligenciada para a maior parte da população, fonte de estima em relações solidárias, atualizadas em comunidades afeitas a conhecer e viver a qualificação cultural dos movimentos dos seus próprios corpos, sem vergonha, sem medo, sem rebaixamento e sim, ao contrário, altivas, corajosas e plenas de dignidade de suas singulares capacidades corporais e do imensurável alcance dessas experiências para autorrealização pessoal. A estrutura e a gestão do sistema nacional do esporte, para concretizar um projeto ético-político para formação da subjetividade, tem que favorecer o estabelecimento de um devir sempre mais pautado, mais norteado pela ideia de fazer do esporte uma instituição justa, orientada pela equidade, só assim a vida boa com e para os outros, essência da ética, pode se tornar realidade no esporte e atividade física. Obrigado. 

Ricardo Santoro

Psicólogo pela PUC/SP, Especialista em Saúde Mental, Idealizador da Copa da Inclusão; Professor de Psicologia da FMU; Coordenador das Residências Terapêuticas Vila Monumento e Mandaqui I.

Primeiramente, quero humildemente parabenizar os slides do professor Leandro, muito esclarecedores em termos de sistema, gráfico, desenho e na verdade acho que não é uma questão, porque a moda agora é usar o termo provocação; acredito que o professor Leandro tem uma visão tecnicista do esporte; então, na fala do professor Cristiano, ele fez uma crítica pontual na organização dos jogos regionais aonde, ao invés de ter a promoção esportiva da participação, tem a questão da competição e até da contratação de atletas, para este caso, na qual você é atleta, professor Leandro. Então, gostaria de saber qual é sua visão disso, qual a sua opinião em relação a essa crítica dentro do contexto da construção do sistema. Por gentileza, a sua colaboração quanto a isto. 🙏

Psicólogo pela PUC/SP, Especialista em Saúde Mental, Idealizador da Copa da Inclusão; Professor de Psicologia da FMU; Coordenador das Residências Terapêuticas Vila Monumento e Mandaqui I.

Obrigado, Ricardo, pela sua provocação. Muito pelo contrário, eu não sou tecnicista, não. Estava comentando com os meus colegas, eu dei aula para crianças há um bom tempo e sou da mesma linha de raciocínio do Cristiano; também simplesmente apresentei um quadro aqui com relação ao esporte de auto rendimento. O que eu falo com relação ao tecnicismo é que vivemos isso num período histórico no nosso país, que acabou coincidindo com o final da ditadura militar; acho que a Paula colocou isso, que foi essa democratização do esporte e convencionou-se de falar que o que veio antes é coisa do demônio, vou colocar assim, tudo ruim. E aí foi do 8 ao 80 e eu sou formado em Educação Física, esporte em Educação Física, o que acontece hoje, você não encontra profissionais formados para trabalhar com esporte, você encontra profissionais formados em Educação Física e quem aqui é profissional de Educação Física, principalmente licenciatura que é o meu caso, sabe que a Educação Física não é esporte. E aí tem um hiato: quem trabalha com esporte, então, da maneira como se tem que trabalhar? Seja no rendimento, seja na participação, seja na educação, porque eu dei aula na graduação, convicto de que o profissional de Educação Física hoje não é preparado para trabalhar com esporte, ele é preparado para trabalhar com Educação Física. E quem trabalha? Responde para mim, se alguém conseguir responder. "Ah! é um ex-atleta?", pode ser, desde que ele seja preparado para isso, porque senão ele só vai trabalhar com o rendimento. Nos jogos regionais, vou representar minha cidade, que é Ribeirão Preto, eu sou de lá, e é muito interessante essa minha participação porque eu, enquanto ex-atleta, vejo que posso contribuir para quem está como atleta hoje, é esse o meu papel. Fico indignado de eu ter espaço de participação, na verdade porque eu não deveria participar como atleta, deveria participar como, não digo técnico, mas consultor ou algo do tipo, não como atleta. E eu participar como atleta quer dizer que não está

"Eu vim falar do esporte rendimento, mas tem algo por trás para chegar no rendimento que é a participação, tem eu como ex-atleta, qual o meu papel no esporte como ex-atleta?"

existindo um trabalho bom com esporte em Ribeirão Preto, porque eu não moro lá, apesar de ser de lá, fui atleta de lá, fiz 16 anos, representei jogos regionais, jogos abertos, fui medalhista de jogos abertos com 16 anos, tem a capa do jornal, a cidade, e eu voltar pessoalmente é simbólico, eu quero ir para contribuir, eu não gostaria de estar indo como atleta, mas foi o que o meu técnico falou "eu quero que você esteja presente" e eu aceitei a proposta.

O ideal seria que eu ficasse lá em Ribeirão, fizesse um trabalho com os mais jovens (eu vou fazer isso), só que só nos momentos dos jogos, os jogos abertos serão em Ribeirão Preto, então tem isso, tem a cobrança e expectativa para o resultado, mas eu gostaria de outras expectativas, o que vai ficar depois dos jogos abertos, assim como nos Jogos Olímpicos, o que vai ficar para o Brasil? E essas expectativas eu coloquei com relação a resultados em si, porque as outras, depois, eu não gosto nem de falar, vocês viram o gráfico que eu mostrei, eu comentei aqui antes da minha apresentação que "é chato vir falar que o nosso futuro é negro, não tem boas perspectivas", então é isso, eu acho que a palavra do Cristiano é perfeita, é claro que eu tive vinte minutos e ainda extrapolei o tempo, porque poderia ficar falando disso o dia todo. Eu vim falar do esporte rendimento, mas tem algo por trás para chegar no rendimento que é a participação, tem eu como ex-atleta, qual o meu papel no esporte como ex-atleta? É o que a Paula mostrou, nós não temos, tem a taxa cinza que é rosa, que não tem. E por acaso eu consegui um espaço com um híbrido de ir lá em Ribeirão Preto, na minha cidade, contribuir de alguma forma. Eu prefiro assim do que há 5 anos quando fui representar Sertãozinho, lutei contra minha cidade e ganhei, isso é o pior de tudo, aí eu fiquei mais indignado ainda, falei "não, não é possível", não é possível porque não existiu renovação, algo está errado, eu vejo isso. 🌍

Roberta Freitas Lemos

Doutoranda em Ciências do Comportamento pela UnB. Assessora Parlamentar no Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Experiência de atuação na interface entre Psicologia e Esporte no Instituto Passe de Mágica, Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e Projeto Esporte Talento.

Na verdade, é para os três que comentaram, e também direcionada ao Cristiano. Eu tenho estudado, sou psicóloga, também sou formada em esporte, mas eu sou psicóloga com orientação em análise do comportamento; tenho estudado bastante a contribuição do psicólogo, principalmente o analista de comportamento, em larga escala, tenho tentado focar bastante na contribuição da Psicologia na elaboração de políticas públicas. E estou pensando um pouco na intervenção da Paula quando ela fala da elaboração de um sistema, na fala do Leandro, também, e na sua, quando você fala de um projeto ético-político para a construção das subjetividades e de uma outra perspectiva que não é minha, mas entendo que isso nos abre um campo de atuação do psicólogo para pensar a promoção do esporte em larga escala ou a produção de direitos fundamentais em larga escala, enfim, eu queria que vocês pudessem comentar um pouquinho sobre isso, como é que vocês veem isso, se vocês acham que é possível. O Cristiano, quando fala de estudo, a Paula, que transita pelas duas áreas e está participando ativamente da elaboração de um sistema, como é isso? Nós, e eu vou falar principalmente da análise do comportamento que estuda as relações condicionais no comportamento humano, somos uma ciência preditiva. Acho que temos muito a contribuir quando pensamos na promoção de um direito em larga escala, em prever o comportamento das pessoas que vão acessar esse direito, e estamos muito mais acostumados em pensar a interface da Psicologia e o esporte muito mais localizada, muito mais na relação com o atleta ou com o educando, seja no campo ou com a comissão técnica ou com a equipe interdisciplinar, mas não pensamos na potência da nossa disciplina, na potência da nossa profissão, na produção em larga e escala de um direito, por exemplo. Isso é o que estou estudando para o meu doutorado e queria saber um pouco a opinião de vocês também.

Cristiano: Roberta, obrigado pela pergunta, porque foi como a do Ricardo, uma provocação boa. Acho que o que a gente precisa pensar e foi nesses termos, embora eu tenha falado muito rápido, não sei se vocês conseguiram acompanhar bem, mas é o papel da Psicologia do Esporte enquanto mediação nesse processo, mediação pelo fato de que o esporte, o imaginário hegemônico do esporte, não é convidativo para que as pessoas o façam, talvez seja convidativo para que a gente seja espectador do esporte, e não só imaginário, depois a prática em si, porque isso se reproduz na prática, quer dizer, o ambiente esportivo em que aqueles que já não são habilidosos, que não têm uma forma física e adequada etc. é depreciado, esses são depreciados. Como é que mudamos isso? E me parece que quem melhor pode fazer isso, a disciplina que melhor pode e deve assumir a responsabilidade de fazer isso seja a Psicologia do Esporte, quer dizer, qual o sentido que o esporte tem e quais os sentidos que o esporte não tem para acessar a maior parte da população? Quando vemos o modelo do sistema canadense, pensamos: "É um sistema que abrange todos e de todas as idades", enquanto nem o norte-americano, nem o nosso se ele reproduzisse, ainda assim não alcançaria essas pessoas, então que alcance queremos que o esporte tenha e como podemos pensar isso, que sentido o esporte é apresentado para as pessoas e que sentido as pessoas podem fazer na sua experiência de prática esportiva. Isso fala dos equipamentos esportivos, como é que eles são disponibilizados, e eu penso aqui em parques públicos, em vias, em mobilidade urbana, também, porque acho que isso convida, tudo aquilo que nos convida a se movimentar de uma maneira qualificada e essa qualificação ela deve ser inventada, não somos nós que devemos dizer qual é, e eu digo isso porque acho que diz respeito também a respeitar as culturas locais e não a levar modelos esportivos ou modelos de práticas corporais prontos, mas suscitar e fomentar as

possibilidades e nas diferentes regiões, nos diferentes locais, a prática corporal possa ter lugar, ou seja, possa se desenvolver de fato a cultura corporal de movimento. Eu insisto muito na ideia de cultura aqui, porque isso é mais aberto, permite a gente pensar o corpo em movimento de forma mais ampliada e menos restritiva que o esporte; o problema, talvez, que faça com que o esporte acabe tendo esse poder de exclusão que ele tem, diz respeito ao fato de que o tempo em inteiro, a ênfase na comparação competitiva, a ênfase de que o resultado esportivo na prática, na experiência seja mais importante, portanto todos aqueles que não contribuem tanto assim para o resultado, e eu estou falando da pelada, das práticas de lazer, porque se reproduzem. Na sessão que eu estava acompanhando com vocês antes, as pessoas mencionavam: é a torcida, são as reações e todo tipo de brincadeira que são depreciativas, que provocam rebaixamento, a experiência de rebaixamento das pessoas, as brincadeiras correm muito soltas na atividade esportiva porque parece que o senso crítico baixa enquanto você está praticando esporte, acho que todo mundo já fez essa experiência, é mais fácil perder a cabeça, é muito mais fácil expressar os seus preconceitos e as suas discriminações, mas isso faz com que seja muito mais importante que pensemos como qualificar o ambiente esportivo de uma maneira que não precisemos reproduzir isso e ficar dizendo que é brincadeira, que não faz mal nenhum, o outro tem que entender que é brincadeira. Acho que esse é um elemento importante, porque acho que as pessoas vão ficando cada vez menos convidadas porque se sentem envergonhadas a, por exemplo, talvez isso seja uma experiência comum. Então é nesse sentido que eu pensaria em pensar, como vocês dizem, um direito em larga escala, que diz respeito diretamente também às experiências de autoconfiança e possibilidades de estímulo, ou seja, de saber que vai ter acolhimento, reconhecimento e valorização das formas particulares de ser, de ter, de mover um corpo, de ser alguém com um corpo no mundo. Eu acho que a dimensão da nossa corporeidade é muito mais negligenciada do que a gente imagina na nossa identidade pessoal.

Paula: Confesso que nunca tinha pensado nisso e talvez passasse o microfone para você falar mais para nós sobre o assunto, mas vou dar dois “pítacos” de quem é do esporte e contribuições, eu vou responder também porque você não fez pergunta, mas o modelo canadense tem sido a principal fonte de inspiração para se pensar no esporte. O brasileiro, e foi uma surpresa muito feliz para mim, porque eu fui muito cética para esse grupo e tenho tido surpresas muito boas e o conceito central desse sistema para

o Canadá é o que eles chamam de *physical literacy*, que é baseado na fenomenologia para explicar a relevância das experiências corporais para a formação humana em uma compreensão muito mais integral e unissona do que o que a gente vive hoje no esporte, nas práticas corporais em geral, que a gente precisa justificar os benefícios do esporte, das atividades físicas sempre puxando alguma outra coisa. Estou falando isso porque acho que dá um pouco da medida da importância e da relevância da forma de pensar da Psicologia, da forma de interpretar os fenômenos e a sociedade e a interação que temos com a cultura e o esporte, como cultura também, para nos ajudar a entender quais são as reais demandas, quais são os direitos que precisamos garantir para a população brasileira quando falamos de esporte. Então, acho que pensar num conceito que embasa todo o sistema de política pública, não só no Canadá, é um conceito que vem da Inglaterra, e eu convido vocês a pesquisarem, coloquem lá *physical literacy* e vocês verão o tanto de coisas interessantes que têm sido feitas em termos de políticas públicas em várias instâncias. E eu consigo enxergar o que você fala, e eu nunca tinha pensado em larga escala em política pública, mas penso que quando discutimos o papel do profissional de Psicologia do Esporte na instituição, ele também tem isso no nível micro, ele não está, e aí acho que vocês também devem ter falado sobre isso de manhã, e quem já tem experiência percebe que a influência do psicólogo do esporte em uma equipe, ou em uma instituição esportiva, vai muito além de ajudar o atleta a ter controle emocional e a conseguir ter um bom desempenho de uma maneira saudável, ele tem um papel político de transformação das relações institucionais e do código de ética institucional e de construção de um outro jeito de se entender e de se fazer esporte que é muito relevante, e aí fico imaginando como é que seria maravilhoso pensar isso ampliado para uma secretaria de esporte, um município; em Ribeirão Preto, talvez possamos começar o diálogo aqui: convido Ribeirão Preto para testar a experiência, já que temos um psicólogo e um ex-atleta, gestor esportivo, mas acho que é esse o desafio mesmo, de ampliar a visão e as possibilidades. Eu diria para vocês, aqueles que sonham em ter o ápice da carreira no esporte de rendimento, acho que vocês podem, devem e merecem ter sonhos melhores, eu não falo que é ruim esporte de rendimento, mas Bilé sabe (sou casada com um psicólogo que trabalha) como é duro no esporte de rendimento hoje, como é que a gente pode transformar o esporte de rendimento transformando essas relações políticas e institucionais e acho que começamos no micro, na instituição que vocês estão hoje para influenciar, de repente a articula-

ção dentro de uma comunidade ou de uma região ou de uma cidade e acho que é um desafio. Na próxima vez, convide-a para falar sobre esse assunto, porque acho que vou querer assistir, mas é uma bela provocação, acho que temos que pensar nisso mesmo para mudar e para transformar para melhor.

Cristiano: Para completar que tudo isso que eu falei é abrangente o suficiente para contemplar também o esporte de rendimento. Quando se fala nas experiências de autoconfiança, existe a dimensão técnica muito específica e de técnica psicológica que é necessária para que o atleta realmente, com o tempo, tenha seu desempenho e que isso não está fora. Mas também não podemos ficar sentados nessa vitrine do rendimento e perder isso como a única dimensão do esporte.

Leandro: Vou tentar, também, dar alguns “pí-tacos” aqui. Acho que uma questão que existe no Brasil hoje enquanto sistema é que a gente tem claro que quem avalia o rendimento é o COB. Algumas confederações já têm isso, claro, “não, eu cuido do rendimento”, beleza, quem cuida do educacional, eu digo quem, instituição, quem vai ser? Secretaria de Educação ou Secretaria de Esporte? Serão os profissionais. Quem serão?

Porque a gente não tem isso claro, vai conforme. E dentro de uma secretaria municipal, que nem a de Ribeirão, joga para cima o palitinho que cair: - vai você! E quando não é indicação política como a gente vê nas nuances. Então, assim, não tem os papéis claros dentro do sistema, quem cuida da educação, quem vai ser? Quem cuida da participação esportiva da população em geral, quem vai ser? Ministério qual, secretaria qual? Feito isso, depois poderemos falar se está bom ou ruim, porque a gente ainda está num passo atrás, de quem é o papel, no Ministério do Esporte, tem secretarias, esporte, educação. Então, se tem, deveria ser papel delas, mas não fazem, por vários motivos,

“Quem cuida da participação esportiva da população em geral, quem vai ser? Ministério qual, secretaria qual? Feito isso, depois poderemos falar se está bom ou ruim, porque a gente ainda está num passo atrás, de quem é o papel, no Ministério do Esporte, tem secretarias, esporte, educação”.

desde recurso financeiro pequeno para o país inteiro, e até sobreposição. Na Rússia, por exemplo, existe uma comunicação entre o ministério do esporte, da educação e da saúde, e os caras conversam, dizendo que “o esporte é bom porque vai ter uma questão aqui de resultado com relação a atendimento de saúde da população”; eu tenho que falar com o Ministério do Esporte e fazer programas comuns e não sobrepostos, porque aqui temos um monte de programas, cada um de um ministério de partido “x” e cada um faz a mesma coisa ao mesmo tempo e ao mesmo tempo não faz nada. Métrica de avaliação para eu terminar, quem já trabalhou em setor público, qual é o índice de avaliação, número, quantos atendimentos tiveram? Esse número não quer dizer qualidade, então, acho que aí já é algo a longo prazo que a gente tem que começar a mudar mentalidade. Eu trabalho em dois projetos aqui: um na Secretaria Municipal de São Paulo e outro no governo do estado; eu mostro os números e falo “esses números querem dizer isso, a qualidade deles é essa”, se alguém falar “esse número é baixo”, tudo bem, mas a qualidade dele é essa. Tem um projeto do qual eu participei, não sei se vocês sabem, mas tem curso de tecnólogo em organização do esporte, aqui em São Paulo, é chegando em São Paulo vindo de Guarulhos, na Ponte Aricanduva, ali era a favela Bela Vista, era um dos maiores pontos de tráfico da cidade de São Paulo, desapropriaram, um governador desapropriou (José Serra), depois ele segue candidato, vem lá o Goldman, limpou a área, disse que “a população iria usar” e o Alckmin lançar a pedra fundamental, fez a escola, a população vai usar, então, ia ser o segundo ponto de maior tráfico de luxo de São Paulo, então, eles fizeram a escola, cercou, só que a população quer usar, e ela tem direito de usar, então fizeram um projeto para a população usar e hoje a população de toda faixa etária tem acesso ao esporte e quando eu estava lá falei que esporte educacional não é rendimento, a população idosa vai fazer atividade física, vai ter atendimento médico que eles nunca tinham visto na vida, é o que dava para fazer. Se eu pudesse faria mais, mas dentro ali do projeto, agora está lá, 1.500 pessoas da comunidade utilizando. “O governo não assinou a procuração do projeto”, o que eles fazem? Fogo na rua. É uma iniciativa isolada dentro do universo Brasil, seria muito bom se isso fosse conectado a outras coisas, se ali tivesse um posto de saúde, se a população jovem pudesse ter acesso a cotas para entrar na escola e estudar o curso de organização do esporte, são tantas possibilidades, só que estamos num passo atrás, ainda. É papel de quem? Vamos fazer de qual forma? A gente não tendo isso, fica tudo pontual. “Ainda bem que você estava lá, Leandro, e você conseguiu fazer isso”. 🧠

Encerramento

Camila Teodoro Godinho

Conselheira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo
- CRP SP e Coordenadora do Núcleo de Psicologia do Esporte

Obrigada aos participantes da mesa. Precisamos encerrar, mas antes não poderia deixar de agradecer aos membros do Núcleo de Psicologia do Esporte do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Gostaria que ficassem de pé: Victor Cavallari, que tem papel muito importante nesse Núcleo, ele me apoia na coordenação e é também colaborador da subsede de Ribeirão Preto, pensando na regionalização das subseções junto às temáticas da Psicologia do Esporte; a Luciana Angelo; o Gabriel, para quem não sabe, o apelido dele é Bilé, então às vezes as pessoas falam "Bilé" e não sabem quem é; Marcelo Abuchacra; Augusto

Naressi; a Júlia Amato; o Ednei Sanchez; a Fabíola Matarazzo; Marisa Markunas; Gabriela Gonçalves e o Rodrigo Falcão, meu agradecimento mais pessoal a vocês, que são profissionais da Psicologia do Esporte que estão trabalhando em seus ambientes particulares, mas também fazendo um trabalho conosco no CRP São Paulo. São muitas as discussões, são muitas as pautas, mas acho que temos um ótimo grupo, eu conto com vocês, o CRP São Paulo conta com vocês, vocês também que estão nos assistindo, acho parte fundamental de todas as discussões que temos feito enquanto categoria, então, meu muito obrigada. 🙏

Informações do evento

II Mostra Estadual de Práticas em Psicologia do Esporte: "Desenvolvimento Humano e o projeto esportivo brasileiro"	
Data	27/06/2015
Inscritos	401
Presentes	105
Trabalhos expostos	11

18

Parte 2

Ciclo Estadual de Debates

I Encontro - Dialogando sobre Psicologia, ética, mídia e comunicação

Camila Teodoro Godinho

Conselheira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - CRP SP e Coordenadora do Núcleo de Psicologia do Esporte

Boa noite. Gostaria de agradecer a presença de vocês aqui no nosso I Encontro do Ciclo de Debates em Psicologia do Esporte. Gostaria de cumprimentar, também, os nossos internautas que estão nos assistindo; dizer a vocês que estão por meio da internet, que também poderão realizar perguntas para os convidados da Mesa. Vocês têm um link onde podem acessar e encaminhar as suas questões. Gostaria também de dizer que é um momento muito importante para o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, nesta gestão estamos procurando falar mais sobre Psicologia do Esporte para o seu desenvolvimento, para construção de referência, para atualização do que é a prática do profissional que está atuando no esporte.

“estamos procurando falar mais sobre Psicologia do Esporte para o seu desenvolvimento, para construção de referência, para atualização do que é a prática do profissional que está atuando no esporte”.

A atual gestão do Conselho tem trabalhado através de uma gestão descentralizada. O que isso significa? Estamos procurando conversar com diversas áreas da Psicologia, algumas delas até desafios para o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e a Psicologia do Esporte está incluída dentro dessas áreas que são desafios. Hoje temos um núcleo chamado área “Desafio para o CRP São Paulo”; são incubadoras temáticas, em que estamos procurando ter um pouco mais de aproximação e diálogos com elas e a Psicologia do Esporte; então, ela se tornou um Subnúcleo desse grupo maior, que também é composto por Psicologia Ambiental, Psicologia Animal, Mobilidade Urbana. Estamos procurando nesta gestão, conversar um pouco mais sobre Psicologia do Esporte. Este Subnúcleo é formado por psicólogos do esporte, psicólogos que estão atuando no esporte de todo Estado de São Paulo; assim, as pessoas que vêm participando deste grupo não são só aqui da capital, mas também do interior. É formado também por entidades reconhecidas em âmbito nacional da Psicologia do Esporte e também laboratórios científicos que discutem, que têm seus estudos relacionados à Psicologia do Esporte. Dando continuidade, convido o Victor para fazer uma apresentação e também para anunciarmos nossa página temática no site do Conselho. 🌐

Colaborador CRP SP – Subsele Ribeirão Preto. Psicólogo formado na USP Ribeirão Preto. Mestre em Ciências pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, na linha de pesquisa “Emoções e Esporte”. Tem experiência com atendimento de atletas e atualmente é coordenador da Associação Pró-Esporte e Cultura que realiza projetos sociais esportivos em 9 cidades do Estado de São Paulo.

Boa noite. Uma alegria estar aqui, muito bom ter a Psicologia do Esporte dentro do Conselho novamente. Estou aqui para falar um pouco mais a respeito dessa questão que a Camila levantou da figura do colaborador e, também, dessa política de regionalização, descentralização da gestão do CRP, uma maneira que eu escolhi para exemplificar, isto é, contar como que cheguei aqui.

“O intuito é que cada subsede tenha uma autonomia para determinadas ações e atividades e também para que as demandas locais sejam atendidas com mais eficiência, com mais proximidade”.

Sou colaborador da subsede de Ribeirão Preto e ali comecei a participar de reuniões que tratavam desde a organização do CRP, tratavam dos núcleos, núcleos temáticos, os eixos que foram separados, que pautam a gestão e também uma maneira de contribuir e chamar outros psicólogos da região de Ribeirão Preto que estão trabalhando no esporte para discutir a Psicologia do Esporte. E a partir dessa participação, surgiu o convite como representante da subsede de vir aqui compor o Subnúcleo de Psicologia do Esporte. Essa ligação é resultado do planejamento estratégico que o CRP trouxe para essa gestão, que é pautado na descentralização e regionalização desta gestão. O intuito é que cada subsede tenha uma autonomia para determinadas ações e atividades e também para que

as demandas locais sejam atendidas com mais eficiência, com mais proximidade. Desta forma, faz com que a comunicação entre Conselho e categoria seja aprimorada; esta é a grande ideia por trás disso. E a figura do colaborador é muito importante, porque são pessoas que estão participando das atividades de cada subsede e trazendo um pouco da sua experiência, da sua prática, colaborando para discussões, para encaminhamentos e para formação de uma ideia de sugestões para que o CRP consiga articular melhor todas as demandas de cada região. Então, é muito importante que as pessoas que estão na internet nos acompanhando via site, que também procurem o seu Conselho, tenham uma participação, se envolvam, porque todas as especialidades são contempladas nesses eixos, nesses núcleos temáticos.

Trazendo um pouco mais para o nosso Subnúcleo de Psicologia do Esporte, hoje aqui estamos alinhando dois eventos, dois acontecimentos importantes para nós: o I Encontro deste diálogo, que estamos propondo aqui como Subnúcleo. Então, é o primeiro dia de mais três que estão por vir ao longo do ano e, também, o lançamento do nosso site. Qual é a ideia do site? O principal objetivo do site é ser, realmente, uma plataforma de comunicação para que os psicólogos, estudantes tenham uma referência dentro do Conselho para buscar informações, para dispor suas dúvidas, sugestões, críticas, enfim, esse é um instrumento no qual estamos investindo muito para ser um meio, um canal de comunicação direto entre a categoria e o CRP. Então, enfatizo que a construção dessa página é contínua; não temos uma página fechada, ela vai estar em constante atualização, ela vai

estar em constante construção de referência, de comunicação, de esclarecimento, de orientação para os psicólogos. Gostaria de mostrar duas abas principais: aqui vocês podem ver os objetivos, quem faz parte e tudo mais, mas as abas para as quais eu queria chamar a atenção é para a Prática Profissional, que vai ser realmente uma aba em que estaremos divulgando textos de referência ou trazendo textos que falam mesmo da prática profissional, coisa que realmente muitos alunos têm dúvidas, muitos psicólogos recém-formados têm dúvidas de até onde podem ir, de até onde não podem ir, do que fazer, do que não fazer. Então, essa aba aqui é muito importante para que a gente real-

mente converse com os psicólogos; e a parte de contatos, também, aqui no "Contato", tem esse formulário que qualquer um pode enviar sugestões, críticas, comentários, dúvidas, enfim, é um canal de comunicação indireta dos interessados no Subnúcleo. Aqui é uma solução eficaz, rápida e simples, de fácil acesso para todo mundo poder se comunicar conosco.

Hoje fazemos oficialmente o lançamento desta página e convidamos também a todos a construir esta página conosco, desta forma, essa parte de contatos realmente é importante e, realmente, incentivamos a colaboração de todos. Agradeço a atenção de vocês. 🙏

Mestre em Psicologia Social (PUC/SP); Psicóloga da Seleção Brasileira Feminina de Handebol; do Centro de Formação de Tenistas; do Centro de Treinamento Bauer; da Clínica Esporte Vivo. Membro Oficial do GT Mental e Coaching do Comitê Olímpico Brasileiro. Formação em Coaching pelo ICC. Ex-Presidente da ABRAPESP.

Boa noite! Obrigada, Camila, pelo convite, sempre é um prazer falar de Psicologia do Esporte. Iremos dialogar acerca da Psicologia do Esporte, mídia, comunicação. Aqui quem é jornalista? Tem alguém aqui na plateia jornalista? Psicólogos? Estudantes de Psicologia? Educadores físicos? Mais alguma outra profissão? Técnicos? Atletas? Afins? Bom, é importante falar de algumas questões no exercício da Psicologia do Esporte.

“A coisa mais importante que eu vejo do psicólogo atuando em Psicologia do Esporte é que ele tenha muito claro qual é o papel dele e como ele atua”.

Todos aqui têm contato com a Psicologia do Esporte? Sabem o que é? Todo mundo tem já uma noção? Já conseguem ter os campos de atuação na Psicologia? Acho que não. É bom falar um pouquinho? Basicamente, temos algumas áreas de atuação em Psicologia do Esporte, temos psicólogos que atuam no alto rendimento, reabilitação esportiva; uma outra parte vai se identificar mais com projetos sociais; outras vão se identificar mais com qualidade de vida e muitos psicólogos tem trabalhado em academias junto aos profissionais de Educação Física e também encontraremos em programas específicos de educação, onde trabalhamos com categorias de base; então, se você parar para pensar, não somente em categorias de base, mas uma educação tendo o esporte como meio para formar o jovem. E com uma formação olímpica que possa trazer mais ética, uma questão muito mais voltada para um desenvolvimento da consciência cívica dessa pessoa, o espor-

te colabora muito com isso. A coisa mais importante que eu vejo do psicólogo atuando em Psicologia do Esporte é que ele tenha muito claro qual é o papel dele e como ele atua. Trabalho muito com alto rendimento e com jovens que estão partindo, fazendo a sua escolha para o esporte em alto rendimento. Então, atuo em outras áreas nesse sentido e aí você começa a reparar e se você não tiver muito coerente na abordagem psicológica que sustente a sua prática, uma abordagem filosófica, sociológica, que venha a ser coerente com a sua abordagem psicológica, você se perde no meio do caminho, você não sustenta o seu trabalho e não cria a legitimidade do trabalho. E aí, não adianta, nem técnico vai acreditar em você, nem atleta, nem você mesmo vai acreditar no que você está fazendo.

“Será que vou precisar deixar de ser um psicólogo para avançar em demandas que a minha área vai pedir? Ou então assim, vem agora um megaevento, como nos comportarmos nesse megaevento? Como vamos nos comportar com a mídia? Será que eu tenho conhecimento?”

Então, acho que o mais importante de um psicólogo atuando na área do esporte é ele desenvolver uma coerência da abordagem que tanto vai revelar um método de trabalho. Então isso é uma coisa importante. Agora, outra coisa que eu acho muito importante que eu venho sempre a pensar, assim, como estamos

desbravando muito ainda as atividades na Psicologia do Esporte, desbravando muitas situações novas que você não vai encontrar em livros, você não vai encontrar em palestras, você vai encontrar só no dia a dia e aí ficamos nos perguntando até que ponto a sua prática ou aquela sua atuação está respaldada pelo código de ética? Então, tem muita coisa na Psicologia do Esporte que eu vejo que está avançando, mas também vêm para mim muitas inseguranças, no sentido assim: “Será que eu estou respaldada eticamente?”, e pensar nisso é uma coisa importante, porque, acima de tudo, somos psicólogos, temos um código de ética que vai reger a nossa conduta. Como fazer isso? Como você ficar naquela ética e ao mesmo tempo, renovar como eu estava até dizendo, renovar, transcender, elaborar, como você avançar sem perder as características do psicólogo, da Psicologia, sem deixar de ser um psicólogo? Será que vou precisar deixar de ser um psicólogo para avançar em demandas que a minha área vai pedir? Ou então assim, vem agora um megaevento, como nos comportarmos nesse megaevento? Como vamos nos comportar com a mídia? Será que eu tenho conhecimento? Será que eu tenho uma orientação? Porque é fácil a gente pegar o nosso código de ética, ler, mas na prática, no dia a dia, começamos a reparar o quão é séria essa questão. E você estar atrelado a um código de ética não significa que você é enrijecido ou que você é “críca”, que eu costumo falar, eu acho que nós psicólogos, precisamos desenvolver uma criticidade, mas não podemos ser “críca”. Então, tem uma diferença muito grande entre ser “críca” e ser crítico. Outro dia, estava vendo uma discussão no Facebook, naquelas redes sociais e me deu até um pouco.. vou usar uma palavra que é uma “aversãozinha” de você, assim, ver a discussão dos psicólogos diante do comportamento de uma colega nossa num megaevento esportivo que teve este ano: “Isso é ético, isso é não ético, isso é comportamento ético, isso não é ético”, parecia o Big Brother: “Vou sair, não vou sair... vou ser votado, não vai”, então, não sei, eu acho que precisamos evoluir nessa questão, quero estar respaldado, quero fazer Psicologia dentro da Psicologia do Esporte, não quero fazer outra coisa, quero fazer Psicologia. E o que na verdade podemos encontrar no nosso código de ética, no nosso dia a dia para poder fazer direito tudo isso.

Então, eu fui ver a Resolução do Conselho Federal de Psicologia 013/2007 que fala sobre o título de especialista em Psicologia do Esporte. Hoje, os jovens que estão se formando em Psicologia do Esporte defendendo o papel de que só especialistas em Psicologia do Esporte que têm que trabalhar com o esporte. Aí eu falo para vocês, eu

trabalho com Psicologia do Esporte há 20 anos, eu não sou especialista em Psicologia do Esporte, eu não tenho título de especialista em Psicologia do Esporte, pelo menos não aqui. E aí?

“Então, quando buscamos uma especialidade, é porque acreditamos que a especialidade nos dará exatamente isso, uma maior condição profissional, teremos uma maior dedicação”.

Acho que são discussões super válidas que o Conselho Federal de Psicologia permite nesta data muito sabiamente a condição do título de especialista, mas quem é o especialista e quem é o psicólogo? Todos nós somos psicólogos, então acho que isso é uma discussão que eu acho que vamos precisar avançar muito nos Conselhos, e criar condições democráticas, porque antes de sermos especialistas em qualquer área, somos psicólogos e somos regidos pelo mesmo código de ética, independentemente da especialidade que você tem. Quem é o psicólogo do esporte, então? Quem é esse psicólogo que põe a cara para bater? É o especialista? É o psicólogo? Nas disposições gerais do Conselho Federal de Psicologia, no artigo 17, você vai encontrar assim: o título de especialista é uma referência a uma maior dedicação do profissional na área da especialidade, não se constituindo condição para o exercício profissional do psicólogo. Então, se o Conselho Federal dispõe isso na sua disposição geral, será que vamos ficar brigando... o especialista ficar brigando com a própria categoria? Como vai ser isso? Então, quando buscamos uma especialidade, é porque acreditamos que a especialidade nos dará exatamente isso, uma maior condição profissional, teremos uma maior dedicação, é uma vontade sua de ter um título, mas o fato de você ter um título de especialista, o habilita só... só vai se habilitar se você for especialista? Não sei. De repente, se for, se tiver que virar, eu vou ter que fazer, tirar o título de especialista, mesmo tendo dado aula de Psicologia do Esporte, ter ministrado um estágio em Psicologia do Esporte numa universidade, ter formado pessoas em cursos, enfim, a gente faz, entendeu? E quer saber mais? Eu fiz a prova, a primeira prova e depois colaborei na confecção de outras provas, mas na primeira prova eu repeti e eu era professora de Psicologia do Esporte. Então, fiquem sossegados, é uma coisa para pensarmos;

assim, eu repeti, eu não passei. Alguma coisa aconteceu, ou eu não fui competente o suficiente para a prova ou eu fiz tudo errado na hora de fazer o “xis” lá e a minha letra é desgraçada, ninguém entendeu nada, acho que colocaram tudo zero nas minhas dissertativas. Código de Ética e Psicologia do Esporte, então é aquilo que eu estava falando, até que ponto que hoje o nosso código de ética oferece respaldo nas nossas atuações? Será que existe alguma coisa que ele precisa criar, alguns indicadores, por exemplo, quando falamos em sigilo, como falar em sigilo, ok, sigilo, vamos exercitar, a Fabi me ajuda a exercitar o sigilo, a Fabi porque ela é assessora de imprensa, se você trabalha com pessoas que o mundo ou a população vive a vida dessas pessoas, acompanha a vida dessas pessoas nas suas respectivas modalidades, aí é pedido para o psicólogo dele falar alguma coisa a respeito. A gente parece bicho do mato, temos medo de falar, não quer nem aparecer, porque não pode falar, não pode aparecer, não pode não sei o que, mas eu acho que isso pode ser também um erro nosso, porque se a gente tiver um pouco de informação de como nos comportarmos em frente à mídia, eu acho que podemos sim, criar um diálogo com a comunidade, com a sociedade de uma maneira muito melhor, muito positiva; não precisamos ficar nessa coisa do mistério, que acho que isso ajuda até a colaborar com o preconceito para com a nossa área. Acho que quanto mais estamos ali, vivo ali, *tête-à-tête*, acho que mais conseguimos nos aproximar da realidade na qual as pessoas estão inseridas.

Não identificado: Por que essa dificuldade dos psicólogos em se comunicar, então?

Alessandra Dutra: Porque eu acho que levamos tão exageradamente a ferro e fogo o que é passado para nós na faculdade; temos que tomar cuidado com a nossa conduta, estamos sempre muito mais num ambiente fiscalizador, meio caça às bruxas, sabe, do que outra coisa. Então, acabamos radicalizando a nossa própria comunicação e aí não passa a verdade, quando você vai falar... o psicólogo é uma pessoa que trabalha com comunicação, ele é um comunicador, ele é um mediador, ele tem que entender várias maneiras de se comunicar, desde o mais clássico ao mais despojado, mas ele precisa ter isso, só que eu acho que nós ficamos tão sozinhos e no código de ética do psicólogo está lá, que precisamos ser companheiros do nosso colega, temos que ser solidários ao nosso colega e a primeira coisa que fazemos, caçamos as bruxas e acho que isso vai inibindo as pessoas, vai inibindo, inibindo e inibindo e isso vai criando uma série de

dificuldades para nós mesmos; quem cria somos nós, aí ficamos brigando com as nossas questões, enquanto outras áreas, outros profissionais, vão se apoderando das coisas que estudamos, entenderam? Aí entra um administrador motivador, aí entra um hipnólogo nas nossas áreas.

Não identificado: Por isso, então, que você deu esse exemplo para nós até do seu trabalho com Psicologia do Esporte e se confunde, se o psicólogo não se posiciona na questão de se comunicar, então outros se posicionam no lugar do psicólogo, não é?

Alessandra Dutra: No lugar dele e se comunica de uma maneira errada e aí ficamos bravos, ficamos indignados. Então, olha a nossa contradição também, não é? E acho que também vale a pena pararmos hoje, discutir, avançar. A Psicologia, acho que ela tem que começar a criar uma condição diferenciada.

“O que estamos fazendo para colaborar contra o preconceito? Eu vivi muitos preconceitos de atletas e que foram quebrados durante o trabalho”.

Na minha época, éramos formados muito na patologização do problema, então, o conflito, o problema, éramos treinados para ver problema e acho que hoje não sei se tem que ser assim, se o problema tem que ser assim; acho que hoje, até a cara do psicólogo do esporte precisa também mudar, porque criamos uma prestação de serviço para um atleta, para um técnico e precisamos entender por que formou aquele preconceito para com a gente. Aí é fácil falarmos assim: “Fomos ameaçados... não, é que ele é resistente, o atleta é resistente”, é muito fácil falarmos que o atleta é resistente, mas o que fazemos para poder criar uma quebra disso, dessa resistência? O que estamos fazendo para colaborar contra o preconceito? Eu vivi muitos preconceitos de atletas e que foram quebrados durante o trabalho. E hoje, graças ao trabalho conseguimos criar uma boa relação, mesmo assim, ainda temos desafios, porque nem todos os técnicos aceitam um trabalho psicológico; para nós é tão óbvio o trabalho psicológico, tão óbvio que tem que ter, mas por que para eles não é assim tão óbvio? Será que é só resistência? Ou alguém foi lá e fez uma intervenção que não foi numa lingua-

gem acessível ou não tinha uma formação específica para e vai colaborando para eles terem uma imagem da gente assim, mágica, faz aquela palestra e pronto! Então, até onde podemos ir com a Psicologia do Esporte? Qual que é a nossa fronteira? Quais são as nossas competências? Então, por exemplo, eu atuo numa área que agora (comecei a ficar preocupada) eu atendo e eu não trabalho só com brasileiros. Eu trabalho com brasileiros que estão lá fora, e trabalho com pessoas nascidas em outras nacionalidades que estão lá fora, então são croatas, poloneses e como que é a Psicologia lá? Romenos, como que é a Psicologia lá? É completamente diferente da nossa Psicologia, o exercício deles é completamente diferente. Aqui aprendemos, por exemplo, a não manifestar, manter uma neutralidade e acho que precisamos exercitar essa neutralidade para não criarmos também problemas éticos, porque somos profissionais de uma área de relacionamentos, enfim, só que por exemplo, na Romênia, não é assim. Lá o psicólogo fica chateado, ele fica bravo, ele briga, ele fala: “Estou de mal, não quero trabalhar com você porque eu estou bravo com você”; aqui não, aqui a gente vai aguentando, não estou dizendo o que é certo e errado, estou dizendo que são diferenças. Aí, quando um jornalista romeno me perguntou sobre um atleta romeno, eu falei: “Olha, eu não posso dar essa informação...”. “Como você não pode dar? Ele não é seu”, foi isso que eu escutei: “Ele não é seu? Como você não pode dar?”, daí foi o que eu perguntei para Karen, que é assistente técnica: “Como eu me comporto com as leis daqui e com as leis de lá?”. Ela me elucidou, falando: “Você é de onde?”, falei: “Sou daqui”. “Então, quem mandou ele te contratar?”, falei: “Então, está bom”. Então, são coisas que você tem que ir pensando e falar: “Puxa vida, até onde eu vou?”. Quando você, por exemplo, está acontecendo e não é a primeira vez da minha atuação começar a fazer uma mediação diplomática em embaixadas, e aí? Por quê?, assim: “Não, sou socióloga do esporte, só trabalho dentro de quadras” e não vou fazer (risos) esse diálogo, por que não? E se eu for também, o que vai me respaldar?

Então, eu acho que precisamos, sim, nos aproximar da mídia, ter um diálogo, não sei de que maneira, mas acho que a mídia tem que nos ajudar nisso, que não sabemos como nos comportar mesmo e para que? Para ter um diálogo constante com as outras áreas, para ter um diálogo constante com as áreas complementares. O que chamamos de áreas complementares? Por exemplo, eu acabei de falar aqui, *coaching*, realmente... eu fui estudar, eu fui ver o que era isso, porque todo mundo: “Eu não tenho um psicólogo, eu tenho um *coaching*”, eu acho que é mais

“A intervenção psicológica, penso que ela tem que trabalhar muito em cima da conscientização e o desenvolvimento de uma identidade, seja ela em qual instância for, se é de uma nação; se é de uma equipe, de um clube; se é atleta... temos que entender o contexto no qual vamos pensar nisso”.

bonito falar *coaching* do que psicólogo. Então, aí você vai ver, nada mais é do que tudo aquilo que já estudamos dentro da Psicologia. Mas por que outras pessoas que não são psicólogas estão se formando em *coaching*, estão virando em *coaching*, estão ganhando dinheiro com isso, não é? Eu acho que são diálogos que temos que construir, sim, não temos que torcer o nariz. Temos que nos aproximar, temos que entender para enriquecermos e para tomarmos os nossos espaços. Diálogo constante com a comunidade psicológica: “Ah, ele é *behavior*, ele é psicanalista, ele é junguiano”, não interessa, nós somos todos psicólogos regidos pelo mesmo código, a abordagem não se discute. Aliás, a abordagem se discute entre os psicólogos, abordagem não se discute com técnico, com atleta, com gente que não é da nossa área. E diálogo constante com a sociedade, por isso precisamos nos aproximar da mídia. Para mim, hoje, a Psicologia tem que estar mais voltada para a otimização, para o desenvolvimento, para a evolução das pessoas e tomarmos cuidado com aquela visão patologizada ou míope da Psicologia do Esporte de resolver conflito, que é o que a grande maioria dos técnicos e atletas de alto rendimento e de projeção nacional pensa. A intervenção psicológica, penso que ela tem que trabalhar na conscientização e o desenvolvimento de uma identidade, seja ela em qual instância for, se é de uma nação é identidade de uma nacionalidade; se é de uma equipe, de um clube, é aquela equipe de clube, se é atleta... temos que entender o contexto no qual vamos pensar nisso. Existe uma relação positiva, sim, entre assessoria de imprensa e a Psicologia, é uma relação benéfica, ela é construtiva pelo trabalho com o atleta, porque nos lugares onde trabalho tem, sim, a assessoria de imprensa, é uma questão de dialogar e se você não souber, você pergunta: “Fabi, como funciona isso?”. Então, o que eu acho: criar um diálogo

positivo entre mídia e o trabalho da Psicologia; possibilitar que a Psicologia seja acessível ao público, a mídia pode ser esse canal; pensar, de fato, na possibilidade de discussões acerca do amparo que o Conselho pode dar aos profissionais que estão expostos aos fenômenos midiáticos, porque eu me sinto sozinha, mas também tenho recursos de enfrentar.

Não identificado: Quando você fala de mídia, porque divulga pouco a atuação do psicólogo no meio esportivo?

Alessandra Dutra: Porque divulga errado, colocam sempre a nossa figura como o salvador da pátria, aquele, o detalhe especial, e não, nós fazemos parte de mais uma preparação. Não existe a preparação física? Técnica? Tática? Tem a psicológica. Temos que entender que nós não somos nem melhores e nem piores, é uma preparação. Se não criarmos essa naturalização, eles não vão naturalizar nada, mesmo. Então, no alto rendimento ficamos muito expostos a todo momento, o que falar, como falar. Não podemos nem ser bicho do mato e aí, acho que isso vai aumentar, esse aspecto de mitificar o nosso trabalho e também acho que não podemos ser *showbiz*, assim! Ou então, como fala, autopromoção, porque acredito que quando você está ali dando uma entrevista, você

não é você, você está ali representando uma categoria profissional. Então, quanto mais eu me sair bem nessa entrevista, mais os psicólogos esportivos, os psicólogos, a minha categoria profissional vai sobressair. Então, você não tem que pensar: "Eu, eu, eu..."; isso é uma coisa muito complicada. Se o atleta quiser falar, se a mídia quiser falar, problema deles, mas temos que ter uma postura um pouquinho diferente. E, assim, eu sofro muito, eu quero muito que os Conselhos se mobilizem a ponto de nos protegerem nas Olimpíadas, por exemplo, que vêm aí. Só para vocês saberem que existem as parcerias: "Ponto & Vírgula", a "Photo&Grafia" que são as assessorias, duas das quatro com as quais eu trabalho. E os canais de mídia devem ser discutidos e conscientizados para Facebook, Twitter, aplicativos de celular, tudo leva hoje para que a mídia aconteça. Não tem jeito, não podemos fugir da mídia, não dá mais para fugir, não dá mais para não ter WhatsApp. Por exemplo: "Alessandra, como é que você atende o polonês?". "Eu atendo por Skype". "Conselho, então registra lá que é possível Skype", porque o Skype está aí, é um recurso tecnológico. Isso vai deixar de ser ético porque estou fazendo pelo Skype? A não ser que eu tenho que ter um contexto para estar no Skype, não posso banalizar o Skype, assim como não posso banalizar o WhatsApp. Obrigada, era isso que eu queria falar. 🙏

Formada em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; atua em assessoria de comunicação desde 2002. Atendeu clientes como FILA (corrida e futebol), Centro de Formação de Tenistas (CFT), Pedro Sakamoto (tenista), Correios, Centro da Cultura Judaica, Grupo Center Norte. Possui conhecimento aprofundado nas editorias de economia e negócios, esporte, turismo e cultura.

Boa noite. Quero agradecer ao CRP pela oportunidade. Convidaram-me para falar de comunicação.

“Todo mundo faz comunicação, mesmo quem não quer fazer faz comunicação, desde que o mundo é mundo, os seres humanos, todos nós nos comunicamos de alguma maneira”.

Não sei quem aqui tem contato, entende qual é o trabalho de uma assessoria de imprensa, uma assessoria de comunicação, muita gente confunde. Todo mundo faz comunicação, mesmo quem não quer fazer faz comunicação, desde que o mundo é mundo, os seres humanos, todos nós nos comunicamos de alguma maneira. Você ficar em silêncio é uma maneira de se comunicar, às vezes, você não quer se posicionar sobre nada e você está comunicando qual é a sua posição sobre aquele tema. Então, só para definirmos comunicação. No dicionário: ação é meio de comunicar, aviso, informação, processo pelo qual as ideias e os sentimentos transmitem-se de indivíduo para indivíduo, tornando possível uma interação social. O ser humano tem por necessidade ser sociável, ser uma pessoa que convive uma com a outra; os animais são assim também, todos eles vivem em comunidade, então não têm como ser diferente, não se comunicar, não interagir. Então, a comunicação está aí e ela precisa existir e bem-feita; precisamos saber passar a nossa mensagem de alguma maneira. O objetivo: fazer se entender gera vínculos de afetividade. Em tudo, quando você está lá com o filho, você está intera-

gindo com ele, fazendo com que ele retorne essa interação que você está tendo; então é em tudo. Ferramentas de comunicação - eu não sei se vocês conhecem esses processos - tem o emissor, que é a pessoa que está comunicando; eu, no caso, sou um emissor; tem o receptor, vocês todos que estão aqui; código, que é a maneira de comunicar, eu estou falando a linguagem do som, estou me comunicando através de som; tem a escrita, tem a mimica, tem os gestos. Italiano, se segurar a mão dele, ele não fala, então está sempre tagarelando com a mão e fazendo gestos também; e o canal condutor, então, estou, como eu falei, eu estou com vocês através do som falado, estou me comunicando com as mãos também; temos então tem vários canais de comunicação, várias maneiras e cada uma delas dentro da assessoria de comunicação, cada uma pode ser de uma maneira diferente; então, às vezes, a gente se comunica melhor por um site, por uma newsletter, por uma palestra, então existem várias maneiras e escolhemos a melhor para cada ocasião; barreiras, o que interfere numa comunicação bem feita, o que interfere numa mensagem não chegar até o receptor, até a pessoa que está recebendo essa mensagem? Há vários fatores que desviam isso: o ruído, que dificulta a transmissão da sua mensagem, pode ser tudo, pode ser eu falar baixo, por exemplo, pode ser um chiado no microfone, pode ser a pessoa lá do outro lado não estar prestando atenção, não estar interessada, pode ser eu aqui falando de maneira desinteressante, entenderam?, então há várias barreiras e ruídos que causam a interrupção da mensagem, que a mensagem não chegue corretamente até a pessoa que eu tenho interesse, que entenda, que receba. O ambiente também, se a gente está num ambiente barulhento, se está... tudo isso atrapalha, algo que desvie a minha atenção, tudo isso pode atrapalhar.

“Uma empresa pode conversar com a imprensa através da assessoria de comunicação, ela pode conversar com os fãs, seguidores, o público final e o público interno”.

Bom, falar para vocês de assessoria de comunicação, então! Na empresa o foco dela é o público, ela quer atingir o público alvo dela, isso de diversas maneiras, seja por marketing, seja por anúncio, publicidade, seja através da assessoria de imprensa e a imprensa também quer atingir o público deles que são leitores, telespectadores, ouvintes; a imprensa sempre vai trabalhar focada no público. Então, o que o público dela quer ler, quer ouvir, quer assistir, é nisso que ela vai trabalhar, independente do que for. E a empresa, que é um pouco mais difícil, precisa usar alguns meios para chegar seja numa embalagem, seja fazendo uma apresentação da imagem da pessoa, ela precisa atingir o público alvo. E a assessoria de comunicação conversa com a empresa, conversa com a imprensa e com o público. A assessoria de imprensa conversa com o público final hoje através das mídias sociais, então, pode ser de repente, *newsletter*, também, mas falo mais de mídia social, então, conversamos diretamente através do Facebook, Instagram, Twitter, tudo. Hoje, estamos diretamente focados no público final, também. Uma empresa pode conversar com a imprensa através da assessoria de comunicação, ela pode conversar com os fãs, seguidores, o público final e o público interno. O público final, pegando para o lado da Psicologia, seria quem? Seriam as pessoas com quem vocês trabalham, seriam, de repente, os clientes de vocês, entenderam? Como essa comunicação é feita hoje? Para o esporte, é a comunicação entre a equipe técnica, os atletas e a imprensa. Todo mundo precisa falar a mesma língua internamente para que isso seja passado externamente de uma maneira uniforme, todo mundo falando a mesma coisa. O que eu estava explicando, assessoria de comunicação é diferente de publicidade. Assessoria de comunicação, quando a gente fala diretamente com a imprensa, tem um valor a mais, tem uma credibilidade a mais, a diferença de sair, por exemplo, o nome da Alessandra, diferença do nome da Alessandra Dutra sair num anúncio pago é ela mesma fazendo propaganda dela, agora quando um jornalista da revista “Veja” ou a Alê deu entre-

vista para o “Fantástico”, a última... a Alessandra apareceu numa entrevista para o “Fantástico”, um veículo de reconhecimento nacional, internacional, um grande veículo falando da Alessandra tem outro peso, entenderam?, então esse que é o papel da assessoria de comunicação, fazer com que aquela verdade seja conhecida por um veículo que tenha credibilidade, em que as pessoas vão acreditar. Então, o nosso papel é fazer com que aquela empresa tenha credibilidade, aquela pessoa tenha credibilidade, entenderam?

“Precisamos ter uma mensagem clara e objetiva e é por isso que antes definimos, internamente, o que queremos passar, como eu funciona, qual é o meu objetivo, qual é o meu processo de trabalho”.

Então, o que a imprensa sabe sobre a sua empresa ou instituição? O que chega até ela? Se chega alguma coisa até ela, vocês psicólogos, chega alguma coisa do trabalho de vocês até a imprensa? Qual é a maneira que chega? Pegando um pouco do que a Alessandra falou que chega de maneira errada, mas por que chega de maneira errada? Será que é o emissor que está passando aquela mensagem, será que o canal está correto, será que aquela linguagem está correta, ou será que é brincadeira da mídia, da imprensa? O que eu mais ouço é que não se pode confiar em jornalista. Não, pode! Como todas as pessoas, temos que confiar e fazer o nosso melhor para que aquilo seja retratado, relatado naquele veículo da maneira que tem que ser, entenderam? Qual a informação que deseja passar? Às vezes, a gente vem e fala sobre um monte de coisa, mas qual é a informação correta mesmo? O que eu quero que a imprensa saiba? Qual o meu objetivo em veicular alguma coisa do meu trabalho ou do trabalho de uma empresa? Precisa entender internamente qual é o objetivo e qual a mensagem que eu quero passar para aquele veículo. Bom, se a sua mensagem está clara e objetiva, como toda comunicação, precisamos ter uma mensagem clara e objetiva e é por isso que antes definimos, internamente, o que queremos passar, como eu funciona, qual é o meu objetivo, qual é o meu processo de trabalho. Precisamos ter isso muito bem definido para depois sair falando por aí, porque, senão, as pessoas entendem de maneira errada também.

O interesse da empresa atingir o público alvo pela credibilidade de um veículo de comunicação, como eu expliquei. O interesse da imprensa, a imprensa quer passar a notícia de qualquer maneira e hoje, o on-line está muito forte, então assim, o on-line gira, a notícia... é segundo, muda a segundo, sobe lá, toda hora tem uma notícia nova subindo no tópico, é muita coisa que eles precisam buscar. Então, eles vão buscar, por mais que seja bobo, por mais que seja inútil, eles vão buscar para poder ter notícia lá. Tem agências de notícias que fornecem informações o tempo inteiro para outros veículos, então eles ficam caçando toda hora, a cada minuto uma notícia nova e vai subindo e hoje com o Facebook e todas as redes sociais que existem, essa velocidade de informação está maior ainda. Então, eles precisam buscar muita coisa para atualizar o público alvo dele e isso, independentemente de quem quer que seja, entenderam? Se o jornalista tiver que fuçar, ele vai fuçar para poder ter notícia, para que o veículo dele esteja sempre à frente no lobo, em todos os tipos de pesquisa. Bom, agora, como que eu vejo... isso é um pouco da minha visão, um pouco do que... do trabalho que eu faço com a Alessandra, um pouco do trabalho que eu faço com a... trabalhei com a Fila, trabalho até hoje, os atletas que eu atendo até hoje, também. Então, é um pouco da minha visão da Psicologia na mídia. O que a imprensa sabe, realmente, sobre Psicologia Esportiva? O que tem hoje na mídia? A Alê estava falando sobre a distorção da imagem, que a própria comunidade de psicólogos tem essa questão de um apontar uma coisa, o que está certo, o que não está; falando um do outro. Então, assim, quando a gente pensa: "quero me tornar público, quero que as pessoas entendam o meu trabalho", precisamos fornecer o tempo inteiro essa informação. Então hoje, não só no esporte, que até a Alessandra falou que tem alguns técnicos que... não sei, têm algum preconceito, será que é algum tipo de preconceito, será que foi um trabalho malfeito, o que será? Não é só técnico, eu vejo isso ainda muito em várias áreas da Psicologia. Por exemplo, se você chega num lugar e fala: "Faço terapia", a pessoa ainda pensa, estamos no ano de 2015: "nossa, é doido ou então tem algum desvio", ainda existe esse pensamento, infelizmente. Eu acho que o mundo inteiro devia fazer terapia, porque o ser humano é muito complexo para ele mesmo se entender, então... e no esporte mais ainda. Recentemente, eu ouvi no meio do tênis, no qual eu trabalho,

alguém falando de um dos tenistas: "Fulano de tal está tendo acompanhamento psicológico, por quê? Está com depressão? Não vai se desenvolver muito bem no torneio? Como é que é isso? Como é que é aquilo?". Não, gente, como a Alessandra falou, o trabalho do psicólogo é tão importante quanto o trabalho do preparador físico, do preparador técnico, do nutricionista, todos eles juntos formam um atleta. Então, isso é muito importante e o quanto a imprensa, a mídia está sendo informada sobre isso e de que maneira ela está sendo informada sobre isso.

"Vamos manter uma comunicação clara, sincera, objetiva, preparada".

Um atleta, ele não trabalha com o psicólogo apenas porque ele tem algum problema pessoal ou no esporte ou foi lesionado e está mal: "vamos ver como vai lidar com essa lesão e tal", não, é constante, é o tempo todo. Então isso que a imprensa precisa saber para depois não ter aquela coisa de: "faltou o preparo psicológico". A gente vê... deixa eu ir mais para frente que eu vou falar sobre isso mais para frente. Como funciona a imprensa? Já falei isso um pouquinho, mas há alguns pontos que eu quero ressaltar. Ela trabalha com pautas, temas, assuntos e como eu falei, é o tempo inteiro a imprensa buscando assunto para colocar na internet, para veicular no jornal do dia seguinte, para passar no jornal das 7 da TV, do meio-dia da TV, das 6 da TV, da meia-noite da TV, entendeu? Então assim, é muito... o rádio... não sei se vocês ouvem rádio de notícias, mesmo, a mesma informação que você recebe de manhã, ela vai o tempo inteiro, então ela é massificada o tempo inteiro, "metralhada" na cabeça do ouvinte, entenderam?, até você pensar: "gente, o mundo está realmente...", um assassinato é veiculado de manhã, o mesmo é falado ao longo do dia e você pensa: "nossa, quantas mortes!", não, é o mesmo, só que falaram "zilhões" de vezes no rádio, então você acha que morreu muita gente, mas foi só uma, entenderam? Então, eles vão atrás da informação e não medem esforços para isso. Quando eu falei que tem gente que pensa que jornalista é mau-caráter, vamos desconfiar dos jornalistas, que ele vai lá e vai falar tudo que não deve ser falado... não, ele só vai falar aquilo que está exposto para ele. Então, se vocês chegam com uma informação para ele, é aquela que

ele tem e é com aquela que ele vai trabalhar. Se ele sente que aquilo não está confiável, não satisfaz a necessidade de informação dele, ele vai investigar, vai atrás e vai escarafunchar ali até descobrir o que ele realmente quer. Então, por isso que eu falo, vamos manter uma comunicação clara, sincera, objetiva, preparada. Se prepararmos o que vamos falar antes para a imprensa numa entrevista, uma coletiva para a imprensa, os jornalistas chegam e falam: "Esse cara já falou tudo que eu precisava saber, tudo detalhado". Se eu tenho uma ou duas perguntas, eu vou lá e faço, a pessoa vai responder naquela hora ou vai responder depois. Então, é preciso estar munido de informação para encarar a imprensa, entenderam? Não é fugir dela, porque se você foge, ela vai atrás de coisas que não são tão relevantes assim, para serem informadas e vai colocar aquilo, aquela informação da maneira que ela vê.

"Tem muita gente que acha que jornalista é deus, e ele não mede esforço, mesmo, para chegar e conquistar aquilo que ele quer ouvir".

Cada um interpreta uma coisa de um jeito e a imprensa é a mesma coisa, então, ela vai colocar aquilo da maneira que ela interpreta e ela pode tanto alavancar a imagem de alguém, de um atleta, de repente, como ela pode destruir aquela imagem se ela não tem a informação correta. Bom, foi o que eu falei, estreitar o relacionamento com a imprensa, munindo sempre a imprensa de pesquisa, de dados, de notícias, informação sobre um atleta, uma equipe, até mesmo a equipe técnica falando quais são os planos, quais são os trabalhos que estão acontecendo com aquela equipe, com aquele atleta específico. E tratar o jornalista de igual para igual. Tem muita gente que acha que jornalista é deus, e ele não mede esforço, mesmo, para chegar e conquistar aquilo que ele quer ouvir. Então, recentemente, também no meio do tênis, aconteceu um caso de uma pessoa não querer dar uma entrevista porque a última entrevista que ela deu, o jornalista distorceu e não quer: "Não quero dar entrevista, não quero falar, não vou atender à imprensa", foi o que eu falei, se você não atende, se você não conversa com

ele, aí entra a questão da ética, de sigilo e tudo mais, obviamente, que você não vai chegar... você fez a pergunta: "Como comunicar?". Obviamente, você não vai chegar lá e falar: "Meu atleta tem isso, isso e isso", detalhes, um problema de infância que ele traz até hoje e que o pai ficava pressionando muito ele, então ele não tem um bom desempenho em quadra... não, não é isso. É trabalhar, é mostrar o que vem sendo feito junto com a equipe técnica, entenderam, junto com aquele atleta. Por isso que eu falo que a comunicação tem que ser unificada, todos têm que falar a mesma língua. Até que ponto a equipe técnica pode falar da estratégia dela e até que ponto não pode falar? Então, e a imprensa entende. Ela entende, sim, se você não quer falar sobre um assunto, fala: "Não, isso aí não tem como eu comunicar, eu vou abrir o meu jogo para o adversário?". Pensa só se a gente falar no futebol: "Fulano de tal vai para a esquerda, para a direita...", gente, entendo bem pouco de futebol, sou meio fora do país do futebol, mas não tem como você dar a sua jogada tática, não é?, o adversário vai saber, vai se preparar antes, então, para tudo existe o até onde eu posso falar e como eu posso falar, mas o importante é ter segurança dessa informação, segurança de chegar lá e explicar e falar: "É isso, isso e isso que estamos trabalhando com esse atleta hoje". "Mais não sei o que, não sei o que...". "Não gente, é isso que a gente está trabalhando, o resultado vocês vão ver em quadra ou durante o torneio x e y", então, é realmente passar a informação correta, não esconder. Entrar em acordo com a equipe técnica, com o atleta e passar a informação do trabalho que vem sendo realizado. Quando a gente marca... quando o jornalista nos procura para uma entrevista: "Quero falar com o seu cliente e tal", isso no caso de uma assessoria de imprensa, agora existem pessoas que não têm assessoria de imprensa, tem muita gente que não trabalha com assessoria de comunicação, mas o jornalista, sim, é obrigado a respeitar o seu horário, a respeitar o momento que você quer falar, até mesmo, para você se preparar para aquela entrevista. Ele, sim, tem que passar quais vão ser as pautas trabalhadas durante essa entrevista, o que ele vai perguntar, qual o direcionamento que ele vai dar. Então, tem que haver um tempo de preparo para aquela pessoa que vai dar a entrevista e com isso, a pessoa, na hora de dar uma entrevista, ela precisa ter os dados que já foram acordados com o jornalista antes: "Olha,

vou te perguntar isso, isso e isso”, pode ser que não tenha todo o material ali naquele momento, mas depois tem que passar, nunca dizer que tem certeza daquilo, depois a gente passa a informação. Bom, meu tempo está... como eu falei, eu falo demais... não tem como a gente não falar da Copa do Mundo, toda vez que o Brasil perde, precisamos achar um motivo para aquela derrota e tal. Então, só para vocês terem uma ideia dessa questão de falar com clareza sempre e mostrar o trabalho que vem sendo feito. No pré-mundial, os temas da imprensa eram: obras dos estádios, jogadores convocados, treino técnico-tático da seleção e a concentração das seleções no Brasil. Esse era o tema, em nenhum momento - pode ser que eu esteja errada - mas em nenhum momento foi falado de todo trabalho que estava sendo feito com a seleção e se havia algum trabalho psicológico sendo feito com a seleção. Na sequência, depois da derrota de 7x1, só para vocês darem uma olhada nos títulos das matérias, e isso daqui é o mínimo, porque foi uma enxurrada de matérias falando da falta de preparo técnico da seleção. Então, será que não teve mesmo, entenderam? E tem uma parte que fala: “Psicólogos apontam as falhas que levaram o Brasil a passar vexame na Copa”. Essa matéria vem com vários psicólogos, vários, falando da falta de preparo psicológico da seleção, cada um falando uma coisa diferente. Bom, ano que vem, Olimpíadas no Brasil. Então assim, se já fomos cobrados na Copa do Mundo, com certeza, seremos muito mais nas Olimpíadas, porque, para começar, são modalidades

que não são repercutidas aqui, tem um monte de modalidade que jornalistas não conhecem, não sabem, não fazem ideia de como funciona.

Um exemplo foi o Medina, o Gabriel Medina, que foi campeão, surfista, e assim, jornalista vai correr para buscar informação do surfe: “Nossa, como é que é o Brasil no surfe, não sei o que e tal”, então, por mais que a imprensa não fale, você tem um material preparado para apresentar, um *press release*, que a gente chama: “Está aqui, tudo o que você precisa saber, detalhado, bem feito”, jornalista vai ficar feliz com aquilo, entendeu? Ele pode fazer outras perguntas, mas tendo o material claro, definido do trabalho que foi feito, daquela modalidade, daquele atleta, com certeza vai evitar muita distorção de informações. O Tiago Pereira – isso aí eu não me lembro de onde eu peguei, mas eu achei bem bacana – das Olimpíadas de 2012: “Até esse ano era um nadador e só treinava natação, mas agora me sinto um atleta de natação, pois tenho um nutricionista e apoio psicológico profissional que, unidos ao treinamento, melhoram a minha performance”. Então, diz tudo, não é? Então, a imprensa, realmente, precisa saber que há um acompanhamento e isso deve partir da área de Psicologia para a imprensa, porque se a imprensa for atrás, vasculhar e tudo mais, ela vai dar aquela informação que ela vê, entenderam? É isso, espero que tenham entendido um pouco de como é fazer assessoria de comunicação, que eu considero muito importante para todas as áreas. Obrigada. 🙏

“Então, a imprensa, realmente, precisa saber que há um acompanhamento e isso deve partir da área de Psicologia para a imprensa, porque se a imprensa for atrás, vasculhar e tudo mais, ela vai dar aquela informação que ela vê”.

*Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.
Presidente da Comissão de Orientação e Fiscalização do CRP SP.*

Muito bem, boa noite a todos e todas, um prazer estar aqui falando a vocês mais uma vez. Eu queria começar propondo uma reflexão, eu queria fazer uma pergunta: que sociedade nós queremos? Vamos ver quem pode dar algumas respostas? Que sociedade nós queremos? Quem pode nos oferecer alguma resposta na plateia?

Não identificado: Uma sociedade crítica e resistente.

Não identificada: Uma sociedade igualitária e plural.

Luiz Eduardo Valiengo Berni: Mais alguém? Muito bom. Então, pensando nessas excelentes reflexões sobre a sociedade, precisamos compreender, de maneira crítica, qual é o lugar da Psicologia e no lugar da Psicologia existem princípios que nos colocam frente ao estado brasileiro. Primeiro, somos uma profissão regulamentada, isso é muito importante; o que é uma profissão regulamentada? Uma profissão regulamentada, ela é regida por uma lei porque o estado entende que a participação daquele profissional daquela categoria profissional compõe de maneira importante e relevante para a construção da sociedade. E o Estado delega à própria categoria o gerenciamento de como vai se fazer um serviço de qualidade prestado à sociedade.

“O Psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural”.

Psicologia é uma das profissões regulamentadas, por isso, existe um conselho profissional eleito pela própria categoria para gerenciar a categoria no seu fazer social. E a Psicologia, precisamos nos orgulhar muito da profissão que temos, porque a profissão de psicólogos e psicólogas ela vem com uma pauta de construção social materializada nos sete princípios fundamentais do nosso Código de Ética e eu vou começar a nossa reflexão sobre ética falando desses princípios. Esses princípios refletem o tipo de sociedade que a gente quer construir, os quais os colegas apontaram um olhar da Psicologia, que é o seguinte: princípio fundamental um: “Psicólogo baseará seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade, da integridade do ser humano apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Dois: “O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e da coletividade; contribuirá para a eliminação de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Três: “O Psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural”. Quatro: “O psicólogo atuará com responsabilidade por meio de contínuo aprimoramento profissional contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática”. Cinco: “O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações e ao conhecimento da ciência psicológica e aos serviços e aos padrões éticos da profissão”. Seis: “O psicólogo zelará para que o exercício profissional seja efetuado com dignidade, rejeitando situações em que a Psicologia esteja sendo aviltada”. Sete “O psicólogo considerará as relações de poder nos contextos em que atua e os impactos dessas relações sobre as suas atividades profissionais”. Então vejam, esses sete princípios

precisam dormir conosco, eles apontam para o projeto de construção social que a Psicologia, dentre as profissões regulamentadas, tem na sociedade. Então, o psicólogo não pode agir de forma ingênua, ele se compromete criticamente com a construção da sociedade em que ele vive, entendendo que a qualidade da saúde psicológica da população está intimamente ligada a direitos humanos, bases igualitárias de convívio e tal. Esse é o foco principal que vai gerir todo o resto do Código de Ética profissional. Eu tenho trabalhado com os Códigos de Ética de algumas profissões de saúde; se você comparar o nosso Código com a de algumas outras profissões de saúde, você verá o grau de comprometimento que a Psicologia tem no Estado brasileiro e nós temos tido um retorno social da maior importância, de reconhecimento internacional na defesa dos direitos humanos. Isto posto, tudo que se vai falar em relação à Psicologia, incluindo aqui a Psicologia do Esporte, se fala a partir deste lugar, que não é um lugar ingênuo. Então, precisamos olhar para as questões midiáticas aqui apresentadas, porque, embora a Alessandra muito bem apresentou a Psicologia do Esporte numa gama bastante interessante de focos, o foco nas áreas de reabilitação, alta performance, que é a área dela, a qualidade de vida e a inserção social. Então, às vezes lembramos da mídia e vemos o psicólogo falando dessas áreas, mas é, seguramente, na área da alta performance, onde as pessoas querem saber mais, querem saber por que, como a Fabiana apresentou agora, todas as razões do 7x1.

"O psicólogo que vai atuar nas comunidades, na inserção do esporte para qualidade de vida daquelas pessoas, imagino, uma massa muito mais significativa de psicólogos poderá estar atuando nesse lugar que aparece pouco na mídia".

Mas pensando nessa questão então, da alta performance, como uma área em que você vai encontrar poucos psicólogos, penso eu. Então, você ocupa um lugar, Fabiana, difícil, porque é um lugar especial. Então, você falava na sua apresentação – vou fazer uma fala dialogando com as apresentações aqui – que você mostrava um certo constrangimento dentro do fato da questão do especialista, como é que é isso? Como é que eu sou uma pessoa

que faço parte da história da Psicologia do Esporte e não consigo ter um título de especialista? O que é isso que nós estamos falando aqui? Que lugar que a Alessandra ocupa? Um lugar de notório saber, que é diferente daquele que fez um curso de especialização. Então, vejam, a Alessandra faz parte de uma trajetória de construção dessa Psicologia que, de repente, se você não percebe esse lugar, você fica fragilizado, você precisa de um psicólogo para te ajudar: "Mas que lugar é esse que eu estou ocupando?", porque é um lugar diferenciado. Já o psicólogo que vai atuar nas comunidades, na inserção do esporte para qualidade de vida daquelas pessoas, imagino, uma massa muito mais significativa de psicólogos poderá estar atuando nesse lugar que aparece pouco na mídia, na imprensa, como disse a Fabiana, mas por que, mesmo? Ora, a imprensa não é uma imprensa que não possui uma ideologia, a sociedade se constrói em bases ideológicas, então os meios de comunicação representam grupos que têm ideologias que são olhadas, verificadas, praticadas, referendadas a partir desta concepção ideológica, todos nós temos; não podemos desconhecer a ideologia que temos, mas temos e cabe ao psicólogo... esse que é o pulo do gato, nós não podemos, por ética afirmada no nosso código, sermos pessoas ingênuas na relação com a sociedade, entendendo que a sociedade, que a imprensa tem uma suposta neutralidade, não tem, os grandes meios de comunicação, os poderes, o "Fantástico" aparece na maioria das casas e está nas mãos de um grupo específico, não podemos esquecer dessas questões, porque se esquecermos dessas questões, caímos numa imprensa supostamente livre que vai veicular aquela notícia na sua pureza, não é verdade? Falou-se aqui, a Fabiana, inclusive, da distorção que pode haver nos meios de comunicação, algumas revistas você fala "A", o cara entende "B" porque ele quis entender e coloca na tua boca com a tua foto, falando aquilo que ele entendeu, interpretou; então essa recepção, como falava a Fabiana, dos meios de comunicação, ela é filtrada pela ideologia. Essa construção, gente, está posta e o psicólogo precisa estar muito atento a isto, porque senão, eu fico à mercê daquele meio de comunicação que tem uma grande expressão nacional e que me pressiona e se eu não quero falar para aquele veículo: "Fulano de tal não quis falar", mas espera aí, aqui só trazendo a problemática que está por trás. Como a Alessandra bem apontou de forma interessante a questão da transculturalidade, ou talvez chamasse mais por interculturalidade, falando dos romenos, por acaso, eu tenho alguma proximidade com os romenos, que são briguentos. Então, a forma de se relacio-

nar, como a Alessandra dizia: “Amarrou o italiano...”, eu sou italiano, vocês já perceberam, não é? Se me amarrarem aqui, vai ser uma dificuldade para se falar, mas guardadas as devidas proporções culturais, a Psicologia ocupa um lugar *low profile*, um lugar... não é o lugar do destaque, isso uma pessoa que trabalha com atletas de alta performance que se vê pressionada pela mídia, realmente está tendo problemas. Tivemos e temos problemas com os psicólogos que estão na mídia, porque... o psicólogo... a beleza o trabalho psicológico é muito difícil de definir. Só para citar algum exemplo, eu também trabalhei muito tempo com povos indígenas, o que tem a ver? Quantos psicólogos me perguntam isso: “Como? Mas o que isso tem a ver com a Psicologia?”, tem um monte de coisas, que evidentemente eu não vou falar agora, mas só para situar um trabalho, uma psicóloga entrou para fazer uma intervenção numa aldeia que estava muito desestruturada culturalmente e ela entrou com uma proposta de cozinhar. Espera aí, o que a cozinha tem a ver com a Psicologia? Tudo a ver e através da cozinha, da cozinha tradicional daquela etnia com a cozinha da sociedade envolvente, se fez um projeto que foi tomando um corpo, aquilo fez com que o centro cultural da aldeia voltasse a trabalhar e a psicóloga saiu sem que ninguém tivesse percebido que ela entrou. Como é que eu lido com isso? Com uma mídia atrás do atleta que aparece lá e um psicólogo que está lá junto com o corpo técnico, acho que essa é uma questão importante, porque na hora que deu 7x1, o problema era psicológico, técnico, tático, isso daí, claro, Felipão tomou lá as coisas que lhe cabiam, mas é um corpo, quer dizer, quando eu estou falando na área da saúde, por exemplo, eu estou num corpo multiprofissional, você percebe? Então, isso é olhar de forma crítica para as relações sociais nas quais a Psicologia está envolvida. Então, o psicólogo tem por obrigação entrar nisso. Agora, por que eu estabeleço um código de ética? Não é uma boa pergunta? Porque se a ética está ali de forma perene nos seres humanos, por que eu estabeleço um código de ética? O código de ética reflete aquilo que há de melhor, a melhor concepção que temos por conduta. Então, como também somos não-éticos, como também somos não-humanos, precisamos ter um olhar que nos ajude a pautar o nosso caminho sem que seja uma camisa de força. Por isso que eu gosto muito de trabalhar com os princípios fundamentais. Eu trouxe aqui um monte de artigos que eu poderia falar para vocês, mas eu queria só focar nos princípios fundamentais, quer dizer, como é que eu entendo o fazer psicológico na construção da sociedade? Vou dar um outro exemplo interessante que eu vivi

nesse fim de semana. Fui ao teatro, uma ópera aqui no São Pedro, gratuita: “Olha, que maravilha, vamos ao teatro!”, entrega de convites uma hora antes do espetáculo. Cheguei duas horas antes do espetáculo, vinte pessoas numa fila bastante confusa, vocês já devem ter vivido isso, às sete horas, tinha cento e cinquenta, duzentas pessoas na fila, numa bela confusão e você chegava na bilheteria e perguntava: “Como é a distribuição de ingressos?”. “Nós somos terceirizados, não sabemos de nada, é com a produção”. Eu já ouvi isso e eu já vivi isso e vocês talvez já tenham vivido isso em outras situações. Nesse dia, particularmente, inflamado pelas discussões que tivemos ao longo do sábado, falando das reflexões do diferencial social, falei: “Desta vez eu vou tomar uma providência”, coisa que eu já devia ter feito da primeira vez que isso aconteceu. Fui falar com a produtora, a produtora veio se esclarecer: “Olha, eu só produzi o evento, não tenho nada a ver com a bilheteria”. “Bom, mas cadê a gerência do teatro?”, a gerência do teatro é a produtora que cuida do palco, ou seja, quem cuida do público que estava lá debaixo de chuva e havia cinquenta ingressos para serem distribuídos? Os outros já haviam sido todos oferecidos para quem, por que e como? Um psicólogo numa situação dessa, não é?, eu citei um exemplo dentro da arte e lá no teatro conseguimos entrar, enfim, depois de uma quase revolução, o artista, um dos coordenadores do trabalho apresentava a beleza daquilo, mas espera aí, será que aquele cara que está fazendo aquele discurso tão bem articulado e bonito não tem nenhuma responsabilidade com o público que estava na chuva até às oito horas da noite sem nenhuma informação? Eu peguei esse exemplo para dizer que um psicólogo não pode atuar numa situação desse tipo. Se eu fosse pegar aqui o Código e Ética, por exemplo, se você fosse trabalhar junto a uma empresa – vamos colocar um time de futebol como uma empresa – quais são os valores praticados por essa empresa? Esses valores estão se coadunando com os valores que a Psicologia brasileira apregoa como forma de bem-estar social, e portanto, psicológico?

“É muito bonito que o psicólogo possa olhar para a sua construção ética pautando numa sociedade que queremos a partir desse referencial que está garantido no nosso código de ética”.

Eu concordo com esses valores? Percebe que lugar interessante que o psicólogo ocupa na sociedade? Que lugar diferenciado que o psicólogo ocupa na sociedade? O psicólogo tem como obrigação ética conseguir perceber essas relações. Então, quando vou dar ou não vou dar uma entrevista num grande veículo de comunicação, primeiro, que veículo é este que ele está, que pauta é essa? Será que a pauta que eu vou falar vai ser aquela que vai sair? Será que eu devo falar? Porque, vejam, acompanhem as eleições, eu fiz isso, vamos acompanhar o que a "Veja" está dizendo e vamos acompanhar o que a "Carta Capital" está dizendo, que olhar é esse? Entende, gente? É muito bonito que o psicólogo possa olhar para a sua construção ética pautando numa sociedade que queremos a partir desse referencial que está garantido no nosso código de ética. Então, quando eu estou me constituindo como psicólogo na medida que estou ainda nos bancos da universidade, mas venho para um evento que não está *linkado*, talvez tenha lá suas horas de atividade complementar, que bom, que bom que estamos aqui, porque o CRP, em todos esses eventos está fazendo o quê? Está ajudando vocês a se qualificarem profissionalmente; é um processo que é também uma obrigação do psicólogo também, está no Código em algum lugar, que a gente trabalhe na construção cotidiana do nosso fazer psicológico, na atualização cotidiana do nosso fazer psicológico. Então, são essas coisas, assim, que são da maior relevância. Então, se a imprensa tem um caráter um pouco diferente da publicidade, o 5º poder - que é o poder da comunicação - ele faz pessoas ganharem as eleições e pessoas perderem as eleições. Quantos milhões de reais são dedicados às propagandas? Se eu olhar a questão do ponto de vista da religião, quase que a mídia é a magia negra que nos faz acreditar em coisas que desconhecemos e acreditamos piamente; o nazismo se fez assim, um dos grandes momentos da propaganda foi justamente na Segunda Guerra Mundial, com a construção de uma enganação coletiva feita a uma nação inteira pelo Ministério da Propaganda e tal, quer dizer, está cheio de documentos e filmes que vão poder trazer isso, percebem? Como é que eu olho para essas questões? Como é que eu, como psicólogo do atleta de alta performance, porque esse é um lugar muito especial, lido com isso a partir dos valores da Psicologia e dos meus valores pessoais? Essas são as grandes questões que precisam ser apontadas para que possamos saber mesmo de que lugar nós estamos falando. Então, a Alessandra diz assim: "Eu tenho até medo

de falar porque o Conselho tem um lugar de fiscalização"; não tenha medo, olhe para o Código, para os princípios fundamentais, sobretudo, se alinhe a esses princípios e pratique esses princípios dentro daquilo que a tua consciência entende que é. Como é que eu vou falar? É uma questão... não sei te responder uma questão dessa, como é que eu falo do atleta que a mídia quer saber, eu já vi a mídia de maneira perversa cutucando o profissional da Psicologia até ela conseguir que o cara fale o que ela quer, torturando. Então, por exemplo, uma situação ligada à religião, ele ia bem, o psicólogo estava indo bem, mas o cara queria saber de um determinado aspecto da religião, ficou cutucando, cutucando, até que o cara saiu da Psicologia, entrou na religião, quer dizer, atravessou a fronteira sem a menor percepção que tinha feito e criou para ele um problema, para o profissional da Psicologia, porque quantas vezes o jornalista nessa pegada que a Fabiana colocou, ainda mais os da Globo, eles são Deus em pessoa, aparece no Brasil inteiro, o cara vem, te cutuca e você fica até acuado diante da sumidade do fulano lá que está lá. Então, longe disso, essa gestão, por exemplo, e com esses princípios que estão materializados no nosso Código de Ética, precisamos entender que essa história da caça às bruxas já aconteceu na Idade Média da Psicologia.

"Que formação é essa? Como é que eu vou botando psicólogos no mercado, assim? São Paulo é onde existe a maior quantidade de psicólogos do mundo, na cidade de São Paulo tem quarenta mil psicólogos, quem não é psicólogo é advogado, entenderam?"

Agora, o que é muito importante para que a Psicologia do Esporte ou Psicologia Esportiva? São coisas distintas na minha cabeça, se usou aqui Psicologia do Esporte e Psicologia Esportiva precisa fazer? Existem quatro forças na Psicologia brasileira: a primeira grande força é a força formativa ou deformativa, depende. As universidades que estão formando os profissionais que também não são isentas, a maioria das faculdades de Psicologia tem fins lucrativos, estão no interior

dos estados do Brasil e são cursos noturnos, isso tem um impacto na forma que o profissional vai se formar, que profissional que nós estamos produzindo? Bom, então essa força da formação, logo que acabou a formação, vocês passam a compor, então, conosco, a dimensão profissional, nós somos a maior categoria de psicólogos do mundo, cerca de duzentos mil psicólogos; os Estados Unidos têm, talvez, cerca de cento e cinquenta mil psicólogos, enquanto que a União Europeia deve ter, talvez, cem mil psicólogos. Então, são noventa mil pelo CFP, mas eu já estou dando um crédito aqui, vai que eles criaram mais algum nesse tempo? Porque aqui forma assim, olha! Que formação é essa? Como é que eu vou botando psicólogos no mercado, assim? São Paulo é onde existe a maior quantidade de psicólogos do mundo, na cidade de São Paulo tem quarenta mil psicólogos, quem não é psicólogo é advogado, entenderam? Quer dizer, deve ter muito médico aqui também, mas são desses tipos de concentração que refletem uma construção social que está voltada para quê? O cara que está na faculdade, está lá ganhando a mensalidade, está enchendo o bolso de dinheiro, ele não está fazendo aquilo por caridade, então acho que são questões que a gente precisa olhar, não é? E você falou do hipnólogo; eu preciso dar umas “amarradinhas” aqui, do hipnólogo, que pode ser maravilhoso, midiático, mas ele não tem, por trás, um conselho profissional que garanta à sociedade serviços de qualidade como tem a Psicologia; precisamos compreender este lugar, porque quando eu compreendo o lugar em que eu estou, um hipnólogo vai ser o *coaching* que fez na “Associação Internacional de *Coaching*” que não significa absolutamente nada! As pessoas precisam entender... ele pode ser um excelente profissional, não estou dizendo da qualidade profissional da pessoa, estou dizendo da referência. O psicólogo está amparado pela estrutura que existe na sociedade brasileira, porque ela é uma profissão regulamentada, entendem? Então, a gente entendendo este lugar, fazemos uma construção de outra natureza, eu me reforço no lugar em que eu estou, porque eu sei e a sociedade saberá que aquilo que está sendo oferecido tem qualidade. Então, acho que essas questões são da maior importância, como por exemplo, a Fabiana falava dos ruídos de comunicação, esses ruídos são ideológicos também, são psicológicos, além dos próprios ruídos físicos de naturezas que foram apontadas. Então, acho que em linhas gerais e já terminando aqui com a plaquinha de “acabou o seu tempo”, este lugar que eu queria trazer como forma de problematizar o

campo para podermos discutir, dizendo do orgulho que eu tenho de ser psicólogo e poder compartilhar com as outras profissões, até aquelas que não são regulamentadas, de um campo de fazer que não precisa ser exclusivo, mas precisa ter qualidade, precisa estar a serviço de uma construção de uma sociedade que cada um de nós é responsável.

“A Psicologia do Esporte, embora tenha lá a regulamentação, não é conhecida socialmente”

Se eu tiver esse olhar e essa perspectiva como nos direciona o olhar pelo Código de Ética, a minha construção e o meu fazer serão um fazer de qualidade e a sociedade, no campo do esporte, ou em qualquer campo da Psicologia, vai muito se beneficiar. Então, por exemplo, seguramente, talvez nós estivéssemos falando de uma outra perspectiva se estivéssemos aqui dialogando com o psicólogo que está envolvido em um projeto social a partir do esporte, mas nós estamos olhando um lugar muito específico, muito exclusivo de uma pessoa que tem notório saber que vai estar na mídia e que, sim, a Alessandra falou com muita propriedade: estará, sim, quando está na mídia falando por toda Psicologia brasileira, por isso que há uma cobrança da categoria; então eu fico apertado porque a categoria me cobra, eu fico apertado porque a imprensa me cobra, é um lugar ruim mesmo de ficar; vejam as barbaridades que ocorrem no meio judiciário que a gente acabou vendo com juízes perdendo completamente a noção de realidade, andando com carros apreendidos, do que nós estamos falando, gente? Percebem? Então, essa pessoa macula a imagem do Judiciário, claro que todo mundo entende que não reflete o Judiciário, mas que suja, suja! Então, psicólogo na mídia que esquece o lugar e o olhar que ele é... ele pode estragar, sim, sua carreira e macular a imagem da Psicologia até ao ponto de cometer uma infração ética, que ele apareceu no “Fantástico”, então de maneira fantástica, todos os oitenta mil psicólogos do estado de São Paulo viram, fora os outros tantos que também viram, e aí, estão no dia seguinte ligando para cá e falando: “Olha, a Alessandra falou isso, aquilo outro...”, e aí nós vamos entrar em contato com a Alessandra, com a Benedita, qualquer um, para entender o que aconteceu, porque esse é o nosso papel, também. Então, a Psicologia do Esporte, realmente para finalizar,

ela ocupa um lugar de emergência. Emergência no sentido de estar surgindo, então é natural que se tenham muitas dúvidas, que a gente não saiba, exatamente, que caráter é esse, ela está no processo de construção, diferente da Psicologia Clínica do Freud que já deu a volta cinco vezes, e está lá e a gente conhece e este fazer da Psicanálise, por exemplo, não tem regulamentação, mas é reconhecido socialmente. Já a Psicologia do Esporte, embora tenha lá a regulamentação, não é conhecida socialmente, entende? Então, existem várias áreas na Psicologia que estão surgindo que ocupam um lugar difícil e quem está na ponta sofre mesmo, você imagina trabalhar com Psicologia indígena; vão falar: "Ficaram louco, agora? Psicologia com índios, os caras piraram de vez", provavelmente, olham para você e falam a mesma coisa! Entendem? Então, quer dizer, o lugar do emergente é um lugar difícil de estar, mas um lugar extremamente importante, que a Camila, por exemplo, vem pautando aqui com muita força, o Núcleo de Psicologia do Esporte, o Subnúcleo vem trazendo com muita força e da maior importância, porque isto abre um campo, abre o campo profissional para que os psicólogos, alunos que estão aqui, estão em formação e aqueles outros que trabalham ou que têm interesse em atuar no campo

começam a se aproximar e veem que Psicologia é essa? Mas é a Psicologia do Esporte ou Psicologia Esportiva? Daí, falando das forças, a terceira força é a força sindical que vai cuidar das relações de trabalho e a quarta força é a Associação Livre dos Psicólogos. Então, quando os psicólogos se associam, montam uma associação de psicólogos do esporte e começam a definir um caminho profissional, a categoria ajuda desse lugar a qualificar o fazer profissional e faz frente para que não aconteça nada parecido com caça às bruxas. Espera aí! O que é isso que nós estamos falando aqui? Eu também trabalho com Psicologia com esse pessoal, já imaginou? É a maldição em pessoa! Quando os caras fazem um monte de besteira, cruza do psicológico para o religioso, primeira coisa que é levantada: "Isso aí é Psicologia transpessoal" e vai estragando o campo que é um campo, também, emergente. Então, quem está na emergência ocupa um lugar importante que é um lugar de notório saber, é importante dialogar com a imprensa, mas sempre sabendo que esse diálogo é mediado pelas ideologias, que veículos são esses, que é aquilo que está sendo apresentado, esses lugares são lugares difíceis, mas muito importantes para a construção da sociedade e para a construção da Psicologia. Muito obrigado. 🙏

Camila Teodoro Godinho: Vamos, abrir para questões da plateia; já temos aqui algumas questões que foram enviadas via internet, quero dizer que temos, no momento, mais de 60 pontos no Estado assistindo ao nosso evento, então, vamos começar agora.

Luciana Angelo – Presidente da ABRAPESP:

Boa noite, meu nome é Luciana, eu sou Presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte, a ABRAPESP, e ouvindo vocês, acho que vale a pena a gente pensar em algumas questões: primeiro o título de especialista foi um título muito discutido, muito debatido, no fim da década de 1990, começo dos anos 2000 e não havia uma unanimidade. Temos ainda alguns respaldos em relação aos próprios marcos da titulação e acho que devemos pensar na questão específica do Código de Ética profissional relacionada com os marcos legais do esporte; estamos falando de um contexto que é bastante amplo, nós não falamos só do alto rendimento, nós falamos da área de Educação Física, dos profissionais que trabalham conosco, dos nutricionistas, dos fisioterapeutas, dos médicos esportivos. Temos aí duas possibilidades, dois pontos de vista para olhar a Psicologia do Esporte: uma, como especialidade da Psicologia e outra, como sendo a Psicologia uma das ciências do esporte. Acho que temos uma questão bastante complexa quando pensamos a partir do nosso Código, acho que o exercício é interessante quando fazemos esta discussão a partir dos sete pontos que você levantou, Luiz, porque estamos totalmente relacionados no Código de Ética, nessa perspectiva de atuação profissional, então, nosso fazer profissional é bastante complexo, não só do ponto de vista da

nossa própria profissão, mas das relações interdisciplinares, que já não são mais multi, são inter, e essa é a grande possibilidade, eu não vejo mais a Psicologia do Esporte como uma área emergente, pois já temos mais de vinte e tantos anos, a Alessandra, mesmo, tem mais de vinte anos de profissão na área, na militância, eu também; o primeiro grupo de Psicologia do Esporte que tinha a Fabíola, que está aqui com a gente, no ano de 2000 com o primeiro livro “Encontros e Desencontros”, então acho que não somos mais emergentes, acho que em políticas públicas, sim, ainda temos pouca representatividade, porque não são todos os profissionais da Psicologia do Esporte que entendem que podemos atuar em políticas públicas, mas é uma área que podemos atuar, entender como se faz essa atuação, então queria polemizar essas relações para que pudéssemos ampliar e não ter só a visão do alto rendimento, pois existem psicólogos em tantas outras áreas. Obrigada.

Alessandra Dutra : A única coisa que eu gostaria de falar é que quando a gente pensa em futuro, não tem como pensar, pelo menos aqui o futuro no esporte, não tem como não pensar se não pensar nos projetos sociais. De onde vão surgir esses atletas? Esses atletas do futuro, não tem só 2016, tem 2020, 24, 28... e acho que hoje, as políticas públicas deveriam ser dirigidas, especialmente, para dar mais apoio para esses projetos sociais e instrumentalizar cada vez mais os psicólogos que trabalham com os projetos sociais, porque acho que é daí que vão surgir os futuros atletas que vão representar o Brasil em megaeventos; não vejo outra forma, não vejo outra saída que não seja essa, infelizmente, as escolas hoje, a educação, o Ministério... o MEC está

revedo o papel do profissional de Educação Física dentro das escolas e está cada vez mais limitando o papel da Educação Física e fazendo com que isso afete também os futuros talentos que saíam antigamente das escolas e então, acho que é isso, a grande saída para o Brasil, não sei em outros países, mas pelo menos para nós, aqui, é incentivar cada vez mais e capacitar cada vez mais os profissionais de Psicologia que vão atuar em projetos sociais.

Luiz Eduardo Valiengo Berni: Considero bem legal essa questão que a colega aponta do Código de Ética *versus* o marco regulatório; esta é sempre uma atenção importante, não só a área do esporte ou a Psicologia do Esporte que traz isso, mas toda a Psicologia tem esse tensionamento, por isso que eu gosto de trabalhar com os princípios fundamentais, porque os princípios, eles são princípios para conduta, tudo bem, depois a gente tem o que é possível, o que é dever e o que é vedado, mas quer dizer, se olharmos a coisa do ponto de vista dos princípios, eu acho que ele dialoga muito bem com políticas públicas, com os marcos regulatórios e, talvez, a gente precise de pequenos ajustes nesse ou naquele artigo que possam interferir nos marcos regulatórios, daí a importância das forças que eu falava, então tensionamento provocado pela associação de psicólogos do esporte, a Associação Brasileira dos Psicólogos do Esporte é que vai fazer a pauta acontecer, é nesse diálogo que vai acontecer e ela acontece onde? Como é que as coisas são pautadas para que a Psicologia brasileira possa refletir sobre isso? Ela vai acontecer na sua instância máxima, que é o CNP – Congresso Nacional da Psicologia, que nós vamos ter em 2016. Então, por exemplo, enquanto a sociedade de psicólogos se organiza para participar desses debates, a Associação da Psicologia do Esporte - imagino que deva existir mais de uma associação -, ou só tem uma associação brasileira? Só tem uma, mas tem outras associações que não estão vinculadas? Ah, então, existe mais de uma associação, porque se existe mais de uma, elas devem ter olhares distintos, que refletem ideologias, entendendo a interessante essa visão, a ciência do esporte, a Psicologia sendo uma das ciências do esporte, tem a mesma relação que existe nas ciências da religião; há quem defenda um campo integrado de ciências da religião, mas as ciências da religião são compostas pela Psicologia, Antropologia, outras tantas. Então, quer dizer, esse lugar da Psicolo-

gia é também em outras áreas, e é bacana que assim seja, porque a Psicologia tem uma enorme dispersão dentro da... é um campo não unificado, isso é muito importante que a gente entenda: o que é um campo não unificado? Que é diferente da física que tem campo unificado. Campo unificado traz a seguinte situação para nós; um psicólogo social se entende perfeitamente com o antropólogo; um psicólogo comportamental se entende perfeitamente com o biólogo; e esses dois psicólogos não se entendem entre si. Entendem? Quer dizer, o campo não unificado traz esse tipo de problemática. Então, o nosso campo não é unificado, então há uma dispersão grande de áreas que estão disputando; ainda acho que apesar dos vinte anos da Psicologia do Esporte, por exemplo, se eu for pegar... eu vejo a Psicologia transpessoal como uma Psicologia emergente e ela nasceu nos anos 1960, entendem, quer dizer, eu acho que o lugar de emergência é um lugar de penetração social, como é o caso da Psicanálise, aquilo que eu falava, ela é conhecida e reconhecida, então, há uma atenção aí que vale a pena olhar, eu acho que existem, por exemplo, a Psicologia, você falava do Skype, então, você deve conhecer a Resolução 11/2012, você tem lá o seu *site* e tal, então, que é uma área pouco conhecida, mas regulamentada. Então, por que tem regulamentação de campo? Por que o CFP lança uma resolução? Porque o campo apresenta alguma problemática. Parece-me que não é o caso do esporte, porque existe uma questão, uma especialização que tem um nó grande dentro do sistema; agora com o marco regulatório dentro da especialização, aumentaram ainda, eu acho que... eu não sou a pessoa mais talhada para falar das especializações, mas entendo que como não tem uma resolução para a Psicologia do Esporte, não é um campo que está com o seu fazer já reconhecido, mas talvez não seja muito conhecido. Nesse sentido é que eu falo da emergência, como é o caso da Psicologia transpessoal; então quer dizer, esse tensionamento é interessante, importante e acho que as associações estarem e entrarem no diálogo é fundamental.

Camila Teodoro Godinho: Vamos tentar colocar algumas questões também que foram enviadas pela internet. Então, tem uma pergunta para a Alessandra e uma pergunta para a Fabiana do Willian para Alessandra: "Gostaria de saber qual é a rotina que a Alessandra tem com a seleção de handebol e se a participação do psicólogo é diária no cotidiano dos atletas".

Alessandra Dutra: Seleção é diferente de clube; clube você vai ter uma participação semanal e você vai estar... os atletas vão estar a sua disposição e você à disposição do clube o tempo todo. Numa seleção, você tem as fases de treinamento, estou na seleção de handebol desde 2009 construindo todo um alicerce da Psicologia lá dentro. Então, em todas as fases de treinamento eu estou presente, em todas, seja onde for, seja na China, Coreia, Salvador, Angola. Estou. Além disso, tem os... diariamente, eu recebo perguntas delas, recebo e-mail, WhatsApp e assim vai, todo dia tem alguma coisinha que elas... que pelo menos duas ou três entram em contato. Então, diariamente, sim, com o técnico, um dia sim, um dia não, com a comissão técnica, uma vez por semana... nós temos um grupo em que vamos deixando as informações mais rápidas, também. O atendimento... como assim? Ah! Não, é uma pergunta ou sei lá, aconteceu alguma coisa no clube delas lá que elas querem tirar uma dúvida, ou um exercício que foi passado e que elas querem dar um feedback, ou uma briga mesmo com o técnico e: "Estou [puta], o que eu faço? Estou nervosa, o que eu faço?", coisas assim, então essa é a rotina e também, eu estou junto em todos os eventos importantes, Pan-americano, Mundial, Olimpíadas e preparo... nessas fases competitivas a preparação é diária, então o trabalho é intenso e é mensal, pelo menos, uma vez no mês, a seleção se reúne.

Camila Teodoro Godinho: A pergunta para Fabiana tem um texto só para contextualizar. Então, o Willian Saick comenta assim: "A mídia sempre procura alguém para culpar quando a equipe ou o atleta sofre uma derrota há algum tempo; o preparo psicológico tem sido utilizado como um dos grandes fatores para tal, mas quando a equipe ou o atleta tem um bom desempenho, falta essa informação de todas as partes sobre o preparo psicológico. Como o psicólogo poderia ser contemplado pelo seu trabalho frente à mídia? Temos o caso da seleção feminina de handebol, campeã mundial de 2013 pela primeira vez, parece que a mídia dá apenas créditos ao técnico e à preparação física da equipe, não incluindo a preparação psicológica dos atletas. Não seria obrigação da mídia passar as informações de forma mais ampla e detalhada dos processos que ocorrem nas equipes e com os atletas na formação psicológica", para você responder então. E aí, temos um outro comentário, que é do Joari, conselheiro do CRP SP; ele parabeniza pelo debate e

registra um comentário: "Neste final de semana, curiosamente, soube que uma árbitra paulista de futebol preferiu mudar-se para Pernambuco, porque na federação de lá teria assistência multiprofissional com psicólogas, nutricionistas, assistentes sociais e outros profissionais. Um dos principais motivos da saída dela: o machismo no futebol e o esporte".

Fabiana Salviano: Alê, você acha que o seu trabalho com o handebol foi bastante divulgado? Pouco divulgado? Como que foi a sua repercussão? Só para complementar e responder à pergunta do Willian, aqui.

Alessandra Dutra: Eu acho que o mais importante não é nem a divulgação, é o reconhecimento das atletas, de toda confederação, principalmente, do técnico e se ele vai bem. Agora, se é divulgado...

Fabiana Salviano: Então, só... bom, Willian, a sua pergunta sobre como divulgar isso foi o que eu falei, precisa partir também de quem tem interesse, entendeu? Não apenas só a mídia ir buscar, a mídia vai buscar para ela o que é mais fácil do interesse dela. Então, a população toda conhece trabalho técnico, tático, mas não conhece trabalho psicológico. Então, cabe a nós (me incluo nessa também) porque é um trabalho que eu faço informar cada vez mais a mídia. Quando você vai colocando pílulas informativas para os jornalistas, assim como qualquer outra pessoa, ele tende a registrar isso, então, depois de um tempo, já vira automático, ele fala: "Nossa, verdade, isso existe". Então assim, para falarmos mais do preparo do psicólogo com os atletas ou os atletas, mesmo, tendo esse feedback do trabalho que é realizado com eles, cabe a divulgação por parte de quem interessa aparecer, aparecer no sentido de ser conhecido e tudo mais. No caso das meninas do handebol, a assessoria de imprensa não é feita no trabalho, diretamente, com a Alessandra com isso, mas acompanhei um pouco e a Alê foi bastante procurada e o tempo inteiro ela falava do trabalho dela com a equipe; a Alessandra sempre colocou muito a equipe, não é um trabalho apenas psicológico, não é um trabalho... não, é um trabalho da equipe, inclusive, as meninas também de aceitarem receber esse trabalho, aceitarem fazer o que a Alessandra passa para eles, como ela falou, às vezes, pelo WhatsApp, perguntam: "Nossa, estou em dúvida, em que momento que eu faço aquilo?", Alê, o preparo, então, é isso, delas aceitarem receber esse preparo

também. Então, a Alê, nesse caso do handebol, foi bem clara no trabalho que ela apresentou, foi a matéria do “Fantástico”, inclusive, então, vamos falar mais para a imprensa o que a gente quer que ela conheça, entendeu? Acho que... não sei se foi... acho que respondi à pergunta.

Camila Teodoro Godinho: Alguma pergunta aqui?

Simone: Boa noite, meu nome é Simone. A minha pergunta vai para a Alessandra Dutra. São duas perguntas. A primeira é como se dá o vínculo terapêutico nesse processo de Psicologia do Esporte? Eu vejo que você nas quadras se emociona, comemora, vibra; até onde o psicólogo pode ir? E a segunda pergunta é o trabalho multidisciplinar, ele realmente existe dentro da Psicologia do Esporte?

Alessandra Dutra: Até onde pode ir? Até onde você se envolve, então o envolvimento é intenso e quando eu falo intenso dentro da minha profissão é todo dia acordando, dormindo juntos, todo mundo ali, e fazendo o trabalho todo dia, então, não tem como você não torcer pelas meninas. Estou falando das meninas, mas tenho os meus meninos, eu tenho os meus lutadores, quer dizer, não tem como você não torcer por elas, não tem como você não torcer pelo técnico, pela comissão técnica que está por uma confederação que há anos buscando um espaço desse, então, você se emociona pela história de cada uma. Como isso acontece? Às vezes, a pessoa tem uma dificuldade “x” de chutar um gol, aí você ajuda junto com o preparador, junto com o técnico, junto com a fisio para deixar essa pessoa mais formatada, vamos dizer, para aquele chute e quando ela consegue, ela olha para nós, dá uma piscada, isso vale para nós mais do que qualquer outra coisa. Então, acho que isso é... você perguntou até onde vai a questão terapêutica, até onde você se envolve, não é? Se envolve pouco, você... se envolve muito... mas acho que isso não é antiético. Agora, a segunda questão, existe. A gente conseguiu e assim, por exemplo, a Fabi é assessora de imprensa, ela é do tênis, no tênis conseguimos também; então a gente vai viajar, ela também vai, não é? Você vai viajar com a seleção, assessora de imprensa também da seleção faz parte da nossa comissão, faz parte desse trabalho também, então, há sim. O que a gente conseguiu, eu não sei... acho que estamos avançando no trabalho interdisciplinar, eu não posso... acho que seria muita arrogância da minha parte falar que: “Já somos interdisciplinares”, não, o que já conseguimos foi cada um

falar a mesma linguagem e cada um respeitar o espaço do outro e interagir nesse espaço, então, uma coisa muito gostosa que aconteceu, um exemplo disso, a gente teve lesão importante de duas atletas importantes que... a maioria mora fora, elas estão aqui no Brasil, hoje, fazendo reabilitação fisioterápica e fazendo a parte psicológica para ajudá-la na fisioterapia. Aí, eu estava almoçando e aí a fisioterapeuta manda no WhatsApp de voz: “Alê, que magia foi essa que você fez com a fulana? Ela conseguiu dobrar o joelho e encostou o pé no bumbum. Que maravilha, que ontem ela estava de um jeito, hoje ela está de outro”, e isso é um trabalho nosso”, aí eu falei: “Olha, isso aconteceu porque tem uma excelente fisioterapeuta”, e é verdade, então acho que se você admira o seu colega de trabalho já é um bom começo. Se você confia na nutricionista, se você confia de olhos fechados, confia no que o técnico está fazendo, confia no médico, eu acho que é isso, essa troca, mas para isso, você não pode ter ego, tem que ter uma coisa só, se você ficar: “Eu sou psicóloga...”, então, cada um na sua, não tem mesmo! Mas demora para construir, então, hoje nós temos porque quando eu entrei, eles também não sabiam como era trabalhar com psicólogos. Então, fomos todos aprendendo, eu também fui aprendendo a trabalhar com cada um deles e assim vai. Respondi?

Marcio: Boa noite, meu nome é Marcio, gostaria de me dirigir à Alessandra, mas o Luiz fica à vontade para comentar também, acho que vai ser importante. Chamou-me a atenção, Alessandra, na sua fala, uma frase que você disse que técnicos e atletas não precisam discutir a abordagem do trabalho e a minha pergunta é essa: por que não, tendo em vista que os atletas, ainda mais aqueles que fazem parte dos esportes e que são mais massificados, a comercialização deles é muito facilitada por esse trânsito e, principalmente, fomentado pela mídia também de venda, troca do mercado dos atletas, enfim, e como eles são codificados, como eles são alienados da própria produção do seu corpo? E essa sua fala me chamou a atenção em relação a isso, por que não discutir sua própria abordagem de trabalho com seus atletas, porque a gente ficou aqui discutindo sobre como falar sobre a abordagem de trabalho para a mídia, para os jornalistas, como gente chegamos nos jornalistas, como nos aproximamos deles, mas dos próprios atletas, dos próprios técnicos e dos próprios atletas, por que não discutimos a abordagem de trabalho com eles, também?

Alessandra Dutra: Você é da área da Psicologia?

Marcio: Sim. Eu estou fazendo doutorado agora em Psicologia, mas eu não sou da Psicologia.

Alessandra Dutra: Porque a abordagem é uma linha em que nos pautamos para criar as estratégias; talvez você esteja achando que eu falei como abordagem as estratégias. Estratégias, discutimos com o técnico e com os atletas, mas a abordagem que faz com que a gente, o olhar que temos para com essas estratégias, ela é muito particular, assim ela é de cada psicólogo. Então, isso é uma coisa que realmente, se começarmos a discutir, você vai sentar, tomar um suco, ficaremos tomando um suco e eu falando de várias abordagens para você e às vezes eu posso até correr o risco de puxar mais para uma abordagem que eu me identifique... entende? Então, não é uma questão de abordagem, uma questão de... estratégia, sim, a gente discute, mas o olhar psicológico, a maneira como eu vejo o meu objeto de estudo, isso é muito particular da Psicologia, da nossa formação. É isso, entendeu? Deu para responder? Porque eu podia chegar e falar: "Minha abordagem é psicanalítica, minha abordagem é junguiana, minha abordagem é comportamental, é cognitiva, é histórica" para você e você vai chegar assim para mim: "E?"; agora, se eu chegar para você e falar assim: "olha, eu percebi isso, isso e isso, mas eu acredito que se a gente trabalhar desse jeito... hoje, é melhor a gente fazer tal coisa para atingir tal coisa, o que você acha? Você também não acha que tem que fazer assim ou não?", isso é estratégia de intervenção, aí tudo bem, que pode ser revestida em várias abordagens. Acho que eu respondi.

Luiz Eduardo Valiengo Berni: É interessante essa pergunta e a da colega também; a gente é recortado por um olhar clínico, muitas vezes. Então, a abordagem puxa para essa questão, qual é o limite da relação paciente? A gente vem com esse traço muito forte. E quando você leu a forma como ela colocou, ela disse: "Eu não preciso", alguma coisa assim, mas ela não disse: "Eu não posso", eu entendo, por exemplo, quando você diz, mas para a mídia talvez fosse interessante? Acho que sim, não é? Mas eu não preciso discutir necessariamente com quem está sendo atendido, eu preciso saber o que eu estou fazendo; isso é claro para que eu possa prestar um serviço de qualidade, agora, talvez, na relação com a imprensa, por exemplo, possa ser interessan-

te discutir a estratégia, mas não só a estratégia como a abordagem, quer dizer, que olhar que eu tenho sobre, vamos sair do viés clínico, que olhar que a Psicologia do Esporte tem a partir desses referenciais, que me permitem... que permitiu à Alessandra ser elogiada pela colega da Fisioterapia, reconhecendo ali alguma coisa que aconteceu, que mudou, talvez, o que eu estou entendendo, quer dizer, ela não botou o pé por causa da Psicologia, ela podia colocar o pé, ela não se sentia capaz de colocar o pé, não é? Então, ela se sentiu fortalecida; isto que eu acabei de falar agora, quer dizer, transformar a ação numa leitura psicológica, fisiológica, etc. e que tal possa ter algum valor. Eu não saberia dizer se na mídia isso vai ter ou não, mas eu acho que não há um impedimento de se discutir essas questões. Pode ser até bem bacana, porque, por exemplo, quando a gente fala de interdisciplinaridade, pressupõe a discussão disso, porque a multidisciplinaridade é cada profissional olhando a questão a partir do seu referencial e trocando, reconhecendo que o trabalho do outro é bacana. Já na internet, há uma troca metodológica, então, o fisioterapeuta se apropria um pouco da Psicologia; eu me aproprio um pouco da Fisioterapia e vamos interferindo no campo um do outro e vamos construindo uma relação de um fazer comum, que é bacana, não é? Eu acho que se a gente for olhar para as políticas de saúde, por exemplo, vamos entender que cada vez mais as políticas públicas, elas indicam este lugar do fazer, a construção da saúde não é deste ou daquele, é de todos os profissionais que estão envolvidos ali; a própria política enseja uma troca, no mínimo multiprofissional e, quem sabe, brevemente, interdisciplinar e, quiçá, transdisciplinar, quer dizer, que vai além das disciplinas, isso é muito interessante.

Não identificado: Boa noite, a pergunta é para você, Alessandra. Num país onde o professor é chamado de tio e tia e o técnico é chamado de professor, como que o psicólogo é chamado lá dentro?

Alessandra Dutra: Psico.

Não identificado: Não precisava responder assim, de imediato, porque tem outra para complementar. Se realmente os atletas reconhecem a importância desse profissional? Porque quando você vê a entrevista do técnico, ele se sente o deus, raramente, ele fala da equipe, raramente, ele cita esse profissional. Então, será que tem alguma coisa... é um espaço ainda restrito? Na questão ainda

desse profissional e na questão dos esportes, não sei, talvez, a pergunta quando eu vim aqui na apresentação e tem aqui o Victor que pela sua história tem uma linha de trabalho com projetos sociais, será que também os projetos sociais não são o futuro da intervenção desse psicólogo e o futuro dessa criança, desse adolescente que vai se tornar um profissional, não só um jogador, mas um cidadão no futuro? Então, o que está faltando? Está faltando esse profissional na base, no social? Eu não sei se você pode responder.

Alessandra Dutra: A primeira eu respondi que era psico, não é? A segunda era sobre... eu não anotei, ah!, do técnico. Então, na verdade, até não confere essa: "Aí o técnico de handebol...", mas você foi contratado para prestar um serviço para a equipe e quem brilha no esporte? É o técnico e os atletas. O que é mais gostoso é você ver que ele está falando de um jeito que você conseguiu colaborar com aquela construção daquele pensar dele, então, ele sabe, você sabe, os atletas sabem. Então, isso é o mais legal, quando você não é... não é você ser citado, é você ver que nas ações daquele técnico, na fala dele, nas ações daqueles atletas existe todo um trabalho psicológico que colaborou nessa formação, então, isso é bacana, isso sim, é o maior reconhecimento para nós, porque eu falo uma coisa assim, psicólogo vai brilhar na comunidade psicológica; no esporte, é o técnico e os atletas, não é? Toda comissão técnica vai dar respaldo para ele, ele é o grande... a figura de autoridade, a figura de autoridade é o técnico, não é o psicólogo. É isso que eu falo, a gente chega lá para ser mais um para preparação, e é isso. Então, da mesma maneira como ele se mune de informações psicológicas, ele se mune de informações fitoterápicas, médicas, entendeu, do assistente técnico, da parte administrativa, então ele não escuta só a mim, ele escuta um grupo que vai fazer toda diferença, porque se ele escutasse só a mim, eu acho que a equipe iria ter problema, não está certo. Alguma coisa iria estar muito errada, se eu sobressaísse não seria uma equipe. Então, o trabalho que foi feito todo, é a equipe. Quando uma medalha é conseguida, tenha certeza de uma coisa, medalha só consegue quem merece, você tem que ser merecedor, por isso que a medalha existe e em todos os sentidos, você tem que ter sido transcendente em todos os sentidos, entenda isso, então, não é só na... não é que vai ganhar o bonzinho, vai ganhar aquele que realmente foi merecedor naquilo que aproveitou melhor aquele momento no esporte; então, você pode ter o

maior preparo psicológico, mas se você não aproveitar naquele momento, o outro mereceu. Agora, eu acho que você pode falar do projeto social.

Fabiana Salviano: Só um comentário: também precisamos lembrar que o Brasil tem uma grande diferença cultural de outros países, por exemplo, se o técnico não fala muito do trabalho psicológico aqui no Brasil. Temos uma visão completamente diferente lá de fora, eu ia até mostrar um vídeo falando da Psicologia alemã com os jogadores da seleção; então, tem essa questão da cultura brasileira com relação à Psicologia, com relação ao esporte, precisa prestar atenção nisso também, por isso que às vezes não é tão ressaltado nem pelo técnico, porque a imprensa não busca. Tem essa questão.

Luiz Eduardo Valiengo Berni: Isso é muito importante porque a Psicologia surge na Europa, ela tem uma relação Europa/Estados Unidos etc. e fazer Psicologia na América Latina é diferente. Então, quer dizer, a gente tem buscado a construção no Sistema Conselhos de Psicologias, tem buscado uma construção de uma Psicologia que esteja mais próxima da realidade brasileira, considerando as especificidades da realidade brasileira. Então, existem várias ações, só citando uma das que talvez sejam mais relevantes, que é a União Latino-americana das Entidades da Psicologia, que busca fazer uma Psicologia sem os grilhões da colônia, porque tudo isso vem com uma fome de colonização, de imposição, de técnicas, de teorias, de abordagens, que a gente ainda vem... claro, tem todo seu valor, sua importância, mas precisamos construir uma Psicologia... e temos feito isso; a Psicologia brasileira e a Latino-americana têm avançado nessa busca de uma Psicologia que seja mais próxima das populações que estão atendendo, ou seja, do povo latino-americano e do povo brasileiro.

Não identificado: Só um aparte, é possível? Dos seus comentários, por gentileza? A relação do profissional médico com a mídia é numa linguagem tecnicista, mas bastante objetiva, ela dá para o receptor uma amplitude maior de visão daquilo que ele está falando. Eu percebo – isso é meu – a relação do profissional psicólogo com a mídia que tende também a uma linguagem tecnicista, obviamente, mas tende muito mais a proximidade e a subjetividade, diferente da classe médica. E a imprensa é muito rápida; eu percebo que há uma dificuldade nessa relação e, a falta

de evidência da importância do profissional psicólogo frente ao profissional médico, é bastante preterido, quando há um comentarista da área de comportamento na mídia é muito rápido, por vezes, ele nem termina a sua explicação. Então, eticamente, popularizar o tecnicismo, diria que o subjetivismo necessário até nesse trabalho, como é que é trabalhado isso? Como é que pode ser trabalhado isso?

Luiz Eduardo Valiengo Berni: Eu não sei se saberia responder a sua pergunta, é uma pergunta complexa. Eu não tenho essa visão, eu não tenho nem esse olhar, eu não tenho muito esse acompanhamento do que a mídia está falando e tal. Você está se baseando nela, é para mim a pergunta? Então, acho que... eu não sei se o profissional precisa se esmerar nessa linguagem, eu realmente, não saberia lhe responder, entende, quer dizer, voltando para aquilo que eu acabei de falar, eu acho que a gente precisa construir... ouvindo a Alessandra aqui, eu acho que ela fala aquilo... me parece, eu nem sei se é essa forma, desculpe, eu não acompanho o esporte nessa linha: "O que o psicólogo falou? O médico e tal...", eu não tenho esse olhar, então, dificulta um pouco isso, mas ouvindo a Alessandra, que eu estou ouvindo pela primeira vez, eu acho que ela manda o recado direito, entende, quer dizer, às vezes, você fica: "não devia ter falado isso, não devia ter falado aquilo...", talvez não; na mídia você tem que segurar um pouco, mas a subjetividade é o nosso caldo, não é? É o caldo que... então, na hora que você está falando dos resultados que se obtém, penso eu, é isso que precisa ser comunicado. E essa humildade... saber... é que nem o diretor... o artista principal, o ator e o diretor são os caras que aparecem no cinema, no Oscar, o cara fala: "Porque fulano...", ele lista aquele monte de gente que ele acha importante agradecer, imagino, que um bom técnico deva ter essa percepção, porque tudo o que a Alessandra está trazendo mostra um senso de equipe, esses caras devem entender que eles são os que vão brilhar, são eles que vão aparecer, mas se ele não tiver uma boa equipe junto com eles, não rola, então, não sei...

Não identificado: Quando a Alessandra e a senhora Fabiana falam da questão da diferença cultural, pensando na mídia, novamente eu acredito que a mídia alemã trabalha muito mais com o conteúdo, a qualidade e a realidade propriamente dita; pensando um pouco em Copa do Mundo, o que foi trabalhado aqui foi vaidade, ficção e fan-

tasista numa proporção muito grande e na mesma proporção, a frustração, porque nós fugimos da realidade.

Não identificado: Bem, eu como psicólogo do esporte inserido em projetos sociais esportivos, atuo com esporte educacional; então, a premissa é realmente usar o esporte como linguagem e instrumento para desenvolvimento social de comunidades e indivíduos. O que eu trabalho é junto com um professor de Educação Física, com a assistente social, com a ajuda de líderes comunitários, até, para desenvolver metodologias que vão utilizar o esporte como um meio para o desenvolvimento de competências como trabalho em equipe com responsabilidade, cooperação, criatividade, enfim, várias coisas que a gente consegue se apropriar a partir da prática de atividade física. E aí, o talento esportivo ou aquele menino ou menina que tem uma habilidade maior para determinada modalidade vai ser o último dos nossos objetivos, se aparecer alguém lá, apareceu, mas a questão é envolver a criança, o jovem e a comunidade em si nessa linguagem esportiva e como a gente pode trabalhar esses aspectos utilizando o esporte como meio. Então, essa é a minha inserção hoje nos projetos em que atuo. Então, a gente pensa em conjunto, em equipe para trabalhar, como vamos trabalhar aqui com esses alunos dessa escola, dessa comunidade que tem sua especificidade, tem suas características, a molecada não conhece nada a não ser futebol, como é que a gente vai lá e chega para desenvolver um projeto com rúgbi dentro dessa comunidade? Como é que a gente vai entrar nessa comunidade e chamar as crianças para participarem dessas atividades que não é só aquele treininho de cone, passando para cone, chutando bola no gol, mas sim, vivendo o esporte, criando regras e se desenvolvendo a partir dessa linguagem, não é? Então esta é um pouco da minha experiência como psicólogo atuando em projetos sociais esportivos. Então, como usar esse instrumento como forma de atingir esses objetivos, mas nem tudo são flores, como dizia a minha avó; a questão é que hoje a temos uma dificuldade de inserção, Luciana, já conversamos um pouco sobre isso. Hoje, em projetos sociais esportivos, o cargo de psicólogo nos projetos incentivados tem sido cortado algumas vezes, é uma falta de reconhecimento que dentro de um trabalho desse, numa perspectiva de esporte educacional, a figura o psicólogo é tão importante quanto o educador físico, então, até mesmo

ao nível de política pública, tem-se a ideia de que projetos esportivos se resumem ao educador físico e mais um estagiário ou outro profissional para dar um auxílio e se esquecem que para esse tipo de perspectiva existem o psicólogo do esporte ou o assistente social, que é uma figura também essencial, então, essa multidisciplinaridade ou interdisciplinaridade, ela acontece, mas tem sofrido, tem encontrado algumas barreiras para realmente serem colocadas em prática, mas acho que é uma saída boa para pensarmos no esporte, inserção do psicólogo no esporte nesses projetos que eu acho que tem tudo para crescer daqui para frente.

Alessandra Dutra: Semana passada... eu estava em Luanda com a equipe da seleção que atua aqui no Brasil e nós fomos para uma academia fazer a parte física; o dono dessa academia é um senhor apaixonado por esporte, ele é um empresário da área de tecnologia e é apaixonado e tem uma academia porque ele é apaixonado por esporte, só que ele mantém um projeto social do qual sai a base da seleção angolana de handebol e de basquete e, assim, o grupo que ele tem é um grupo chamado "Equipe Esperança"; então são as que vão atuar nas Olimpíadas, quer dizer, se ganhar o pré-olímpico, porque Angola é até hoje a atual campeã da África; para você participar de uma Olimpíada, por exemplo, sai só um da África, só um país que vai representar a África, pelo menos, no handebol, na Olimpíada e Angola que sempre sai e toda a base da seleção angolana, que é forte, que ficam sempre em sétimo lugar, oitavo lugar, é dele esse projeto social e o do basquete também. Então, você vê que num país onde existem muitas outras coisas, alguns outros problemas sociais, mas alguma coisa ele fez que deu muito certo, e você vê a quadra, você vê onde tudo acontece, ele dá o lanche, ele faz tudo. Ele educa, ele faz tudo. Eu achei muito bonito.

Camila Teodoro Godinho: Bom, precisamos caminhar para o encerramento, só vou responder a uma questão aqui que chegou do Marcelo, virtualmente. Ele pergunta sobre qual associação de Psicologia do Esporte hoje a gente tem validade, se é reconhecida e como é reconhecida. Hoje no Brasil existe uma associação que é a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte, a ABRAPESP, que é reconhecida pelo Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira; temos aqui a representante na pessoa da Luciana, que é Presidente dessa Associação. Existem

outros movimentos também, outras entidades, mas é a única entidade que é reconhecida por meio do FENPB, que está logicamente atrelado ao Conselho Federal de Psicologia. Nossa discussão, então, hoje, foi muito pautada na questão da Psicologia, no alto rendimento, nas questões éticas de mídia, comunicação, como é a articulação da Psicologia nesse contexto. Acho que a gente não dá conta de falar sobre tantas outras áreas dentro da Psicologia do Esporte em que é possível a nossa inserção, mas eu acho que fica aí um desafio também para o Núcleo de Psicologia do Esporte aqui do CRP: de tentar procurar inserir outros temas, também, para esses debates, esses diálogos. Acho que não só aqui, é um desafio, acho que em outros eventos também da Psicologia do Esporte, é sempre um desafio falarmos sobre outros assuntos. Acredito que a nossa inserção também nas políticas públicas já demorou para acontecer, então, como é que nós, enquanto Conselho, podemos também atuar na garantia de procurar a inserção dos psicólogos nesses espaços; acho que estamos caminhando aí para, talvez, um desenvolvimento que possa ocorrer no nosso campo em relação a essas inserções, a talvez, dialogar um pouco mais com pessoas que sejam profissionais de outras áreas, mas que estão diretamente articuladas com o nosso fazer psicológico e, também, pensar na orientação dos psicólogos e psicólogas, quando a gente fala de Psicologia do Esporte, ética, são muitas questões que vêm à tona, acredito que vocês também possam contribuir com dúvidas, talvez, questões que possamos, de repente, não estar pensando, o que vocês podem trazer para nós, enquanto novidade, enquanto dúvida. Quero agradecer, então, aos membros da Mesa pela participação, agradecer aos membros do Núcleo de Psicologia do Esporte que estão aqui, ao Vitor, à Luciana, à Marisa, à Gabriela, que já foi embora, à Julia também, mas agradecer a vocês, as pessoas que nos assistiram virtualmente, obrigada. 🙏

II Encontro - Psicologia do Esporte e Práticas Integrativas e Complementares

Gislane Ferreira de Melo

Doutora em Educação Física. Professora de Psicologia do Esporte no programa de graduação, mestrado e doutorado em Educação Física da Universidade Católica de Brasília. Coordenadora do Lapes - Laboratório de Psicologia do Esporte; representante da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte - ABRAPESP.

Boa noite a todos. Boa noite aos internautas também que estão nos acompanhando, é um prazer estar com vocês, um privilégio estar no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Queria parabenizar o Conselho pelas duas ações, da Psicologia todo dia, em todo lugar, e a mostra estadual; parabéns pelas ações que a Associação, os Conselhos e todo mundo faz em prol da nossa profissão, para que a gente trate as pessoas da melhor forma. Então, é um prazer estar aqui com vocês. 🙌

Carla di Pierro

Psicóloga graduada pela PUC-SP; possui especialização em Psicologia do Esporte pelo Instituto Sedes Sapientiae e especialização em Terapia Analítico Comportamental pelo Núcleo Paradigma. É psicóloga de atletas em formação, amadores e de alto rendimento.

Bom, primeiro eu queria, apesar da apresentação da Gislane, contar um pouquinho que para mim é uma honra estar aqui, há uns 12 anos eu estava aí e quem estava aqui era a Fabíola, a Marisa, a Gisela, a Sâmia, o Edu, então... eu sou aluna deles, e se eu estou aqui é um pouco pela formação que eles me deram e eu fui convidada para falar um pouquinho sobre o *coaching* e a Psicologia do Esporte. A Camilla sabe que eu fiz uma formação em *coaching*, então acho que ela lembrou de mim, pensando nessa prática, uma possível prática complementar. Como a Gislane falou, eu sou formada na PUC, fiz especialização no Sedes e, depois da especialização, senti falta de ter a minha teoria, que eu pudesse ter como foco para atuar como psicóloga do esporte e fui buscar na TCC, na Terapia Comportamental Cognitiva e aí achei que era mais ou menos e aí eu me encontrei na Análise do Comportamento e por isso fiz uma formação no Núcleo Paradigma. E lá, conheci Alda Marmo, uma analista do comportamento, parceirona que é *Master Coach* e, para quem trabalha com Psicologia do Esporte, já sabemos que existe o *coaching*; o *coaching* é muito antigo, quem conhece a Psicologia do Esporte sabe daquele livrinho "The Inner Game of Tennis", é um livro *best seller* que foi feito por um *Coach* de tênis e que é usado por vários psicólogos, porque tem muitas informações ali interessantes, é muito utilizado dentro do tênis.

"Esse sempre foi o meu objetivo e o coaching entrou um pouco com esse olhar, como trabalhar com esse perfil de atleta que busca, precisa e é pressionado para alcançar rendimento".

E eu fiz uma formação também com um pupilo do Tim Gallwey e, a partir daquele momento achei que aquilo que eu estava aprendendo ali poderia aprofundar e fiz, então, a formação da Sociedade Brasileira. E hoje, vou trazer para vocês, então, o que é *coaching*. Sabemos que quem é psicólogo e não teve acesso ao *coaching*, o *coaching* é muito divulgado de várias maneiras, então, eu não tenho a intenção aqui de fazer a propaganda do *coaching* e nem dizer que vocês sejam *coaches*, mas contar um pouco o que é esse processo e se de alguma maneira a gente pode utilizar algumas ferramentas do *coaching* na Psicologia do Esporte. Além disso, eu queria contar para vocês que o meu trabalho é com atleta de alto rendimento, então o *coaching* de esporte tem várias áreas de atuação; eu sempre quis trabalhar com esporte de alto rendimento, há, sei lá, 11 anos, quando eu cheguei no Sedes e fui na primeira turma e fiz uma entrevista com a Luciana Angelo, que está aqui na minha frente, ela me perguntou: "O que você quer fazer? Onde você quer chegar? Por que você está escolhendo Psicologia do Esporte?", eu falei: "Porque eu quero trabalhar com atletas olímpicos", não foi isso, Lu? Ela falou: "Então está bom, vamos ver", não é? Esse sempre foi o meu objetivo e o *coaching* entrou um pouco com esse olhar, como trabalhar com esse perfil de atleta que busca, precisa e é pressionado para alcançar rendimento.

Então vamos lá, *coaching* é um termo anglo-saxão que deriva do termo *coach*, que é o termo usado para designar técnicos esportivos; já começamos com uma sintonia aí com a Psicologia do Esporte. No dicionário, tem a ver com treinar, instruir, ensinar como, só que ele se tornou largamente conhecido dentro da área organizacional, principalmente para ajudar a resolver problemas e transformar o aprendizado em resultados positivos

para o profissional e para o grupo que ele lidera. O *coaching* é disseminado, foi muito disseminado na área organizacional e até hoje ele é visto como um processo que ajuda uma pessoa que está dentro de uma corporação a aumentar o rendimento dos seus liderados e dele mesmo. Mas o *coaching* tem vários autores, várias pessoas que falam sobre ele, principalmente; ele é muito desenvolvido nos Estados Unidos, na Austrália e no Reino Unido e cada autor o vê como um tipo de processo, então, alguns veem como um processo de ensino-aprendizagem, então, como *coaching* diretamente preocupado com o aumento imediato da performance e desenvolvimento de habilidade através da tutoria ou instrução, percebam que sempre tem uma performance envolvida aí, e se lembrarmos dos atletas de alta performance, também existe uma relação. Também é visto como um processo que visa à facilitação de aprendizagem em oposição à instrução, bem como a facilitação e mudanças comportamentais, ou seja, tem o *coaching* que dá tutoria e tem o *coaching* que é oposto à instrução, então, nesse caso, *coaching* seria um desbloqueio do potencial de uma pessoa para maximizar sua máxima performance, isto é, ajudá-lo a aprender, ao invés de ensiná-lo; outros autores veem como um processo que compromete a pessoa como um todo com seu desenvolvimento e realização.

“Profissionais de diversas formações e áreas distintas estão envolvidos com coaching, então, você não precisa ser psicólogo para ser um coach”.

Então, esse autor fala sobre o *coaching* como uma das alternativas que o profissional, diante de um cenário de competição cada vez mais complexo, possui para se conhecer melhor, mapear os recursos necessários para enfrentar essa complexidade e ter maior capacidade de tomar decisões na sua vida profissional e pessoal. Vejam, olhando para todas essas definições, a gente olhando para o ambiente da Psicologia do Esporte, do atleta que quer ganhar performance, a gente começa a ver coisas um pouco semelhantes, os objetivos da performance do resultado, mas vale a pena falar sobre alguns aspectos relevantes desse processo. Profissionais de diversas formações e áreas distintas estão envolvidos com *coaching*, então, você não precisa ser psicólogo para ser um *coach*, você

pode ser engenheiro, você pode ser dona de casa, você pode ser economista, você pode estar na área de humanas, exatas, não é exigido uma formação específica para você ser *coaching*. Ou seja, ele não precisa ser psicólogo, ou seja, quem é *coaching* não está habilitado para lidar com questões comportamentais clinicamente significativas, então, *coach* não é psicólogo, mas um psicólogo pode ter uma formação em *coach*. O que acontece? Existem hoje inúmeras metodologias de *coaching* no mercado oferecidas pelo o que a gente chama de centros, escolas, institutos que formam *coaches*, mas não é uma profissão regulamentada, como a Psicologia é; não existe uma instituição que dá apoio ao *coach*, que fiscaliza, que certifica esses centros de formação, ou seja, existem vários tipos de formação. Algumas aprofundadas, com determinado número de horas, outras supercurtas, então, qualquer pessoa pode ser *coach* e se entrarmos no Instagram, veremos que você pode ser qualquer coisa, você pode ser *coach*, não é isso? *Coach* de *fitness*, *life style*, *coach* boêmio; esses dias entrei no do *coach* boêmio, não sei se vocês conhecem esse... bom, isso tudo para gente, antes de começar a falar sobre o *coaching*, ter noção do que é esse campo; então, é um campo ainda que não tem um órgão que rege, nem fora do Brasil não existe isso, mas existem algumas ferramentas que trarei aqui para vocês, para pensarmos. O *coach* se concentra no futuro, ele ajuda o indivíduo a encontrar o próprio caminho, ele lida de igual para igual com quem o contrata, ele faz perguntas certas para a pessoa, concentra-se na mudança de comportamento, ele lida com questões profundas de vida e do trabalho.

“Quando a gente passa pelo processo de formação, eles deixam claro que para a pessoa fazer um coaching, ser o coachee; o coachee seria o caso do paciente, ele precisa estar com todas as funções psicológicas ótimas”.

Aqui está a diferença com o terapeuta, o psicoterapeuta como alguém que precisa olhar para a história, o passado, fazer um diagnóstico daquele indivíduo e tratar as disfunções, questões importantes daquele indivíduo. O terapeuta define, eu não sei se é a cura aqui, mas a cura como uma meta principal, então, alcançar a melhora do pa-

ciente, a confidencialidade é protegida por lei. Então, temos algumas diferenças do *coach* e do psicoterapeuta e é importante ter, que claro que fazer uma terapia não tem a ver com fazer *coaching*. Quando a gente passa pelo processo de formação, eles deixam claro que para a pessoa fazer um *coaching*, ser o *coachee*; o *coachee* seria o caso do paciente, ele precisa estar com todas as funções psicológicas ótimas. Uma pessoa disfuncional não é capaz de passar por um processo de *coaching*, isso é o que na formação eles pontuam para gente, ou seja, não é um tratamento, é um processo. Esse autor fala do *coaching* como um processo do desenvolvimento individual que acontece a partir de uma parceria colaborativa, na qual duas pessoas se comprometem a fazer um trabalho, sendo que o *coaching* se empenha em apoiar, facilitar, favorecer a produção de reflexões que gerem autoconhecimento e ações do *coachee*, que está interessado em maneiras de fazer melhorias em sua vida, seja em aspectos pessoais ou profissionais.

“O profissional habilitado, o coach, estabelece uma parceria com o coachee, essa parceria é bem clara, tem começo, meio e fim com o objetivo de potencializar o desempenho para que ele atinja o seu objetivo através desse acompanhamento contínuo”.

Então, é uma consultoria pessoal, ela acontece nessa relação entre essas duas pessoas que têm o propósito de promover mudanças e alcançar um determinado objetivo. É um processo bem objetivo, sistemático, rápido, que tem um início, meio e fim bem estabelecidos. As sessões são em média dez a quinze sessões, mais do que isso não é *coaching*, é terapia. O *coach* utiliza ferramentas e técnicas específicas e no processo de formação eles deixam muito claro que aquilo é uma ferramenta do *coach* e que eles preferem que não seja divulgado. Então, por exemplo, se alguém da sociedade, por exemplo, eu não poderia, se vocês não estão fazendo o processo de *coaching*, começar a mostrar para vocês as ferramentas do *coaching*. O profissional habilitado, o *coach*, estabelece uma parceria com o *coachee*, essa parceria é bem clara, tem começo, meio e fim com o objetivo de poten-

cializar o desempenho para que ele atinja o seu objetivo através desse acompanhamento contínuo. O objetivo central é a busca de um resultado, um resultado que tem a ver com a demanda dessa pessoa que chega, geralmente, no início do trabalho, o *coach* pede para o seu cliente para estabelecer as evidências concretas de que ele atingiu o objetivo e, por isso, em cada sessão, o *coach* pede tarefas, o *coachee* traz e aí eles vão estabelecendo juntos: “Você está chegando perto da sua meta? O que você fez para conseguir chegar onde você gostaria?”, então existe sempre um *follow-up* que é a avaliação ativa desse processo; cada sessão precisa ter acontecido alguma coisa, então o *coach* incentiva a pessoa a estar em ação o tempo inteiro. É um processo dinâmico que tem essas três etapas bem estabelecidas: uma avaliação que eles dão o nome de *assessment* e eles são bons nisso, eles têm bastante recursos para avaliar quem é aquela pessoa, têm as intervenções que são as ferramentas que eles utilizam e esse *follow-up* de ir verificando se a pessoa está alcançando onde ela quer chegar. Veja, quando a gente trabalha com atleta, o atleta trabalha também com o resultado. Eles também são imediatistas, a gente também tem tempo curto para conseguir alguns resultados, nem sempre conseguimos, porque não fazemos mágica, isso é importante dizer, mas o processo do *coaching*, ele tem uma estrutura que pode, esse jeito de pensar, de estruturar o processo pode facilitar um atendimento que também tem um começo, meio e fim. A avaliação do *coach* serve para identificar as necessidades e potencialidades daquele cliente, então, o que você tem de positivo, quais são os seus talentos, os seus pontos fortes, onde que você pode melhorar e a partir disso definir seu plano de ação, com essa etapa concluída, começam-se as ações com direção ao objetivo e esse *follow-up* de ir sempre verificando se a pessoa está alcançando os resultados obtidos?

“A responsabilidade precisa ser do próprio atleta, do próprio cliente e essas ações, então, vão ser comprometidas nas ações do cliente, então, precisam estar comprometidas com o objetivo”.

Existem dois pilares importantes no *coaching*, que é a conscientização e a responsabilização, en-

tão, o *coach* tem o objetivo importante de passar para o atleta, para a pessoa que ele está acompanhando a ideia... como que eu posso descrever isso aqui? Qual que é o objetivo dele ali, o quanto ele está consciente das ferramentas, das possibilidades, habilidades que ele já tem, o quanto que ele está consciente dos pontos fracos, então, essa conscientização de tudo que o atleta ou o cliente tem, onde ele quer chegar e é deixado claro que a responsabilidade de alcançar o ponto onde ele quer chegar é só dele; o *coach* não vai levar ninguém para lugar nenhum. A responsabilidade precisa ser do próprio atleta, do próprio cliente e essas ações, então, vão ser comprometidas nas ações do cliente, então, precisam estar comprometidas com o objetivo. Isso é deixado claro na primeira sessão: "É uma parceria, estamos aqui juntos, mas onde você quer chegar? O que você quer fazer? Quantos por cento você está comprometido em chegar onde você está me dizendo que é o seu objetivo?", e aí, a resposta vem do cliente, do atleta. Como funciona esse processo? Então, geralmente, identifica-se o estado atual, onde que esse atleta, essa pessoa está e onde que ela quer chegar e aí, então, tem esse primeiro momento do... o foco na disciplina, no comprometimento, na definição de prioridades, alinhar os valores daquele atleta ou cliente na concentração e na gestão de tempo. A partir daí, parte-se para a ação, então, sair da zona de conforto, reprogramar um piloto automático para fazer algo diferente, empenhar-se em dar o seu melhor nas tarefas, então, o *coach* incentiva muito o *coachee* ou o atleta, o cliente partir para a ação para chegar num resultado que seja maior flexibilidade, na mudança promovida, na transformação, crescimento, podendo mensurar tudo isso que aconteceu, a pessoa poderá dos próprios recursos alcançar o que ela quer com sustentação. O fio condutor do processo de *coaching* é a questão do propósito, identificar junto com aquele atleta ou com aquele cliente qual que é o seu propósito, qual que é a sua missão, despertar para aquilo que realmente importa para ele, então, cada atleta ou cada cliente pode ter um tipo de objetivo, pode ser que a pessoa queira ganhar a medalha olímpica e aquilo faça sentido para ele e seja a coisa mais importante ou pode ser que aquele atleta queira vencer especificamente determinado atleta que é o rival dele. Não importa, o valor do atleta ali, aquilo que é importante para ele vai determinar o percurso a ser percorrido. Feito isso, o *coach* pode fazer uso de uma série de ferramentas e técnicas e metodologias próprias para então amparar o seu *coachee* na realização desse objetivo.

"Eu queria deixar claro que eu não me intitulo coach, apesar de ter feito uma formação; eu sou psicóloga de esporte, especialista, fiquei muito curiosa depois de assistir algumas palestras, de saber que no ambiente do esporte existem muitos coaches trabalhando, que não são psicólogos e que trabalham e que conseguem os seus resultados".

Eu estou falando um monte de técnicas próprias e etc.; eu não sei se vocês estão ficando curiosos, mas na verdade, quando eu fiz todo o processo de *coaching*, você participa de uma formação de *coaching* para vocês saberem, é um formação ativa, então, a gente faz muitas atividades em duplas e aí você é o *coach* e a outra pessoa é o *coachee*, você veste depois o papel de *coachee*; então, algumas pessoas buscam o processo para um autoconhecimento, outras pessoas buscam para serem *coaches*, então, a gente vivencia todas as técnicas no processo de formação, ao passo que você vivencia e percebe que aquela técnica fez sentido para você, vira um recurso que a gente acaba utilizando com o próprio atleta. Então, não sei o quanto vocês conhecem das técnicas da Psicologia do Esporte, as técnicas de respiração profunda, visualização, mentalização, a gente consegue passar melhor essas técnicas se as vivenciamos pessoalmente e conseguimos perceber o quanto que elas podem ser, de fato, efetivas; então o processo do *coaching* acaba fazendo isso conosco e podemos usar algumas ferramentas que, de fato, ajudam num processo de atendimento de atleta. Então, eu queria deixar claro que eu não me intitulo *coach*, apesar de ter feito uma formação; eu sou psicóloga do esporte, especialista, fiquei muito curiosa depois de assistir algumas palestras, de saber que no ambiente do esporte existem muitos *coaches* trabalhando, que não são psicólogos e que trabalham e que conseguem os seus resultados e fui conhecendo a Alda e tendo aulas com ela a respeito de *coaching*; fui lá de curiosa mesmo, para saber o que era esse processo e, veja, me surpreendi com algumas coisas que achei que eram interessantes e, também,

questionei algumas outras coisas no processo que é mais generalista; então, acho que qualquer método, qualquer complementação que utilizarmos na nossa prática, vale ter a nossa visão crítica, vale lembrarmos do nosso Código de Ética para utilizar de uma maneira responsável com o nosso atleta, com a pessoa com quem trabalhamos. Quem me conhece sabe que eu tenho um jeito de atuar objetivo; cheguei aqui, a Fabíola falou: “Mas o *coaching* tem a ver com você, não é, Carla?”, tem.

“Qual que é o seu sonho? O que você vai fazer para chegar até ali? Que processo que você precisa percorrer para chegar até onde você quer? Você banca abrir mão de algumas coisas para chegar lá?”

Eu sou assim, gente, eu sou psicóloga, mas eu sou objetiva, eu não fiz Engenharia porque Matemática não é a minha, mas acho que por isso que eu tenho afinidade grande com o trabalho de alto rendimento; isso não quer dizer que eu não dê colo, não dê afeto, não enxergue o atleta como um todo, mas quando trabalhamos no alto rendimento, exis-

te uma pressão para que as coisas caminhem e andem, precisamos de dados mensuráveis, acho que por isso que a análise do comportamento também me ajuda muito e algumas ferramentas do *coaching*, realmente, ajudam, encurtam alguns caminhos, facilitam alguns processos e acho que vale sempre aprendermos sobre alguns processos e procedimentos e métodos que podem complementar a nossa atuação e por isso que eu vim trazer hoje para vocês um pouquinho sobre isso; e o *coaching* tem muito disso, de incentivar que a pessoa sonhe, sonhe muito alto, que ela visualize algo muito grande, que ela entre em contato com o desejo dela, com aquilo que é mais reforçador, que é mais importante e significativo na vida delas, então, o início do trabalho do *coaching*, acho que tem muito a ver, também, com o nosso trabalho com os atletas é: “Onde você quer chegar? Qual que é o seu sonho? O que você vai fazer para chegar até ali? Que processo que você precisa percorrer para chegar até onde você quer? Você banca abrir mão de algumas coisas para chegar lá?”, e aí, a ideia é essa: “Você é do tamanho dos seus sonhos, vai para cima, o que você precisa fazer, estamos juntos nessa, ajudo você até onde for possível”, dentro das nossas possibilidades. Então, acho que é... a parceria realizada no *coaching* é uma parceria parecida, que realizamos com o nosso atleta como psicólogos de estar junto, mas os dois remando, não basta só a gente, mas ele também está ali junto com a gente. Obrigada. 🙏

Gislane Ferreira de Melo

Obrigada. É interessante ouvir daqui, que eu sou *coachee*, não é? Eu estou na minha sétima sessão e ouvi todas essas. Acho que vai abrir uma discussão bem interessante, como eu fui atleta de natação, fui vice-campeã sul-americana, tivemos um suporte muito bom da parte de Psicologia do Minas Tênis Clube; hoje, eles têm vinte psicólogos no clube e sempre - isso vocês não tinham nem

nascido - eu já tinha uma psicóloga e fez a diferença muito grande na minha vida, acho que foi isso que me encantou em estudar alguns pontos da Psicologia, porque ela modifica e eu tenho aprendido agora um pouco como *coachee* que a gente é parecida, que é rápido e certo, está sendo interessante a experiência. Então, vou passar a palavra para a Fabíola. 🙏

Psicoterapeuta; Pós-graduada em Psicologia do Esporte (Havana /Cuba); em Psicologia Analítica - Universidade São Francisco. Especialista em Psicologia do Esporte - reconhecida pelo CFP. Especializada em Arte Terapia - Instituto Sedes Sapientiae e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

Boa noite, gente! Gostaria de agradecer ao CRP, à Camila, principalmente, pela oportunidade de estar aqui contando para vocês a minha experiência com a Psicologia do Esporte e, principalmente, o meu trabalho da Arteterapia na Psicologia do Esporte. Gostaria de começar contando como foi esse meu caminho de formação, a minha experiência também com esporte competitivo, da iniciação até o alto rendimento e trabalhando com aqueles que sempre queriam ser os melhores; eu tinha sempre essa questão interna, minha: "Bom, o que eu posso fazer para ser um pouco melhor? O que eu posso fazer para ser um pouco melhor, para oferecer algo a mais?". Sempre algo a mais.

"Até que eu encontrei a Arteterapia e pude vivenciar que na realidade o que eu buscava sempre fora estava dentro".

Então, fui percorrendo diferentes cursos de diferentes áreas, não existia a formação da Psicologia do Esporte aqui, por isso que eu fui buscar fora do Brasil e aí, assim, acabava um curso, muitas coisas foram positivas, interessantes, mas eu tinha uma sensação assim: ainda não é isso. Aí, acabava um outro curso: não, ainda não é isso. Até que eu encontrei a Arteterapia e pude vivenciar que na realidade o que eu buscava sempre fora estava dentro e aí tive a oportunidade de ensinar isso aos atletas, aquilo que eles buscam o tempo todo está fora, mas antes de chegar, tem que estar dentro, não é? E digo que essa minha parceria, na qual estou até hoje, junto da Arte Terapia, que é o que eu vou contar aqui para vocês. A Arteterapia é uma prática terapêutica que se utiliza de recursos

expressivos e artísticos variados; ela tem uma teoria específica, as pessoas precisam ter uma graduação para serem Arteterapeutas; no Brasil não existe a graduação em Arteterapia, como existe em outros países, então, se você quer ser um Arteterapeuta você precisa ter uma graduação e a Arteterapia é uma especialização; então, você terá a base da sua formação e utilizar como um recurso no seu trabalho. Para que ela serve?

"Arteterapia é o fazer arte de forma terapêutica, não tem nada a ver com a questão estética, não tem valor estético, o mais importante é o processo de fazer e não o produto final".

Para facilitar o contato com o seu mundo interno, na realidade, os recursos utilizados eles são escolhidos com muito cuidado, não é uma técnica pela técnica, eles têm toda uma qualidade e um valor independente do trabalho, assim, aliás, dependendo do trabalho que estaremos escolhendo. Arteterapia é o fazer arte de forma terapêutica, não tem nada a ver com a questão estética, não tem valor estético, o mais importante é o processo de fazer e não o produto final. Algumas pessoas falam assim: "Eu fui na minha aula de pintura, então eu estou fazendo Arteterapia", aí mostra o quadro lindo e maravilhoso igual a todos os alunos, mas então falo: "Isso não é Arteterapia", isso sim é um trabalho onde existe um produto final onde existe o belo, todo mundo quer fazer o belo; e no trabalho o objetivo principal não é ensinar ao outro, dentro da Arteterapia, ha-

bilidade manual, talento artístico, você nem precisa ter essas qualidades e essa habilidade, a intenção é concretizar, dar uma representação visual àquilo que é desconhecido. Então, a partir do momento em que a gente expressa, seja de qualquer maneira, um rabisco, escolher imagens em revistas, coisas que nós todos fazemos, estamos expressando alguma coisa e, a partir dessa expressão, começamos a entrar em contato com o que está dentro da gente: por que será que eu escolhi isso? Qual é a relação? E aí a gente vai alinhavando essas expressões. A expressão, essa questão do fazer, ela é fundamental dentro do processo da Arteterapia, porque você, a partir do momento em que você faz alguma coisa, entra em contato com o material, seja ele qual for; você manuseia, você experimenta, a partir daí o indivíduo, ele aprende a se olhar com outros olhos, ele fica assim, mais consciente daquilo que está dentro, porque ele está vendo fora e de suas características e potencialidades. É interessante até a fala do ser objetiva, porque eu também sou muito objetiva e trabalhando com alto rendimento, existe muito essa cobrança de atletas, de comissão técnica: "Mas como você vai trabalhar concentração? Como você vai trabalhar confiança?", são habilidades psicológicas que a gente desenvolve, mas são muito subjetivas: como trabalhar isso? E é através da Arteterapia que existe um fazer que a gente olha, foi a maneira que eu comecei a mostrar, porque isso é um material de expressão; então, em todo o trabalho, numa das reuniões, o que eu fazia era mostrar aquilo que os atletas faziam no final do processo para eles entenderem: "Ah, entendi, então foi assim que você trabalhou a confiança", os aspectos que a gente foi trabalhando no decorrer do planejamento; então, é muito importante, através do que ele faz, do que ele expressa, darmos o retorno não só para ele e quando estamos inseridos numa comissão técnica também: "O que é aquilo que ele fez? Para que serve?", principalmente quando estamos inseridos dentro de um clube ou dentro de uma instituição, onde são muitos materiais e precisamos da questão financeira, é óbvio: "Eu preciso de tantos materiais". "Para que você precisa de tanta argila?", então, na realidade, mostramos o valor do trabalho a partir do momento em que você conta para o outro aquilo que você está fazendo. Bom, o que eu comentei agora há pouco sobre a questão do trabalho e da qualidade do material e o quanto é importante ter um "para que" e um "por que" cada material, esse contato com o material que a gente escolhe, ele é fundamental no processo arteterapêutico, porque ele potencializa, ele sensibiliza e ele desenvolve.

"Na hora de escolher, isso faz parte da escolha, o que é importante fazer em cada momento ou dependendo do momento da equipe ou do atleta, o que de repente poderia ser mudado para fazer naquele momento, para ser desenvolvido".

Se a gente sabe que a Psicologia do Esporte tem por objetivo desenvolver as habilidades psicológicas: eu quero ser um pouco mais do que o outro atleta, então, eu quero desenvolver alguma coisa mais que o outro; a ideia é que justamente esse recurso possa ser um aprendizado, possa ser uma conquista que ele precisa treinar, desenvolver para adquirir. Então, é fundamental escolhermos o material na hora certa, cada material tem a sua qualidade, se é um material mais consistente, se é um material mais flexível, como por exemplo, aquarela ou argila, vamos pensar assim, são materiais extremamente opostos e cada um toca numa qualidade psicológica específica. Na hora de escolher, isso faz parte da escolha, o que é importante fazer em cada momento ou dependendo do momento da equipe ou do atleta, o que de repente poderia ser mudado para fazer naquele momento, para ser desenvolvido. É aí que entra a questão do esporte de alto rendimento, o que um atleta quer de alto rendimento? O resultado final, a medalha? Independentemente do recurso arte-terapêutico utilizado, o objetivo não é o produto final, o objetivo é o processo de fazer arte. Então, independentemente daquilo que vamos propor para o outro entrar em contato, o mais importante é o como, é o processo. O produto final é importante, como eu falei para vocês agora há pouco, até para mostrar a validade, o quanto aquele trabalho está sendo importante, sim, mas não só e não é o mais importante. E onde que eles se encontram, então? A Psicologia do Esporte e a Arteterapia? Exatamente nessa questão oposta. A partir do momento em que você ensina um atleta a aprender e a se desenvolver com relação a: "Olhe o seu caminho e não só o resultado final", ele valoriza o processo dele, não é? Eu sempre acreditei, dentro do trabalho de preparação psicológica, que o mais importante é podermos trabalhar o equilíbrio, trabalhar questões que muitas vezes não conseguimos trabalhar nas outras áreas, cada área que eu digo, assim, o preparo para o

físico tem o seu objetivo, o preparo técnico tem o dele, o preparo físico, técnico, tático, cada um tem o seu e o psicológico também e cabe ao atleta, dentro da preparação psicológica, poder desenvolver algumas habilidades que não são desenvolvidas nessas outras. Então, a Arteterapia, ela possibilita esse processo de desenvolvimento. E aí acho que tem uma questão que foi muito significativa, pessoalmente, e eu encontro o tempo inteiro no trabalho com os atletas que é esse efeito de abrir a caixinha e sair uma surpresa, mas o que será que vai acontecer? Lápis, tesoura, papel, tudo isso a gente tem acesso, mas quando fazemos algumas misturas de materiais, quem não é da área artística, não sabemos muito. Eu digo “a gente” porque eu sou da Psicologia e aprendi esse outro lado e você descobre encontros muito interessantes que você fica assim: “Nossa, mas fui eu que fiz?”, então, além dessa questão, que eu diria que é gostosa, o trabalho tem por objetivo fazer com que você, a partir do momento em que você se expressa, você acaba olhando o que está dentro, o que você tem que é só seu? A gente pega... eu coloquei ali o ovo que eu gosto muito dessa imagem, a gente pega ali meia-dúzia de ovos, é tudo igual, mas lá dentro tem alguma coisa diferente e se formos pensar, no mundo todo. Você tem o treinamento físico, o técnico, e tático do atleta, o que vai diferenciar esse atleta? É o que está dentro, não é? Então, como trabalhar o que está dentro? Possibilitando esse dentro vir para fora.

“É um trabalho que para mim fez muito sentido, foi muito especial, foram cinco anos só com esse trabalho, são dez brasileiros, onde em cada período fizemos um trabalho específico para aquela competição”.

E aí eu faço essa relação da Psicologia do Esporte com a Arteterapia. Se entendermos a Psicologia do Esporte como um objetivo de analisar, desenvolver e modificar, se for necessário, as condições e os efeitos psíquicos da conduta humana no contexto social do esporte e da atividade física, a Arteterapia, ela tem como, realmente, trazer toda essa sustentação de desenvolvimento ou de modificação ou de análise, por justamente Arteterapia proporcionar ao indivíduo ampliar o seu auto-

conhecimento a partir do momento em que você se expressa, integrar esses aspectos desconhecidos porque você fez alguma coisa, você se expressou, é algo que está dentro, é algo inconsciente. Acessar e desenvolver essas potencialidades. É aquilo que está dentro, o que será que vai aparecer? A gente precisa pôr para fora para saber. E aí eu começo esse encontro dessas duas áreas onde, realmente, elas fazem muito sentido. Eu tenho uma experiência de 13 anos dentro do Esporte Clube Pinheiros e escolhi esse trabalho com a nataçã, não foi sem querer, as duas com a nataçã, porque foi um desafio muito grande na época em que aconteceu esse convite; eu já fazia um trabalho com alguns atletas, e de repente o treinador chegou para mim e disse assim: “Olha, eu quero que você faça um trabalho aqui na beira da piscina, chega do pessoal ficar lá em cima, eu quero você aqui de chinelo junto com eles, eu quero você junto e a partir da semana tal...”, isso aconteceu uns três meses antes do primeiro brasileiro: “Eu quero que você e o preparador físico façam alguma coisa para fazer, justamente, um trabalho de integração entre eles, o pessoal de fora vai chegar, e vai ser uma competição muito forte...”, era um ano antes de Olimpíadas, o pessoal estava precisando índice, queria mostrar resultado e eu diria para vocês que a Arteterapia foi a minha grande ferramenta valiosa, e aí, quando a Camila falou: “Fala sobre a Arteterapia, qual é a relação com a Psicologia do Esporte”, eu poderia ter escolhido outros trabalhos, mas esse é um que para mim fez muito sentido, foi muito especial, foram cinco anos só com esse trabalho, são dez brasileiros, onde em cada período fizemos essa intervenção específica para aquela competição. Então, esse foi um trabalho que eu desenvolvi junto com o preparador físico, o Beto que foi muito parceiro na preparação física. É fundamental na Psicologia do Esporte trabalharmos com uma equipe de outros profissionais, então, eu entrava na piscina, ele fazia o aquecimento físico dele e depois eu entrava com alguma coisa: “Fabiola, agora você vai entrar com a sua parte”, tivemos várias reuniões, quais eram os objetivos, o que ele queria, ele me contou um pouco daquilo que ele pretendia dentro de uma equipe extremamente grande e forte em termos de resultado e aqui vou contar para vocês sobre esse trabalho. A intenção inicial é que eu estivesse lá embaixo, porque a minha sala era no terceiro andar e a piscina embaixo. Então, ele disse assim: “Bom, Fabiola, eu quero um trabalho de integração, a nataçã é individual, mas eu quero um trabalho de grupo, nós precisamos... nós não temos um grupo, nós precisamos formar um grupo de nataçã,

uma equipe forte”, e continuou: “E outra, o pessoal está muito tenso, está chegando a competição que a primeira competição é importante, pensando nos jogos do outro ano...”, então, ele trouxe como importante a integração, descontração: “Eu quero foco, não começa com muita brincadeira, eu quero que eles também pensem no objetivo, é para descontrair, mas foco” e que eles pudessem ter uma reflexão a partir daquilo que estava sendo proposto. Bom, nesse momento, eu me lembro como se fosse hoje: “O que eu vou fazer?”, eram, na época, uns 55 atletas: “Bom, eu tenho que fazer alguma coisa rápida”, ah!, esqueci de falar que tinha que ser rápido, era alguma coisa rápida para integrar, para descontrair e foco para entrar na piscina. Então, entrou o preparador físico, ele fazia o aquecimento, depois fazia o meu trabalho. Bom, eu diria que a Arteterapia foi muito boa e também, principalmente, os jogos cooperativos que me ajudaram bastante. Então, o que eu vou contar aqui para vocês, até por conta da minha objetividade, eu sempre separo o trabalho, até para a minha organização, em três momentos; então, o trabalho se desenvolveu: o momento inicial, onde eu chamei de aquecimento também, porque, assim, o Beto fazia o aquecimento físico; aí eu falei: “Bom, então eu vou fazer o aquecimento psicológico”, e para mim, o aquecimento psicológico era respiração, então eles estão ali no “auê” de alongar, de aquecer e como que eu vou trazer o atleta para dentro? Então para, fecha o olho, lógico que no início é difícil, todo mundo ri, muita gente, mas a respiração foi mostrando que eles não sabiam respirar; primeiro, a respiração abdominal, o quanto era importante que cada um pudesse fechar o olho, concentrar-se e nesse momento, assim, falava algumas coisas importantes para aquele período da semana, eu sempre tinha um contato anterior com o treinador, eu propunha uma atividade de grupo, uma atividade cooperativa, então, toda semana eu descia e fazia essa atividade ao lado da piscina e na sala, tinha uma atividade onde eu trabalhava uma questão com mais tempo, então, quinzenalmente, eles subiam na sala, não eram todos que subiam, tínhamos uma divisão de estilos por uma questão prática, então, eles faziam uma atividade, vou falar atividade individual, porque você vai relaxar e respirar, é você com você mesmo, então, você está lá, respirou, visualizou, e contato com os materiais e eu sempre faço um fechamento de cada atividade, então, o que foi que você fez? Qual a elaboração? Principalmente, por ter um objetivo de integração, mesmo que a expressão fosse individual, o trabalho fosse individual, cada um falava algo sobre o

seu trabalho e a gente fazia um fechamento grupal. E uma coisa que eu gostava muito, até hoje eu faço isso, eu dizia assim: “Tarefa de casa”, por quê? A preparação física é quase todo dia, só domingo de folga, preparo tático e técnico quase todo dia e por que só a preparação psicológica uma vez por semana ou quinzenalmente com o grupo menor? Então, eu dizia para eles assim: “Então, a preparação psicológica vocês fazem aqui comigo nesse horário e, nos outros dias, cada um faz sozinho, isso é tarefa de casa” e qual era a tarefa de casa?

“Olha, a imaginação é fundamental, você imagina aquilo que você não quer, você está imaginando a coisa ruim, então, vamos imaginar e vamos treinar a nossa imaginação para aquilo que a gente quer”.

Era justamente alguma reflexão, algo que eu pedia com que eles ficassem com aquilo na cabeça durante a semana toda até o outro encontro, era algo que saía da atividade. Então, a atividade era desenvolvida e fazíamos o fechamento dessa atividade e eu pedia para que eles ficassem com aquela questão na cabeça: “E você, o que você faria?”, sempre alguma questão para que ele ficasse em contato com aquilo que trabalhamos, para que isso não se perdesse. E o trabalho sempre dentro da Psicologia do Esporte, a gente traz o trabalho para o desenvolvimento, se você já é bom, eu quero ser mais ainda, para o aperfeiçoamento, então, trabalhei muito com metas, com motivação, com a questão da autoconfiança, concentração, a comunicação, principalmente, dele com ele mesmo, dele com o grupo, treinador e grupo. Em muitos momentos o treinador vinha para o trabalho para fazermos um trabalho com todo mundo junto, o controle emocional, visualização e imaginação, eu diria que é o que estimula o contato com os materiais, então eu sempre escolho a atividade como se fosse não só o aquecimento da respiração, mas algo que mobilize a pessoa para entrar na atividade e eu sempre contei e falo para eles: “Olha, a imaginação é fundamental, você imagina aquilo que você não quer, você está imaginando a coisa ruim, então, vamos imaginar e vamos treinar a nossa imaginação para aquilo que a gente quer”. Então, as atividades tinham sempre esse foco para o positivo, para as metas, para aquilo que eles queriam, relaxamento,

respiração o tempo todo e principalmente satisfação e equilíbrio psíquico. Eu dizia para eles que é assim: "A partir do momento em que vocês entram na sala", eu contava assim que a preparação psicológica é como se fosse o equilíbrio da gangorra, do lado de lá você tem o que você precisa, você é exigido em termos de resultado e do lado de cá, o objetivo é você estar presente. E eu acreditava e era esse o meu foco, que estando presente ele ia conseguir desenvolver o melhor do potencial dele para chegar no resultado. Acabei escolhendo desse tempo todo do trabalho com os atletas da natação algumas vivências para estar ilustrando para vocês; coloco como a primeira imagem o trabalho de cooperação, porque ela, realmente, foi superimportante nas vivências de grupo, principalmente, e o que eu tenho como fundamentação teórica é a linha junguiana, então, eu gosto muito daquele trabalho da tipologia e eu faço uma relação da tipologia com os quatro elementos, com materiais que se relacionam com os elementos, então, dependendo do momento em que eu estou trabalhando, eu uso aquela atividade da direita, é um trabalho com fogo, que é fundamental, a gente trabalhar esse elemento com o atleta que é o arriscar: será que vai dar certo? Será que eu vou conseguir? A gente pode pensar até na questão: quantos de vocês pularam fogueira alguma vez na vida? Tem gente que pula e tem gente que: "Será que eu vou conseguir?", esse medinho, essa incerteza é um elemento e uma característica que a gente desenvolve com fogo, e até tem aquela expressão: "Não mexe com fogo que você faz xixi na cama", então eu sempre brincava assim: "Vamos ver se você consegue se concentrar, fazer a atividade sem derramar a vela, senão vai ser um terror aqui na mesa"; então, foi um exemplo até para lembrar e poder ilustrar para vocês que cada atividade e cada qualidade de material tem uma característica psicológica a ser trabalhada. Essa atividade foi uma atividade em grupo, onde eles fizeram a construção de um jardim, trabalhamos muito a questão do espaço sagrado de cada um e o que cada um pode trazer para o grupo, e o outro, foi um trabalho com massa corrida e anilina que são dois componentes extremamente opostos, anilina você não tem como controlar nada, e a massa corrida - quem já brincou de massa corrida - é algo que colocamos para um lado, vai para o outro, temos extremamente controle e o objetivo desse dia foi justamente trabalhar a questão dos opostos. E outra coisa que acontecia, chegávamos na segunda-feira no local da competição e, na segunda-feira à noite, havia uma primeira reunião técnica onde o

treinador passava algumas questões importantes para eles e depois acontecia também uma vivência onde a Arteterapia foi fundamental ou o recurso dos jogos cooperativos. Em algumas competições, eu também fiz algumas atividades na arquibancada, então, o Beto também, que é o preparador físico, estava presente, ele fazia o aquecimento todo mundo junto que participa aqui de natação, que cada um faz o seu aquecimento, o objetivo não era esse: "Pessoal, vamos começar o nosso aquecimento?", então, todo mundo junto e isso, gente, dá uma força, todo mundo aquecer junto, todo mundo... primeiro que todo mundo já está com o mesmo uniforme, já é um coisa gostosa: "Temos um grupo", não é? Aí houve um trabalho de aquecimento e eu lançava sempre um desafio, alguma atividade para que eles pudessem dar uma descontraída, dar uma relaxada e foco na atividade. E aí a semana da competição, eu acompanhava eles, eu diria que a primeira competição, eu fiquei muito perdida, não sabia muito bem o que eu ia propor e a minha sorte foi que a competição foi em Santos, então eu fui, quando eu vi o hotel e vi o que tinha, falei: "Já sei", eu precisava voltar, eu voltei, peguei o meu *kit* Arteterapia e montei uma sala de bastidores, que eu brinco com eles. Então, eu criei uma sala não só nessa competição como nas outras demais que houve e o treinador e os atletas passaram esse retorno para mim: "Olha, não dá para viajar na competição sem ter esse trabalho junto com a gente", porque, assim, a competição é muito cansativa, acontece de manhã, tem a hora do almoço, descanso, tem aqui outras nadadoras, ex-nadadoras, aí chegava à noite, jantava e ficava aquele horário ocioso, então alguns ficavam pensando na competição do dia seguinte, os outros ficavam no quarto sozinhos, não tinha o que fazer e aí eles disseram o quanto essa criação dessa salinha - entre aspas - que eu falei, eles falavam assim: "Vai ter salinha nessa competição?". "Vai, vai ter salinha", e não era só uma salinha. Então, acho que dá para ver ali, eu tentava trazer e proporcionar um espaço gostoso, onde eles ficavam juntos, ou existiam alguns desafios, que cada temporada eu criava um desafio novo. Aqui são algumas imagens também de... e aí, outra coisa que aconteceu, isso foi acontecendo, o pessoal da biomecânica tinha o seu cantinho na sala, dependendo do tamanho do hotel, geralmente era uma sala de convenções. Ou a gente ficava num canto, essas atividades da Arte Terapia e biomecânica no outro, fisioterapeuta no outro, massagista no outro, ou aconteceu em alguns hotéis um pouco menores que era todo mundo junto, era uma bagunça deliciosa, porque todo mundo ficava

junto, então, um ajudava o outro, um tentava relaxar o outro, até por estar junto. Então, era eu diria que uma convivência onde foi se desenvolvendo e o quanto a Arteterapia facilitou esse contato, do chegar na sala e rabiscar o que tiver vontade, deixar um recadinho para o outro.

“O meu objetivo com a Arteterapia junto do esporte é trazer essa questão também do caminho do prazer e não só o caminho da dor, o atleta de alto rendimento”.

E outra coisa que eu resgatei na época, o Pí-nheiros tinha um nome de guerra cheio de nome de índio e os novinhos não sabiam nem o que era aquilo e aí falei: “Gente, o que une vocês perante o clube? Essa questão do grito de guerra”, então, eles foram atrás do grito de guerra, do que significava e depois de cada atividade de aquecimento na beira da piscina, eles faziam o grito de guerra e pulavam na piscina, então já virou uma festa, eles faziam lá o grito deles e pulavam, então começou a ficar uma questão muito descontraída, gostosa e ao mesmo tempo, aquele aperto: “Está chegando, está chegando”. E essas atividades são diferentes momentos onde eles criaram o grito de guerra, não só na salinha, mas como na beira da piscina e depois: “Puxa, vamos gritar todo mundo junto

com a bandeira?”, num dos eventos em que eles foram campeões. E toda vez que finalizava uma temporada, isso também faz parte do trabalho, existia uma questão: “Como foi o trabalho? O que foi bom, o que não foi bom? O que pode ser melhorado?”, então eles também expressavam pontos positivos, pontos negativos, o que a gente pode fazer melhor, porque a minha questão de “vamos tentar sempre fazer melhor” continuou, mas agora eu tinha a minha parceira, a Arteterapia. Gostaria de finalizar aqui o meu trabalho com duas imagens da natureza, que eu acho que a natureza é muito sabia, traz aí o encontro dos opostos, ninguém diz assim: “Vamos admirar o dia, vamos admirar a noite”, pessoal até admira, mas geralmente as pessoas vão admirar o quê? O pôr do sol, que é o encontro dos opostos, não é? Vão admirar: “Nossa, olha o brilho da lua no mar”, então, se pensarmos nos opostos, no brilho, na sombra, no dia, na noite, o meu objetivo com a Arteterapia junto do esporte é trazer essa questão também do caminho do prazer e não só o caminho da dor, o atleta de alto rendimento. A Gislane pode explicar bem, é um trabalho bem árduo, bem difícil, mas espera aí, não precisa ser difícil só, nós somos humanos, o atleta é humano, o que pode ser trabalhado para trazer um pouco mais essa doçura? Aquilo que está dentro e como que a gente chega naquilo que está dentro? Ficando quietinho, no nosso canto e se expressando dentro da linha e daquilo que eu escolhi usar como minha ferramenta de trabalho, está bom? Obrigada, gente. 🌱

Gislane Ferreira de Melo

Vocês estão vendo o quanto vocês são importantes para nós, atletas? Estão vendo que não acabou ainda a identidade de atleta, não é? Vocês não têm noção do que vocês fazem com a vida da gente, porque a parte física, técnica, tática, ela é muito

sofrida e sem vocês não existe campeão, então, dediquem, venham em todas as palestras, porque vocês não têm noção de o quanto vocês são importantes para os atletas. Vamos passar a palavra para o Luiz. 🌱

*Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – SP.
Presidente da Comissão de Orientação e Fiscalização do CRP SP.*

Uma alegria estar aqui com vocês, de novo, uma honra estar dividindo a Mesa com as colegas, ver esta casa cheia, muito bom. Eu queria... vou fazer algumas considerações, vou começar pela minha biografia de atleta... opa! Eu sou uma negação como atleta, aquele que a bola vinha e caía na cara, entendeu? Então, péssimo! Mas o que eu entendo... então, eu quero começar um pouco falando por aí. O que é isso? O que é o esporte? O que é esse lugar? É o lugar que o ser humano ocupa neste planeta, de desafiar tudo que ele vê pela frente. Então, eu imagino assim: eu ando de bicicleta, eu posso dizer hoje que eu sou ciclista, eu sempre gostei de ficar em cima de uma bicicleta, já fiz viagens longas de bicicleta, andei cento e trinta quilômetros em um dia e tal, coisas desse tipo, assim. O que é isso? É a busca do desafio, nós gostamos do desafio, o ser humano gosta do desafio. Então, quer dizer, eu imagino que a alta performance nada mais é do que: até onde é possível chegar? No meu limite e a competição com o outro. E é disso que estamos tratando o tempo todo aqui. Então, queria começar situando desse lugar que fala, sou psicólogo, evidentemente, e o título desse evento é Psicologia do Esporte e as práticas integrativas e complementares. Então, quero voltar para trás para falar o que são práticas integrativas e complementares?

“Acupuntura é uma prática integrativa e complementar. Por que ela é uma prática integrativa e complementar e onde que isso se situa?”

Práticas integrativas e complementares, esse nome remete a uma política pública, claramente, defi-

nida, um estado, uma política de saúde que vai tratar de algumas práticas integrativas que complementam os trabalhos de saúde. Eu tenho que dizer que estou surpreso com a Mesa porque estava esperando ouvir alguma coisa que estaria mais ligada com a prática integrativa e complementar que vem da política, como por exemplo como imagino que o esporte deva usar acupuntura. Acupuntura é uma prática integrativa e complementar. Por que ela é uma prática integrativa e complementar e onde que isso se situa? A acupuntura, ela vem da medicina tradicional chinesa; vocês falaram muitas coisas aqui que vêm de práticas tradicionais que foram reduzidas pela ciência ocidental a determinados recursos terapêuticos que usamos, por exemplo, na Psicologia do Esporte. Então, acupuntura é um desses elementos que vem da medicina tradicional chinesa e na cultura brasileira e na cultura, enfim, ocidental de maneira geral, ela foi reduzida a um recurso terapêutico, estudada a sua eficácia, etc. e ela é usada - e imagino que muito usada - porque eu, apesar de não ser tenista, já tive um cotovelo de tenista, mas a minha atividade foi pintar a casa, então, eu aluguei um andaime e subi no andaime e pinte a casa de dois andares, segurando com uma mão no andaime que o bicho fazia assim e com a outra eu pinte, tive cotovelo de tenista, chique, mas era só porque eu fiquei lá pintando a casa. E aí eu entrava no hospital e toma injeção disso, toma injeção daquilo, e faz isso, faz aquilo, aí me aborreci com esse negócio, falei: “Vou tentar um negócio diferente”, fui na acupuntura. Primeira sessão, já sai de lá apertando o desodorante, porque eu não conseguia nem apertar o desodorante. Então, por exemplo, acupuntura é uma prática integrativa e complementar, porque ela vem de uma outra racionalidade que se junta à racionalidade ocidental e complementa a medicina convencional, que é muito usada, evidentemente, na prática do esporte.

Uma outra prática complementar na política pública é a antroposofia, que é, vamos dizer, uma medicina homeopática, que tem um fundamento dentro do pensamento antroposófico de Rudolf Steiner, que era um alemão que inventou esse negócio que tem toda uma racionalidade, é mais do que simplesmente um recurso terapêutico, a antroposofia, ela se alastra na educação, na economia, tem um pensamento grande. Então, não sei, mas imagino que, em algum momento, deva-se usar a homeopatia ou mesmo a antroposofia, como por exemplo os psicólogos do esporte. E aí tem os recursos complementares de ordem física, como por exemplo, danças circulares, que estão no conjunto; o pessoal do Fábio Broto fez lá os jogos cooperativos e incorporou as danças circulares como um jogo cooperativo, que não é Arteterapia; jogo cooperativo é um negócio que incorporou a dança, não é jogo cooperativo, mas pode ser entendida como; então esse jogo de recursos terapêuticos complementares pode ser usado por aqueles que atuam dentro das práticas integrativas e complementares, que têm outros ainda, a fitoterapia é uma prática integrativa e complementar e tal, que, com certeza, deve ser usada dentro da medicina do esporte. Então quer dizer, esse é um lugar das práticas integrativas e complementares e temos discutido muito aqui no CRP qual é a relação possível. Eu faço parte de um grupo que está empenhado na discussão entre a racionalidade da ciência ocidental e as racionalidades que estão centradas nesses recursos terapêuticos; vocês veem que eu estou usando recurso terapêutico, prática integrativa, etc. E aí, então, a partir desta colocação, eu queria fazer alguns comentários sobre o que os colegas falaram e fazer algumas perguntas também. Então, por exemplo, a Arteterapia, ela é um recurso complementar que pode ser entendido, eu acho que pelo discurso da Fabíola, ficou muito claro que ela usa aquele recurso, eu entendo que você se assume psicóloga, que você usa a abordagem junguiana e tal e aí você usa a Arteterapia como um recurso, porque a teoria da Arte, já estou fazendo a pergunta, não é? Você falou que a Arteterapia tem uma teoria, eu fiquei curioso sobre a teoria, você não falou da teoria, mas você citou Jung, então estou entendendo que a sua leitura teórica da Arteterapia que você pratica ela decorre do recurso da Psicologia analítica do Jung? E aí dentro desse espaço sagrado, que você usou agora, por exemplo, e você falou do jogo cooperativo, então quer dizer, veja, agora eu estou aqui falando com psicólogos, também com aqueles outros multiprofissionais, porque eu estou entendendo que a

Psicologia do Esporte não se faz sozinha, aliás, o que se faz sozinho, não é, gente? Nada se faz sozinho, sempre nesse diálogo com outras profissões, ela fala dessa relação multidisciplinar, às vezes interdisciplinar, com outras profissões, por exemplo, quando o técnico, acho eu que é um professor de Educação Física, tem uma formação nessa área, fala assim: "Colega, vem cá que você vai entrar na piscina", ele está inserindo você dentro da prática dele e vai trocar metodologias: "Você fala das metodologias da Psicologia, eu falo das metodologias da Educação Física, vamos ver como é que a gente compõe aqui, dentro de um campo interdisciplinar, trocando metodologias", mais do que multidisciplinar, porque o multidisciplinar foi quando você estava lá só na sua salinha, imagino eu, e aí: "O psicólogo está lá, vai lá falar com ele", então quer dizer, o recurso está disponível, eu vou acessar aquele recurso e quando eu estou dentro da piscina, acho que essa metáfora é bem legal, está todo mundo na mesma água, eu estou ali trocando as tecnologias numa interação interdisciplinar, quando a Gislane fala assim: "Puxa, vocês são muito importantes", entendo que sim, mas, por exemplo, a Carla trouxe toda uma reflexão do *coaching* que não é restrita ao psicólogo, quer dizer, então, mas o que é o *coaching* mesmo?

"Existem muitas outras categorias que fazem Psicoterapia que é o mesmo lugar que o coaching ocupa, lugar nenhum, todo mundo que quiser fazer pode fazer com qualquer formação ou sem formação alguma".

Ela explicou que não é uma profissão regulamentada, que é um processo que a psicoterapia também é e aí, assim, eu estou aqui no lugar do advogado do diabo, hein, eu vou fazer os "cutucões" para começarmos a fazer a nossa conversa. Este fim de semana eu estive numa Mesa sobre Psicoterapia, e quando eu fui levar a Psicoterapia (eu sou um psicoterapeuta já há 25 anos) eu fui buscar na CBO – Classificação Brasileira de Ocupações o que era a Psicoterapia e aí, para a minha surpresa, Psicoterapia é lá na CBO, ela é facultada em duas categorias, existem muitas outras categorias que fazem Psicoterapia que é o mesmo lugar que o *coaching*

ocupa, lugar nenhum, todo mundo que quiser fazer pode fazer com qualquer formação ou sem formação alguma. Mas naquelas ocupações, no caso da Medicina e da Psicologia, Psicoterapia, ela tem uma descrição e aí quais são as Psicologias que são Psicoterapias? Entre elas está a Psicologia do Esporte e todas as Psicologias; se pegar na Medicina, todas as práticas médicas estão lá disponíveis como Psicoterapia, então quer dizer, a problematização que trazemos, a discussão que nós tivemos lá nesse fim de semana, eu acho que ela é pertinente aqui, e de que campo que nós estamos falando? O campo da Psicologia é um campo clínico por excelência, não reduzido à clínica psicológica; não estou falando consultório, nada disso, por exemplo, eu poderia dizer que a Fabíola estava fazendo clínica com os psicólogos dentro da piscina, por que não? Eu posso dizer que o *coaching*, dadas as definições que a Carla trouxe aqui, é um processo clínico e temos que fazer distinção entre aquilo que é terapia e aquilo que é terapêutico porque a arte do professor que você colocou, da aula de arte, pode ser extremamente terapêutica sem ser terapia, não é? Então quer dizer, esse pode ser um recurso complementar? Perfeitamente. Meditação hoje é um negócio extremamente bem estudado, reduziram, porque a meditação é uma prática espiritual que foi reduzida pela ciência ocidental, como a acupuntura a uma prática, incorporada, por exemplo, vocês falaram de visualizações, uma geração criativa, que não é da Psicologia do Esporte, é usada pela Psicologia do Esporte e que decorre, por exemplo, dessas práticas tradicionais que se perdem na história do homem. Então, essas questões, entendo, agora voltando um pouco para a temática que nos reúne aqui hoje, são recursos que o psicólogo que, no caso aqui, o psicólogo do esporte pode utilizar para ajudar as pessoas de forma sempre objetiva, porque se o psicólogo se perder na subjetividade, acabou a Psicologia, ele vai lidar com a subjetividade, eu posso lidar a partir de uma técnica comportamental, cognitiva que vai lidar com questões que você trouxe no *coaching*, que estão perfeitamente alinhadas, você mesmo falou ao final da sua fala, com a análise do comportamento.

“Quando você vai escolher um coach, você escolha alguém que tenha um background, veja, não estou dizendo que quem não tem psicologia não é um bom coach, não é isso que eu estou dizendo, estou dizendo que uma profissão regulamentada tem por trás algo que respalda um pouco mais”.

Então, eu diria que um psicólogo é, por excelência, um excelente *coaching* e procure as profissões regulamentadas, preferencialmente, porque por trás delas existe um conselho de classe que vela para que essas profissões possam ser bem executadas. Então, se uma psicóloga que faz *coaching* fizer uma besteira, tem um CRP atrás dizendo: “opa!”, se um *coach* qualquer fizer uma besteira, quem vai falar por ele? Ninguém! Então, quer dizer, quando você vai escolher um *coach*, você escolha alguém que tenha um *background*, veja, não estou dizendo que quem não tem psicologia não é um bom *coach*, não é isso que eu estou dizendo, estou dizendo que uma profissão regulamentada tem por trás algo que respalda um pouco mais. A mesma coisa diz respeito à Psicanálise; eu conheço didatas da sociedade da Psicanálise que são, por formação, engenheiros, são excelentes psicanalistas, então isso não quer dizer que um *coach* que não seja psicólogo não possa ser um bom *coach*, não é? Não é isso que eu estou falando aqui. Então, estou trazendo uma problematização para refletirmos aqui sobre que prática é essa, como é que construímos esse lugar. Enfim, então eu só queria dar essa “cutucada” inicial aqui para podermos conversar e eu quero devolver a palavra às colegas e à plateia para que possamos, então, fazer aquela rodada mais gostosa, que é a hora que começamos a falar, perguntar e tal. Obrigado! 🙏

Gislane Ferreira de Melo: Quero agradecer a fala de todos e vamos abrir para o debate.

Fabiola Matarazzo: Bom, se eu falei que é uma teoria própria, falei errado, desculpem-me. Na realidade, o arteterapeuta, ele pode ter como base teórica diferentes linhas teóricas da Psicologia, então corrigindo, técnicas específicas. Do que eu estou falando? Da relação do material com as qualidades psicológicas, então, não é simplesmente dar um papel, um lápis: "faça um desenho", que estou fazendo Arteterapia, não é isso. O fazer propicia um processo criativo que é fundamental termos esse cuidado do que estamos oferecendo ao outro e o que o outro vai nos responder, não é? Então, realmente, você ficou bem atento, não é? A outra questão, sim, eu tenho como base teórica a linha junguiana, então, todo o meu alinhamento do trabalho, principalmente nos fechamentos, é o valor da parte simbólica das imagens, daquilo que aparece. E a outra questão, você falou do espaço sagrado, que eu comentei. Eu diria que qualquer um pode fazer, eu vou pegar o exemplo do recorte: "Vamos recortar uma imagem e colar", qualquer um recortou, foi uma atividade que você pegou um pedaço ou escolheu uma imagem, fez o fazer ali no papel e acabou, mas a Arteterapia, quando eu digo que existe uma Arteterapia que é sagrada, no sentido assim, tem um envolvimento, tem um para que, tem um como, então, ele não vai olhar aquele recorte simplesmente: "Peguei qualquer coisa", a partir do momento que tem um começo, um meio e um fim, aquele momento, ele vai olhar aquilo com um sentido. Então, isso acontece não só com o recorte, mas com todas as expressões, aquilo que eles fazem tem um envolvimento e um algo a mais, eu diria, não sei se essa foi a sua pergunta.

Luiz Eduardo Berni: Nem é uma pergunta, acho que o mais gostoso é podermos conversar um pouco; então, isso eu quero apontar uma coisa importante, porque eu entendo que uma arteterapeuta também possa ser uma pessoa de Artes, não é?

Fabiola Matarazzo: Sim, com certeza!

Luiz Eduardo Berni: A diferença, como a do *coaching*, está no seu *background*, ou seja, a sua formação imprime na sua prática um lugar e um jeito de olhar. Então, por exemplo, quando eu vou lidar, é claro que uma arteterapeuta tem uma formação artística, pode ter uma leitura junguiana, mas um psicólogo já vem com excelência, com referenciais importantes que vão ajudá-lo a usar o recurso da Arteterapia para esse desenvolvimento, então, essas questões que eu queria apontar como diferenciais, não é? Vejam bem, eu estou apontando diferenciais que não são de desqualificação, eu estou qualificando aqui a ação do psicólogo, que é aquilo que me cabe fazer e marcando, apontando diferenças entre as diferentes formações. Conheço pessoas que são formadas em Administração que atuam como *coaching*, que são muito melhores que muitos psicólogos, percebem? Então são questões que são postas aí. Então, eu acho que são importantes para gente... e como vocês estão trazendo recursos, é bacana podermos olhar o recurso, e aí, queria apontar umas outras coisas que foram colocadas; acho que o jogo cooperativo que você apontou, que é um recurso complementar ao da Arteterapia que dá uma sensação fundamental, pelo que eu vejo, e vocês aí podem me esclarecer melhor, os técnicos entendem que cada vez mais, quanto mais integrados e mais cooperativos as pessoas forem, a mesma coisa nos ambientes empresariais, por que o jogo cooperativo vai para dentro da empresa?

“No jogo cooperativo, ganha quem chegou junto, quer dizer, as sensações de bem-estar dessa coletividade, aí eu me remeto à primeira pergunta que eu fiz no outro evento, quer dizer, que sociedade queremos?”

Porque eu tenho que ser competitivo fora, dentro, eu tenho que cooperar, se o time não cooperar dentro, acabou. Percebem? Quer dizer, então, essa dimensão da cooperação... agora, a vivência do jogo cooperativo onde todo mundo ganha é um negócio espetacular, porque na natação, em qualquer esporte competitivo, normalmente, principalmente em prática individual, ganha quem chegou primeiro. No jogo cooperativo, ganha quem chegou junto, quer dizer, as sensações de bem-estar dessa coletividade, aí eu me remeto à primeira pergunta que eu fiz no outro evento, quer dizer, que sociedade queremos? Uma sociedade competitiva ou uma sociedade cooperativa? Evidentemente, a sociedade cooperativa, mas como é que lido com a competição do ser humano? Essas são as questões, eu vou fazer esporte, ora, eu vou desafiar a natureza, vou desafiar os meus limites, os limites do outro.

Fabiola Matarazzo: Eu queria fazer só um complemento com essa questão dos jogos cooperativos, até para que todo mundo possa refletir mesmo enquanto pais ou futuros pais; qualquer brincadeira que você está junto com uma criança, e você quer fazer alguma brincadeira com ela, você diz assim: “Vamos ver quem chega primeiro?”, qual o estímulo? Agora, por que será que não diz assim: “Vamos tentar chegar juntos, um, dois e já!”, não é, reflexão, lição de casa.

Carla di Pierro: Eu queria aproveitar antes de apresentarmos aqui, a Fabiola estava me dizendo: “Carla, e aí, o que você vai falar sobre *coaching*, eu assisti uma palestra, etc...” e estávamos conversando um pouco sobre exatamente o que você está falando, enquanto que a nossa formação ajuda e nos habilita a usar uma ferramenta deles, mas observar o indivíduo com o nosso olhar clínico, o que um profissional, que talvez não seja da área da Psicologia, possa usar uma ferramenta, possa mobilizar algumas coisas e não conseguir acolher e ajudar aquilo que foi mobilizado. Então, com certeza, é algo para cuidar e veja, é uma profissão que está aí não regulamentada, mas que quando fala-

mos em Psicologia do Esporte não dá para não falarmos em *coaching*, porque é algo que vemos em todos os ambientes, principalmente no ambiente competitivo. Muitos técnicos viram *coaches* e vemos o espaço muito aberto para esses profissionais, então, acho que vale a pena conhecermos sobre, pelo menos, para conversarmos com eles: o que eles estão falando, no que eles estão trabalhando, que ferramentas eles utilizam, se vamos trabalhar de uma maneira interdisciplinar com médico, fisioterapeuta, técnico, teremos também que conversar com os *coaches*, porque eles vão estar fazendo o trabalho junto com a gente, então, conhecendo um pouco mais sobre o que é isso, eu acho que também conseguimos conversar um pouco melhor com ele.

Gislane Ferreira de Melo: Temos algumas perguntas para a Mesa como um todo. Rodrigo Moura do Rio de Janeiro: “O que é prioridade na Psicologia do Esporte, a melhora dos resultados ou a melhora da qualidade de vida?”.

Carla di Pierro: No esporte de alto rendimento? Então, a Psicologia do Esporte, ela é uma área com várias atuações; a Fabiola trouxe a atuação dela no alto rendimento, eu tenho a minha experiência no alto rendimento, estamos trabalhando com pessoas, então é óbvio que o nosso objetivo é cuidar da saúde mental e psicológica daquela pessoa.

“Então, claro que o objetivo da Psicologia do Esporte está na pessoa, estaremos num contexto, precisaremos trabalhar com essas questões que permeiam o resultado”.

Lembrando que estamos num ambiente onde essa pessoa está sob pressão e onde ela está sob pressão de resultados, então é óbvio que temos que cuidar para ela também não estar sob pressão desse resultado e, ao invés de olhar para a pessoa, olhar só para o resultado. Então, claro que o objetivo da Psicologia do Esporte está na pessoa, estaremos num contexto, precisaremos trabalhar com essas questões que permeiam o resultado. E veja, sempre ajudando o atleta a ser o protagonista das decisões, então, já passei por situações em que o atleta poderia fazer uso de uma substância ilícita e

o meu papel não necessariamente era dizer: "Não, não faça isso, vai fazer mal para a sua saúde", era: "Veja, qual vai ser a consequência de fazer uso dessa substância? A decisão é sua, a consequência é essa, aquela, você pode ter o resultado final, mas você pode ser pego num doping, etc., você decide"; então ajudamos o atleta a olhar para o cenário e ele vai tomar a decisão final. Então, óbvio que o nosso olhar é para a pessoa, mas lembrando que esporte de alto rendimento não é qualidade de vida, isso não quer dizer que gente não o ajude a buscar melhor qualidade de vida dentro do processo que ele vive, mas quando falamos de esporte de alto rendimento, estamos falando de um esporte agressivo, é agressivo, tentamos minimizar a agressividade desse ambiente, mas muitas vezes sofremos essa agressividade, também estamos sob pressão dos técnicos, dos próprios atletas, então acho que é uma questão para trabalharmos e se trabalhar para dar conta de tudo isso.

Gislane Ferreira de Melo: E ele complementa perguntando: "Na Psicologia do Esporte, a Psicologia vive de resultado?"

Carla di Pierro: Depende de que resultado você está falando, se é o resultado de eu chegar em primeiro ou se é o resultado de: "Puxa, Carla, que legal, não quero mais ser atleta". "Ok, você está feliz com isso?". "Quero fazer universidade fora, não quero ser atleta de alto rendimento". "Maravilha! Essa é a sua decisão?", então, o resultado é o resultado para a pessoa.

Gislane Ferreira de Melo: Outra pergunta dos internautas, Júlia pergunta para Carla: "Vocês encaminham atletas para um acompanhamento psicoterapêutico individual com que frequência?"

Carla di Pierro: Estávamos falando sobre isso no encontro no Sedes. Existe na Psicologia do Esporte, um jeito de encarar quando o cliente apresenta alguma queixa clínica, uma depressão, um toque, etc., ser encaminhado para o psicólogo clínico que cuida dessa necessidade. A nossa discussão no Sedes era: "Veja, se eu sou psicóloga e meu atleta deprime, por que eu que sou a psicóloga do esporte desse atleta não posso cuidar da depressão dessa pessoa, que conheço o contexto, onde ele está, tenho uma relação e um vínculo? Então, a nossa discussão era essa, será que é necessário o encaminhamento para um psicoterapeuta clínico quando o atleta apresenta algo que não necessariamente é uma demanda voltada para o alto

rendimento? Do meu ponto de vista como psicóloga, se eu sou psicóloga eu preciso saber cuidar de depressão, de um transtorno ocioso. Então, no meu ponto de vista, se existe o vínculo com aquele atleta, eu trabalho com aquilo, se eu não dou conta, por exemplo, de um atleta com Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade que não é a minha área, não sei cuidar, eu vou encaminhar alguma coisa que eu não saiba cuidar, mas se é uma questão e o vínculo é comigo e eu tenho espaço, porque vejam, existem alguns psicólogos que trabalham com cinquenta atletas ao mesmo tempo, sendo atleta trabalha comigo, a gente tem tempo, eu tenho espaço e eu posso me dedicar àquela necessidade, eu posso trabalhar com ele.

Fabiola Matarazzo: Concordo com a Carla, na realidade se é um trabalho onde o atleta me procurou na clínica, eu deixo claro: "Então, isso não é Psicologia do Esporte, isso é um trabalho psicoterapêutico", eu sempre esclareço. Agora, quando eu trabalhava no Pinheiros, eu não tinha como atender psicoterapia; em diferentes momentos acontecia assim: "Você precisa de uma psicoterapia, vou encaminhá-lo", então, depende do momento e do contexto, mesmo.

Gislane Ferreira de Melo: São mais duas perguntas dos internautas. Marcelo Guidi: "Gostaria de perguntar como as psicólogas, dentro de suas teorias, trabalham a questão do fracasso no esporte de alto rendimento e se essa perspectiva é trabalhada antes das competições. Como abstermos da verdade do sujeito em prol de uma imagem idealizada vencedor já tão contundente pelo capitalismo? Até o arquétipo do herói prevê, em sua evolução, que um dia ele deve abandonar o sacrifício a todo preço. É para a Mesa como um todo, vou começar com a Fabiola.

Fabiola Matarazzo: Com relação a essa questão do fracasso, tive uma experiência com uma atleta de ginástica artística, onde estava muito presente essa questão de não conseguir um determinado movimento e estávamos trabalhando com argila e ela fez, fez que fez o que ela queria e ela não conseguia fazer na argila concretamente aquilo que ela queria e, na realidade, tinha toda essa questão do fracasso da dificuldade de conseguir o tal movimento e um determinado momento; é lógico que cada caso é um caso, e eu estava do lado, fui estimulando algumas questões, ela parou, socou e fez de novo e ela disse assim: "Puxa, mas na competição eu não posso fazer isso, já fiz a série, eu

não tenho como voltar para trás e voltar de novo". "Como foi agora? Como é que você começou? Sua postura estava igual? A sua presença? A sua concentração?", na realidade, eu fui trabalhando aquilo que foi acontecendo naquele momento, que é difícil, Marcelo, é bem difícil trabalhar essa questão do fracasso, nenhum ser humano gosta de lidar com isso, agora, o que você aprende com isso?

"Eu sempre tento trazer o aprendizado, o que você aprendeu com isso que você fez? Socar e fazer de novo, o que dá para ser feito?"

O que você ganhou com aquilo? "Puxa, eu percebi que posso tentar mudar", ela socou a argila, ela colocou a raiva dela para fora e: "O que eu posso fazer de diferente no meu movimento?", a gente sempre transpõe... o objetivo da Arte Terapia é esse, a gente transpõe o aprendizado, aquilo que aconteceu na vivência para prática dela, senão não faz sentido trabalhar a Psicologia do Esporte com esse recurso, não é? Então, o que você pode fazer lá de diferente? Não dá para começar de novo a sério, da próxima vez o que pode ser feito de diferente? Eu sempre tento trazer o aprendizado, o que você aprendeu com isso que você fez? Socar e fazer de novo, o que dá para ser feito? Você falou duas perguntas? A imagem idealizada do vencedor é um trabalho contínuo, eu diria, não é algo assim de uma hora para outra que a gente consiga mudar, mas o tempo inteiro qual é o ideal dele, a gente trabalha com o dele: "Isso é o que você gostaria mesmo?", o tempo todo trabalhamos com os objetivos pessoais, objetivos que ele tem, objetivo, muitas vezes, que o clube tem, mas é um trabalho constante, não é algo assim: "faça isso que dê um resultado", não é?

Carla di Pierro: Não tem como trabalhar com esporte sem trabalhar com a frustração e com o fracasso, porque ou eles ganham ou eles perdem e, gente, eles perdem muito mais do que ganham, salvo o Federer, todos perdem, só perdem, perdem muito mais do que ganham, então a questão do fracasso, ela é permanentemente... faz parte da sessão, dói muito o fracasso para eles, dói mais em quem fracassou menos ou quem teve menos situações em que foi se dessensibilizando, então eu trabalho muito com atletas jovens de classe média alta e para esses atletas o fracasso é assim, é um momento para eles desisti-

rem, porque em outras áreas eles têm um alíviozinho daqui, dali e o esporte não tem alívio, ou você ganha ou você perde e no esporte aprendemos a lidar com o fracasso, com a perda; aprendemos a tolerar as nossas limitações, então é um ambiente muito rico para nos desenvolvermos. O atleta que não lida com o fracasso não chega no altíssimo rendimento, então, uma das coisas que trabalhamos com o atleta é aceitar o risco da competição: você pode ganhar, você pode perder, assume que pode vir uma sensação desagradável e que ela vai fazer parte e que você pode aprender com essa sensação e com tudo que você vivenciou no fracasso. Então, ela faz parte. Agora, a outra pergunta, para analista do comportamento é difícil de responder, mas eu vou tentar do meu jeito falar para vocês. Eu tenho contato com atletas de altíssimo desempenho, Cesar Cielo, Tiago Pereira, já tive contato com Nadal, já vi o Djokovic, gente, esse povo está em outro lugar, eles são idealizados, as pessoas olham para eles de baixo para cima, eles são deuses e por isso eles estão lá; então se eles não estão vivendo isso aqui, eles não chegam lá, é muito louco! Então, esses melhores do mundo parecem seres diferentes, eles se sentem... eles são os deuses e se eles não se sentirem deuses, eles não chegam lá. E o atleta que chega para nós é um atleta que ainda não é um deus, é o atleta que fala: "mas aquilo ali é tão maior do que eu, nossa, mas ele é tão mais forte", enquanto ele se sente assim, ele não vai ganhar, ele precisa se sentir um deus, aí ele alcança. Sou analista do comportamento, mas tentei fazer aqui uma interpretação do que eu enxergo dentro do esporte de alto rendimento.

Luiz Eduardo Berni: Acho que essa é uma das dimensões da Psicologia do Esporte. Existe aquela Psicologia do Esporte para trabalhar na inclusão social, tem uma outra dimensão importantíssima que não pode ser esquecida. Acho que ficamos um pouco focados nessas questões por conta das Olimpíadas que estão chegando, está todo mundo mais ou menos mobilizado em função dessas questões, mas tem outro trabalho maravilhoso que eu tive a oportunidade de um colega, na outra vez que estive aqui, rapidamente relatar, quer dizer, que é de inclusão, de você vencer os seus próprios limites. Acho que o fracasso, também, temos que relativizar, entendermos como fracasso, o não ganhar, fracasso é perder de 7 a 1, o resto é só perder a competição, você concorda? O resto é só perder a competição. Claro que perder a competição pode ser não ganhar medalha, tudo isso, mas eu melhorei o meu tempo, mas o outro infeliz melhorou melhor o dele, e daí... é relativizar esse lugar, acho que essa é uma questão importante.

Gislane Ferreira de Melo: Vou fazer mais a pergunta da Erica: “Gostaria de saber se é uma tendência utilizar recursos na Psicologia e por que não utilizar técnicas da Psicologia do Esporte? Parece que as técnicas da Psicologia ficam como menos importantes”.

Carla di Pierro: Tem tantas outras coisas que trabalhamos com Psicologia do Esporte; então, o *coaching* é uma pequena fatia, a Arteterapia é outra, tem *biofeedback*, tem acupuntura, tem tantas outras coisas, então, não reduzimos a Psicologia do Esporte a pequenas técnicas; como psicólogo, olhamos para o indivíduo, cada um conhece uma técnica melhor ou outra e vai se formando, se aprimorando em algumas e vai se sentindo mais à vontade de aplicar uma coisa ou outra, mas a Psicologia do Esporte tem técnicas específicas que a gente utiliza, largamente compreendida por todo mundo como as autofalas, mentalização, visualização, respiração e elas são básicas na nossa atuação, então não descartamos de forma nenhuma, é a nossa linha mestre, só estamos aqui trazendo algumas outras coisas.

Fabiola Matarazzo: Na realidade, a gente não esquece, por exemplo, você começa a fazer um trabalho com um atleta não tem como você não fazer uma anamnese, ou o que a gente chama de um histórico esportivo, então, é uma técnica da Psicologia.

Luiz Eduardo Berni: Acho que essa é uma pergunta importante porque a técnica é o recurso, mas qual é a teoria, qual é base, qual é a visão de homem que eu tenho, quer dizer, o recurso vem em função disso, quer dizer, quem está na minha frente?

Primeiro, é essa questão que se coloca, que pessoas, que time, que sei lá o que tem uma demanda institucional, a perspectiva do clube, o que o clube espera, quer dizer, o cara que me contratou espe-

“Então, o profissional, no caso do psicólogo, ele precisa ter muita clareza... primeiro, ele precisa estar constantemente estudando, nada pode ser reduzido a técnica, isso que é uma coisa muito importante, a técnica tem que estar a serviço de uma visão integrativa, uma visão integral do ser humano, por que as técnicas integrativas surgiram?”

ra que eu faça o time ganhar, quer dizer, então eu já entro com essa perspectiva, mas eu volto a dizer, essa é apenas uma das dimensões. Então, o profissional, no caso do psicólogo, ele precisa ter muita clareza... primeiro, ele precisa estar constantemente estudando, nada pode ser reduzido a técnica, isso que é uma coisa muito importante, a técnica tem que estar a serviço de uma visão integrativa, uma visão integral do ser humano, por que as técnicas integrativas surgiram? Porque se percebeu que a Medicina convencional não dava conta. De repente, nas técnicas tradicionais da Medicina, por exemplo, tem uma outra política superinteressante que é a política nacional da educação popular em saúde, nada como uma “benzidinha” ali com a dona fulana que não possa resolver uma... lógico que eu posso fazer uma leitura da minha dimensão religiosa, posso fazer uma leitura psicológica disso, devo fazer, como a minha autoestima melhorou depois que eu fui tomar um “passe”? Puxa, o “caboclo” falou um negócio espetacular, aquilo me restabeleceu psicologicamente, coisa que nenhum psicólogo me contou, entendeu? Quer dizer, essas dimensões... isso integra o ser humano de forma integral, são questões que eu não posso deixar de perceber e o psicólogo precisa estar muito centrado nesse aprimoramento constante, nessa visão de homem, nessa teoria, vamos usar essa palavra que sugere essa ou aquela técnica.

Gislane Ferreira de Melo: Nós gostaríamos de abrir perguntas a vocês, alguém gostaria de fazer uma pergunta?

Não identificada: Boa noite, eu queria perguntar para a Carla, o que você comentou e eu queria perguntar da questão do bio e o *neurofeedback*, eles são ferramentas que podem ser usadas no *coaching* ou eles entram como uma prática integrativa e complementar à parte?

Carla di Pierro: *Coaching* não usa *biofeedback*, não. *Biofeedback* é um recurso que também não é só do psicólogo, é um recurso que utilizamos da tecnologia de conseguir acessar estados internos do indivíduo através de um aparelho que ou mede a sua resistência galvânica da pele que é a sudorese ou mede seu batimento cardíaco ou as suas ondas cerebrais. Então, é um recurso que pode ser utilizado pelo psicólogo para acessar, para ajudar a treinar controles de estados internos, ansiedade, batimento cardíaco, então não tem nada a ver com *coaching*.

Marisa: Vou mudar um pouquinho o rumo das últimas perguntas, mas retomando algo que vocês comentaram. Em algum momento, na fala inicial do Luiz, ele falou alguma coisa que eu anotei como se um psicólogo faz um trabalho que não é legal, isso de alguma maneira é comunicado ou pode recair no Conselho, mas eu vou simplificar numa coisa que eu acho que está por trás do mote desse encontro que é isso: recair na imagem do profissional de uma instância da profissão. Então, eu, Marisa, profissional, posso ter feito uma atividade x, utilizado uma prática y que foi muito mal adequada ou que foi muito infeliz numa instituição e isso foi publicado e estou trazendo à vista o assunto do encontro anterior, que era a relação com a mídia. Então, eu só estou misturando os assuntos para pedir para vocês conversarem um pouco sobre a ideia da responsabilidade; a Carla usou muito fortemente essa palavra, da responsabilização, da responsabilidade do profissional e, no fundo, eu me pergunto o seguinte: o fazer em Psicologia do Esporte, ele está transitando com “n” profissões e “n” profissionais. Então, acho que a Carla exemplificou o profissional do *coaching* e assim por diante. Quando estamos lá fazendo, se somos reconhecidos como psicólogo, isso tem um tipo de repercussão na mídia; podemos levantar alguns casos de passado recente e, provavelmente, de alguns de futuro próximo, estou falando dos nossos megaeventos. Enfim, eu acho que estamos dentro do Conselho de Psicologia, não estamos numa universidade, não estamos em outro tipo de fórum, então estamos aqui para pensar a partir das provocações que os convidados trouxeram, o que é esse fazer profissional e como podemos transitar cuidando do nosso fazer - e chamo de nosso, dos profissionais graduados para tal e do nosso fazer que é inter e, eventualmente, transdisciplinar - porque é isso, no mundo real, estamos lidando com pessoas que são os atletas, clientes, etc. e em conjunto com outras tantas profissões, na mistura dessas coisas, uma profissão regulamentada e com todas as bagagens que eu penso que a Psicologia tem no Brasil; muitas vezes, somos jogados na mídia - vamos chamar mídia de televisão, redes sociais e afins - e aí, uma sequência de consequências que até você explicar que “focinho de porco não é tomada”, eu acho que a conversa da nossa Mesa poderia ir para essa direção, me digam o que pensam, por favor?

Carla di Pierro: Já falamos em algumas situações, Marisa, sobre isso. É delicada a relação com a mídia, é muito delicada, porque quando estamos falando de um atleta, ele é o nosso atleta paciente,

as informações que temos são informações sigilosas e, ao mesmo tempo, isso não quer dizer que não vamos aparecer na mídia, que não vão nos perguntar do atleta e que temos que nos esconder? Também acho que não, porque precisamos dizer o que fazemos, como fazemos, qual é o objetivo do que fazemos? Sem, necessariamente, quebrar as regras do nosso Código de Ética, sem perder a mão, porque eu acho que tem gente que perde a mão. Os *coaches*, às vezes, por eles não terem essa regulamentação que temos; vemos eles fazendo muitas coisas que não podemos fazer, que seríamos punidos se fizessemos também.

Ricardo: Boa noite. Meu nome é Ricardo, não sou psicólogo, apesar de respeitar não só os profissionais, mas como os estudantes, sou formado em Administração Esportiva e concluí o mestrado em Políticas Públicas e em Educação. Minha carreira profissional é toda voltada à gestão de projetos esportivos em instituições de ensino e juntamente com os atletas jovens talentos esportivos. No mestrado, concluí uma pesquisa sobre escolarização de atletas, na verdade, diagnostiquei uma evasão escolar muito grande de atletas por conta de vários conflitos, e indo na pesquisa de campo que eu fiz com os clubes, identifiquei o papel de alguns psicólogos, mas na maioria deles, assistentes sociais e eu, quando fiquei sabendo desse encontro, pensei: “Vou lá para saber um pouco disso também”. A questão é a seguinte: eu vejo que a Psicologia Esportiva está muito no alto rendimento, no topo da pirâmide, só alto rendimento da performance, mas não vejo muito na formação, na base e onde tem também uma frustração muito grande, não por questão de resultados, mas por questões de quebra dos sonhos, então, eu queria saber um pouco qual é o envolvimento do psicólogo na base, na formação do atleta, na questão do sonho interrompido, porque a evasão me mostrou, a evasão escolar me mostrou que muitos desses atletas não souberam lidar com essa frustração e muitos deles, quando viram a carreira esportiva desmoronar, entraram para o mundo das drogas, largaram os estudos, enfim, tiveram um desvio de comportamento. Então, gostaria de saber um pouquinho mais qual é o papel e se o psicólogo está presente na formação do atleta.

Carla di Pierro: Deveria estar, mas não necessariamente está. Tem um aqui que trabalha na formação. Deveria, porque até se tivéssemos mais na formação, iríamos precisar estar menos no alto rendimento, porque aí ele ia ter sido acompanhado,

ia ter ganhado habilidades, ia ter aprendido a lidar com fracasso, ia ter pensado, inclusive, qual é o papel dele como atleta, quais são os outros papéis que ele pode ter e como fazer uma transição de carreira, bom, mas não necessariamente temos o psicólogo do esporte na base. Em alguns clubes já existem psicólogos e há a preocupação de ter esse profissional na base. O que vemos é a Psicologia do Esporte ganhando um espaço agora, somos o último profissional que entrou no time, entrou o técnico, entrou o preparador físico, entrou o fisioterapeuta, entrou a nutricionista e lembraram: "Puxa, preparo emocional". Então, agora para vocês terem uma ideia, entramos na equipe multidisciplinar, é uma coisa muito recente e aí, óbvio, começaremos a fazer um caminho oposto que é voltar um pouco mais para a base; cada vez mais os técnicos têm percebido, as comissões técnicas, a importância do preparo psicológico e cada vez mais, principalmente, com o trabalho de base com as crianças para elas estarem preparadas para lidar com o processo de esporte de alto rendimento que tem a exclusão, porque o funil é pequeno e o que eu vou fazer com aquele menino que não foi selecionado na peneira?

"Eu vejo claramente, eu acompanho atletas que já fizeram formação universitária nos Estados Unidos e continuam atletas profissionais e atletas que pararam a escola com 14 anos e estão tentando ser atletas profissionais, a diferença é gritante!"

Agora, você falou de uma coisa interessante, que é a questão da formação, não é? Em nosso país, os meninos param de estudar para ser atleta de alto rendimento, de todas as classes sociais. Param de estudar, com 14, 15 anos eles não vão mais para a escola, para ser tenista, para ser jogador de futebol, isso assim, no meu ponto de vista é uma pena, porque ser atleta não é só ter preparo físico; ser atleta é ser inteligente, é pensar, é racionalizar, é resolver problemas, então, você sai da escola, você perde muita coisa. Eu vejo claramente, eu acompanho atletas que já fizeram formação universitária nos Estados Unidos e continuam atletas profissionais e atletas que pararam a escola com 14 anos

e estão tentando ser atletas profissionais, a diferença é gritante! O atleta que fez a universidade, que sabe uma segunda língua, que... puxa, é outro ser, é outro ser que sabe lidar com... tem uma visão aberta, fora da caixa e o menino que parou de estudar, que o pai ficou lá pagando as coisas para ele, ou que ficou tentando ali no futebol, no tênis, sabe, um serzinho com menos habilidade, que tem dificuldade de perceber qual será a vida dele depois da vida atlética, com muito maior chance de parar nisso que você falou, de buscar as drogas, deprimir e etc. Então, acho fundamental o psicólogo na base, quanto mais conseguirmos incentivar, melhor e fundamental o estudo ser algo que acompanha a carreira do atleta de alguma maneira.

Gislane Ferreira de Melo: Só complementando, estive no Congresso de Psicologia do Esporte e numa Mesa em que era o psicólogo nessa base, e não acho que estão tão poucos psicólogos, não, porque naquele público havia de vinte a trinta pessoas trabalhando, principalmente, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, o pessoal já está buscando muito nos times de futebol também e em projetos que são apoiados por grandes firmas, eu vi testemunhos, então já estão dando esse valor, o que a Carla falou, eu sou da Educação Física e percebemos muito isso, primeiro, que até dando aula de Psicologia do Esporte numa universidade dentro da Educação Física, o próprio profissional de Educação Física, ele acredita que o psicólogo é mais que um bombeiro, a hora em que o meu time estiver perdendo, eu trago e vou dar um jeito, porque eu não dei conta. E agora, com todo esse estar junto, estar junto dentro dessas associações, profissionais de Educação Física e psicólogos, estamos tentando mudar esse estereótipo do profissional da Psicologia do Esporte, do psicólogo. Então, eu tenho visto em todos os eventos que tenho ido no Brasil já muitos psicólogos nas bases.

Fabiola Matarazzo: Só complementando, acho que é uma questão histórica, dos psicólogos, inicialmente, estarem muito mais no alto rendimento do que na formação e isso é algo que percebemos que está se modificando, mesmo, não é?

Luiz Eduardo Berni: Uma questão importante e ela requer um posicionamento político: a categoria precisa se posicionar, a associação precisa se posicionar, quer dizer, talvez formalizar uma nota enfatizando a sua importância no CNP, uma moção de apoio a isso e repúdio àquilo, porque essas coisas é que vão pautando o fazer profissional, que

ajudam o profissional, um documento institucional dessa natureza, eu posso chegar lá na minha universidade, no meu time e falar: "O psicólogo precisa trabalhar pautado nisso", entendem? Quer dizer, é uma ação de construção política. Claro que o profissional da Psicologia entrou porque primeiro, eu vou fazer a máquina funcionar, quebrou a perna, não pode, luxou não sei o que tem que consertar; depois eu vou cuidar daquela coisa mais refinada que na verdade faz tudo funcionar direito, desculpem aqui, eu vou citar uma coisa que pode ser uma grande heresia, mas tem aquele filme do Dan Millman, "O Poder Além da Vida", daquele ginasta americano, ele só foi descobrir que ele era gente quando ele se quebrou e, aí, o mestre dele disse para ele... aí, todo humilde, agora vou fazer um ação social, para o mestre: "O que eu faço agora?", ele falou: "Como assim? Eu quebrei não sei o que, não sei o que lá, agora que eu vou fazer esporte?", quer dizer, que ação é essa que me proporciona reconhecimento do que é ser humano? Então, quer dizer, puxar para base, enfatizar que isso é fundamental, que bom que tem bastante, mas como é que eu posiciono politicamente a questão, acho que essa é...

Não identificado: Eu queria depois ter acesso a esse seu trabalho que me pareceu bastante interessante, eu acho que eu concordo um pouco com a Gislane, na minha experiência, aí é uma coisa muito empírica, não sei qual foi a população que você estudou, mas pelo menos eu posso dizer com certeza que os grandes grupos de São Paulo de futebol, todos têm psicólogos na base e a maioria, se eu não me engano, tem no profissional também. Tem algumas coisas que eu gostaria só de comentar em relação a isso, primeiro, a Lu lembrou a gente numa outra reunião que tivemos, ela trouxe essa informação, tem uma lei de 2009, uma lei estadual de 2009 que obriga todo clube de formação esportiva a ter um psicólogo no seu quadro de funcionários, então aí tem muita gente, de repente, operando fora da lei nesse sentido, porque tem esse aspecto de ter um profissional tão importante quanto o outro e tal, tem toda a fundamentação disso. Eu acho que essa sua colocação é superpertinente para nós; no momento em que estamos vivendo aqui com esses ciclos de palestras e tudo mais, por quê? Porque uma das coisas, estou tentando amarrar um pouco do que ouvimos aqui, gostei muito do que você falou em relação a essa nossa atuação política, colocando o quanto somos pressionados o tempo todo para vencer, mesmo na formação, eu trabalho na formação hoje em dia, mas também já trabalhei com altíssimo nível, lá no

consultório, também, tem essa coisa que a gente, de certa maneira, tem que rezar pela cartilha do esporte e à medida do possível, conseguimos também ser um agente de transformação da maneira como o esporte é visto pelos próprios profissionais do esporte. Eu também venho da área do esporte e venho de uma coisa: "Tem que vencer, tem que vencer" e como psicólogo tenho que estar a serviço dessa lógica, mas aí, espera aí, será que, de repente, ao mesmo tempo em que eu estou a serviço dessa lógica, porque uma instituição que possui essa lógica, eu também não posso transformar a maneira como cada um ali dentro aborda o resultado, o ritmo que esse resultado tem que ser alcançado, assim por diante. E aí, além disso, tem essa coisa de que nós, como psicólogos, por vocação ou por obrigação, temos que trazer as coisas para o escopo um pouco mais amplo, temos que pensar, também, o quanto que boa parte das questões que vivemos, inclusive essa questão escolar tem a ver com o modelo do sistema esportivo brasileiro, e aí já faz um pouco a propaganda do nosso evento do dia 27 de junho, que vim trazer para dialogar o que estamos estudando a gestão esportiva, daí é a sua área, porque, de certa maneira, é por meio de uma crítica qualificada, pautada pelas nossas observações, e amparadas pelo Conselho de Olhar e falar assim: "Espera aí, tem muita coisa que tem a ver com a estrutura historicamente construída do sistema esportivo brasileiro", que em outros lugares é associada à escola. Nos Estados Unidos, por exemplo, o cara pratica esporte dentro da escola. Aqui no Brasil, o cara tem que escolher entre a escola e o esporte, que fere o ECA, por exemplo, para atletas até uma certa idade. Porque isso, de fato, ocorre, gente de altíssimo nível, com acesso às melhores escolas, vai estudar por apostilas para poder continuar jogando tênis, por exemplo, não é? Então, assim, a coisa vai por esse caminho, não é? Então, interessante a sua contribuição, inclusive, pelo fato de você não ser psicólogo, porque traz esse olhar e permite que possamos, sustentados por trabalhos olhando de outros lugares, de outras áreas do saber, pautar a nossa crítica, precisamos, de certa forma, olhar para a coisa de maneira mais ampla e eu concordo com o que elas estão falando, que elas trouxeram um pequeno recorte do que elas fazem, eu já as conheço há algum tempo, eu sei que a coisa não se resume ao que elas apresentaram aqui, de que isso que elas estão falando é uma Psicologia do atleta, o alto rendimento, é o cara que desempenha... a Psicologia do Esporte trata do esporte na sua estrutura, o desempenho que o atleta vai lá quando ele nada mais rápido do

que todo mundo, ou do jogador de futebol quando ele faz o gol e tal é um pedaço da coisa, não é? Então, esse desempenho, ele não é feito só pelo atleta, ele não é executado só pelo atleta, ele é executado, talvez, só pelo atleta, mas ele é resultado de uma série de outras ações, porque não é só o atleta que tem que chegar no alto nível, o técnico dele tem que estar no alto nível também, senão ele não chega no alto nível. Podemos ajudar esse cara a chegar no alto nível como técnico, podemos ajudar o preparador físico a chegar no alto nível como preparador físico, o fisioterapeuta, o médico e nós mesmos com as nossas terapias, com o nosso próprio trabalho pessoal. Então, é um pouco assim, eu quis fazer esse comentário, vocês me perdoem se... mas é porque acho que o que você está falando se insere nesse momento da nossa discussão, entendeu, de ampliar o olhar e começar também a dialogar com essas outras áreas, vai ser muito interessante esse evento em junho, porque estaremos falando com o pessoal que está estudando gestão esportiva e aí pensar quais as implicações do modelo de gestão esportiva brasileiro no desempenho, na preparação física, de um modo geral e na Psicologia, sem dúvida.

Não identificada: Só vou aproveitar a provocação e dizer que, em última instância, você me faz pensar que estamos o tempo inteiro nos perguntando que modelo de sociedade queremos e o esporte está dentro dessa sociedade, se ela é mais ou menos competitiva, se ela é nesse ou naquele ritmo, com esse modelo, com aquele modelo e assim dor diante e aí, de brincadeira ou não, vou propor um evento mais para frente que é pensarmos já a nossa atuação Psicologia do Esporte pós megaeventos, porque aí, nessa linha de raciocínio, é isso aí que estamos pensando: "Ok, brincamos disso, fizemos tudo isso com dinheiro ou sem dinheiro, mas aí, a mesa vai virar, o cronograma vai ser outro e a base e o modelo e as gestões, essas coisas, mais do que nunca vão ter que ser nosso alvo de modelos dados para serem pensados adiante".

Gilberto: Meu nome é Gilberto, sou aluno do primeiro semestre da UNIP. Gostaria de saber se o fracasso no esporte pode desencadear algum tipo de psicopatologia ou distúrbio psiquiátrico.

Carla di Piero: Deixa eu pensar... vou falar sobre a minha experiência.

Bilé (Gabriel Puopolo de Almeida): Vitória...

Carla di Piero: Opa, boa Bilé! Acho que mais a vitória do que o fracasso. Bom, temos exemplos no nosso esporte, mas acho que a vitória... e a vitória e tudo o que o atleta ganha com a vitória é desmedido, o tamanho e eles... cada um com o seu próprio recurso, eu acho que alguns com poucos recursos para lidar com tudo que vem com a vitória. O fracasso é o dia a dia, no dia a dia tem o fracasso, eu acho que o atleta de alto rendimento, o atleta de maneira geral está lidando com o fracasso do dia a dia, eles vão ganhando uma tolerância e vão desenvolvendo uma habilidade para aprender com o fracasso, mas eu concordo com o Bilé, vou aproveitar que ele respondeu por mim.

Fabiola Matarazzo: Muitas vezes, quando estamos trabalhando com atleta que tem uma lesão, que não melhora, que não melhora, às vezes, é um fracasso, então isso realmente pode acontecer e aí cabe ao nosso trabalho desenvolver isso, o que podemos fazer em prol da saúde desse ser humano.

Não identificada: Eu gostaria de fazer uma pergunta à Fabiola. Eu gostaria de saber, assim, você tem uma abordagem teórica um tanto subjetiva, você está falando da teoria junguiana e eu gostaria de saber como e trabalhar em esporte de alto rendimento com uma teoria que trabalha de uma forma tão subjetiva com um trabalho que seria tão prático como a questão do alto rendimento, diferente da Carla, que trabalha com uma questão um tanto mais prática, ela mesmo falou disso. Eu fiquei pensando como será que é trabalhar com uma psicodinâmica dentro de questões subjetivas para uma área tão específica e tão prática.

Fabiola Matarazzo: Bom, dentro da tipologia junguiana, eu sou o tipo sensação. Tipo sensação é aquela pessoa que põe a mão na massa e faz na prática e como eu disse para vocês, assim, eu fui buscando algumas formações, tive essa intriga do *coaching*, fui buscar também essa formação do *coaching* e eu tenho esse suporte, eu acho que a Psicologia, cada profissional da Psicologia tem que ter uma base e a minha base é junguiana e eu diria para você, assim, que dentro da Arteterapia, dentro da Psicologia do Esporte, dentro das técnicas específicas, é como se o meu olhar biônico junguiano, e como é possível? Eu diria que sou assim, aprendi, desenvolvi esse lado e eu tento ser o tanto prática possível para chegar naquilo que é o objetivo. Eu gostaria até de fazer um complemento com relação, acho que nada é por

acaso, como diz a Psicologia Junguiana, que estamos aqui juntas, uma da Arteterapia outra do *coaching*, porque a Arteterapia, assim como o processo de *coaching*, eles são muito parecidos, até coloquei aqui algumas questões que a Carla falou na apresentação: existe um foco, existe uma ação e existe um resultado, a Psicologia do Esporte é assim e a Psicologia do Esporte também é assim. Existe algo que é fundamental no *coaching* que é o desenvolvimento da habilidade, assim como na Arteterapia, então eu diria que o fazer, ele acontece de forma muito semelhante, só que cada um com a sua teoria, Carla, de repente, com a teoria dela e Fabíola com a minha teoria. A sua pergunta é possível? Eu diria que sim, eu convidaria você a fazer algumas leituras até do que eu tenho escrito, que eu tenho essa questão teórica, mesmo, e explico de forma prática; pelo menos, tento.

Luiz Eduardo Berni: Acho que essa pergunta é boa, acho que a Fabíola já colocou e a hora que ela exemplifica com as fases de um processo, toda Psicologia está pautada em fases do processo, não existe Psicologia que não esteja pautada em fases do processo, diagnóstico, avaliação, qual termo dar, o processo em si e o resultado, inclusive o psicólogo é obrigado pela legislação a registrar todos esses passos; então acho que é próprio do fazer psicológico; agora, eu acho que a dimensão foi colocada aqui de certa maneira, a dimensão interna, vai, vamos usar esse termo, ela é tão fundamental quanto a externa, a objetividade, a objetiva, se você não está bem consigo mesmo, vocês falaram disso, isso aí não tem nada a ver com a ação, eu posso perder e ficar muito bem, vai depender desse jogo; então, a Psicologia profunda não se contrapõe de forma alguma, talvez se contraponha, caso possa entrar assim, no caso do *coaching* etc., são processos breves diferentes de um processo junguiano que não necessariamente, é breve, mas poderá sê-lo. Então, acho que a questão tem que ser encarada mais por essa perspectiva.

Não identificada: Gostaria de fazer uma pergunta para a Carla. No esporte de alto rendimento, principalmente, os individuais, como o tênis e natação, aqueles atletas que são considerados como heróis, eles sempre ganham, e têm aqueles que sempre batem na trave, que sempre estão lá embaixo. Qual é a diferença? É o preparo psicológico, são outros fatores que fazem sempre um estar sempre lá em cima, sempre está ali, o outro não chega, está quase chegando, mas não vai?

Carla di Pierro: Quando falamos em resultado dentro do esporte, e eu sempre quando trabalho com os atletas apresento um quadrinho. Se a gente achar que o resultado é só físico ou só psicológico, já era. Existem muitas variáveis no resultado. Quando é uma equipe, você imagina toda a relação do atacante com a defesa e com o goleiro, então assim, não dá para dizermos que a falha ou o resultado final é psicológico ou é físico, tem tudo, tem a relação... se ele se alimentou, se ele dormiu bem, tem a parte física, tem o relacionamento dele com o técnico, com a equipe, são tantas questões que envolvem o resultado final, é tão pouco palpável olharmos só para o lado psicológico. Acho que às vezes vira uma grande desculpa porque é aquilo que menos enxergamos, é mais subjetivo, então: "É a cabeça, ele não tem cabeça", e junto com os atletas montamos uma estratégia quando o atleta, geralmente, é o rotulado da cabeça: "Espera aí, o que podemos controlar aqui? Você está cuidando disso, disso e daquilo? A sua parte física dormiu?"

"O que está acontecendo na minha vida? Como foi meu preparo físico? Eu estou me alimentando direito?"

O que estamos controlando na sua preparação psicológica?", porque assim: "Como assim foi a minha cabeça? Como assim foi só essa questão...?", vejam quantas outras variáveis estão influenciando no rendimento desse atleta, inclusive, na relação com o próprio técnico, inclusive com tudo que ele está vivendo na casa dele, então não dá para olharmos o resultado final só como uma questão psicológica. É a interação desse indivíduo com tudo isso que rodeia ele e um pouco do nosso papel é ajudar o atleta a fazer essa análise: como que eu estou me sentindo? O que está acontecendo na minha vida? Como foi meu preparo físico? Eu estou me alimentando direito? Que tipo de resultado eu posso dar, até para ele se apropriar de que não fez a lição de casa e não vai ter o resultado que quer? Então, um pouco do nosso trabalho é ajudar o atleta a fazer essa leitura também.

Gislane Ferreira de Melo: Bem, nós vamos encerrar as perguntas por aqui, agradecendo aos três palestrantes, Obrigada!

Camila Teodoro Godinho: Quero agradecer mais uma vez ao Berni, à Carla, à Gislane, Fabíola, obrigada pela contribuição de vocês.

Queria dizer que acho que demos um passo muito importante com a discussão de hoje, porque entramos num mérito que também é a questão política do esporte, o que faremos com isso? Estamos falando aqui de CRP SP, o que o CRP SP pode contribuir enquanto Núcleo de Psicologia do Esporte para essas questões que são, não só de nós profissionais psicólogos, mas do esporte em si, que é a área que escolhemos para trabalhar, é uma área que ainda carece de muita informação, então, identificamos aqui que, muitas vezes, o psicólogo não é reconhecido como psicólogo: “Fala que você é quem vai trabalhar a criatividade”, ou então é o hipnólogo do esporte, ou então qualquer coisa do esporte, menos o psicólogo; acho que está na hora de também trabalharmos essa questão com os clubes, com as entidades, com a Secretaria de Esportes, Ministério de Esportes, não

sei, tudo isso só vamos fazer se construirmos juntos, acho que esse é um dos objetivos também deste Núcleo, precisamos enviar notas, precisamos pensar como podemos alcançar espaços que são importantes também para o nosso sistema político brasileiro, para trabalhar questões que são tão peculiares da Psicologia. Então, quero agradecer a presença de todas e todos vocês, registrar também a presença de alguns membros do Núcleo de Psicologia do Esporte aqui do Conselho, não vou nomear, mas quero registrar a presença da ABRAPESP, que é a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte, registrar também a presença da Alessandra Dutra, que hoje vem como representante dos psicólogos do Comitê Olímpico Brasileiro, então obrigada, Alessandra, também, acho que dá para fazermos essa ponte, articulação com quem está trabalhando no COB, acho também que é um grupo importante para nos auxiliar, nos apoiar nas questões para política brasileira, para falarmos daqui, desse lugar, da Psicologia. Então, boa noite, obrigada mais uma vez. 🙏

III Encontro - Dialogando sobre a formação em Psicologia do Esporte no Estado de São Paulo

Camila Teodoro Godinho

*Conselheira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo
e Coordenadora do Subnúcleo de Psicologia do Esporte*

Bom, antes de passar para o Victor, que vai coordenar a Mesa, eu queria falar um pouquinho de alguns princípios fundamentais. Na verdade, apontar alguns princípios fundamentais que estão no nosso Código de Ética e que eu acho que são imprescindíveis para pensarmos um pouco sobre o assunto que vemos falar hoje, o nosso tema é "Formação em Psicologia do Esporte no Estado de São Paulo", então, eu pensei em alguns princípios que são eles, o 3: "O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente na realidade política, econômica, social e cultural". Outro princípio fundamental é o 4: "O psicólogo atuará com responsabilidade por meio de contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática", o 6: "O psicólogo zelará para que o exercício profissional seja efetuado com dignidade, rejeitando situações

em que a Psicologia esteja aviltada", e o 7: "O psicólogo considerará as relações de poder nos contextos em que atua e os impactos dessas relações sobre as suas atividades profissionais, posicionando-se de forma crítica em consonância com os demais princípios desse Código". Então, é importante enquanto psicólogos e psicólogas que atuam no esporte, pensarmos no Código de Ética, nas questões que estão implicadas no Código, nos princípios fundamentais e como traduzimos isso na nossa prática do dia a dia, ok? Então, acho que essa é uma provocação, talvez uma reflexão que eu queria trazer agora nessa introdução para o nosso tema da Mesa, mas, principalmente, pensar como temos feito Psicologia todos os dias em todos os lugares. Então, fica aí para vocês. Desejo um ótimo evento, vou passar para o Victor que vai coordenar a Mesa e, depois, abriremos para o debate para conversarmos um pouco. 🙌

Colaborador CRP SP – Subsele Ribeirão Preto. Psicólogo formado na USP Ribeirão Preto. Mestre em Ciências pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, na linha de pesquisa “Emoções e Esporte”. Tem experiência com atendimento de atletas e atualmente é coordenador da Associação Pró-Esporte e Cultura que realiza projetos sociais esportivos em 9 cidades do Estado de São Paulo.

Bom pessoal, muito boa noite. Este terceiro encontro do ciclo de debates é resultante também de um outro evento que fizemos que foi a 2ª Mostra Estadual de Práticas em Psicologia do Esporte, então, numa perspectiva da linha do tempo, organizamos no começo deste ano a primeira Mesa de debate sobre a Psicologia do Esporte com o tema “Psicologia do Esporte e Mídia”; nesse evento discutimos questões relacionadas à exposição do psicólogo na mídia, como ele tem que trabalhar, quais aspectos éticos que ele tem que tomar cuidado em relação a isso. No segundo evento, falamos sobre “Práticas Integrativas e Complementares”; isso também é muito da nossa realidade profissional, do nosso cotidiano e, realmente, foi uma discussão que trouxe bastante questões, fomos longe no evento, eu lembro que estendemos bastante o tempo aqui e, em junho, organizamos a 2ª Mostra de Práticas em Psicologia do Esporte e durante esse evento, consultamos os participantes a respeito de quais temas eles gostariam de discutir no terceiro e quarto encontros do ciclo de debates. E a maior demanda identificada desses participantes foi a “Formação em Psicologia do Esporte”, e pelo reconhecimento dos grupos dos Subnúcleos sobre a relevância desse tema, tiramos dois encaminhamentos: o primeiro, foi uma parceria com a ABEP, que é a Associação Brasileira de Ensino em Psicologia e essa parceria deu como resultado a formação de uma Mesa no 10º Encontro da ABEP que foi realizado em setembro aqui em São Paulo, e formamos o CRP SP que organizou uma Mesa para tratar da Psicologia

do Esporte, então, tivemos participação com o representante do GT Nacional da APAF de Psicologia do Esporte, com a Luciana, a Professora Adriana Bernardes que era professora da PUC de Goiás; o Flavio Rebutini, que é Professor de Educação Física, que também está superenvolvido na área da Psicologia do Esporte e também, o Ednei que é representante do Subnúcleo de Psicologia do Esporte aqui do Conselho. Então, a partir daí os resultados dessa Mesa exaltam a importância da necessidade de capacitação do profissional de Psicologia do Esporte, então, temos uma formação que é generalista, mas percebemos a cada dia que o psicólogo do esporte tem que ter uma capacitação, uma formação nessa área. A questão da promoção de eventos, discussões e debates como esse, então são coisas que estamos fazendo, principalmente nesse contexto que estamos vivendo, nesse período entre megaeventos, temos sempre tentado organizar eventos, participar de eventos, então, este é o 4º evento do Subnúcleo e também, apoiamos, aí foi um dos apoiadores do Congresso da ABAPESP que foi recentemente, agora, fim de setembro em Brasília, então estamos realmente tentando fazer com que isso seja colocado em prática e, também, a discussão que muitos de vocês também já devem ter refletido sobre o que é a inserção da Psicologia do Esporte na disciplina na graduação nas faculdades; isso também foi bastante levantado nesse encontro da ABEP. E o segundo encaminhamento foi realmente este evento de hoje, trazendo para esse debate esse tema tão importante para nós. 🧠

Psicóloga (PUC/SP). Mestre em Educação Física (USP). Coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia do Esporte (Instituto Sedes Sapientiae). Supervisora de Psicologia do Esporte (Bradesco Esportes e Educação). Psicóloga da Seleção Brasileira de Boxe.

Olá, boa noite a todos! Vinte minutos é um tempo extremamente minúsculo para falar tanta coisa que temos para debater. Para quem me conhece um pouquinho, sabe que eu gosto de falar e pelos cotovelos, então, vou fazer um exercício hercúleo de falar com muita objetividade, isso também não é o meu forte, mas é um prazer tremendo estar aqui; em termos de aquecimento de apresentação, queria situar duas ou três informações e aí, vai diminuindo os respondentes, em português, o friozinho na barbiga. Assim como a Fabíola, que acabou de chegar, Luciana Angelo e eu somos remanescentes da primeira turma que compôs um grupo de Psicologia do Esporte dentro do Conselho Regional de São Paulo no ano 2000. Isso é um prazer tremendo pensar como se forma, como se faz Psicologia do Esporte, então, aproveito para agradecer à Fabíola, porque é uma pessoa de longa jornada, de longo trabalho e de uma generosidade tremenda em dividir com a gente a sua prática. Eu acho que eu já estou tentando responder uma das nossas perguntas que é como nós nos formamos em Psicologia do Esporte; formamo-nos trocando com os colegas, por isso é um prazer estar aqui. E essa troca com os colegas, ela pode ser um pouco mais formalizada ou mais formatada, como querem alguns e isso cai no papel de professor para muitas oportunidades. Quando eu fui pensar algumas questões para conversar aqui nesse momento, uma delas foi também fazer uma rápida revisão da minha própria trajetória e me lembrei de uma coisa que poucas pessoas sabem, até porque já faz um bom tempo, mas eu escolhi fazer Psicologia na graduação com o compromisso de que eu daria aula de Psicologia. Então, é uma satisfação ter decidido isso aos 16 anos e já passei um pouquinho já faz uns 20 anos e mais uns quebradinhos, eu escolhi trabalhar com Psicologia para dar aula de Psicologia e existe uma razão muito pontual para

isto, Psicologia é uma ferramenta sensacional para as pessoas e a Psicologia precisa ser acessível, eu achei aquilo tão espetacular e tive conhecimento da Psicologia no ensino médio, no curso técnico, tendo aula de Psicologia. Então, estar aqui falando, para mim, sobre formação é também estar falando de um projeto de vida em exercício, não vou dizer realizado porque são muitos percalços de ser professor e são muitos desafios de fazer isto dentro de um contexto chamado Psicologia do Esporte, obviamente, não comecei pensando em Psicologia do Esporte, mas isso, de alguma maneira, passou pela minha história. Passei pelo ensino médio como professora de ensino técnico, passei pelo ensino de graduação e pós-graduação de não-psicólogos, e aí, já coloco aqui uma provocação para pensarmos o que é falar de formação em Psicologia do Esporte quando a nossa plateia não é formada em Psicologia, não estou falando do estudante, porque ele está dentro de um processo que passa pela Psicologia, mas eu estou pensando no não-psicólogo, no treinador esportivo, no fisioterapeuta, no nutricionista, no gestor esportivo, nos outros profissionais que estão neste negócio, neste cenário, neste contexto e que precisam entender o que temos a contribuir ou não, então, se eu pudesse ser extremamente sintética e encerrar aqui a minha fala, eu diria que o nosso maior exercício é pensar em “psicologuês” e falar em português. Talvez, esse seja o maior desafio da prática da Psicologia e aí eu fecho um pouco o meu ciclo ali como exercício pessoal de pensar a Psicologia para as pessoas, pensar a Psicologia acessível, eu acho que dar aula é uma maneira de fazer isso.

Vou ter que dar uma corridinha aqui para que eu possa dar conta de tantos slides que eu elaborei, mas para que eu possa falar um pouquinho mais especificamente em termos de formação em

Psicologia do Esporte, vou rapidinho caracterizar o próprio campo de atuação. Bom, formação eu traduzo em português como um jeito de fazer, como é que fazemos, quando pensamos em qual é a formação necessária ou qual é a formação que existe para se atuar em Psicologia do Esporte, então queremos saber como é que fazemos isso, como eu faço essa coisa chamada Psicologia do Esporte.

“Mobilidade urbana é um tema mais recente que tem aparecido no nosso imaginário, bastante presente no nosso dia a dia, o contexto dos projetos sociais, as práticas de tempo livre”.

A minha tradução é esta: é uma formação que se desenvolve com a prática e dos seus pares, está aí o porquê da minha apresentação, é uma formação baseada em conhecimento científico acumulado e é uma formação orientada para uma população específica. Rapidamente, para as pessoas que conhecem menos, quando pensamos ainda, classicamente em Psicologia do Esporte, também pensamos em campo de atuação, que são divididos, a literatura apresenta em diferentes formas, mas estamos falando da iniciação esportiva, das práticas no contexto escolar, da promoção de saúde de reabilitação e, também, do esporte de alto rendimento, escolhidas as fotos especiais, porque, talvez, elas nos façam pensar sobre o que é Psicologia do Esporte. Mobilidade urbana é um tema mais recente que tem aparecido no nosso imaginário, bastante presente no nosso dia a dia, o contexto dos projetos sociais, as práticas de tempo livre, enfim, só que eu imagino que já consigamos pensar que a atuação na Psicologia do Esporte precisa de um eixo original, que é a própria Psicologia, depois, as suas especificidades. Vou tentar ser mais rápida na minha fala, porque eu tenho muitas ideias a compartilhar e tinha que escolher algum recorte e o recorte para eu pensar a partir da formação foi me inspirar um pouco no contexto de onde eu falo; eu fui convidada para o lugar de coordenadora do curso de especialização do Sedes que é um curso que existe há bastante tempo e que tem aí uma certa visibilidade, uma certa importância no contexto. Esse curso, se organiza num tempo posterior ao surgimento do título de especialista, não estou discutindo exatamente, o título, mas é importante a gente lembrar

que no ano 2000, na Resolução de número 14 que fala sobre a prática profissional, sobre aspectos da atuação, estamos falando da questão em ser especialista em várias áreas, entre elas a Psicologia do Esporte. Naquela época, você tinha alguns caminhos para ser especialista, provar experiência, dois aos cinco anos, experiência contínua ou intercalada; isso não é mais condição, não é possível ter o título de especialista com essa condição, isso foi apenas na época do surgimento do título. O concurso de provas de títulos, que vou detalhar rapidamente, e a própria conclusão de curso de especialização, e não é à toa que eu coloco uma linha verdezinha para dizer que isto também está em suspenso. Então hoje, para você pensar em formação em uma intitulação de especialista em Psicologia do Esporte, existe apenas o caminho do concurso de provas, por que isto? Porque existe aí uma proposta de regulamentar os cursos de especialização no Brasil, isso não é uma questão específica da Psicologia e esta regulamentação está ainda em andamento, em debate e, neste momento, os cursos de especialização que podem credenciar as pessoas com esse título são apenas os cursos vinculados ao MEC, ao ensino superior e o curso do Sedes, entre outros cursos que existem no Brasil não estão nessa condição; então, o título de especialista hoje é apenas possível a partir do concurso de provas e títulos. Rapidamente, existe um edital sobre o título de especialista, eu recebi um e-mail hoje à tarde dizendo que o edital... que quem quiser ainda se inscrever ao concurso, a data final é amanhã, dia 20 de outubro, foi prorrogado o prazo. Requisitos: ser psicólogo inscrito em Conselho há dois anos e ter prática profissional comprovada por, pelo menos, dois anos. Mais detalhes, dá para você conferir no próprio edital do concurso e afins. Ficou muito pequenininho, mas é apenas ilustrativamente para citar a existência do detalhamento do que será ser especialista, muito difícil de ler, eu acredito, eu destaquei aí em algumas cores aquele texto anterior da resolução de 2007 que vai dizer que a atuação do psicólogo do esporte está voltada tanto para o alto rendimento quanto para atividades educacionais, de lazer e de reabilitação com caráter profilático e recreacional. Uma atuação voltada para adesão e participação de programas de atividades físicas da população em geral, etc, então, acho que o que eu estou querendo simplificar até aqui, existem documentos que são acessíveis para que possamos entender quais são alguns dos itens, algumas informações pontuais sobre o que quer dizer, exatamente, esta prática e este campo. Pensando aí sobre o que tem sido a Psicologia do Esporte nesse momento, a partir do

lugar de quem vem pensando alguns aspectos da formação ou lidando com alguns dilemas desse fazer, eu simplifico dizendo que a Psicologia do Esporte é uma área híbrida em que precisamos conciliar dois tipos de informação: aspectos acadêmicos e aspectos profissionais, ou os aspectos vindos da ciência do esporte ou, mais classicamente, como se costumava chamar de Educação Física e os conhecimentos vindos da própria Psicologia. Não vou me estender nesse ponto, porque os colegas falarão questões específicas a respeito, mas o ponto de vista dos aspectos acadêmicos, temos a Psicologia do Esporte como disciplina, graduação dos cursos de esporte e Educação Física, no curso de Psicologia, em nível de graduação, temos disciplinas optativas e isso é muito eventual e na especialização, os cursos de pós-graduação. Nos aspectos profissionais, tenho pensado que atualmente a ênfase do alto rendimento tem sido o nosso maior dilema para se pensar a formação, em outras palavras, estamos vivendo um tempo, ou talvez sempre vivemos esse tempo que o que mais interessa saber é o que eu faço como psicólogo no alto rendimento. E talvez aí, comecemos a entrar num espaço bem desconfortável para pensar que formação é essa.

“As pessoas não estão interessadas nas nossas teorias, elas estão precisando das nossas respostas, só que nós sabemos que psicólogo nenhum faz um bom trabalho quando ele dá uma resposta pronta”.

Uma formação e uma prática qualificada, coincidentemente, bate na fala de abertura da Camila, é uma formação socialmente útil e profissionalmente responsável. O que eu estou querendo dizer é que temos instrumentos e princípios na ciência que nos acolhe neste lugar, na ciência Psicologia que nos acolhe dentro de um Conselho, que ali temos inspiração para pensar a prática nos diversos campos da Psicologia, inclusive, no esporte. Isto significa, no meu ponto de vista, que a atuação profissional tem exigido da gente um trabalho multiprofissional, cuja prática é interdisciplinar. Adoraria debater isto, talvez tenhamos um tempinho no final. Aqui aparece a fala que eu até já utilizei na minha apresentação: aprender a pensar em “psicologuês” e a falar em português. Este eu penso de uma maneira bem objetiva,

um dos maiores desafios do fazer do psicólogo em qualquer contexto. As pessoas não estão interessadas nas nossas teorias, elas estão precisando das nossas respostas, só que nós sabemos que psicólogo nenhum faz um bom trabalho quando ele dá uma resposta pronta e aí, enroscamo-nos num contexto onde, especialmente, no alto rendimento você precisa de uma resposta rápida, porque a ação esportiva é imediata, é agora e a nossa formação nos coloca no meio do caminho. Ou seja, a exigência crescente em diálogo, empatia, em comunicação. Não estamos lá apenas para aparecer e mostrar o nosso trabalho, mas talvez, em primeiro lugar, para enxergar o outro e aí sim, fazer nosso trabalho. Dilemas, como eu acabei de citar, urgência e volatilidade das ações e das respostas, que me faz pensar, como tentei dizer agora há pouco, sobre o dilema dos métodos e técnicas em Psicologia ou mesmo em Psicologia do Esporte e aí, a gente volta para o dilema a se perguntar: o que já existe de conhecimento construído e consolidado em Psicologia do Esporte brasileira com as populações específicas, com o dilema da regionalidade do país que temos? Nós estamos em São Paulo, nós estamos no Sudeste, mas nós não estamos falando apenas de nós mesmos, por mais que nosso foco seja pensar a formação no Estado de São Paulo, nós estamos on-line acessível para outras pessoas de outras regiões. Em eventos recentes em que eu pude estar presente, no Congresso Norte e Nordeste de Psicologia, no Congresso da ABRAPESP no Centro-Oeste recentemente, a gente vai tendo contato com uma dimensão de Brasil em que nos faz pensar com muito carinho que o Brasil não é São Paulo, embora São Paulo seja fundamental para o Brasil, mas este diálogo precisa ser pensado com carinho. Dilemas atuais, responde rápido e eficiente, não me explica nada, só me diz e me dá a resposta. Resolve o meu problema, clica, curte e deleta, na sequência, não é à toa que existem aplicativos ou redes sociais com essa característica, duram 10 segundos ou qualquer coisa do gênero. Mas dez segundos parecem ser tempo suficiente para dar bastante confusão, levantaríamos aqui alguns casos em Psicologia do Esporte.

“O esporte é um contexto, principalmente, popularizado pelo esporte do alto rendimento que traz a fantasia de algo especial, glamoroso, bonito, visível em que aparecer na fotografia é inerente”.

Para adiantar, eu ainda tenho várias coisas, mas o tempo está curtíssimo, dilemas atuais, compartilhei com alguns colegas essa reflexão e me disseram que ela era bastante pertinente. Estou circunscrevendo um pouco da minha fala, da minha reflexão nesse momento muito próximo a esportes de rendimento, sim, por ser o que mais povoa o nosso imaginário nesse momento. A reflexão é: como aparecer num contexto em que a atuação adequada é aquela invisível? Em outras palavras, o esporte é um contexto, principalmente, popularizado pelo esporte do alto rendimento que traz a fantasia de algo especial, glamoroso, bonito, visível em que aparecer na fotografia é inerente. Entretanto, como aparecer pelo seu trabalho para que a fotografia faça sentido? Ou como esse tipo de prática nos coloca num dilema – e aí, compartilho com vocês algum dilema que já me fiz – recentemente, vi uma notícia de internet, até pensei em colocá-la, mas consigo descrevê-la. A notícia falava de uma jovem, sextanista de Medicina, que, numa das suas primeiras atividades de estágio, ela entrou num quarto, num plantão e ela entra num quarto e tem uma pessoa prestes a morrer e a atuação dela é diante deste fato. Ela faz uma *selfie* com a pessoa e manda esta mensagem para uma pessoa do seu meio. Essa foto aconteceu no México, eu a vi cerca de 40 dias atrás em alguma propaganda qualquer de e-mail, de internet. Então, eu fiquei me perguntando isso: por que colocamos a foto da pessoa que está morrendo e até que ponto isso faz sentido ou não e era um profissional de uma outra área fazendo uma exposição da sua prática e dizendo: “Olha que legal que eu faço”. Então, quando penso com como aparecer num contexto onde a invisibilidade é fundamental significar como ser psicólogo num ambiente que o estimula à auto-visibility e como ter uma formação para que você tenha o jogo de cintura necessário a esse contexto, não dá para você ficar escondido, mas também não dá para você só aparecer. Não sei se eu fui clara na minha reflexão, mas em outras palavras, por trás disso tudo tem o dilema que eu vou dar uma corridinha para chegar numa conclusão, que é pensar um pouco na nossa própria vaidade, no prazer que dá de estar num lugar especial.

“Você precisa ter a capacidade de mostrar disponibilidade e ser discreto. Você precisa, sobretudo, gerenciar o seu próprio ego para ser útil”.

É brincadeira ou não, mas quando chegamos, eu comentei com alguns dos colegas o dilema de estamos sendo transmitidos on-line e eu gosto de brincar que eu sou da época do “ao vivo e em cores”, em que a minha formação com os livros os conhecimentos estavam disponíveis nas bibliotecas, sequer tínhamos acesso com a facilidade dos cliques que temos em casa hoje. Então, é muito mais fácil se formar em várias profissões hoje do que há 15, 20 anos, simplesmente, porque você gasta minutos para ler algum material. Em outros tempos, você demorava dois dias para conseguir um texto, isso se fosse rápido. Mas, enfim, recentemente lendo materiais e informações sobre atuação, encontrei essa preciosa frase que eu achei que valeria compartilhar para reforçar a minha reflexão da transparência anterior. Os autores estão falando instruções, dicas para novos profissionais e eles dizem isto: “Você precisa ter a capacidade de mostrar disponibilidade e ser discreto. Você precisa, sobretudo, gerenciar o seu próprio ego para ser útil”. Então, quando eu coloquei a palavra vaidade, eu não estou fazendo isso para criticar ou para concordar, eu estou dizendo isso que eu acho que esta é uma das condições de trabalho e entender claramente que papel ocupamos e como você transita nele e como você corre riscos, inclusive porque você está fazendo o seu papel, é um dilema muito delicado.

“O que temos feito? Respeitado a diversidade de linhas teóricas de campos de atuação, um curso difícil de se fazer, mas rico de se viver com todas as dificuldades que ele tem”.

Embora o título de especialista não seja uma condição obrigatória para o exercício profissional, ele parece ser uma referência que qualifica a nossa formação, então, não foi à toa que eu parti dele. Como eu falo do lugar de coordenadora do Instituto Sedes, apenas uma informação rápida, vimos desde o ano de 2002, primeira turma que se forma no contexto do curso é de 2003, deste ano até dois anos atrás, o curso... as turmas que se formavam participavam do sistema de credenciamento – agora suspenso – e automaticamente, recebiam o título de especialista. Isso não é o que está acontecendo neste momento, como eu já falei no começo. O curso de especialização, estamos falando de um curso com carga horária mínima de 500 horas, divididas em parte teórica e prática com monografia. Nós formamos até aqui 90 profissionais, a maior parte de psicólogos de vários estados do Brasil.

O que temos feito? Respeitado a diversidade de linhas teóricas de campos de atuação, um curso difícil de se fazer, mas rico de se viver com todas as dificuldades que ele tem. Dilemas que nós temos vivido, demandas grandes de interesse em esporte de rendimento e vimos tentando ofertar serviços em outras formas de esporte, como eu falei. Então, estamos falando do compromisso social. Atualmente, dificuldade em abrir espaços para o que antigamente chamavam de estágio, hoje, atividade de prática profissional, porque a lei de estágio, inclusive, nos formata e hoje, não conseguimos ter acesso a certas instituições. O que eu estou querendo dizer, implicitamente, construir um curso respeitando as regras para que ele possa existir e colocá-lo em prática é um desafio muito maior do que eu poderia descrever aqui em 20 minutos, ou até mesmo em duas horas. Bom, o que nós temos agora? Acabei de falar a importância... hoje, o acesso do conhecimento está acessível, está mais fácil pela internet, temos mais profissionais atuando e continuamos querendo uma formação com qualidade e o debate que eu espero que estejamos fazendo aqui é perguntar qual é a formação necessária em relação qual é a formação possível. O Victor disse que o meu tempo já acabou, mas eu preciso apenas conferir se eu dei conta aí das questões principais, desafios de mercado de trabalho, questões de regionalização eu já comentei agora há pouco, déficits da formação, ainda precisamos produzir muito sobre avaliação psicológica, sobre eficácia das nossas intervenções, temos questões de gênero, questões de empoderamento feminino, matemática internacional para os próximos muitos não, inclusive em Psicologia do Esporte, temos, do ponto de vista da formação, o que eu chamei aí de aspectos informais ou não-acadêmicos, diversos fóruns de formação, o próprio encontro como este, os congressos, os grupos de estudo, a participação em associações, a possível criação de um grupo de trabalho dentro da associação de pós-graduação para formalização dessas questões e etc. Eu acho que eu vou fechando por aqui para não me estender, mas ainda dentro dessas reflexões sobre demandas e dilemas, eu escolhi esse texto por uma razão muito pontual, ele está discutindo a dificuldade entre teoria e prática em ciências do esporte e eu destaquei o trecho em que ele pega o

exemplo da Psicologia, onde ele diz o seguinte: "Um exemplo na área das ciências da saúde que pode ser utilizado para ilustrar a discussão teoria e prática é o da Psicologia. Em um estudo de 2013 realizado na Inglaterra, 700 e poucos psicólogos responderam um questionário sobre as suas condutas. Neste estudo, foi constatado que a pesquisa científica tem pouca influência sobre os processos de orientação e tomada de decisão da prática clínica em comparação a outros fatores", em português, o que se produz de conhecimento acadêmico, quando você vai para a prática, você pouco lê, você pouco estuda e vice-versa. Este diálogo é um diálogo inerente a nossa formação, não estou querendo dizer que não é a Psicologia do Esporte que carece de conhecimento, são os psicólogos e carecem de estudo e vice-versa. Bom, acho que vou fechar dizendo que uma sensação de muita responsabilidade ter vindo aqui compartilhar nesses minutos essa fala com vocês, porque, inevitavelmente, quem fala sou eu, mas eu falo por outras vezes. Isso significa que muitas vezes que eu vejo psicólogos, profissionais do esporte se apresentando via internet, ao vivo e em cores ou em outras formas de apresentação, algumas dessas formas de se colocar me fazem ter orgulho de ser psicóloga. Algumas dessas formas me fazem me espelhar e dizer: "Sim, isso é Psicologia, isso é ser psicólogo do esporte", por isso eu me sinto muito responsável de estar aqui e espero que com as minhas falas, espelhar algumas preocupações ou pensamentos das pessoas que estão na plateia ou do outro lado do computador, assim como eu vejo que existem outras práticas, outras procuras que dizem o contrário. Quero fechar dizendo o seguinte: eu aprendi nesses anos de prática que, feliz ou infelizmente, existem muitas formas de se fazer e muitos caminhos de se formar. Alguns deles me dão muito orgulho e me dão muito prazer de me reconhecer como psicóloga naquelas práticas e outros, não, e como eu tenho muito gosto pela Psicologia desde os 16 anos, eu hoje apaziguo as minhas dúvidas dizendo: "Isto não me representa", então existem práticas que me representam, existem práticas que não me representam e eu espero aqui, com esta fala, ter dado uma oportunidade para que vocês possam fazer as suas escolhas. Obrigada. 🌱

Victor Cavallari Souza

Muito obrigado Marisa pela sua contribuição, realmente, uma fala bastante proveitosa para nós, com certeza. Vou passar a palavra agora para Silvia Souza. 🌱

Boa noite. Inicialmente, eu gostaria de agradecer o convite que me foi feito. Para mim é uma oportunidade maravilhosa estar aqui compondo esta Mesa com pessoas da área do esporte, uma formação excelente, podendo discutir esse tema e esse é particularmente um tema que me interessa, que é a questão da formação até por conta da minha história pessoal. Bom, então, muito obrigada pelo convite. Como o Victor já falou, eu sou docente associada da Universidade Estadual de Londrina, eu ingressei na UEL em 1999, assim que eu concluí... na verdade, eu não tinha nem concluído o doutorado ainda em Psicologia Clínica aqui pela USP. Em 2000, abriu na Universidade Estadual de Londrina o curso de Ciências do Esporte, bacharelado em Esporte e o nosso departamento, o departamento de Psicologia Geral ofereceu duas disciplinas para o curso do esporte, na verdade nós somos convidados a oferecer disciplinas e o departamento ofereceu numa época em que eu nem fazia parte do departamento. Quando o curso foi montado em 2000, eu estava no departamento e precisava do docente então para ministrar as disciplinas que tinham sido oferecidas. A docente que tinha elaborado as emendas tinha ido embora; os docentes mais velhos, com mais tempo de departamento, não tinham muito interesse na disciplina, eu tinha acabado de entrar, então, meio que no susto, a disciplina foi dada para mim. Eu lembro que na época, eu falei: "Eu me interessei pela área, fiz alguns cursos em congressos, mas eu não tenho formação", eu tinha acabado de concluir um doutorado em Psicologia Clínica, eu tinha prestado um concurso para Psicologia Geral e análise experimental do comportamento; eu dava aula de Psicologia Experimental, geral. O que eu vou falar para esse povo? Ainda para o pessoal de Educação Física! Esporte, perdão.

"E tive uma sorte gigante, porque eu peguei uma turma - foi a primeira turma de Esporte - que foi assim, fantástica!"

Aí, eu me apavorei, entrei em pânico, eu tinha duas semanas para me preparar para entrar em sala de aula, saí correndo, busquei na internet onde tinha algum curso, algum evento, qualquer coisa na área, fui atrás, estava tendo naquela ocasião um congresso em Porto Alegre, conversei com a chefe de departamento, eu falei: "Eu preciso ir para lá", aí o departamento me pagou uma passagem de ônibus de Londrina a Porto Alegre, e eu tive mais ou menos 24 horas para me preparar para entrar em sala de aula. Então, eu fui para o evento, assisti para saber pelo menos o que estava sendo discutido naquele momento, peguei material, comprei um monte de livros, vim devorando livros no ônibus, enfim, estudei muito para entrar em sala de aula. E tive uma sorte gigante, porque eu peguei uma turma - foi a primeira turma de Esporte - que foi assim, fantástica! Um pessoal extremamente interessado pela área, até hoje eu digo que: eu não sei quem aprendeu mais se foram eles comigo ou eu com eles, porque eu aprendi muito, eram pessoas que me puxavam, então, eles faziam perguntas que eu não tinha resposta, eu tinha que correr, tinha que ler, tinha que estudar e estudei muito e vinham me procurar para fazer TCC, e aí, eu tinha que estudar mais ainda, depois vieram me procurar para fazer especialização, eu tive que estudar mais ainda e grupos de estudo, enfim, foi assim que foi o meu contato com a Psicologia do Esporte. Em 2007, eu

estive em Lisboa, fiz um pós-doutorado com o professor Sidônio Serpa, que na ocasião era presidente da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte; lá eu tive a possibilidade de cursar as disciplinas do mestrado europeu em Psicologia do Esporte, foi bastante interessante e a minha prática com essa área da Psicologia do Esporte sempre se deu por meio dos projetos de extensão, eu sou pesquisadora, essa é a minha formação, então, por meio dos projetos também desenvolvi um pouco dessa prática. Havia uma procura gigante dos treinadores, estudantes, tanta procura que eu não tinha como atender lá na região, então muitas vezes, as pessoas me procuravam e eu acabava dizendo: "Olha, infelizmente eu não posso fazer nada esse semestre", não havia alunos da Psicologia que eu pudesse encaminhar, não é qualquer aluno que você pode encaminhar para a situação prática, tem que ser alunos que estejam mais habilitados, então não podia mandar alunos, também não podia mandar o pessoal do Esporte, enfim, essa foi a minha experiência. Quando me convidaram para falar sobre a possibilidade, necessidade de inserção da disciplina de Psicologia do Esporte nos currículos e cursos de Psicologia do Brasil, a primeira coisa que me veio foi a minha história pessoal com a Psicologia do Esporte, então assim, quando falamos: "É importante ter, é necessário ter a disciplina de Psicologia do Esporte nos cursos de graduação?", a primeira coisa que eu pensei foi: "É, sim!". Depois, veio: "Como?". Então, na verdade, a minha fala não tem muitas respostas, tem muitas perguntas, certo?

"Os primeiros laboratórios de Psicologia do Esporte nasceram vinculados aos cursos de Educação Física, e não aos cursos de Psicologia".

Bom, aí eu comecei a pensar sobre o tema, então, eu pensei: como é que se dá essa questão da inserção da Psicologia do esporte nos cursos de graduação? E a primeira coisa que me surgiu foi a relação da Psicologia do Esporte com as ciências, com o Esporte e Educação Física. Se pegamos os livros que contam um pouco da história da Psicologia do Esporte, não vou falar sobre isso aqui, só para citar, vamos ver que os primeiros laboratórios de Psicologia

do Esporte nasceram vinculados aos cursos de Educação Física, e não aos cursos de Psicologia. Muito da Psicologia do Esporte que chegou para nós veio por meio dos profissionais dessas áreas ou da Medicina, não veio por meio de psicólogos, embora tenhamos muitas pessoas importantes ou tenhamos tido pessoas importantes trabalhando na área. Nós não temos a disciplina nos cursos de Psicologia. Na UEL, eu ministro... tenho ministrado duas disciplinas para o curso de Educação Física: uma para o segundo ano e uma para o quarto ano, nunca ministrei uma disciplina de Psicologia do Esporte no curso de graduação de Psicologia. Agora, com a reestruturação curricular, eu propus uma disciplina optativa, não é por falta também de interesse de alunos, muitos alunos me procuram da graduação e aí trabalhamos com grupos de estudos. Então essas foram algumas das questões que eu pensei. O que me parecia muitas vezes, o que me parece muitas vezes quando eu penso nisso é que a Psicologia do Esporte, ela surge como... é uma necessidade de uma outra área, então eu estou lá atuando, eu necessito de alguns conhecimentos, busco outros profissionais que possam me auxiliar e daí, a presença dessa disciplina nos cursos de Educação Física e Esporte, mas isso tem consequências, entre essas consequências, uma das consequências é que falamos mais da Psicologia para esses profissionais, eles têm um conhecimento maior de qual é o nosso trabalho, de qual é o trabalho do psicólogo nessa área e isso pode gerar o aumento da demanda. É uma das situações que contribui também para o aumento da demanda, quer dizer, eu sei o que ele faz, eu sei que pode ser interessante para o meu trabalho, vou buscar esse profissional. Só que quando eu vou embora, isso amplie o campo de atuação do profissional da Psicologia, o que eu tenho são profissionais que não estão capacitados para atender essa demanda. Então, eu tenho recebido muitas vezes lá na UEL alunos que terminaram a graduação; já recebi alguns, que foram trabalhar na área do esporte e depois, foram me procurar desesperados, assim como eu fiquei no início: "O que eu faço? Por onde eu começo? Você tem livros que eu possa ler? O que eu leio?", então, eu estou trabalhando, sei lá, com vôlei: O que eu tenho que saber? Desesperados, porque não sabem nem por onde começar o seu trabalho. Bom, então, se tem aumento da demanda, temos um curso de Psicologia que não está formando profissionais para atuar, que po-

demos ter atuação insuficiente, um profissional que não fala ou entende a linguagem do esporte, que pode, inclusive, contribuir para uma maior resistência do profissional do esporte ao trabalho do psicólogo ou você tem um profissional que vai buscar por formação, assim como eu fui correr atrás. Essa formação pode ser buscada nos cursos lato sensu, como a Marisa falou aqui dos cursos de especialização, então temos alguns no Brasil. E nos cursos de pós-graduação stricto sensu, mestrado, doutorado. Aqui, eu faço um recorte para a questão do stricto sensu. Por que o stricto sensu? Porque se o lato sensu tem uma preocupação com a formação do prático, daquele indivíduo que vai atuar, não só no prático, ele também vai produzir alguém que vai refletir, isso vai produzir e refletir sobre conhecimento, mas principalmente do prático, a pós-graduação stricto sensu, mestrado e doutorado preparam pesquisador e docente. Ele vai formar pesquisador e docente. O docente que vai entrar nas instituições para dar aula de Psicologia do Esporte, certo? Hoje, eu não sei como é a realidade dos outros estados, mas no Paraná, especificamente na UEL, nos departamentos, contratamos geralmente profissionais da Psicologia, então tem que ter graduação em Psicologia, óbvio, e no nosso departamento, por exemplo, a exigência mínima é doutorado, não entra especialista. É muito pouco provável que tenhamos contratação de um especialista.

"As pessoas que fazem mestrado e doutorado, geralmente, saem do Brasil para terem o título de mestre ou doutor em Psicologia do esporte".

Bom, então por conta disso, eu levantei algumas questões: se deveríamos formar esses profissionais também no stricto sensu, se no Brasil não há curso de Psicologia do Esporte stricto sensu, mestrado e doutorado, pelo menos eu desconheço. As pessoas que fazem mestrado e doutorado, geralmente, saem do Brasil para terem o título de mestre ou doutor em Psicologia do esporte. Você pode, por exemplo, ter um título de mestre em Análise do Comportamento e ter feito sua dissertação no tema, que é o que acontece por exemplo lá na UEL com os meus alunos. A pergunta que eu

faço, então, é quem são os profissionais que estão... se pegarmos a pós-graduação, quem são os profissionais que estão orientando esses alunos nessas linhas de pesquisa? Qual a formação desses profissionais? E mais, quem são as pessoas que buscam esses cursos de pós-graduação stricto sensu? São psicólogos? São pessoas da Educação Física e esporte? Então, eu fiquei bastante curiosa e o que eu fiz? Eu entrei no portal de dissertações e teses da CAPES nos dias 5 e 6 de outubro, agora, coloquei algumas palavras-chave: Psicologia do Esporte, criança e esporte, Psicologia e esporte, atleta e Psicologia, capacitação de treinadores, ensino de treinadores e Psicologia e busquei dissertações e teses que tenham sido publicadas nesse período com essas que tenham essas palavras no título e/ou resumo, enfim... o que eu encontrei? Eu só queria deixar claro que essa pesquisa, ou esse levantamento, foi feita com base na minha curiosidade, então, não tem nada muito sistematizado, mas eu acho que de alguma maneira isso traz um pouquinho do que vem acontecendo. Então, o que eu encontrei? Eu encontrei 58 dissertações e teses que apresentavam essas palavras. Aqui, eu destaquei em vermelho algumas das instituições que apareceram um maior número de vezes, então aqui, eu vou destacar São Paulo, a USP, a PUC, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, apareceu a UEL, fiquei até surpresa; Universidade Federal do Rio de Janeiro; do Rio Grande do Sul, mas aparecem universidades do Brasil inteiro; temos de Blumenau a Amazonas, certo? Então, várias pessoas orientando e desenvolvendo as suas dissertações na área ou, pelo menos, com palavras que tenham títulos relacionados à área da Psicologia do Esporte. Aí, o que eu fiz? Eu peguei todas essas dissertações, separei quem eram os seus orientadores, os seus autores, entrei no *curriculum lattes* de cada um deles, bem... para ver quem eram essas pessoas. Bom, em relação à formação dos orientadores, quais eram os cursos de graduação que eu encontrei? Na verdade, foram 54 orientadores, porque alguns orientaram mais de uma dissertação, mas ao todo temos 61 ali porque pode ter acontecido da pessoa ter mais de uma graduação, fez Psicologia e depois, Educação Física, ou Educação Física e Psicologia, mas como vocês podem ver, Psicologia ali tem um maior número de profissionais orientando, mas tem um alto número de profissionais da Educação Física orientando trabalhos nessa área. Gente, eu só queria dizer

que eu também não vou fazer nenhuma crítica, não é uma crítica o que eu estou fazendo, é só uma constatação. Bom, mestrado, qual é o mestrado desse pessoal? Porque para orientar tem que ser no mínimo doutor, para orientar mestrado, não é? Educação Física, Educação e Psicologia se destacam com um número mais ou menos igual, então são pessoas, às vezes, psicólogos que vão fazer seu mestrado na área de Educação Física ou da Educação Física que vão para Educação Física no mestrado, ou da Educação Física que vão para a Psicologia e assim por diante e doutorado, idem, Educação Física, Educação, Esporte e Psicologia, números bastante próximos, então me parece que quem está orientando tem formação em Psicologia, mas temos pessoas da Educação Física com mestrado em Educação Física, doutorado em Educação Física orientando trabalhos na área da Psicologia do Esporte.

“É necessário ter Psicologia nos cursos de graduação em Psicologia? Sim. Isso poderia aumentar o número de psicólogos interessados em mestrado e doutorado, esses mestres e doutores iam para as instituições como concursados e dariam a disciplina de Psicologia do Esporte”.

E os pesquisadores? Aí me surpreendeu, porque quando eu entrei no *currículum*, aí tem 64 pelo mesmo motivo, as pessoas podem ter mais de uma graduação, foram 58 pesquisadores, 58 trabalhos, me surpreendeu porque o número de pessoas com graduação em Educação Física ou... superou o de Psicologia e aí entra a questão da inserção da Psicologia nos cursos de graduação, eu retomo essa discussão. Talvez isso aconteça, por quê? Porque estamos lá nos cursos de Educação Física e não estamos nos cursos de Psicologia e aquele que gosta da área, que procura a área, vai fazer curso, ele pode se interessar, mas fica mais fácil para aquele que tem a disciplina, que conhece. Então, esse profissional tem buscado, sim, fazer o seu mestrado ou doutorado na área de Psico-

logia do Esporte, isso é um ponto positivo para a minha resposta à pergunta: é necessário ter Psicologia nos cursos de graduação em Psicologia? Sim. Isso poderia aumentar o número de psicólogos interessados em mestrado e doutorado, esses mestres e doutores iam para as instituições como concursados e dariam a disciplina de Psicologia do Esporte. Vai fazer o seu mestrado em que lugar? Na Educação Física, na Psicologia e aí, novamente, Educação Física. Então, temos pessoas da Educação Física buscando Educação Física para fazer mestrado em Psicologia do Esporte. Possivelmente, com pessoas da Psicologia que estão na Educação Física ou da Educação Física que estão na Educação Física. Doutorado, aí fica um pouquinho mais equilibrado, está certo? Bem, esse levantamento que eu fiz, eu acho que ele nos mostra um pouquinho dessa questão da Psicologia do Esporte e, na minha opinião, levanta algumas questões, então, se é necessário a inclusão da disciplina? Na minha opinião, sim. Quem serão os docentes que ministrarão a disciplina? Essa é uma primeira pergunta, se não estamos formando psicólogos e esses psicólogos não estão fazendo doutorado, eles não vão entrar nas universidades, pelo menos, nas públicas, eu acho menos provável. Pode ser que nas particulares eles consigam curso de especialista, mas nas públicas, hoje em dia está bem difícil, a menos que você tenha pelo menos o mestrado.

“Alguns autores colocam que é muito importante que o psicólogo, para que ele possa atuar na área do esporte, que ele tenha conhecimento da área das ciências do esporte”.

Bom, a segunda pergunta: que conteúdos deverão compor o programa dessas disciplinas que serão ofertadas para os cursos de Psicologia? Eu acho que a Marisa começou falando um pouquinho disso, acho que outros profissionais falarão, então não vou me estender, mas acho que a gente precisa se preocupar com isso, se dermos uma olhadinha, uma circulada na internet e pegar as ementas da disciplina de Psicologia do Esporte nos cursos de graduação, vemos que existem alguns aspectos que são bastante

parecidos, mas tem bastante coisa que é bem indiferente, então que profissional, que psicólogo queremos que saia da graduação? Com que conhecimentos? Alguns autores colocam que é muito importante que o psicólogo, para que ele possa atuar na área do esporte, que ele tenha conhecimento da área das ciências do esporte. Então, Nutrição, Fisiologia, enfim, conhecimentos outros. Quem vai falar sobre isso para esse aluno, o psicólogo? Ou eu vou chamar alguém lá do Esporte? É óbvio que trabalhamos, como a Marisa falou, de uma forma interdisciplinar, mas como ficaria uma disciplina dessa num curso de graduação? Que aí eu não vou ter o professor... alguém com formação em Educação Física ou Esporte, eu posso não ter alguém que não tenha feito especialização, então, como é que vai ser essa disciplina? Falar de Psicologia para quem está fazendo Psicologia fica meio esquisito, não é? Então, a necessidade do trabalho interdisciplinar. Então, infelizmente, eu não trouxe muitas respostas, eu trouxe mui-

tas perguntas, eu acho que tem muita coisa para pensarmos, embora a resposta seja, sim, eu acho que tem muita coisa para pensarmos antes de falarmos: "Sim, vamos colocar Psicologia do Esporte nos cursos de graduação em Psicologia", então temos que começar pensando algumas coisas, eu não sei por onde começar, parece até a história do ovo e da galinha, eu não sei se eu formo psicólogo, e gera o interesse, ele vai para o curso de pós, aí ele vai para atuação e volta para a instituição ou se eu formo na pós, ele vai para a graduação, forma quem vai para o campo, quer dizer, eu não sei por onde começar e também não faço ideia. Mas acho que é uma coisa para pensarmos. Não é uma situação tão simples, não é uma pergunta tão simples, não é algo que se resolve tão facilmente, na minha humilde opinião. Então, eu espero estar trazendo essas questões até para discutir com vocês, para que vocês me ajudem, já que vou oferecer uma disciplina optativa na universidade. Muito obrigada. 🙏

Victor Cavallari Souza

Muito obrigado, Silvia, pela sua fala. Acho que a curiosidade dela foi realmente para compartilharmos um pouco dessa curiosidade também; foi legal você ter trazido esse ponto de vista. Mas vamos tentar discutir mais essas perguntas no final, com certeza. Deixa vocês pensando a respeito dessas reflexões. Vou passar, agora, a fala para a Gisele. 🙏

Psicóloga formada pela Universidade São Judas Tadeu (2006); especialista em Psicologia do Esporte pelo Instituto Sedes Sapientiae (2009) e Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu (2015).

Bom, primeiro boa noite. Muito obrigada pelo convite. Recebi o convite alguns dias atrás pela Camila e, para mim, foi um grande prazer receber e poder vir aqui compartilhar um pouco com vocês a minha experiência. Antes de qualquer coisa, além de agradecer a presença de todos vocês, agradecer o pessoal que está em casa. Acredito que falar um pouco sobre Psicologia para quem gosta do esporte é algo muito animador e eu sou uma das pessoas bastante otimistas com a área, eu gosto muito mesmo da atuação e além de tudo, só uma pontuação, mas para mim é muito importante estar aqui presente, professoras minhas, a Lu, a Marisa foi minha professora também no Sedes, então para mim é muito legal ver alguns companheiros de trabalho que eu já conheço alguns rostinhos atuando na área, então isso é muito legal! Eu acredito até que a continuação da fala das professoras anteriores pode complementar um pouco ou eu posso, talvez, apresentar um pouco da minha realidade. Eu sou psicóloga, me formei na São Judas, até quando a Camila me passou um pouquinho sobre o que falar, o que podemos trazer, eu falei para ela assim: "Eu gosto muito de falar algumas coisas que possa, de certa forma, estimular as pessoas a entram na área e, de repente, refletir como construir o próprio caminho, como a professora Silvia falou agora há pouco assim, eu acho que até a construção é algo peculiar e tão subjetivo que cada um vai descobrindo ao longo das experiências, e vai construindo a sua própria caminhada. Comigo foi assim, então, hoje, o meu objetivo é compartilhar com vocês um pouquinho como é que eu trilhei, até onde eu estou no momento, quais são os meus desafios no meu dia a dia e por isso, eu pensei em falar um pouco sobre a minha linha do tempo profissional, de que maneira eu ingressei, como é que fui descobrindo os meus objetivos dentro da Psicologia do Esporte, em busca de um emprego, que para mim é algo que a gente fala assim, sempre:

"Nossa, chegou o momento, estou formada, tenho especialização e agora? Vou buscar um emprego"; um pouco do papel profissional do psicólogo e algumas questões da ética, de conduta profissional, os meus desafios diários e, de uma forma geral, como é que na minha visão podemos construir uma carreira dentro de um cenário que é o esporte e que, de certa forma, instável para quem trabalha no alto rendimento, como eu. Bom, então falando um pouquinho da minha linha do tempo, falando do meu planejamento profissional, então, em 2000, mais ou menos quando eu decidi fazer Psicologia, eu pensava no esporte e eu coloquei ali uma bandejinha cheia de ouros que era realmente o que eu desejava. Para mim era um potinho de ouro ali, cheio de expectativas, uma série de coisas que eu poderia desenvolver, que naquela época, eu tão nova, achava que ia construir um pedaço da Psicologia do Esporte, tinha isso como expectativa e, desde então, acho que em 2000... eu me formei em 2006, mas em 2005 mais ou menos, 2004, eu tive uma palestra, eu me recordo como se fosse hoje da Susy Fleury e da Anahy Couto falando sobre a Psicologia do Esporte e, ali, eu encaixei exatamente o que eu queria, no último ano de faculdade que foi em 2006, eu realmente foquei, falei: "Para eu realmente saber qual é esse cenário da Psicologia dentro do Esporte...", já que não era falado, eu nem imaginava que já existia com a força que tinha naquele momento, eu decidi fazer o meu TCC, então fiz sobre o nível de estresse em jogadores de futebol e, logo na sequência, eu comecei a procurar as especializações e como a Marisa falou, na época, eu só encontrei o Sedes, encontrei alguns outros cursos também, mas não atendiam as minhas expectativas e à medida que eu fui para o Sedes, eu fui conhecendo e fui realmente me apaixonando; lá tínhamos na época a versão do curso com vários professores que traziam um pouco das suas experiências e aquilo foi me cativando cada vez mais.

“Tenho que aproveitar essa oportunidade, conhecer, aplicar tudo aquilo que eu aprendi dentro da especialização”, então, começa o frio na barriga, porque você não sabe o que você vai desenvolver, com quem você vai conversar, o que você pode passar para o treinador, qual a ideia de projeto que você tem”.

Logo que eu encerrei o curso, foi 2008, 2009, eu me recordo que a Anahy tinha ido dar uma aula e ela apontou para nós assim: “O futsal do Palmeiras abriu uma vaga de estágio sem remuneração”, e ali eu falei: “Nossa, é exatamente o que eu preciso”, porque era turno da noite, enfim, trabalhava num escritório durante o dia e eu tinha que aproveitar aquela oportunidade, então, a partir dali, eu fui para o Palmeiras, trabalhei no futsal durante mais ou menos três anos e foi onde eu fiz ali a minha linha de base, eu sempre falava assim: “Tenho que aproveitar essa oportunidade, conhecer, aplicar tudo aquilo que eu aprendi dentro da especialização”, então, começa o frio na barriga, porque você não sabe o que você vai desenvolver, com quem você vai conversar, o que você pode passar para o treinador, qual a ideia de projeto que você tem, então, várias perguntas foram surgindo naquele momento, mas eu enfrentei o desafio e, assim, trabalhei no futsal até 2012, quando me surgiu, na verdade, logo... 2009, quando eu comecei no futsal, em 2010, eu e a Fátima Novaes, que é minha parceiríssima até hoje, nos conhecemos na especialização, logo quando saímos, uma grande dúvida era: “E agora? Eu procuro um emprego? Como a gente pode atuar na área?”, uma das grandes ideias que tivemos era iniciar por modalidades pouco conhecidas no nosso país ou na nossa cabeça, eram pouco conhecidas naquele momento.

“Olha, era exatamente isso que a gente queria, quando eu era atleta, se eu tivesse tido um trabalho do psicólogo, eu tinha ido muito mais longe e eu tinha gerenciado muito melhor as minhas adversidades”.

Então, começamos a pensar: “Por onde começamos? Não dá para começar pelo futebol, porque as pessoas vão direto nas modalidades que talvez sejam mais difíceis por conta do glamour ou qualquer outra coisa, sejam mais difíceis de acessar”, então, pensamos com muita inteligência e, a partir daí, pensamos na possibilidade de levantar, de fato, desenvolver um projeto e apresentar na Confederação Brasileira de Rúgbi, que na época não era nem Confederação, era...na verdade, entramos no site e tinha uma pergunta assim: “Ajude o rúgbi da forma como você acredita que pode contribuir” e aquela frase assim, acendeu na gente uma chama de esperança, falamos assim: “Opa, se estão dizendo que podemos ajudar de alguma forma, já sabemos como”, então, montamos o projeto, desenhamos algumas ideias de atuação sem conhecer nenhum cenário, sem saber absolutamente nada, mandamos um e-mail oferecendo ajuda e falando assim: “Olha, podem contar conosco, temos uma superideia, sabemos que podemos contribuir”; superotimista, com aquela ideia e fomos e na medida em que começamos a conversar com as pessoas - nós não sabíamos que era o Presidente da Confederação Brasileira de Rúgbi -, achei que iria conversar com a pessoa que estava acolhendo essa ajuda e, no fim, era o Presidente e saímos de lá como um milagre empregadas, demos sorte, à medida que nos recebeu disse assim: “Olha, era exatamente isso que a gente queria, quando eu era atleta, se eu tivesse tido um trabalho do psicólogo, eu tinha ido muito mais longe e eu tinha gerenciado muito melhor as minhas adversidades; então, já que eu não tive na minha época, eu quero propor isso para os nossos atletas”, então, pessoal, a minha primeira lição, eu estava no lugar certo, na hora certa, falando com a pessoa certa, não é? Então, às vezes, falamos: “Nossa, mas que sorte você teve!”, não, buscamos, fomos atrás e fomos inteligentes o suficiente para começar por uma modalidade que carecia dessa demanda, que precisava desse trabalho, enfim, a partir de então eu passei a desenvolver os trabalhos no futsal; a Fátima no basquete no Palmeiras, que surgiu uma outra oportunidade e nós duas na seleção de rúgbi continuamos lá até hoje, inclusive, já estamos indo acho que para o 6º ano, mais ou menos, cinco ou seis anos de trabalho com as categorias amadoras e para mim foi uma grande possibilidade de aprendizagem, então tudo aquilo que eu aprendi durante o meu processo de especialização tinha um conteúdo gigantesco, mas assim como em qualquer área, à medida que você vai colocar em prática, parece que você está inseguro, porque pergunta para você: “Mas e agora? O que eu

faço com tudo aquilo que eu aprendi?”, então, para mim, havia bastante dúvidas, mas o fato de eu ter uma parceira de trabalho que tinha ideias próximas, em alguns momentos, um pouco diferente, íamos estudando juntas, aprendendo juntas, pensando em intervenções, construindo algumas ações que pudessem contribuir para aquele público. Em 2012 surgiu uma oportunidade no futebol, no Palmeiras, eu sou psicóloga da categoria de base desde 2012 até agora, graças a Deus, eu espero poder continuar por mais um bom período. Surgiu a oportunidade no futebol da mesma forma. Eu fui até o futebol pensando na possibilidade de entender qual era a demanda daquele momento do Palmeiras e de que jeito que eu pensei?

“Eu estava no lugar certo, com a pessoa certa, falando as coisas que ele precisava ouvir naquele momento”.

Eu falei assim: “Bom, eu vou aonde, de repente, a instituição possa encontrar maiores desafios que é cuidar dos atletas em processo de reabilitação”. E assim lá fui eu apresentada por um outro amigo para o departamento de coordenação do Palmeiras, do futebol. Já estava lá, já fazia parte do futsal, mas o futebol é outra empresa dentro do Palmeiras, não se conversa com qualquer outra modalidade. Agora, tem uma proximidade com o futsal, naquela época não existia. E a partir de então, eu fui e falei assim: “Vim aqui, gostaria de conhecer o trabalho...”, e mais uma vez, essa pessoa tinha me encaminhado para o diretor das categorias de base, eu não sabia que ele era diretor e, de novo, quando eu saí de lá, eu saí assim: “Meu Deus, eu estava no lugar certo, com a pessoa certa, falando as coisas que ele precisava ouvir naquele momento”. Então, foi mais uma frente ali de oportunidades que eu visei, pensei, desenhei e estruturei e fui lá ofertar a possibilidade de atuação. Enfim, um tempo depois, dentro do futebol as coisas são diferentes, elas demoram um pouco mais e, por fim, eu acabei continuando, iniciando, na verdade, o trabalho lá dentro, não só com atletas na reabilitação, mas, também, desenvolvendo as atividades que normalmente eu já fazia na seleção de rúgbi e também de futsal que eram as atividades coletivas, atendimentos individuais, enfim, com outro foco de trabalho. Então, a minha grande pergunta e o que eu sempre fico refletindo é assim: muitas vezes, quando saímos do processo de formação da especialização, da pós, da faculdade, às vezes,

ficamos com receio de buscar oportunidades de atuação, ficamos: “Eu acho que o que eu sei não é suficiente para as pessoas me contratarem”, e aí demoramos, demoramos e, de repente, se estruturarmos algumas ideias que são possíveis e você ter propriedade daquilo que está desenvolvendo é muito possível que as pessoas acreditem em você e lhe deem um espaço de atuação. Nos meus desenhos de projetos, então, procurei trazer para vocês um pouco mais essa vivência dessa minha caminhada, mas o meu desenho de projeto, uma das coisas que eu sempre penso é assim: “O que a instituição precisa?” e precisamos ter isso como linguagem, sabe? Acho que um dos exercícios que eu sempre faço é olhar para o diretor, é olhar para o treinador, é olhar para o meu supervisor ou para os outros departamentos e perguntar assim: “Qual é a tua necessidade? O que você precisa?”, porque, às vezes, vimos com um projeto gigantesco na nossa cabeça e ele quer um pedacinho dele, ele não quer tudo aquilo e por isso que ele já fala: “Não”. À medida que você olha a necessidade que ele tem, desenvolve algo que responda ou que cuide daquilo que ele necessita naquele momento, se abra oportunidade, você desenvolve um bom projeto, você gera confiança e a partir daí você pode oferecer novas formas de atuação, novos modelos de projeto e por aí vai.

“Assim, conseguimos abrir frentes de trabalho e, a partir dali, vamos conseguindo adaptar outros modelos de atuação”.

Um outro processo, outras perguntas, outras indagações que eu sempre faço antes de apresentar qualquer coisa é qual é o entendimento pela nossa área, o que as pessoas esperam e qual é o entendimento que elas têm, quais são as expectativas, o que elas olham para nossa área e pensam que podemos contribuir. E de uma forma geral, quais são os valores daquela instituição, quais são os valores? São valores de formação? Então, não adianta eu ir ali com um diálogo ou com uma oferta de alto rendimento psicológico, por exemplo, se ele pede formação. Agora, se ele pede alto rendimento, então a minha descrição, o meu projeto, o meu objetivo, toda minha construção de atuação, de intervenção tem que ser de certa forma, num primeiro momento, focado no alto rendimento. Assim, conseguimos abrir frentes de trabalho e, a partir dali, vamos conseguindo adaptar outros modelos de atuação. Então, de certa maneira, eu sempre começo iniciando

pela demanda que a instituição pede, então, o que ela me pediu? Atleta lesionado, excelente, pode contar comigo, vou sentar, vou desenvolver, aplicamos o anamnese, fazemos um contato maior com o fisioterapeuta ou com a área que cuida, com os médicos, com todos os profissionais que estão envolvidos no processo de reabilitação daquele atleta, desenvolve, tal, tal, tal. A partir de um momento, você começa... se você sair um pouco do cenário, as pessoas sentem falta, começam a pedir, procurar e a partir daí você vai ganhando mais frentes e possibilidades de desenvolver outras ações ali dentro daquele ambiente. Outro cuidado que eu sempre tenho é incluir esses profissionais nas minhas intervenções, então, eu trago nutri, trago físico, trago o médico, trago o treinador, faço com que ele conheça o meu trabalho, eu aproximo ele, dou sentido do que eu faço e o porquê, dou alguns feedbacks, trabalho junto e eu acho que isso vai estimulando cada vez mais o vínculo de confiança que eu falei para vocês, sempre tem uma análise muito crítica das minhas atuações, então o que deu certo, o que não deu certo, o que eu posso mudar e construção de novos projetos como eu falei para vocês. Bom, e qual o papel dentro do que a Marisa estava falando, eu me identifiquei bastante com as coisas que ela trouxe sobre o cuidado que temos que ter no alto rendimento. Então, por exemplo, uma coisinha que é muito pequena, uma atitude que façamos, muito tranquila, da nossa parte dentro do alto rendimento, em especial, no futebol é um furacão, o que eu quero dizer com isso?

“Precisamos tomar um pouco de cuidado e fazer algumas reflexões sobre, como por exemplo, não respeitar o espaço de outras áreas, temos que tomar muito cuidado como é que as pessoas interpretam as nossas ações, compartilhar informações sigilosas”.

Às vezes, ações tão tranquilas, tão sossegadas que, de repente, podem ser desenvolvidas em outras modalidades dentro daquele cenário glamoroso que está todo mundo ali com 50 câmeras ligadas e tudo mais, é algo que pode ser um desastre, pode significar a exclusão do seu trabalho ali dentro, do seu cenário. Eu coloquei de uma certa forma no quadro verde ali

algumas ações que, de fato, elas são muito proveitosas, e outras no quadrinho amarelo que podem ser desprezadas ou que na verdade, precisamos tomar um pouco de cuidado e fazer algumas reflexões sobre, como por exemplo, não respeitar o espaço de outras áreas, temos que tomar muito cuidado como é que as pessoas interpretam as nossas ações, compartilhar informações sigilosas, então assim, às vezes, estamos trabalhando de uma forma transdisciplinar em um caso e tem informações que é só você quem sabe e você tem que tomar cuidado para não passar isso para outro profissional. Comportamento de torcedor, eu tenho um pouco algumas ressalvas para fazer sobre esse tema, estávamos conversando um pouco, não é, Rafael?, sobre isso, agora há pouco, mas eu tenho uma ideia assim, um pouco mais crítica sobre isso, é um ambiente que já estamos de uma certa forma, fazendo uma intervenção, nós não somos neutros, então, à medida que entramos ali, já fazemos uma intervenção e dentro do futebol, normalmente, ou talvez em outras modalidades, eu não tenho contato com tantas outras modalidades, mas eu penso assim: as pessoas estão nos olhando e vendo qual é o equilíbrio emocional que temos e se por algum motivo, por algum azar, acontecer algum problema com a equipe naquele momento, eles podem associar que a falta de equilíbrio emocional vem do próprio psicólogo, olha que maluco torcendo igual a um louco ali na arquibancada. Então, para mim, isso é algo que temos que tomar sempre muito cuidado. Divulgar materiais pessoais em mídia social, também acho que é importante tomarmos bastante cuidado com isso, dar entrevistas sem consentimento da instituição e isso para mim, assim, é totalmente... eu me veto, o Palmeiras nunca me vetou, entretanto, eu não dou entrevista nem para o próprio site do Palmeiras, eu não dou, porque à medida que você dá uma entrevista... estou falando do meu ambiente, eu estou dizendo para vocês as experiências que eu tenho, falando um pouco do meu ambiente, à medida que eu exponho qualquer coisa ali, eu já estou trazendo informações sigilosas daquele grupo de trabalho, a não ser que seja para falar sobre a importância do papel do psicólogo e não de detalhes sobre a equipe, aí é diferente. Então, eu sempre penso muito, faço muito essa análise e faço uma análise que foi o que a Marisa falou agora há pouco, o que estamos buscando ali, é glamour? Ou o nosso foco é orientado na tarefa? Então, eu prefiro muito mais que o nosso trabalho da Psicologia, da instituição, ela pareça de certa forma, nas atuações e nos resultados das equipes, em especial, na promoção de saúde, no equilíbrio emocional dos atletas ali naquele momento, eu falo um pouco sobre isso porque eu acredito que essas condutas de trabalho, elas podem, sim, de cer-

ta forma, criar ou deixar com que o profissional não caia em armadilhas, que, às vezes, ele vai fazer uma coisinha pequena e, de repente, aquilo se tornou algo completamente fora do controle.

“Nossa, você é psicóloga! Senta aqui, deixa eu lhe explicar o que eu posso fazer, o que juntos podemos construir”.

E os meus desafios da atuação, então, como eu falei para vocês, eu separei seis, na verdade, que eu vejo que é importante para mim, hoje, que é conquistar o espaço através da confiança de outros profissionais e acho que temos que estar preparados para falar sobre o trabalho da Psicologia do Esporte, vejam, estamos-nos encontrando hoje para debater o que faz a Psicologia do Esporte, às vezes, acabamos entrando em contato com outros profissionais e quando o profissional fala assim: “O que você faz?”, em algumas situações, sentimo-nos assim: “Poxa, mas como assim, o cara não sabe o que eu faço, é tão importante”, mas estamos fazendo esses debates para irmos mais fundo, imaginar quais são os temas, como é que podemos imaginar que as outras pessoas saibam de cor e salteado quais são as nossas intervenções? Então, sempre quando alguém fala assim: “Nossa, você é psicóloga!” “Senta aqui, deixa eu lhe explicar o que eu posso fazer, o que juntos podemos construir”, então eu sempre, como eu disse a vocês, insiro essas outras áreas junto no trabalho comigo, então, por exemplo, eu estou num momento agora de criar uma anamnese junto com o serviço social e, também, com a reabilitação, construir um projeto de avaliações ali no processo de reabilitação junto com um departamento e fazer as entrevistas quando os atletas ingressam no clube, se eu tenho perguntas que são muito próximas ao serviço social com uma outra vertente, mas por que não construímos materiais juntos onde possamos favorecer as duas áreas, onde possamos crescer juntos e, enfim, ter mais informações que possam nos contribuir. Reformular a estrutura de trabalho e se readaptar rapidamente, por exemplo, já estou no Palmeiras há... só no futebol, praticamente, três anos e meio e já mudei de três ou quatro gestões, então, cada ano, ano e meio se troca gestão. Então assim, vem um novo gestor com ideia completamente diferente daquilo que você construiu até agora e se você não falar a linguagem dele em estado de emergência, ele vai falar: “Essa aí, ela não faz nada daquilo que eu

acredito”, porque talvez, ele nem saiba o que faz o nosso trabalho ou que faz o nosso papel porque ele veio com uma ideia diferente do clube que ele estava. Então, de novo, eu entro no mesmo sistema, entendo que... procuro entender o que é para ele a Psicologia do Esporte, readapto o trabalho de forma muito rápida e começo de novo um trabalho de formiguinha de oferecer os outros projetos que já eram desenvolvidos muitas vezes, pelos clubes.

“Facilita muito quando você senta, misura alguns dados através de instrumentos que são validados, por mestrado, por doutorados que possam facilitar essa mediação na nossa comunicação em alguns momentos ali com o atleta, e, também, até com o treinador”.

Um outro desafio para mim é quantificar esses dados que são subjetivos, como a Marisa falou, falamos “psicologuês” em alguns momentos, mas eu acho que na prática tem que ser português, mesmo. Entender o que a pessoa quer e dessa forma, para mim, em alguns momentos, é importante quantificarmos informações que são totalmente subjetivas. Às vezes, tem treinador que chega e pergunta: “Então, ele não é concentrado?”, ou: “Está com problema na questão de concentração?”, mas ele tem essa questão quanto? De zero a dez, quanto? Então, no esporte, para mim, nas minhas experiências, facilita muito quando você senta, misura alguns dados através de instrumentos que são validados, por mestrado, por doutorados que possam facilitar essa mediação na nossa comunicação em alguns momentos ali com o atleta, e, também, até com o treinador, e dependendo do estilo de trabalho que pode ser desenvolvido. Por último, eu sempre procuro construir um espaço de mediação coletiva, não só com os atletas, mas também eu trago outras pessoas que são importantes no processo, como no caso, os pais. Desde o ano passado, desenvolvemos e eu coloco isso como meta para mim, todo ano eu tenho que desenvolver um novo projeto dentro dos clubes em que eu estou. No ano passado, foi trazer a família para a instituição, foi um “péréré” conseguir convencer a diretoria que era importante essa aproximação: “Não, porque vamos trabalhar, pensa só a importância da família...”, e assim, nós fomos. Conseguimos, estamos até

hoje. Hoje, cada categoria, os pais são convidados ao clube quatro vezes ao ano, então, eles vêm, é aquela reunião familiar, discutimos temas que são propícios para a idade que eles estão.

“Eu fui buscar o mestrado justamente por isso, porque achava que tinha bastante prática, mas estava me faltando a questão teórica”.

E, gente, finalizando a minha fala, vocês puderam perceber que eu sou bastante planejadora e visionária, empreendedora em alguns momentos, olha quantas coisas eu vou falando sobre mim, mas acho que isso define bem, eu penso que se você quer entrar na área, para quem nos ouve, para as pessoas que estão aqui, precisamos construir espaços para desenvolver. Infelizmente, acabando a especializa-

ção ou qualquer outro curso que façamos, nós não vamos ter ninguém batendo na nossa porta dizendo assim: “Meu deus do céu, o meu perfil de profissional que eu quero trabalhando comigo”, não vão! Então, temos que nos apresentar, temos que desenhar, aprender; eu fui buscar o mestrado justamente por isso, porque achava que tinha bastante prática, mas estava me faltando a questão teórica. Então, o mestrado contribuiu nisso, eu gosto muito da prática, mas acredito que se não tivermos a formação teórica, se não buscarmos esse conhecimento, sentimo-nos mais inseguro, ficamos com receio e à medida que encontramos outras pessoas que estão num nível superior nosso, de conhecimento, com outras experiências, eles podem partilhar essas informações e, de certa forma, fazer com que evoluamos, nos tragam novos sonhos e façam com que consigamos colocar isso em prática. Agradeço, temos o site também, quem quiser entrar, dá uma fuçada lá, tem alguns materiais legais de filmes, enfim, algumas indicações e muito obrigada, espero ter conseguido passar um pouco para vocês da minha experiência. 🙏

Agradeço à Gisele pela contribuição. Aproveito, agora, para falar para vocês e também para quem está nos assistindo on-line, pois tivemos 73 acessos neste momento no evento; então é um número bastante expressivo, visto que também temos alguns polos de transmissão, então, em Ribeirão tem o pessoal, por exemplo, que se reuniu para acompanhar este evento em grupo, então, muito legal. Estão chegando muitas perguntas, o pessoal de casa aí que está acessando o evento, eu peço que vocês atentem ao tema da palestra, do debate, porque gera muita curiosidade em muitas coisas, mas vamos focar nas perguntas que estão relacionadas diretamente ao evento, ao tema do evento. E antes da fala do Rafael, eu gostaria de fazer alguns apontamentos que eu acho que foram muito interessantes pensarmos em como essas falas se conversam, como estamos falando a mesma linguagem misturando um "psicologuês" com um português claro; acho que a Marisa trouxe muito bem essa questão do saber fazer, esse saber fazer dotado de uma prática qualificada, útil e responsável, isso eu anotei, foram palavras suas, foi ótimo. E dentro de um contexto que é amplo, que é interdisciplinar e temos que pensar numa formação para esse profissional que vai chegar nesse local, uma formação possível que você também chegou a falar sobre isso. E essa formação possível é também o que a Sílvia falou; é necessário? Sim. Como? E esse como temos que realmente evoluir nas nossas discussões, mesmo porque, como a Sílvia também apontou, o *stricto sensu*, por exemplo, ela falou que está focado em formar pesquisador e docente e o quanto que as pesquisas estão longe dessa prática, como... normalmente, eu reflito muito sobre isso, até mesmo na minha pesquisa, eu estou indo lá, eu estou aproveitando uma ins-

tituição, eu estou desenvolvendo um trabalho na instituição, eu estou pesquisando, estou fazendo o meu doutorado, mas o que eu vou dar de contrapartida para esse grupo de atletas, enfim, que eu estou trabalhando, nesse contexto que eu estou inserido? Isso daí é uma reflexão que temos que pensar, o quanto que estamos longe a pesquisa e a prática e isso daí também se conversa com o que a Marisa trouxe, um número de psicólogos entrevistados que assumiram que não recorriam à literatura, não se mantinham atualizados para a sua intervenção. Então, a produção teórica da área não estava contribuindo diretamente para a sua atuação profissional e isso está relacionado com os fundamentos que a Camila trouxe no começo do evento, qual é a necessidade de um psicólogo ter um compromisso ético para se manter atualizado, formado e fazer um trabalho de qualidade? E aí, caio um pouco na fala da Gisele, que a formação, a qualidade dos nossos serviços serão a maneira de garantirmos um espaço, de criarmos um espaço para nós, entender quais são as necessidades do ambiente em que estamos inserido, pensar na instituição, como a Camila também falou nos fundamentos, temos que reconhecer o contexto em que estamos atuando, as instituições, enfim, e saber que não somos neutros, como a Gisele falou, não somos neutros nisso, então ali, temos que se posicionar como psicólogos de uma maneira crítica nesse contexto. Então, eu acho que essas falas, elas foram muito interligadas, eu fiz apenas um recorte; é claro que conseguimos pensar muitas coisas, muitas questões a partir disso e agora para fechar, eu acho que o Rafael tem outras provocações também. Então, acho que agora teremos mais condições ainda de pensar mais criticamente a respeito de formação em Psicologia do Esporte. 🍷

Rafael Campos de Oliveira Dutra

Psicólogo; especialista em Psicologia Escolar e Educacional e mestrando em Educação. Professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Membro da atual gestão da ABEP – Associação Brasileira de Ensino de Psicologia e atua com Psicologia do Esporte há 10 anos.

Boa noite a todas e todos. Eu acho fantástica essa discussão, quero agradecer ao CRP em nome do Victor coordenando a Mesa, à Camila, enquanto Núcleo de Psicologia do Esporte. Poder discutir formação; estou aqui hoje representando a ABEP – Associação Brasileira de Ensino e Psicologia, que tem esse desafio na mão, que é discutir a formação e fazer esse recorte, que é discutir a formação em Psicologia do Esporte, um tema bastante curioso, não, polêmico, talvez... mas um tema que nos demanda muitas reflexões. O que vou dividir com vocês aqui são algumas reflexões, algumas percepções e algumas provocações, eu estou sem slides, não precisam olhar para lá, podem olhar só para mim, eu estou com o meu roteiro aqui e vou pedir licença, claro, para ir seguindo e quem ouviu a minha apresentação, falou: “O que esse cara está fazendo aí? Afinal de contas, psicólogo, especialista em Psicologia Escolar Educacional fazendo mestrado em Educação, está lá para falar sobre Psicologia do Esporte”, e aí, eu acho que é muito interessante porque vem justamente a questão das nossas formações; vimos que nós temos caminhos bastante distintos e eu, hoje, trabalho com a Psicologia do Esporte na área acadêmica, leciono Psicologia do Esporte na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, mas tenho dez anos dialogando com a área, uma atuação muito intensa, sobretudo no final da minha graduação e no começo da minha vida profissional. Eu tive o privilégio de estudar numa instituição em que, naquele momento, tinha um curso extracurricular com uma professora bastante comprometida em fazer as coisas acontecerem, então, tínhamos grupos de estudo, grupos de estágio, supervisão. Eu, no meu 5º ano, fiz uma escolha de me demitir do meu trabalho e me dedicar exclusivamente à universidade, na qual eu pude ter aula quase que particular com essa professora, acompanhando ela, às vezes, das sete da manhã às sete da noite na monitoria, curso

de Educação Física, acompanhando ela no trabalho dela enquanto psicóloga, então, foi uma formação muito intensa, sobretudo também nos eventos, na ABRAPESP, com a Luciana, a Marisa, pessoas que eu tanto ouvi e o quanto esse espaço de troca é muito bacana, aprendemos demais, os congressos, essas imersões que fazemos de três, quatro dias, que você sai com todas as dúvidas e algumas respostas, não é? Enfim, e o lugar de onde eu falo que é esse lugar da ABEP, vale a pena ressaltarmos, eu coloquei três pontos que são muito importantes para pensarmos, que é essa temática da qualidade da formação, que foi pontuada, acho que muito bem pela Mesa; a importância dessa visão crítica, frisamos muito isso e a questão da visão social da Psicologia, toda intervenção psicológica carrega em si um impacto. Então, eu quero nessa minha fala dividir com vocês algumas percepções sobre o esporte, sobre a Psicologia do Esporte e aí, quando eu entrar na parte de formação em Psicologia do Esporte, eu dividir entre os aspectos técnicos e os aspectos ético-políticos.

“O esporte tem essa capacidade de afetar as pessoas, isso é muito bacana, ele está no imaginário social, é altamente explorado pela mídia de diferentes formas, positivas, negativas, é um negócio, eu sempre gosto de frisar as múltiplas dimensões do Esporte enquanto negócio, enquanto profissão”.

Eu começo colocando que o esporte é uma área que seduz. Isso é importante frisarmos. Ele trabalha com a temática da superação humana, é altamente explorado pela mídia, ele nos afeta, então, você para em frente da televisão, não importa quem está jogando, se o jogo está bom, ele lhe prende, se você gosta do esporte, se você vive isso, não importa qual é a modalidade, qual é o time, o esporte tem essa capacidade de afetar as pessoas, isso é muito bacana, ele está no imaginário social. Como a Marisa muito bem colocou, o esporte também é altamente explorado pela mídia de diferentes formas sejam positivas e/ou negativas. É um negócio. Eu sempre gosto de frisar as múltiplas dimensões do Esporte enquanto negócio, enquanto profissão, enquanto ciência, enquanto prática de lazer, prática de saúde. Ele nunca é uma coisa só e não podemos, muitas vezes, se deixar enviesar pela visão romantizada que nos colocam do esporte porque o dia a dia, muitas vezes, é muito delicado. Eu, por estar na área da Educação, sempre gosto de ressaltar esse papel socioeducativo que o esporte tem. Uma outra coisa sobre a minha história que é bacana e vocês não vão acreditar, mas eu, durante toda a minha adolescência, eu fui atleta federado de basquete e essa experiência foi fantástica no desenvolvimento enquanto pessoa e enquanto psicólogo do esporte depois, contribuiu demais essa vivência. Essa experiência faz realmente conhecer o contexto, viver o contexto, que é algo bacana que na Psicologia muitas vezes não tem. Vamos descobrindo na prática, no dia a dia. Não dá para falarmos em Psicologia do Esporte sem falar em outras profissões. O esporte é multidisciplinar, interdisciplinar, transdisciplinar por excelência. Ninguém faz Psicologia do Esporte sozinho. Isso nos coloca um desafio muito grande: conhecer essas outras profissões; conhecer essas outras intervenções e aprender a dialogar com elas; não em "psicologuês", mas dialogando e construindo junto. É um desafio muito grande para nós. O esporte vive um processo de profissionalização no nosso país, mas tem uma cultura e uma herança extremamente amadora. Quando vivemos um pouco mais e conhecemos alguns bastidores, notamos que a preparação psicológica, muitas vezes, é tida como uma fraqueza de um atleta ou de uma equipe. Dirigentes, clubes e atletas, por vezes, querem ter o trabalho da Psicologia do Esporte, mas eles não quer divulgar na mídia porque podem pensar que ele não está lá muito bem da cabeça, não é? E é aquela lógica de que a parte física é o treino, a parte tática é o treino, a parte técnica é o treino e a parte psicológica é "ou eu dei a sorte de nascer com ela boa ou eu estou lascado". Então, a Psicologia busca esse espaço nessa

profissionalização do esporte e acho que tem, muito brilhantemente, contribuído com isso.

"A Psicologia do Esporte vem se consolidando, mas ainda pouco explorada da graduação, como foi mais do que falado e a formação em Psicologia do Esporte é um desafio para todos nós, parar para pensar".

Eu sempre gosto de uma fala que me marcou bastante, porque a gente, às vezes, coloca a Psicologia do Esporte como área emergente. Lembro no Congresso da ABRAPESP em 2007, em que a Professora Katia Rubio faz uma fala muito contundente que somos uma área em consolidação. Isso me marcou e, de fato, acho que tem uma história no nosso país, fora do nosso país e que, brilhantemente, vem sendo tocada por diferentes atores, e a Psicologia do Esporte vem se consolidando, mas ainda pouco explorada da graduação.

Eu gostei da fala da Gisele quando ela coloca esses desafios de entrar no mercado de trabalho com o qual todos nós vivemos ou pretendemos viver. Considero um mercado em ascensão. Eu me lembro em 2010, o COB – Comitê Olímpico Brasileiro - fez o 1º Seminário Internacional de Psicologia do Esporte no qual ele convidou todas as confederações, custeou a passagem, a hospedagem de dois representantes por confederação; na época, eu estava na Confederação de Handebol e tive o privilégio de estar lá e eu me lembro que, no meio do simpósio entre as reuniões e afazeres, o Presidente Nuzman desceu e fez uma fala com todas as letras de que ele acreditava que para o Brasil conseguir atingir a meta para o Rio-2016, ele queria psicólogos em todas as comissões técnicas. Dos 80 participantes, acho que 20% eram psicólogos. Hoje, do que eu consigo acompanhar, sei que esse número cresceu de psicólogos atuando em confederações. Sabemos ainda que não é algo predominante, não é algo que de fato, se coloca do jeito que gostaríamos, mas ações como essas e movimentos de mídia, trabalho feito na base, os cursos que são promovidos, o interesse que vem desenvolvendo, o pessoal estudando, conhecendo, ouvindo falar, indo para o congresso, lendo a revista, então, realmente, é uma área que vem em ascensão enquanto mercado de trabalho.

“Mas nós da Psicologia temos outras coisas a oferecer e, muitas vezes, não temos clareza disso, então, acho que frisar isso é bastante importante”.

Eu percebo que no mercado de trabalho, enfrentamos duas questões. A primeira, considero parecida com os jornalistas em que é muito comum você ter um ex-atleta que é comentarista e o jornalista que tem toda uma trajetória acaba perdendo a oportunidade de estar ali exercendo seu trabalho de jornalista e no esporte. Também começamos a ver isso com os mentores, ex-atletas que, muitas vezes, cuidam dessa preparação mental dos jogadores, fazem essa orientação, fazem esse aconselhamento, enfim, então esse é um movimento que eu percebo enquanto mercado de trabalho. Também, se aproxima disso as consultorias no mundo corporativo, organizacional, como os *coaching*; então, tem muita gente também desenvolvendo esse trabalho de *coaching* com os atletas nessa lógica da preparação mental, então, são pontuações que eu acho importante de fazer por que precisamos saber o que nós, psicólogos, temos a oferecer que é diferente dessas pessoas. É claro que um atleta olímpico tem muito a ensinar a um atleta jovem, não tenho dúvida disso, mas nós da Psicologia temos outras coisas a oferecer e, muitas vezes, não temos clareza disso, então, acho que frisar isso é bastante importante. A segunda questão sobre o mercado de trabalho na Psicologia do Esporte que eu considero é que o esporte, assim como muitas outras áreas, funciona muito em cima do contato. Então, é comum vermos psicólogos de outras áreas, clínicos, sobretudo, que por conhecer alguém que conhece alguém que é do clube acaba indo lá para o clube exercer o trabalho de psicólogo. Você vê que esse profissional pode fazer algum tipo de Psicologia, mas aquilo não é Psicologia do Esporte. Então, temos esse problema enquanto mercado de trabalho e aí, a gente recai nessa temática, realmente, da formação: quais questões para a formação em Psicologia do Esporte estão presentes?

“Porque não se tem a lógica de que os melhores atletas estão na seleção, então, os melhores psicólogos estão na seleção”.

Quando eu fui trabalhar na Confederação Brasileira de Handebol. Eu era recém-formado e vivi essa história de lugar certo na hora certa. Nessa intensidade de vivência na Psicologia do Esporte, eu trabalhei no handebol da Metodista e o técnico da seleção era o técnico da base da Metodista e ele falou para a Alê: “Preciso de alguém para a seleção”, ela falou: “Leva o Rafa”, eu estava do lado dela, não foi por acaso, não foi sorte, eu tinha toda uma trajetória, estava investindo, mas com certeza, havia psicólogos muito mais bem preparados do que eu para estarem ali, eu era recém-formado. Eu lembro que recebi um e-mail quase que revoltado de uma pessoa: “Como que você recém-formado está numa seleção?”, e de fato, porque não se tem a lógica de que os melhores atletas estão na seleção, então, os melhores psicólogos estão na seleção. Porém, tem gente que está na seleção que você nunca ouviu falar; pessoas que são do meio há anos, que estudam, que estão nos congressos, que nunca ouviu falar. Então, é uma questão muito importante de frisar-mos, não podemos perder esse ponto de vista, que a formação é essencial.

Entrando, então, nos aspectos técnicos e ético-políticos, eu vou começar pelos técnicos. Vou trazer aqui uma fala de Joaquim Dozil, na época, Presidente da Sociedade Ibero-americana de Psicologia do Esporte. Na fala, durante o Congresso da ABRAPESP, ele discorreu sobre uma tríade que era importante pela formação e atuação em Psicologia do Esporte. É o conhecer, primeiro, a Psicologia de Esporte, então, conhecer os instrumentos, conhecer a lógica. Um segundo ponto, que eu acho que foi pontuado pela Sílvia, é conhecer o esporte, conhecer sobre treinamento esportivo, fisiologia do exercício, saber o que é uma periodização de treino, entender as fases de treino e competição. É óbvio que você não vai ser especialista nisso, mas entender a respeito disso é essencial. E um terceiro ponto que ele trouxe que é conhecer a modalidade na qual você trabalha, porque as intervenções mudam radicalmente dependendo da modalidade que você está. Eu trabalhei com basquete, com handball e com tênis. Com futebol, eu trabalhei um pouco, então são modalidades bastante diferentes que pressupõem intervenções diferentes. Você precisa conhecer os fundamentos, as posições, as estratégias, as ações que são desenvolvidas naquela modalidade, não dá para você achar que por saber Psicologia do Esporte, você pode chegar em qualquer lugar, em qualquer modalidade e a sua intervenção vai ser efetiva. É preciso emer-

gir. Acrescento uma quarta dimensão, extrapolando essa tríade, quando eu coloco uma dimensão social do esporte que eu acho indispensável para qualquer tipo de intervenção em Psicologia, e eu vou falar dela mais para frente. Um ponto que eu acho crucial, em relação à formação, é o desafio de tentar desconstruir um pouco a lógica da preparação mental no sentido da Psicologia do Esporte se ater a temáticas de ansiedade, concentração, nível ótimo de ativação e outros aspectos. Tudo isso é importante. Trabalhar liderança, coesão de grupo, tudo isso é importante, mas a Psicologia do Esporte não pode encerrar aí, como se o treinamento mental fosse a chave da Psicologia do Esporte. A Psicologia como ciência desenvolveu muitos conhecimentos que contribuem para a Psicologia do Esporte, advindos da Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Aprendizagem do Processo Educativo, Psicologia da Saúde, então, muitos conhecimentos da Psicologia dialogam com a Psicologia do Esporte, além dos conhecimentos específicos que a Psicologia do Esporte, que tem sido produzidos também no Brasil.

“A lógica do alto rendimento vai para iniciação esportiva, vai para projeto social, o que, eu, particularmente, não considero bacana, são processos diferentes, são campos diferentes e têm objetivos de atuação diferentes”.

E um outro ponto que eu coloco é a importância explorarmos todos os campos. A Marisa pontuou lá os campos de atuação da Psicologia do Esporte e ela mesma coloca que está no imaginário social o alto rendimento e, muitas vezes, focamos no alto rendimento ou na lógica do alto rendimento, que, às vezes, a lógica do alto rendimento vai para iniciação esportiva, vai para projeto social, o que, eu, particularmente, não considero bacana. Esses são processos diferentes, são campos diferentes e têm objetivos de atuação diferentes. Portanto, não podemos usar a mesma lógica, que é a lógica do rendimento em todos esses espaços. E, por fim, falando desses aspectos técnicos, eu sempre gosto de frisar que a neutralidade é uma contribuição muito ruim da história da Psicologia. Lembrando que não ser neutro não quer dizer que você não tenha um papel definido, mas a neutrali-

dade não existe. No contexto do esporte, se você promover uma distância, você está fora da equipe. Eu lembro, no meu estágio, ainda com basquete e o pessoal chegava, garotos, 15 anos, cumprimentavam com beijo no rosto e, na minha vez, me davam a mão. No momento em que eu sabia que eu fazia parte, eu quis dar um beijo também. Cheguei a perguntar para a Marisa, sempre que eu encontro com ela eu brinco sobre isso, se eu podia torcer ou não. É óbvio, você não vai ficar xingando o juiz, você tem um papel ali, mas imagina um jogo de basquete, faltam 30 segundos, o time a um ponto atrás, bola para você e você olha para o psicólogo e ele está com aquela cara de psicólogo, sabe? A última coisa que você vai achar é que ele faz parte do seu time e que ele está ali com você e que está vivendo aquilo.

“O esporte, enquanto fenômeno social, ele carrega todas as demandas culturais, ele produz e reproduz discursos o tempo todo, discursos que estão em outras instituições, na família, na escola, na nossa universidade, na nossa formação”.

É óbvio que se você olhar e ver ele desesperado, você também vai ficar preocupado, temos um papel, mas não somos neutros. Nem no sentido dessa proximidade, nem no sentido ético-político. Ressalto a importância de desconstruir a ideia da neutralidade de fazer psi, como se a neutralidade existisse no mundo esportivo e não tivesse uma dimensão política, tanto no esporte, quanto na nossa intervenção. O esporte, enquanto fenômeno social carrega todas as demandas culturais, ele produz e reproduz discursos o tempo todo, discursos que estão em outras instituições, na família, na escola, na nossa universidade, na nossa formação e, muitas vezes, esses discursos são reproduzidos de formas naturalizadas, como se simplesmente fosse assim porque é assim, sabe, é assim que funciona. Então, temos que tomar cuidado com essa neutralidade, porque, normalmente, a neutralidade esconde uma intencionalidade que está velada, então é importante frisarmos por isso. É importante que façamos uma leitura crítica do esporte brasileiro, temos uma organização esportiva completamente antidemocrática e, mui-

tas vezes, não discutimos isso, temos uma busca por uma profissionalização, mas ao mesmo tempo, muita grana na mão de pessoas completamente amadoras, que fazem gestões extremamente equivocadas e, sim, pessoas brilhantes que fazem trabalhos muito bacanas, nunca podemos generalizar tudo, não podemos deixar de olhar para isso, não podemos fingir que esse contexto não está nas instituições esportivas, porque isso afeta a todos de alguma forma.

“Outra dimensão que é manifestada no esporte é a dimensão da desigualdade social, falar de qualquer coisa no Brasil, você não pode falar disso sem considerar a desigualdade social”.

Um outro ponto que eu coloco é considerar essa dimensão do entretenimento e do negócio que é por meio da mídia que o esporte está no cotidiano de todo mundo. Não só nós, brasileiros, como no mundo inteiro; finais de Copa do Mundo são acho que os eventos mais televisionados, aquela coisa, enquanto esporte na cultura mundial e não podemos esquecer que essa dimensão tornou os nossos atletas produtos e precisamos trabalhar com essa demanda, de alguma forma, temos que dar conta disso. Outra dimensão que é manifestada no esporte é a dimensão da desigualdade social, falar de qualquer coisa no Brasil, você não pode falar disso sem considerar a desigualdade social. Vamos falar de educação, vamos falar da desigualdade social para pensar a educação, vamos falar de esporte, tem que pensar a desigualdade social para falar de esporte. Temos esportes de ricos e têm esportes de pobres. O esporte se torna, por muitas vezes, uma das principais possibilidades de ascensão social, de mudança de camada na população, mudança de classe social por meio do esporte, mas quantas pessoas não acabam, nessa busca, se frustrando. Para um que consegue, muitos e muitos não conseguem e essa dimensão está colocada ali na prática, está colocada naquele contexto, esses sonhos, essas questões que estão veladas, elas estão ali, não podemos perder isso de vista. Por último, nessa questão ético-política, a própria lógica de violação de direitos humanos que estão presentes no esporte, seja na questão de condições indignas de

treinamento, de alojamento. O quanto o machismo está completamente naturalizado no contexto do esporte: “Joga que nem homem”; a questão de gênero, a heteronormatividade. Temos casos em diferentes modalidades e essa questão da sexualidade está superpresente, sobretudo para quem trabalha com adolescentes na iniciação esportiva e não discutimos; o esporte tem uma cultura opressora, o assédio moral é naturalizado, já está na cultura do esporte e, às vezes, tiramos do atleta a condição de trabalhador, de sujeito de direito, porque se ele fizer enfrentamento ao técnico, ele é cortado, ele não joga e isso é naturalizado. Então, temos que tomar cuidado com essa naturalização que se tem de diferentes questões culturais que se manifestam ali no esporte.

A partir de tudo isso que eu coloco enquanto reflexões, eu faço algumas provocações. Então, um dos pontos que eu coloco: a afirmação do desenvolvimento do aspecto psicológico no esporte e pelo esporte. Então, temos essa questão de que nós nos desenvolvemos na prática esportiva, portanto, o esporte desenvolve o sujeito, psicologicamente falando, e o desenvolvimento psicológico dele se manifesta ali também na prática esportiva ou no rendimento dele. Outro ponto é buscar cada vez mais o profissionalismo e a construção do conhecimento no e para o esporte, eu achei muito bacana a fala da Marisa de que não falta conhecimento, falta o psicólogo estudar - e eu concordo -, tem bastante coisa para estudar. A importância em avançar nas dicotomias do fazer técnico e de considerar os aspectos ético-políticos da intervenção do esporte, ou seja, eu não posso achar que a minha intervenção é apenas técnica, porque se eu estou fazendo isso, eu estou tendo a minha postura ético-política nessa falsa neutralidade, nesses valores que estão velados e aí, temos um problemão para resolver. Eu costumo brincar, ou você está tentando transformar ou você está tentando manter como está, se você não sabe o que você está fazendo, provavelmente, você está mantendo do jeito que está. Eu, há duas semanas, vi uma fala do Professor Marcus Vinícius da Federal da Bahia e ele falou que a intervenção psicológica transformadora ela envolve que você vai correr riscos, é você que vai decidir o quanto de risco... e risco, às vezes, de ser mandado embora, de você perder o seu emprego, às vezes, sofre para conseguir, quando você consegue, é difícil, é um dilema essa coisa de trabalhar voluntariamente... hoje, eu escutei uma expressão que eu adorei, é escambo de currículo, então, você é um profissional que já

tem uma especialização e: "Você trabalha aqui porque o meu escudo, ele vai no seu currículo fazer diferença para você".

"Combater essas violações de direitos humanos produzidas e reproduzidas no contexto esporte, nós temos esse dever e é um desafio, porque ao se posicionar, você também vira alvo e, às vezes, isso é um dilema para muitos profissionais".

Gente, eu fiz isso, eu trabalhei de graça três anos na confederação. Eu entendo perfeitamente quem faz, mas precisamos problematizar isso; isso é um problema que temos que enfrentar. Um outro ponto que aí, acho que vem nessa lógica entre o mundo acadêmico que se distancia da prática que se não for por meios da práxis, não avançamos. Se eu não avançar a prática, se a academia não se aproximar e se o cara que está lá na prática não voltar a estudar, não avança-

mos, enquanto Psicologia do Esporte, ou enquanto qualquer área da Psicologia.

Combater essas violações de direitos humanos produzidas e reproduzidas no contexto esporte, nós temos esse dever e é um desafio, porque ao se posicionar, você também vira alvo e, às vezes, isso é um dilema para muitos profissionais. Reconhecer que o atleta é um trabalhador, é um sujeito que nossas intervenções devem prezar pelo seu desenvolvimento e pela sua saúde mental, não podemos perder isso de vista. E aqui, eu deixei um parágrafo que eu gostaria de ler quando eu fui produzindo e colocando esse parágrafo saiu, eu gostei muito dele e eu vou pedir licença para ler na íntegra, aí é para fechar mesmo. "Não existe uma única área em Psicologia em que o olhar crítico não seja necessário, é indispensável que as intervenções psicológicas explicitem sua dimensão ética e política. Toda intervenção psi é uma ação transformadora e carrega em si um projeto de sociedade e uma compreensão a respeito do ser humano. Não existe neutralidade, é preciso que as intervenções psicológicas no contexto do esporte da atividade física carreguem em si a preocupação em tornar os indivíduos sujeitos dos processos que vivenciam". Obrigado. 🙏

Victor Cavallari: Muito obrigado Rafael. Então agora, eu vou passar a palavra para plateia que poderá fazer questões.

Não identificada: Boa noite a todos. Eu queria muito falar, porque eu acho que bem diferente de todos aqui, eu sou uma profissional da Educação Física e vim aqui para poder entender os psicólogos e também falar um pouco que a Marisa e a Silvia falaram muito, eu assino embaixo do que vocês falaram, porque eu tive uma formação, tive sorte ou, talvez, no lugar certo na hora certa de uma Educação Física totalmente humana. Então, eu não fui formada para ficar dando tiro, só para emagrecer ou para formar só atletas, eu fui formada para formar seres humanos e transformar. Isso, eu tenho orgulho de falar da minha formação. Consequentemente, como ex-atleta e uma atleta que não teve muito desempenho, foi um desses pouco que puderam expandir, na disciplina de Psicologia do Esporte na minha formação foi onde despertou o meu interesse. Então, a partir daí eu venho lendo muito por mim, por opção minha e busco uma formação de especialização e não acho, aliás, acho, mas eu acho que sou meio crítica demais e não quero fazer uma formação a distância ou uma formação que você paga a sua mensalidade e está lá o seu diploma no fim, porque eu enxergo que eu quero contribuir para os psicólogos, assim como eu quero contribuir para os meus colegas de trabalho. Eu trabalho num clube grande aqui, no Pinheiros e apesar do nome ser grande, eu percebo que o trabalho da Psicologia do Esporte não é muito bem-feita, mas não por culpa dos psicólogos e, sim, pela questão da formação, que eu percebo que falta muito o diálogo e esse trabalho multidisciplinar que elas falaram. Eu sinto que eu posso agregar muito, só que eu percebo uma resistência dos psicólogos com isso, como eu também percebo uma resistência dos técnicos, dos profissionais, dos professores ao re-

ceber o psicólogo no seu campo de trabalho e isso é uma crítica que eu tenho muito grande. Então, eu estou aqui para ouvir vocês, a minha cabeça está com um monte de ideias, tenho várias ideias e eu vim aqui para ouvir vocês e para achar um lugar onde eu possa me aprofundar e eu vim aqui justamente para saber onde eu vou buscar isso. Vejo psicólogo ficar só numa salinha, vejo o profissional não ouvir o que o psicólogo tem a dizer e os atletas não entendem, também, o trabalho do psicólogo ali, então eu acho que a formação do psicólogo para entender a nossa área, a ciência do esporte e o profissional da ciência do esporte também entender vocês e trabalhar em conjunto. Então, é isso. Eu só queria expor porque dificilmente no curso de Psicologia ou no congresso vai ter um profissional de Educação Física que vai criticar, então, eu estou aqui... não estou criticando, eu elogio vocês porque eu sei que não é fácil, assim como a valorização da minha profissão também não é fácil. Eu acho que também tem uma coisa muito importante além da formação, a identidade. Os profissionais da saúde têm uma dificuldade de entender qual é a identidade de cada um. A minha profissão, por exemplo, é tudo relacionado à escola, à licenciatura. Eu sou bacharel e ainda existe uma grande dificuldade em identidade. E eu percebo hoje que não é só na minha área. Então, é só isso, eu só queria expor o meu...

Marisa Markunas: Agradeço muito a sua fala, foi difícil falar primeiro e ouvir as pessoas, porque vai borbulhando a cabeça, vou fazendo milhões de anotações e pensando. Embora eu não ache que eu deva fazer propaganda, mas vou fazê-la: a Luciana Ângelo e eu coordenamos o curso do Sedes Sapientiae, estamos abrindo mais uma turma com inscrição em janeiro, é um curso que tem os seus percalços, que tem as suas dificuldades, mas é aberto a todos os profissionais.

"Há uma moda no meu entendimento, falando de transdisciplinaridade, eu chamo isso de moda porque eu não consigo ver ainda alcance para isso na prática".

Por uma questão de identidade e por uma questão de legalidade, sabemos que a atuação prática em Psicologia do Esporte se faz por psicólogos no hospital, no esporte, na clínica e, assim, nos diversos blocos onde o psicólogo está. Então, esse dilema que você fala da relação dos dois profissionais, especialmente educador físico e psicólogo, ela caminha já de longa data no Brasil, de uma maneira bastante incômoda dos dois lados, como se tivéssemos tentando delimitar os espaços para dizer: "Porque eu tenho essa carteirinha eu posso beber esse copo d'água e porque você tem a outra carteirinha, você bebe o outro copo d'água". Talvez a sua fala tenha nos brindado com o simples privilégio de dizer que se nós tivéssemos a humildade de olharmos para o fenômeno ao qual nos atemos, pudéssemos dialogar e fazer o esforço tremendo de olhar com os olhos alheios. Há uma moda no meu entendimento, falando de transdisciplinaridade, eu chamo isso de moda porque eu não consigo ver ainda alcance para isso na prática. Então, existem os multiprofissionais, o interdisciplinar e talvez a ideia do trans. O transdisciplinar é o dia que eu vou conseguir enxergar com os seus olhos, com a humildade de não fazer a minha verdade, o seu lema e vice-versa. Existem outros cursos de formação, existe o curso da Universidade Estácio de Sá, existem outras instituições que eu não saberia citar aqui, tentamos dentro do contexto do Sedes uma oferta de um curso plural na diversidade das teorias, plural nos campos e plural nos diálogos, erramos muito. Tinha uma frasezinha na minha última transparência que eu, preocupada com o tempo, corri e não deu a chance de lembrá-la: trabalhar com formação é correr muitos riscos, corremos muitos riscos lá no Sedes, corremos o risco de errar e erramos muito, corremos o risco de aprender junto e temos feito muito disso. Todas as turmas, nós tivemos profissionais da Educação Física conosco e é isso que tem dado esse exercício de dialogar, mesmo, de falar muito em português. Enfim, erramos bastante, mas também acertamos e agradeço mais uma vez a sua presença, como a presença dos demais, porque acho que uma das coisas que ouvindo os

meus colegas, eu ressoava a minha própria fala e pensava: outrora eu já me vi mais encantada, mais apaixonada por essa coisa. Eu ouvi eles dizendo, e falava: gente, como eu estou amarga, porque eles falavam tão mais bonito, eles falavam tão mais gostoso, eles falavam com uma outra vida. Talvez, essa seja uma das coisas que tenhamos que estar alerta e a minha última transparência que também não apareceu ela dizia o seguinte: a formação é contínua e, por isso, ela continua. Então, vamos junto, dentro da possibilidade, numa instituição ou noutra, num fórum ou noutra, num congresso, numa leitura autodidata, eu acho que é assim que temos que ser. Olhando para o nosso fenômeno, que uns chamam de esporte, outros chamam de ser humano, mas o ser humano está dentro do esporte e o esporte só existe com o ser humano. Estamos juntos, vamos aí!

Luiz: Boa noite, sou o Luiz. Gostaria de saber a opinião de vocês em relação à formação canadense, onde o psicólogo do esporte não é nem psicólogo e nem educador físico, ele é psicólogo do esporte. Ele estuda quatro anos Fisiologia, Treinamento Desportivo, Nutrição e Psicologia. Gostaria de saber a opinião de vocês sobre essa questão.

Marisa Markunas: Vou arriscar. Eles são os caras! Existe uma discussão ainda... eu não vou chamar de incipiente, mas eu arrisco chamar de "engatinhante" no Brasil que é uma organização do nosso próprio sistema esportivo, uma organização do modelo de esporte para que possamos ter da oferta de esporte, atividade física, desde a infância, na Educação Física escolar, para iniciação esportiva, para que isso potencialize, oportunize, quem sabe, promoção de talentos, ofertas diferenciadas até o alto rendimento. O que eu estou dizendo é que temos uma carência no Brasil de vários âmbitos, o próprio Ministério do Esporte está organizando, desenhando o seu próprio modelo de esporte e de esporte para todos.

"Não é à toa que o Canadá tem um diferencial, porque hoje, um dos grandes modelos a ser copiado ou pelo menos, a ser pensado como uma hipótese de caminho é o modelo canadense de promoção do esporte como um todo".

Temos demandas da nossa Constituição que não estão atendidas ainda, temos demandas do ECA que não estão atendidas ainda. Por que eu fui nesse tipo de raciocínio quase não respondendo a sua pergunta? Mas eu voltei para dizer que estamos caminhando, enquanto país, enquanto fórum multiplicado de instituições para pensar qual é a prática que temos, qual é o caminho que essa prática se populariza para que não fiquemos esquartejados, “exclusivizados” no modelo do alto rendimento e, inerentemente, todas as outras questões vêm junto. Então, não é à toa que o Canadá tem um diferencial, porque hoje, um dos grandes modelos a ser copiado ou pelo menos, a ser pensado como uma hipótese de caminho é o modelo canadense de promoção do esporte como um todo. Desculpe, eu não conheço a história de por que o modelo canadense de formação é assim, mas entender que se ele já chegou nessa maturidade é a minha resposta, eles são os caras, porque não se chega a um modelo desse sem uma história, uma construção. A gente ainda está engatinhando, eu acho que a Silvia foi muito brilhante na curiosidade dela do levantamento de pós-graduação e de profissionais, eu me reconheci na sua fala, porque eu sou formada em Psicologia e fiz o mestrado em Educação Física e travei, porque a opção de um doutorado em Ciências do Esporte não me credencia a nada, academicamente falando, para eu buscar uma colocação no mercado de trabalho acadêmico. E um doutorado em Psicologia me deixa nessa interrogação já há pelo menos uns 8 ou 10 anos, qual Psicologia? Já fiz alguns ensaios, mas por razões variadas, eles não se formaram e ainda estamos carentes. Então, eu acho interessantíssimo esse modelo, a formação canadense, onde você já tem uma especificidade, talvez eu diria uma superespecialização. Estamos ainda carentes, tem uma coisinha que eu tinha pulado também, a sua pergunta me permite, eu vou voltar no meu slide, temos algumas questões no nosso mercado em Psicologia do Esporte, eu diria nesse nosso momento em que ainda temos muitos profissionais afastados, está cada um no seu canto, temos instituições que ainda discutem quem é melhor, quem é mais bonito, temos carência de publicação, temos necessidade de humildade de todos os lados, falo por mim, inclusive. Então, humanizar, “baixar a bola” e trabalhar mais o meio de campo ainda é uma necessidade para que um dia, possamos desenvolver o nosso próprio modelo. Eu tive a satisfação de estar recentemente no Canadá, nos Jogos Pan-americanos e entendi uma outra coisa quando me perguntaram sobre essa experiência e é uma coisa muito parti-

cular, o Canadá é um mundo muito diferente, então pessoas perguntaram: “E aí, o que você achou?” É incomparável. Os canadenses não são nem melhores e nem piores do que nós, eles são absurdamente uma outra realidade e é muito legal ver como a cultura deles, a história deles, inclusive o frio deles, faz com que eles sejam quem são e como são. Ficarei na curiosidade se você puder compartilhar mais do que está por trás da sua pergunta, conversaremos no cafezinho, mas eu gostaria ainda que continuássemos pensando na realidade do Brasil, na realidade do Estado de São Paulo, nos dilemas que temos aqui para pensar a Psicologia possível. Meus cabelos começaram a embranquecer há pouco tempo, mas tudo indica que eu vou viver até o tempo em que eles ficarem totalmente branquinhos e algo me diz que essa realidade não vai chegar a tempo, por isso que continuamos trabalhando com formação, porque para alguém, um dia, vai chegar.

Silvia Regina de Souza: Eu só queria complementar o que a Marisa falou, uma coisa que ela disse que eu acho importante, o nosso modelo, eu acho que eles têm o modelo que funciona bem para eles, será que esse modelo aplicado aqui funcionaria bem? Então, quando eu falei de formação, que eu coloquei assim, a necessidade de pensarmos em algumas coisas, quem é o profissional que estamos formando, para onde esse profissional está indo, o que ele está fazendo, o que ele está produzindo, eu acho que precisamos pensar nisso para desenvolvermos algo que seja nosso, que se adeque a nossa realidade, as nossas dificuldades, ao país que temos, às verbas que temos, cortes nas pós-graduações, entre outras tantas coisas.

“Será que pesquisa sobre tempo de reação não pode trazer subsídios para pesquisas cada vez mais próximas da nossa realidade da aplicação que, num dado momento, essa pesquisa chegue lá para aquele profissional?”

Eu só queria colocar duas coisas que eu acho que as discussões foram se dando, e daqui a pouco eu vou precisar sair. Uma delas diz respeito à questão da pesquisa prática, a relação pesquisa/aplicação, a distância que existe, acho que foi bastante discutida

e eu concordo que existe essa distância, muito do que se produz nas instituições não é lido por quem está na prática, mas eu acho também que a pesquisa não tem que estar toda ela atrelada com a prática, eu não tenho que fazer um trabalho para atender alguém que está na prática, eu tenho que investigar um fenômeno, descobrir quais as variáveis ali que o produzem, porque aí, eu posso intervir, mas eu não preciso ter essa preocupação com a intervenção imediatamente naquele momento, senão, não teríamos, por exemplo, pesquisa básica, quer dizer que em Psicologia do Esporte, só temos que produzir agora para intervir? Não poderemos desenvolver pesquisa básica? Será que pesquisa sobre tempo de reação não pode trazer subsídios para pesquisas cada vez mais próximas da nossa realidade da aplicação que, num dado momento, essa pesquisa chegue lá para aquele profissional? E chegue já com um conhecimento, com um corpo teórico interessante? Então, eu me defino, pode ser até inadequado isso, mas eu me defino como pesquisadora e como pesquisadora, eu acho que eu tenho um compromisso com a pesquisa e essa pesquisa eu quero que um dia chegue lá. Eu trabalho muito com pesquisa aplicada, então eu quero que ela chegue um dia lá, mas eu não tenho essa necessidade dessa ponte direta, eu acho que ela vem. De qualquer maneira, eu acho que a leitura de pesquisa para aqueles que têm interesse é fundamental, porque, senão, vamos ficar repetindo prática, que é o que acontece muitas vezes na clínica, então fulano fez, funcionou para ele, eu repito, não funciona para mim, eu não sei por que funcionou para ele e não funcionou para mim, então é porque não presta. Não, não presta para essa população, para esse problema, não é? Então, entra na questão das perguntas prontas, vamos no esporte, eu sempre trabalhei com esporte com projeto de pesquisa, eu nunca trabalhei... fui lá botar a minha mão na prática porque eu sou pesquisadora, então, se deu por meio de projetos de extensão, mas eu sempre ouvi a bendita pergunta: "Então, você vai fazer o que para melhorar isso aqui?", pedido de perfil, então, eu cansei de ouvir. Me chamavam: "Olha, você tem um projeto de extensão na UEL, será que você não pode fazer um levantamento de perfil dos meus atletas, que eu preciso ver...", e a decepção do outro de ouvir: "Não, a gente não vai fazer perfil agora", eu falava "agora" que era para não desanimar muito, porque, senão, eles já cancelavam ali a coisa, então: "Vamos pensar em outras coisas, o que a gente pode produzir e depois a gente pensa no perfil", aí o perfil ia ficando, ficando e ficava. Mas, enfim, era essa preocupação de fazer o perfil para ver quem é bom atleta, quem não é, eu já corto na raiz da coisa.

"Atleta nasce atleta, se eu pegar uma vara e der uma surra nele, ele vai continuar atleta", eu ouvi isso".

Deteção de talento, no começo era uma loucura; um dia eu tinha uma estagiária de IC, falei para ela: "Vamos fazer o seguinte? Primeiro, precisamos saber o que é talento, o que as pessoas chamam de talento esportivo. Vai lá no curso de Esporte e pergunta para os professores o que eles chamam de talento, o que é um cara talentoso, o que um cara talentoso faz", até para que eu pudesse, num determinado momento, discutir isso com ele sem ficar preocupada, sabe, de: "Aí, nasceu". Hoje, graças a Deus, os meus alunos de Esporte não vêm mais com esse discurso. No começo, eu tive um aluno uma vez que disse assim para mim: "Atleta nasce atleta, se eu pegar uma vara e der uma surra nele, ele vai continuar atleta", eu ouvi isso. Graças a Deus, mudou muito, o discurso é totalmente outro, dos nossos alunos, inclusive desse aluno, que agora está na prática e tudo. Então, acho que essas são algumas das questões que eu queria deixar claro. Em relação à pós-graduação, no Brasil, nós não temos cursos de pós-graduação stricto sensu em Psicologia do Esporte, mas muitas instituições têm profissionais altamente competentes que podem orientar tanto mestrado, quanto doutorado em linhas de pesquisa e aí eu entro numa outra discussão que a Marisa colocou, desculpa se eu estou me alongando, mas é que, como eu vou embora, eu vou falar tudo, que a Marisa colocou, que ela falou: "Fiz o mestrado em Educação Física, agora vou para? se eu fizer em Educação Física, ou Ciências do Esporte, eu vou trabalhar como?", essa é uma preocupação que eu tenho tido com os meus alunos. Eu recebo no mestrado alunos do Esporte e alunos da Psicologia; quando são da Psicologia, eu fico bem tranquila, propomos uma série de trabalhos, enfim. Quando são alunos do Esporte, eu tento ao máximo direcionar as dissertações deles mais para a área do Esporte do que necessariamente da Psicologia, porque muitos concursos abrem e eles colocam assim: "Mestrado em Educação Física..."; se tem áreas afins, ainda vai, mas "Mestrado em Educação Física com dissertação em...", "Ou com dissertação em..."; então aí ele entra nesse "Ou com dissertação em..."; senão, eu crio um alienígena que não vai nem para a Psicologia, porque ele nunca vai ser contratado,

nunca não, dificilmente será contratado num departamento de Psicologia, e não vai conseguir ser contratado no departamento de Educação Física e Esporte. Mas é essa situação, você não consegue prestar concurso para nenhuma instituição. Então, temos que estar bem atentos para isso também.

Victor Cavallari: Vou fazer um comentário a respeito da pergunta do Luiz, sobre o modelo canadense. A Marisa falou do sistema nacional do esporte; eu tenho acompanhado não tão próximo como eu gostaria, mas na medida do possível, as discussões do grupo de trabalho que tem discutido as formulações e tem redigido o sistema nacional de esporte. E o quadro que vemos hoje do esporte brasileiro, acho que o Rafael também falou isso, da questão da gestão, do amadorismo e tudo mais, se formos ficar questionando, chegaremos num momento que vamos falar: "Realmente, não temos todas essas discussões porque não temos uma base fundamentada nos alicerces bem seguros do que é o esporte brasileiro, que é o sistema nacional de esporte, que por enquanto ele não existe". O esporte no Brasil é guiado pela Lei Pelé, só pelo nome da lei, já temos uma ideia do que ela está falando, não é? Que tem 80% da lei para futebol e 20% para os outros esportes, então, uma tarefa de casa aí para quem tiver interessado: leiam a Lei Pelé para vocês saberem um pouco de como é a organização do esporte no Brasil, como se pensa e quanto isso também limita uma série de situações, de contextos que poderíamos estar inseridos, trabalhando com uma visão interdisciplinar, conversando a mesma língua e tendo essa formação, realmente, embasada e podendo fazer, assim, um exercício de qualidade da profissão. Então, se formos questionando, vamos parar num momento em que precisaremos de um modelo, precisaremos de um sistema que é nosso, para nossa realidade.

Eu vou fazer uma pergunta que encaminharam da internet, e depois abriremos para mais uma pergunta aqui, pode ser? Pergunta do Marcelo Abuchacra. Ele parabeniza a todos e pergunta qual seria o melhor caminho para seguir após a faculdade, se é possível que vocês possam dar algumas dicas de um passo a passo de uma carreira para se formar em Psicologia do Esporte no Brasil.

Silvia Regina de Souza: Eu não sei se eu consigo responder isso, não. Porque cada um é cada um, cada um tem uma história. Vai depender muito do que você quer fazer, então: "Eu quero ir para a prática", aí você vai por um caminho. "Eu quero

trabalhar mais na Academia", então vou por outro caminho. "Não quero fazer nem uma coisa e nem outra, vou fazer sei lá o que da minha vida...", mas, enfim só quero ganhar dinheiro, aí tem que ensinar para nós a receita e não pode ir para a Academia. Mas precisa primeiro definir isso. Se a pessoa quer atuar como psicólogo do esporte, eu sugiro que ela busque uma especialização, no mestrado, você vai sim ter conhecimentos, você vai ser um pesquisador, você pode até vir a atuar na prática, mas o foco da formação se dá na formação de docente e de pesquisador. Então, se você gosta de fazer pesquisa, gosta de ler bastante, de produzir, de escrever, hoje pedimos para escrever muito artigo, então, vai para pós-graduação stricto sensu. Se não, eu acho que o caminho é o lato sensu, mas eu acho que não é só isso, é buscar, ler muito, é ir a congressos, é não ter preconceito em relação à abordagem, acho que é uma coisa que não foi discutida aqui, mas nós temos diferentes formas de pensar nesse espaço psi, então, nós não falamos de uma Psicologia, como diria Figueiredo, nós falamos de Psicologias. Então, cada um tem a sua forma de pensar um dado fenômeno, isso precisa ser respeitado, então, eu sou analista do comportamento, mas quando eu leio Psicologia do Esporte, eu tenho que abrir o meu leque, não dá para eu ficar só na Análise do Comportamento. Por outro lado, também não pode haver prevenção em relação a outras abordagens, tipo: "Não, isso aqui não é legal", então assim, ler muito, mas um ler crítico, refletir criticamente e eu acho que esses fóruns são extremamente importantes, o fato de ele estar nos assistindo aqui, acho que é legal, eu acho que isso que vocês fizeram aqui é fantástico, traz subsídios para ir buscar material, para ir buscar informação nessa área. Eu acho que é por aí, não tenho resposta pronta, não.

Gisele Maria da Silva: Acho que eu trouxe até bastante, primeiro, um beijo para o Marcelo que é meu parceirão durante anos; Bom, de certa forma, sim, eu acho que a minha ideia é muito do aprender fazendo, também, mas desde que você tenha, busque todo esse conhecimento. A saída realmente acho que é se especializar, buscar participar de congressos e tudo mais, mas se ficarmos sentados esperando surgir oportunidades, dificilmente, conseguiremos com facilidade. Então, eu acho que temos que construir alguns espaços, entender aquilo, o passo a passo para mim é um pouco daquilo que eu falei, entender a demanda de determinados espaços, de uma academia de tênis, de uma academia de lutas, de repente, de algumas modalidades

que não contêm com o serviço porque não são tão glamorosas ou não estão com tantos patrocínios, mas que, de repente, pode abrir parte para podermos desenhar um pouco do nosso papel e entender a necessidade daquele contexto, daquele cenário e, a partir dali, ir conseguindo desenvolver a atuação.

Rafael Campos de Oliveira Dutra: Marcelo, olá! Sempre que perguntam de caminho, eu acho legal e sempre me vem a frase: caminhante, o caminho se faz ao caminhar. Boa sorte, meu caro!

“Eu sou uma pessoa que pessoalmente aprendo muito nesses espaços de discussão. Minha facilidade de aprendizagem é maior nos espaços de debates do que necessariamente me debatendo com um texto”.

Acho que a grande questão é a gente se lançar, eu percebo muitos profissionais recém-formados, ou que querem fazer a transição para a Psicologia do Esporte buscam a especialização, legal, onde? Quem está aqui em São Paulo, você ainda tem um ou outro curso e quem está em outros lugares? Como essa pessoa vai buscar esse espaço? E aí, eu lanço mão da fala da Marisa pela segunda vez, muita coisa foi produzida, precisamos estudar, a internet hoje ela facilita muito, muitos dos livros estão inteiros na internet e frequentar os espaços. Eu sou uma pessoa que pessoalmente aprendo muito nesses espaços de discussão. Minha facilidade de aprendizagem é maior nos espaços de debates do que necessariamente me debatendo com um texto. Acho que uma não invalida a outra, mas cada um tem uma forma de aprender. Então, estar nesses espaços de debates, estar em contato com as pessoas que estão fazendo a Psicologia do Esporte, e as pessoas que estão fazendo a Psicologia do Esporte não são só as pessoas que estão escrevendo sobre a Psicologia do Esporte, mas as pessoas que estão lá na prática, no projeto Psicologia, todo dia, todo lugar, recebemos o vídeo do pessoal de Ribeirão que eu não conhecia, um baita trabalho, muito bacana, um monte de psicólogos. Então, existem as associações, existem os espaços, muitas vezes, montar os seus grupos de estudo, se aproximar das universidades, é um movimento, realmente, de ir em direção a e descobrindo o que é possível e o que

não é possível, não tem receita, não tem um caminho do sucesso e acho que nem na Psicologia do Esporte, nem em nenhuma área. Mas essa ação de ir em direção a isso é muito importante, buscando as referências, porque também precisamos tomar cuidado com as ciladas que temos no meio desse ir em busca de algumas formações, porque sempre temos formações e formações de instituições e instituições, então, é importante que busquemos referências de quem são esses profissionais, qual é essa instituição, qual é a história dessa instituição, quem são os professores dessa instituição. É importante que se faça um levantamento, porque uma vez que existe demanda, o capitalismo é fantástico, eles querem aprender Psicologia do Esporte, eu monto lá um curso on-line Psicologia do Esporte no UOI e você vai lá e... sei lá se tem, porque tem um monte de curso lá. Então, é importante... se tem, nem sei quem dá, viu, gente, então não é uma crítica direta ao curso, por favor. Então assim, é importante buscar essas referências que são pessoas que, de fato, têm uma trajetória na área de estudo de atuação ou só estudo, mas, de realmente, buscar um pouco esse referencial.

Marisa Markunas: Vou ser rápida porque eu sempre me estendo. Passo a passo, caminho se faz caminhando, mas se eu puder; leia o Código de Ética da Psicologia para quem é psicólogo, leia a biografia de atletas, você vai se inspirar em nuances, vá aos eventos, às palestras, venha pelo computador, escutamos vocês também. Participe, faça cursos disponíveis, virtuais, presenciais, eu não tenho preconceito com nenhum deles, desde que eles não tenham preconceito com os demais. Participe de grupos de estudo, esteja presente e faça o seu caminho. A vida é o que podemos, não só o que queremos. A Gisele deu um depoimento sensacional para dizer que as portas se abrem desde que estejamos disponíveis para elas.

Não identificada: Eu quero só relatar um pouquinho da minha experiência como psicóloga, mas principalmente como mãe. Gente, existe aí o Bradesco que pouca gente conhece e que é um trabalho muito interessante, principalmente você, Rafael, que falou da questão das vivências e experiências do basquete, da questão socioeducativa. Gente, o modelo está aí, nós precisamos ampliar, precisamos lutar para que esse Brasil melhore na relação educação das crianças e o esporte é isso, é socioeducativo. Quem está falando aqui é uma mãe de duas atletas, e que era como a Gisele falou: “Nossa, essa psicóloga aí parecendo uma doida”, mas é mais ou

menos isso mesmo, sabe? A gente vai, luta, corre atrás, sabemos que esse país é um país ainda de "paitrocínio", que tinha que ser ao contrário e sabiam que o esporte modifica, melhora, estrutura o nosso adulto de amanhã e o Brasil precisa pensar e pensar seriamente nisso. Só isso. Obrigada, Marisa.

Marisa Markunas: Eu vou agradecer muito a sua fala carinhosa, mas eu vou fechar reforçando uma coisa que eu falei no começo. Como eu acabei de dizer, a vida é um presente. Eu me comprometi a trabalhar com Psicologia e ser professora de Psicologia desde antes de entrar na faculdade, porque eu entendia que isso era uma coisa boa para o povo. Felizmente, eu encontrei a Psicologia do Esporte como uma forma de também fazer isso e popularizar. A sua fala me presenteia para dizer que eu tenho me esforçado para fazer algo que tem sim, de fato, contribuído para abrir espaço para outros psicólogos fazerem do desenvolvimento humano uma referência para um país e para todos nós. Obrigada pelas suas meninas.

Victor Cavallari: Eu estou com mais duas perguntas. Tem mais alguém que queira fazer alguma questão? Porque aí, eu tento *linkar* essas duas perguntas aqui e encerramos, pode ser? É uma colocação do Cristiano Lima dos Santos e outra do Wellington; está difícil eu conseguir relacionar as duas perguntas, mas eu vou tentar. O Cristiano contextualiza a pergunta dele escrevendo que acredita que um diálogo mais aberto com o público em geral pode ser muito importante para que as pessoas reconheçam a prática da Psicologia do Esporte, tenham conhecimento acerca disso; então não só falamos para os psicólogos ou para os profissionais de educação física, treinadores, mas para a população em geral de qual é a potencialidade desse trabalho e ele pergunta mais ou menos como vocês veem essa questão, como isso pode ser importante para o crescimento ainda mais da área que já está bem consolidada no Brasil. E a outra pergunta que o Wellington traz é essa questão de estar no lugar certo e na hora certa, ele pergunta: "Então, se isso acontece bastante mesmo, por que não criar uma *network* e depois eu vou atrás de uma qualificação?" problematizando a questão da formação e entrada no mercado de trabalho.

Gisele Maria da Silva: Está dentro da humildade que a Marisa falou, isso é sempre muito bom, reconhecermos o trabalho... a questão da vaidade, o controle disso e, também, compartilhar todos os méritos com os profissionais que trabalham

conosco o tempo todo. Sobre estar no lugar certo na hora certa e tudo certo, eu só gostaria de complementar ou esclarecer um ponto, se eu não tivesse tido, de repente, buscado conhecimento, me apropriado de ideias fundamentadas em cima das aulas que eu tive, das leituras que eu fiz, da troca de experiência com outros profissionais, talvez, não, eu posso dizer isso com muita tranquilidade, jamais eu teria ido buscar um campo de trabalho se eu não tivesse o controle ou a ideia daquilo que eu iria implementar. Então, se eu tivesse as mesmas oportunidades, mas não estivesse preparada para tal, talvez eu não iria ali, conseguir passar para as pessoas a confiança de me contratar e saber que eu poderia dar conta da demanda que eles estavam me trazendo. Então, precisamos, primeiro, estar preparados, de uma certa leitura, buscar informações, trocar experiências, construir ideias, se apropriar desse conteúdo e a partir daí, como a Marisa mesmo falou, o Rafael também, conseguimos com essas leituras ir criando ideias e vendo possibilidades de atuação e uma das coisas que eu acho maravilhosa e eu vou aproveitar um pouco o gancho é que vemos assim, a partir das intervenções que fazemos com os atletas ou com as pessoas que estão ali envolvidas na comissão, acabamos, às vezes, não percebendo o quanto outros atores participam das intervenções como essa mãe. Então, você trabalha com as crianças, com os atletas ali, naquele projeto, independente de como ele está, mas você faz uma intervenção muito mais ampla que, às vezes, não temos ideia do quão ela consegue alcançar. Então, é importante termos esse olhar para conseguirmos saber o resultado do esforço e do empenho do trabalho.

Rafael Campos de Oliveira Dutra: Acho que a questão do lugar certo na hora certa, a Gisele explorou bastante e, de fato, sabemos que a rede de contatos é indispensável em qualquer área de atuação e também sabemos que só contatos não sustentam uma prática, podem até abrir portas, mas eles não mantem vocês lá dentro, a não ser que você realmente tenha um contato muito poderoso, mas a busca pelo conhecimento, frequentar os espaços que tanto falamos é já uma forma de você construir a sua rede de contatos. Quanto à pergunta do Cristiano a respeito de fazer a população em geral conhecer a Psicologia do Esporte, acho que a própria Psicologia precisa conhecer a Psicologia do Esporte, as Psicologias conhecerem a Psicologia do Esporte e quando falamos da população em geral mudar um pouco essa visão, falamos de mudança de cultura, e falamos de processo histórico e quando a Marisa

fala que ela vem trabalhando nisso há um tempo e que tudo indica que vai ficar com os cabelos bem branquinhos e continuará essa realidade, com certeza, essa realidade já será diferente, mas, talvez, ainda nunca do jeito que almejamos, mas trabalhamos para isso, um dos conceitos que eu gosto muito quando se fala de transformação de cultura é da própria paciência histórica, fazemos algo sabendo que provavelmente, não veremos o resultado desse algo, mas se não fizermos, ninguém vai ver. Então, ter essa noção de que somos parte de um processo que está sendo construído, seja no Esporte, seja em outras áreas da Psicologia.

Victor Cavallari: Bom, então para encerrarmos o evento, precisamos de encaminhamentos também, estamos aqui, promovemos discussão, cada um acho que está com uma reflexão a respeito do tema, tem as suas impressões, histórias e suas trajetórias aí dentro da Psicologia e, pensando nisso, poderíamos, já aproveitando o Rafael aqui, pensar como nós, como uma classe de profissionais e também aqui representando um Subnúcleo do Conselho Regional, propor uma parceria ou uma aproximação com a ABEP, por exemplo, para que essas discussões não acabem aqui, que consigamos estender esse espaço e junto a outras representações da Psicologia do Esporte, tentamos, realmente, construir o “como” que a Silvia tanto levantou de problematizando, como vamos conseguir fazer isso, já que concordamos aqui, acho que é consenso que é realmente fundamental que a Psicologia do Esporte seja incluída na formação da Psicologia nos cursos de graduação e tudo mais. Podemos pensar uma coisa próxima disso?

Rafael Campos de Oliveira Dutra: Com certeza, acho que é um desafio da ABEP pensar a formação em Psicologia do Esporte, é claro que a ABEP, enquanto uma instituição, uma associação – desculpem – ela não vai estar apropriada de todas as demandas, uma discussão que eu acho interessante da própria importância da ABEP dialogar com o Núcleo de Psicologia do Esporte e também com a associação de área, com a própria ABRAPESP, com a entidade que vem construindo muita coisa, porque a discussão sobre formação, ela é uma discussão que ela jamais vai se encerrar num encontro em um ano de trabalho, ela é contínua, porque a formação também vai gerando novas demandas, mas acho que esse evento, a parceria com o evento da ABEP em setembro, este evento agora, a promoção de outros eventos, de criar espaços de diálogos, sem dúvida é uma parceria que podemos encaminhar.

Victor Cavallari: Agradeço a presença de todos e todas aqui no auditório, a todos em casa também, muito estranho falar por uma câmera, mas sintam-se abraçados. Convido vocês também para ficarem atentos na nossa página, no site do Conselho www.crsp.org.br/psicologiadoesporte; então lá temos uma plataforma de comunicação, também, então se vocês quiserem tirar alguma dúvida, mandar algum comentário, no site é possível a comunicação direta com o Núcleo de Psicologia do Esporte. Eu agradeço novamente aos convidados, com certeza abrilhantaram esta discussão e o espaço está aberto, a discussão continua e vamos dar segmento a isso, com certeza. Encerramos aqui. Muito obrigado, uma boa noite e até uma próxima. 🙏

IV Encontro- Saúde Mental e Esporte Paralímpico: da Inclusão ao Alto Rendimento

Camila Teodoro Godinho

Conselheira CRP SP e Coordenadora do Subnúcleo de Psicologia do Esporte

Boa noite a todas e todos, hoje nós estamos no nosso 4º debate do Ciclo de Debates sobre Psicologia do Esporte aqui no CRP São Paulo, falaremos sobre saúde mental e esporte Paralímpico da inclusão ao alto rendimento, então, nós temos convidadas e convidados com práticas diferentes que vão mostrar um pouco para nós de suas experiências no esporte e também na questão da inclusão pelo esporte e, também, da inclusão de pessoas com deficiência. É um evento que estamos fazendo em parceria com o Núcleo de Psicologia, Deficiência e Pessoas com Deficiência. Acho que também é um momento importante, pois este evento é preparatório para o 9º Congresso Nacional de Psicologia. O que isso significa? Vocês encontraram na pastinha de vocês um formulário, nesse formulário vocês podem elaborar propostas para as próximas diretrizes políticas do Sistema Conselhos. Então, vou explicar. Conselho Regional de Psicologia faz parte do Sistema Conselhos e a cada três anos nós temos eleições, as eleições, geralmente, ocorrem no Dia do Psicólogo, 27 de agosto. A cada três anos, temos um processo para chegar no Congresso Nacional de Psicologia, então estamos no início desse processo que são os eventos preparatórios para esse congresso que vai acontecer no ano que vem em Brasília. Um evento preparatório é um evento que vai ajudar a iniciar um processo de elaboração de propostas para as próximas diretrizes dos Conselhos Regionais e do Conselho Federal de Psicologia. Então aí na pasta vocês podem pegar o formulário e aí têm os itens que precisam preencher e, ao final, escrever uma proposta. Então, vou dar um exemplo de uma proposta em Psicologia do Esporte. No CNP passado, no 8º CNP em 2013, lembro que fizemos uma proposta de que precisaríamos realizar parcerias com a Associação Brasileira de Ensino em Psicologia para citar maior

desenvolvimento em relação à formação em Psicologia do Esporte e, ao longo desses três anos, 2014, 2015 até 2016, temos feito um diálogo com a ABEP; fizemos um evento que foi o evento passado sobre Formação em Psicologia do Esporte no Estado de São Paulo. Então, as nossas ações são guiadas por essas diretrizes que são construídas a cada três anos. O processo para a próxima gestão que é 2016/2019 inicia agora. Então, vocês já podem participar democraticamente desse processo realizando propostas. Durante o evento, se vocês tiverem alguma ideia, se pensarem realmente em algo que possa melhorar, em alguma contribuição que o Sistema Conselhos pode dar para a Psicologia do Esporte, vocês vão elaborando. Se vocês precisarem, eu vou estar aqui, é só vocês me chamarem que eu ajudo. Então, vou passar um vídeo que ilustra muito bem isso que eu estou dizendo e se vocês tiverem alguma pergunta.

“Quer saber como você também pode definir os rumos da Psicologia no Brasil? As diretrizes do Sistema Conselhos de Psicologia são definidas a cada três anos no Congresso Nacional da Psicologia, o CNP, que discute e delibera as políticas prioritárias da nossa categoria. Fruto de uma construção coletiva e democrática, o processo tem quatro etapas: eventos preparatórios, onde os psicólogos constroem as propostas regionais e nacionais; o pré-congresso, onde essas propostas são votadas; os congressos regionais, onde as propostas de cada estado são finalmente votadas e aprovadas para a etapa nacional, que é o 9º Congresso Nacional da Psicologia em Brasília. Mas atenção, os eventos preparatórios para o 9º CNP já começaram, não deixem de enviar suas pro-

postas. As psicólogas e psicólogos de São Paulo já podem participar, comparecendo aos eventos do CRP SP e, além de participar de nossos eventos, saiba que você também pode organizar um evento preparatório ou um pré-congresso livre. Antes de contribuir, conheça os eixos do novo CNP: organização democrática do sistema, conselhos e aperfeiçoamento das estratégias de diálogo com a categoria e sociedade; contribuições éticas, políticas e técnicas do processo democrático e da garantia de direitos; ampliação e qualificação do exercício profissional no estado de garantia de direito. Acesse o *site* e contribua para a Psicologia que queremos”.

Então está aí, pessoal. No *site*, vocês encontram regulamento, existem informações mais detalhadas e se vocês tiverem alguma dúvida, alguém quer perguntar alguma coisa por enquanto? A ideia é que ao longo do evento, vocês vão fazendo essa elaboração, de acordo com o que vocês forem ouvindo; se tiver alguma ideia pode ir colocando no papel, depois podemos construir juntos também se for o caso. Então, terminada esta parte,

quero agradecer a presença dos convidados que estão aqui presentes. Obrigada por terem aceito fazer parte desse momento; acho que é uma discussão advinda de um dos temas mais pedidos na 2ª Mostra Estadual de Psicologia do Esporte este ano; fizemos um questionário, ali as pessoas foram pontuando quais eram os temas que gostariam de ver aqui no Conselho, neste 2º semestre; acho que o assunto mais pedido foi Formação em Psicologia do Esporte e, depois, Esporte Paralímpico. Então, por isso, hoje estamos trazendo essa questão em parceria também com o Núcleo de Pessoas com Deficiência. É um desafio falar sobre isso, alto rendimento, inclusão no esporte, não sei se as duas coisas conversam ou não, mas acho que as pessoas que aqui estão para falar com a gente têm bastante experiência para colocar as suas questões e trazer para nós o debate. Agradecer também às pessoas que estão em casa nos assistindo; vocês podem mandar as suas perguntas, suas questões, responderemos, e a vocês todas e todos um ótimo evento. Vou passar para o Edgar, então, que é membro do Núcleo de Pessoa com Deficiência e Psicologia, ele vai coordenar a Mesa e bem-vindas e bem-vindos. 🙌

Edgar Bittner Silva

Mestre em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina do ABC. Especialista em Tecnologia Assistiva e em Surdez. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Cruzeiro do Sul (2009). Atualmente é psicólogo vinculado à Prefeitura Municipal de Suzano. Coordena o Centro de Referência da Assistência Social - CRAS - Casa Branca, em Suzano, município da região do Alto Tietê em São Paulo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Brasileira de Sinais, Psicologia Escolar e Clínica e Tecnologia Assistiva para a Pessoa com Deficiência. Membro do Núcleo de Psicologia e Deficiência do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP 06.

Boa noite a todas as pessoas presentes nesta plateia; boa noite às pessoas que nos assistem de casa; estamos começando o nosso evento Saúde Mental e Esporte Paralímpico da Inclusão ao Alto Rendimento. 🙌

Boa noite. É um prazer estar aqui, invertemos a ordem, não é da inclusão ao alto rendimento, mas do alto rendimento à inclusão.

“Quando falamos de alto rendimento, estamos falando de atleta; o atleta, ele está buscando resultado, o atleta quer medalha, o atleta está buscando pódio, ele vai até a exaustão, ele vai até os limites, ele tem foco, ele tem objetivo”.

Por que eu estou falando isso? Hoje eu vou falar exclusivamente de alto rendimento. Primeiro, antes de começar, eu queria agradecer o convite do CRP, eu também faço parte do Núcleo de Psicologia do Esporte, acho que é um tema superimportante, como a Camila e o Edgar falaram. É um tema que está crescendo muito e não sabemos muito o que fazer com ele. Eu venho trabalhando com o alto rendimento paralímpico há alguns anos, trabalhei com a turma do tênis de mesa; hoje já têm dois anos que eu trabalho com a paracanoagem. Eu trabalho dentro do CT, Centro de Treinamento que tem aqui em São Paulo. Então, eu vou estar trazendo também um pouquinho da minha prática, mas mais do que isso, vou falar do alto rendimento “para”. Por que eu estou enfatizando tanto essa ideia do “para” do alto rendimento? Porque quando falamos de alto rendimento, falamos de alto rendimento e ponto, não importa muito se é para ou se é atleta, isso é até umas das discussões que acabamos tendo no Núcleo. Quando falamos de alto rendimento, estamos

falando de atleta; o atleta, ele está buscando resultado; o atleta quer medalha; o atleta está buscando pódio; ele vai até a exaustão; ele vai até os limites; ele tem foco; ele tem objetivo. A ideia é sempre a superação e eu acho que quando falamos, parece a ideia da doença, então, eu acho que precisamos começar a desconstruir isso, aproximando do que estávamos falando, da deficiência do “d” minúsculo e a deficiência com “d” maiúsculo. Não dá para termos um olhar de pena, doença em relação às pessoas que estão ali trabalhando conosco, aqueles meninos dão uma raça como qualquer atleta. Eles acordam de manhã cedo, têm uma quantidade de treino absurda, alimentação certinha, relação com técnicos tem que ser certinha. Portanto, não tem muita diferença, o objetivo é o mesmo. A única coisa diferente é o caminho que realmente temos que adaptar para chegar até onde eles querem chegar.

“Uma outra definição que eu trouxe que eu acho que é até para facilitar a nossa vida, que é a ideia da Lei Pelé, que fala da Constituição e do Marco Legislativo que rege o funcionamento do esporte no país”.

Eu trouxe uma ideia de deficiência que encontrei na parte de legislação para pessoa com deficiência, não sei se está atualizada ou não, mas achei interessante. Ela fala da deficiência com uma penalidade de uma parte do corpo ou função corporal incluindo as funções mentais. O que eu achei bem interessante foi a incapacidade. Ela vem com uma limitação. Sendo uma interação que se estabelece en-

tre a pessoa portadora de deficiência, a limitação da atividade e os fatores do contexto socioambiental. Por que é importante fazermos isso? Porque o que faz a diferença é o limite, o limite que cada um tem. Falarei da parte de classificação funcional que eu acho que isso marca bastante. A classificação funcional coloca um atleta dentro de uma categoria; ela existe para que eles trabalhem igualmente, para que eles tenham uma competição em termos de igualdade. Uma outra definição que eu trouxe que eu acho que é até para facilitar a nossa vida, que é a ideia da Lei Pelé, que fala da Constituição e do Marco Legislativo que rege o funcionamento do esporte no país; existem três formas básicas de práticas esportivas: o esporte de rendimento, o esporte de participação e o esporte educacional. Acho que isso marca bem a ideia de que o alto rendimento não é esporte de participação e não é esporte educacional. Por isso, ele não tem um lado de inclusão social, dessa parte educacional, não é participativo, eu acho que isso é importante e até muito exclusivo, às vezes, no sentido de excluir. E, para isso, eu trouxe um pouquinho a ideia do esporte do alto rendimento para.

Hoje, temos o Comitê Brasileiro Paralímpico, o Comitê Internacional, e assim há uma institucionalização. Mas o esporte de alto rendimento surge como meio de reabilitação para essas pessoas e em 1888 tem os clubes esportivos para surdos na Alemanha. Em 1922, é fundada a Organização Mundial para Surdos e tem os Jogos Silenciosos e hoje eles continuam fazendo práticas esportivas, eles não possuem nenhuma modalidade olímpica, apesar de terem sido os pioneiros nisso. Com o término da Segunda Guerra, temos uma quantidade absurda de pessoas com lesão, com deficiência às lesões adquiridas e começam, então, a se formarem grupos de reabilitação para isso. A partir do momento que em 1948, quando o processo começa a se tornar competitivo, já muda de figura. Então, temos aí a primeira competição em 1948, quando 16 atletas cadeirantes competem a modalidade de tiro com arco sobre cadeira de rodas. Em 1952, quatro anos depois, os atletas holandeses começam também a competir, então já começa a competição em vários países diferentes, surgindo, assim, o movimento paralímpico e os primeiros Jogos Paralímpicos são em 1960 com 400 atletas com 23 países, ou seja, ele já começa grande. Em 1976, temos os primeiros jogos de inverno, praticamente, ontem, e então, temos a ideia da fundação do Comitê Internacional que institucionalizamos e, de um jeito ou de outro, pegamos o modelo que temos dos Jogos Olímpicos e coloca nos Jogos Paralímpi-

cos, ou seja, tem adaptação, porque aquelas pessoas têm necessidades, elas precisam de coisas diferentes, mas a ideia é a mesma, vencer! E como é que a gente, psicólogo, pode trabalhar com isso? Eu trouxe aqui qualquer contrato, eu acho, quando você vai ser psicólogo de algum lugar, quando um clube lhe contrata, sempre tem um contratinho, e em qualquer contratinho, eles vão dizer qual é o seu objetivo. Geralmente, é esse que tem aí, seja ele para ou atleta. Para-atleta ou atleta.

“Temos os atletas com deficiência congênita ou adquirida na primeira infância, onde a gente vai... você cria um atleta e você cria a identidade de um atleta no decorrer da vida, assim como criamos a identidade atlética de uma pessoa que não tenha nenhuma deficiência”.

Então é acompanhar e preparar os atletas diante do elevado estresse físico e mental enfrentados em períodos longos de treinamento e competição. Ou seja, não tem nenhuma diferença, eu acho que marca bem que esse é atualmente o contrato, o objetivo é esse, lógico que eu resumi aqui para trazer para vocês, mas no contrato tem isso escrito, ou seja: eu vou trabalhar com os meninos para diminuir o nível de estresse e trabalhar com foco no esporte e tudo que tem a ver com isso. Eu quis trazer a diferença, que eu acho que tem dois tipos de atletas, no caso do alto rendimento paralímpico. Temos os atletas com deficiência congênita ou adquirida na primeira infância. Você cria um atleta e você cria a identidade de um atleta no decorrer da vida, assim como criamos a identidade atlética de uma pessoa que não tenha nenhuma deficiência. E o atleta com deficiência adquirida quando adulto, teremos sempre esses dois tipos de atletas, pelo menos. Por quê? A qualquer momento, qualquer um pode ter um tipo de deficiência e se quiser, e se dedicar, pode se tornar um atleta de alto rendimento. Eu acho que não é à toa que temos uma quantidade de atleta de alto rendimento com a idade avançada, 30 anos, 35 anos, eu já tive atleta até com 40 anos, tanto no tênis de mesa, quanto agora na canoagem. Eu tenho um dos atletas que temos na canoagem tem 45 anos, ela foi

atleta já de várias modalidades e hoje ela está na canoagem e ela tem uma lesão adquirida, uma lesão medular, então, e ela já passou por várias e o início é sempre com o objetivo da reabilitação e acaba na competição, não é? Então, como é que a gente trabalha? Uma das coisas que eu acho que é supernecessário de nós, como psicólogos, dentro de uma equipe de paralímpicos, de para-atletas é adaptação da equipe. Então, não tem como colocarmos pessoas que não tenham conhecimento; precisamos ter conhecimento das deficiências daquele atleta que estamos trabalhando; tem um dos técnicos logo no início que falou assim: "Nós estamos com um monte de bomba-relógio aqui dentro. A grande parte é lesão medular, no caso da canoagem. A lesão medular, a parte toda sensorial é muito diferente, então você tem que ter um conhecimento muito específico, inclusive de até onde você pode ir e não pode ir dentro daquele treinamento. Então, você precisa ter uma adaptação mesmo da própria equipe e dos profissionais que estão trabalhando junto. O atleta, ele é diferente do para-atleta no que diz respeito ao tempo e à locomoção. O tempo é completamente diferente, você chega, então, se você quer ir ao banheiro, você vai levar uma hora para ir ao banheiro. Se você trabalha com uma equipe que não está acostumada com isso, que não tem esse olhar, a coisa não funciona, porque vai levar uma hora mesmo para ir ao banheiro, entendeu? Para chegar até a raia, no caso, por exemplo, da paracanoagem, é um processo, aí às vezes tem a coisa da locomoção, para você entrar num caiaque, para você entrar numa canoa é um processo, se você tem uma lesão; tem uns que dependendo da lesão e da força, de tronco e de braço, conseguem sair da cadeira, sentam no chão, vão se arrastando até o caiaque, aí puxa o caiaque, aí bota uma perna, aí bota a outra, estica o braço, enfim, é uma verdadeira manobra, não é? Mas é isso, é diferente e tem outros que não, outros que precisam ser carregados. Então, você precisa de técnico, você precisa de uma equipe, às vezes um técnico não é o suficiente, por exemplo, atualmente, nós temos quatro para uma turma de sete que ficam direto no CT, mas há também os amputados, que os amputados já têm um outro tipo, um outro nível de locomoção que, por exemplo, um lesionado medular não tem. Toda estrutura precisa ser adaptada, eu acho que tem uma coisa superinteressante, por exemplo, quando o CT de canoagem começou há uns dois anos atrás. O CT é um centro de treinamento, onde tem tudo, desde casa, comida, tem a equipe inteira, superlugar na raia só para eles, enfim, eu costumo brincar que é

assim, esqueceram de perguntar a eles o que eles precisavam; não sabemos o que é estar numa cadeira, não sabemos... as cadeiras têm dimensões diferentes, não sabemos o que é não conseguir alcançar o armário da cozinha, subimos a escadinha e as pessoas com algum tipo de lesão, não. Então, precisamos ter uma estrutura adaptada para esses atletas. A outra coisa é a parte da classificação funcional, acho que isso no caso do alto rendimento. A ideia é colocar os atletas com igualdade em categorias para que eles consigam competir em níveis de igualdade, mas, ele também marca a infuncionalidade, porque você vai dizer aquilo que você não é capaz de fazer, então isso é muito marcado no alto rendimento e nós, como psicólogos, ficamos numa saia justa, não vou mentir não, para vocês. Porque quando pensamos na ideia da Psicologia, pensamos muito na ideia da saúde mesmo, e quando olhamos para a saúde, no sentido de alto rendimento, de marcar infuncionalidade, de como é que é para aquele sujeito que está ali, não é? Então, nós como profissionais temos que estar tipo que aparando as arestas para ver o que dá para fazer e diminuir os impactos negativos, mesmo, daquilo, eles sabem que aquilo vai acontecer.

"Hoje, você já tem uma profissionalização maior dessas pessoas e requer um pouco mais de tempo, mas na grande parte é isso que acontece, você tem que trabalhar isso com os atletas, a ideia do alto rendimento".

Assim, eu trouxe aqui, na verdade, alguns itens para vocês verem o que podemos trabalhar, da Psicologia ao esporte adaptado, que não muda muito do esporte sem ser adaptado. A ideia de alto rendimento, muitas vezes, principalmente com os atletas lesionados, com as lesões adquiridas depois de adulto, você começa numa modalidade, por reabilitação, você se destaca e, de repente, você está fazendo parte de um clube, de repente você está indo para competição, acontece tudo em seis meses em alguns casos. Hoje, você já tem uma profissionalização maior dessas pessoas e requer um pouco mais de tempo, mas na grande parte é isso que acontece, você tem que trabalhar isso com os atletas, a ideia do alto rendimento, o que é e quais são as responsabilidades disso, quais são as mudanças

no estilo de vida que essa pessoa vai ter, a ideia de autonomia, independência que muda completamente, o esporte tem essa capacidade; eu acho que o esporte de alto rendimento promove isso de uma maneira muito mais eficaz. Eles entram ali sem fazer a menor ideia do que é ser atleta e, de repente, eles têm que começar a se ligar em confederação, compromisso com federação, campeonato, bolsa atleta, então eles têm que criar todo um meio de vida, um estilo de vida novo. São pessoas novas e a equipe nova, então, o psicólogo trabalha para criar esse ambiente propício para que a coisa funcione. A bolsa atleta é igual para atleta para ou para atleta sem ser para. Não temos cota, então, todo mundo entra no bolsa atleta; hoje a quantidade de bolsas atletas que temos no alto rendimento para é bem grande, e acho que a tendência é crescer e tem que trabalhar também com eles a ideia do patrocínio, da parte nutricional, alimentação e suplementação é completamente diferente, então a importância de ter a nutrição dentro de uma equipe, eles vêm com a ideia do atleta sem ser para. A bolsa atleta é uma bolsa que o governo sanciona para os atletas para que eles possam se dedicar ao esporte com maior profissionalização e responsabilidade. E aí existem vários níveis de bolsa, enfim, acho que aí quem tiver interesse pode procurar mais um pouquinho, mas eu sei que existem níveis nacionais e níveis internacionais de acordo com a quantidade de competições que você já foi, a quantidade de anos.

A ideia do doping, achamos que por ser para-atleta não tem doping, mas tem, e às vezes é muito mais grave porque, como eu falei, a parte

toda sensória é completamente diferente. Então, não temos nenhum caso, nem na paracanoagem; eu também nunca trabalhei com nenhum caso de doping com para-atleta, mas já li muito sobre isso. Por exemplo, essa turma de escaladores, eles têm muitos casos, e a parte fisiológica é uma bomba mesmo, o doping para uma pessoa que tenha uma lesão medular, que é paraplégico. Enfim, então acho que esse é um ponto que precisa inclusive de muita informação, do tipo assim, vamos dar palestras sobre doping, onde procurar informação, quais são os remédios que eles podem usar, o que não podem, porque eles usam muito mais remédios e como eles usam, eles precisam saber o que eles podem e o que eles não podem. Daí, é papel do médico também, que tem que estar sempre ali e de olho e, na verdade, não é só o médico que tem que estar de olho, eles que têm que aprender também o que pode e o que não pode.

E a ideia principal que acho que o que é ser atleta e identidade atlética, eu digo isso porque como a grande parte dos atletas chega meio que cai de paraquedas, isso vem mudando agora, estamos tendo aí uma profissionalização, uma quantidade de atletas de alto rendimento para que comecem na infância, mas essa turma que a gente tem hoje, praticamente, não. Então, nós, psicólogos, precisamos realmente trabalhar com a ideia da identidade de mudar, inclusive, da pessoa com a deficiência, da pessoa com a doença para o atleta; acho que, talvez, essa seja uma das coisas mais importantes que precisamos trabalhar numa equipe de alto rendimento. 🧠

Edgar Bittner Silva

Perfeita a Gabriela. Interessantíssimo, alguns pontos que a professora traz aqui para quem trabalha com a pessoa com deficiência, são muito marcantes. É interessante como o atleta com deficiência é definido pela sua falta, enquanto o atleta típico é sempre definido pelo que ele consegue, que marcas ele consegue. Isso é muito curioso, o próprio termo "para-atleta", ele é atleta de verdade? Ele é menos atleta? Quando você coloca os três tipos de modalidades esportivas de rendimento, de participação educacional, eu acho curioso, porque toda legislação e toda discussão que temos desenvolvido sobre a questão da deficiência

é a questão da participação, e o alto rendimento é uma forma de participação social, qual é a representação que tem essa participação no alto rendimento? Que destaque que se tem, são todas questões para se discutir. Você usou o termo da incapacidade, é o termo que você estava falando da CIF outra hora, que é um termo que a Convenção, a versão em português para a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência traduz como Deficiência, então temos o termo Deficiência na Convenção e incapacidade na CIF, que temos que alinhar após o estatuto, a pessoa com deficiência meio que une os dois. 🧠

Boa noite a todos e a todas. Eu queria agradecer o convite ao Conselho e fico muito contente porque eu sou da área da Saúde Mental; claro que a Saúde Mental está em todas as áreas, mas eu sou da área específica da Saúde Mental, vocês ouviram no meu mini currículo que sou gerente de CAPES, então, eu sou psicólogo de formação também, minha formação toda foi na área da mental infantil, álcool e drogas e dos transtornos mentais e é muito bacana participar deste evento porque é um evento que não é específico da saúde e também não é um evento hiperespecífico da Saúde mental.

“Quando falamos de inclusão, a inclusão, de fato, ela acontece quando o outro, aquele que está no senso comum reconhece aquele sujeito como alguém capaz de alguma coisa”.

Acho que a Saúde Mental ainda tem muito o que aprender com a área das pessoas com deficiência, com a área da deficiência, mas também temos uma dificuldade que, por exemplo, esses sujeitos, eles ainda são muitas vezes avaliados pelo SI que eles têm. O F20, o F29, o F30, F70, enquanto esses sujeitos não entram em cotas também, eles não entram em cotas de trabalho, eles não podem participar de uma paraolimpíada, eles não podem participar de competições que sejam deficientes, porque eles não são deficientes, eles são portadores de sofrimento mental, então, eles também fazem parte de uma população extremamente vulnerável, de uma população extrema-

mente excluída que, ao meu ver, ainda é muito, muito excluída e que ainda tem muito preconceito em cima desses sujeitos. Quando você fala de um sujeito dito louco no senso comum, as pessoas têm a visão da agressividade, da violência, da bizarrice, do fora do mundo e o quanto isso é difícil você mostrar. Acho que quando falamos de inclusão, a inclusão, de fato, ela acontece quando o outro, aquele que está no senso comum reconhece aquele sujeito como alguém capaz de alguma coisa, não é? Eu estou no CAPS e a ideia do CAPS, agora, não sei se todos sabem, mas não trabalhamos mais na lógica do CAPS, trabalhamos na lógica da RAPS, que entendemos que existe uma rede de atenção psicossocial e não meramente um CAPS. Eu não gosto muito do nome CAES, porque é o Centro de Atenção Psicossocial e o centro é como se tudo acontecesse lá, o que não é verdade. Infelizmente, temos a teoria e temos a prática, muitas vezes o que vemos é o CAPS funcionando sim como CAPS, ele é o centro para aquele sujeito em tudo o que ele faz na vida dele, então é no CAPS onde ele joga bola, é no CAPS onde ele joga o dominó, tem uns que até para questão do lazer é o CAPS onde eles dançam, é no CAPS onde eles trabalham, é no CAPS onde eles têm a renda deles, os vínculos deles, se acabar o CAPS é como se eles não existissem no mundo e quando falamos de um sujeito psicótico e aprofunda um pouquinho, mas falando da visão psicanalítica do conflito com o mundo externo e da dificuldade com o sentido que esse mundo faz, acho que o CAPS, justamente, tem que trabalhar essa questão, qual é o sentido que o mundo tem para esse sujeito, mas não é papel só do CAPS, é o papel de tudo que envolve a rede dele. O grande problema é que esses sujeitos vão sendo excluídos da área educacional, dos amigos, eles

vão ficando cada vez mais em casa. Outro dia eu estava discutindo com alguns colegas quem é maluco de verdade, não é? O quanto é louco o processo da nossa rede, o quanto muitas vezes ele só chega no CAPS porque surtou em toda comunidade dele, foi chamada a SAMU e a Polícia, ele foi para o hospital psiquiátrico, do hospital psiquiátrico que ainda existe, ele é referenciado para Unidade Básica de Saúde ou para o CAPS, aí que ele chega para nós e, pegando aqui a nossa temática, o CAPS tenta encontrar, volto a dizer, o sentido que faz no mundo, alguma coisa que faz sentido para esse sujeito no mundo, por isso que nós lá no CAPS Aricanduva investimos e tanto na convivência, eu estou recentemente lá, estou desde setembro, mas a outra gestão acreditava muito nisso, e a nossa gestão também, o quanto precisa investir na convivência, na ambiência do CAPS que é o estar com o outro, independentemente de você, necessariamente, ter uma oficina fechada, é poder escutar desse sujeito o que ele quer para ele no mundo e, aí, o ponto chave que acreditamos que é de poder ouvi-los, porque é muito fácil eu dizer o que é importante para o outro, sendo que eu não ouço vozes, sendo que eu não estou delirante, mas o que é importante para esse sujeito? Atualmente, eu não estou mais na coordenação da Copa da Inclusão, atualmente quem coordena é a ONG Sã Consciência, que é o Ed Otsuka, o psicólogo que preside, eu coloquei idealizador, na verdade, é um dos idealizadores da Copa da Inclusão; já coordenei muitas oficinas de futebol nos CAPS onde eu passei, de jogos e o que a gente percebia, não é? Mas o que é interessante assim? Futebol faz sentido para mim, então, quando eu ia conversar com ele sobre o futebol também fazia sentido para ele, no entanto, muitas vezes, algo que faz sentido para ele aqui no mundo real é muito mais importante muitas vezes do que uma medicação, do que uma consulta fechada no consultório, do que uma psicoterapia individual, o quanto o espaço informal e o espaço de escuta do outro, ele pode ser que possa estar no mundo de um jeito que nunca ninguém propiciou para ele, por isso que a Copa da Inclusão deu tão certo e as oficinas de futebol deram tão certo. Claro que existe a organização, mas principalmente porque eles querem que dê certo. Quando chegamos lá no CAPS em setembro, foi muito bacana que eles começaram a pedir: "Cadê o futebol? Cadê o teatro? Cadê a dança?", porque são coisas que fazem sentido e a ideia das oficinas no CAPS é possibilitar o mínimo resgate desse sujeito e que, depois, ele também

possa se desmamar do CAPS, que ele possa depois frequentar um centro de lazer, que ele possa frequentar um clube da cidade ou um clube que ele seja sócio. Eu trabalho aqui num CAPS perto da região da Paulista e aí falamos: "Vamos fazer uma oficina de futebol, eles estão pedindo, tal, a gente gosta de falar de futebol, vamos fazer uma oficina de futebol", aí fizemos parceria aqui com o Pacaembu, o Pacaembu tem um clube municipal, que é um clube escola atualmente e aí, quando chegamos lá no Clube Escola, olha só como é o pensamento, o rapaz falou: "Olha, eu vou conseguir para vocês uma aula fechada de natação com dez vagas para os usuários do CAPS", e aí junto com eles pensamos o seguinte: "A gente não quer uma aula fechada, a gente quer estar com os outros, onde os outros estão, porque só aí eu posso conviver com o outro, só aí eu posso estar com o outro a partir do esporte, não de alto rendimento, mas o esporte que faça sentido para mim, a questão do lazer, não é?".

"Eu me preocupo bastante com o que o profissional entende da prática esportiva dentro de um serviço de saúde; podemos dar um tiro no pé, colocar o sujeito dentro do CAPS e não o tirar mais e colocá-lo com uma competitividade, exigir dele algo que para ele não é aquilo, e a questão do tempo também, o sentido que faz para o outro é diferente".

A coisa do competir também é uma questão muito delicada, porque eles também não são café com leite, então, eles também têm o direito de competir, quando fazemos um campeonato com eles, pelo menos é uma ideia que eu defendo, eles têm o direito de competir, e outra, deles escolherem se eles querem competir ou não. Dávamos medalhas para todos, porque todos são vencedores por estarem ali, mas a competição, ela é saudável, o grande desafio do profissional está como dosar essa competição e não permitir que o alto rendimento seja uma exigência do profissional, porque acontecem situações muito delicadas onde, por exemplo, o profissional trabalha o ano inteiro com aquele sujeito, ele vai

treinar, ele não pactua aquilo com o sujeito, ele vai jogar, mas ele não põe o sujeito para jogar porque o sujeito é ruim de bola, ou na mesma oficina, semanalmente, ele não bota o sujeito porque o sujeito é ruim e vai estragar a oficina, então, acho que também tudo tem que ser construído com eles. Eu acredito que as oficinas do CAPS têm que ser cada vez mais fora, começou uma oficina de teatro, fizemos uma parceria com o CEU da região, então fizemos uma parceria com o CEU e estamos ensaiando no teatro do CEU como qualquer outro sujeito, e a oficina de futebol, eles fazem numa quadra na comunidade como vários outros CAPS fazem numa quadra na comunidade e a comunidade começa a percebê-los de um jeito diferente, também: "Nossa, o que é? Alguém da igreja? É de uma firma?", porque vai percebendo também esse indivíduo de uma forma diferente. Eu me preocupo bastante com o que o profissional entende da prática esportiva dentro de um serviço de saúde, sabemos dar um tiro no pé, colocar o sujeito dentro do CAPS e não o tirar mais e colocá-lo com uma competitividade, exigir dele algo que para ele não é aquilo, e a questão do tempo também, o tempo, o sentido que faz para o outro é diferente. Então, acho que essa questão da diferença. A maior conquista para mim foi quando participamos várias vezes dos Jogos da Cidade, íamos jogar contra universidades, jogar contra empresas, participávamos como qualquer outra equipe, essa é a ideia, é fazer do sujeito, usuário do CAPS, alguém que possa ser reconhecido pelo familiar, que possa estar num outro ambiente, alguém que possa circular, que possa ser cidadão, assim como outro qualquer. Eu culminei por alguns anos residência terapêutica e residência terapêutica são moradores de hospitais psiquiátricos que ficaram anos internados.

Lembro de um morador que ele falava para mim: "Ricardo, lembro até hoje do meu número de leito, porque me chamavam mais pelo meu número do que pelo meu nome". E eu lembro também, o leito dela era o leito 29. Então, o quanto o sujeito perde esse significado de cidadão, mesmo. E aí, que é a visão do psicossocial, nem sei se o termo também é reabilitação psicossocial o mais adequado, mas é poder fazer do sujeito alguém que ele perdeu ou que tiraram dele. E eu acho que o esporte é uma ferramenta e a saúde ainda tem que usar muito dele para poder ajudar esses indivíduos a criarem um sentido diferente no mundo. Agora, é também estar disponível a emprestar essa demanda, usá-las no funcional esporte como uma ponte de inclusão social.

Eu acho que seria muito interessante conhecer o evento Copa da Inclusão. É o maior evento de saúde mental do Estado de São Paulo, se bobear, até do Brasil, quem coordena atualmente é o Ed, como eu já falei aqui, a Raquel pela Sã Consciência, então, depois, entre em contato comigo e também quem puder visitar os CAPS, ver se tem a lógica do esporte, do lazer, até eu tenho um colega, o Heitor... estuda aqui na Escola de Enfermagem, na Saúde Pública, ele fala de um lazer viciado também, o quanto, muitas vezes, oferecemos o lazer para o outro, mas é o lazer que é o nosso jeito de ter lazer, o quanto também não escutamos do outro o que é lazer para o outro, não é? Para nós. É importante ter a competição e o jogo, será que para o outro é importante ter a competição? Eu jogo bola durante a semana, num dos jogos que eu vou é competição, você tem que ganhar; no outro, o pessoal vai lá domingo para jogar e para ver os amigos. Qual o sentido que o esporte tem na vida dessas pessoas? 🤝

Obrigado, Ricardo. A questão da rede, essa resignificação do atendimento, saindo dos centros para as redes. Eu trabalho dentro da assistência, também estamos tentando trabalho, trabalho num Centro da Referência da Assistência Social e a nossa briga é conseguir trabalhar numa rede de assistência social, junto com a seguridade social. O que você fala é bem verdade, quando pensamos que os centros, eles tendem a se tornar guetos, o gueto quando colocamos... aqui temos a pessoa com deficiência, a pessoa com transtorno mental, aqui, vamos colocar a pessoa com situação de rua, esses centros, eles se propõem a promover a inclusão social, só que eles trabalham justamente ao contrário, enquanto a instituição, o objetivo final de qualquer instituição é sua própria extinção, elas tentam se perpetuar o máximo possível.

Queria trazer aqui a definição que estamos usando atualmente de pessoa com deficiência. A Convenção não define o que é deficiência, mas ela define quem é a pessoa com deficiência. A pessoa com deficiência é aquela cujo impedimento de natureza física, intelectual, mental ou sensorial em interação com as barreiras impostas pelo meio tem a sua participação em igualdade de condições prejudicada. Então, vemos que a questão do impedimento de natureza mental, que são esses transtornos mentais, hoje voltam a ser considerados deficiência, por quê? Quando temos dentro do

transtorno mental, a crise, o surto, esse sujeito vai perder todos os seus vínculos, ele perde o vínculo com a família, com amigos, com emprego, com escola, com a comunidade e para reestabelecer esses vínculos, ele vai enfrentar uma série de barreiras. Quando você coloca o sentido que o esporte adquire para essa reinstituição de um sujeito, a resignificação desses vínculos. É interessante se pensarmos junto com a Psicanálise, vamos reinstaurar esse ego ideal, para ele se reorganizar. Quando você traz que ele não é café com leite. A tendência é pensarmos que a pessoa com deficiência é criança, toda pessoa com deficiência é infantilizada: ela não pode, ela não tem condições, ela não aguenta e essa atitude, essa relação que se estabelece com ela, essa atitude de não ouvir, como você mesmo coloca, não ouvir quais são as necessidades dessa pessoa, vão perpetuar, vão dificultar ainda mais isso. 🙄

“A pessoa com deficiência é aquela cujo impedimento de natureza física, intelectual, mental ou sensorial em interação com as barreiras impostas pelo meio tem a sua participação em igualdade de condições prejudicada”.

Graduada em Psicologia pelo Mackenzie; pós-graduada em Psicologia do Esporte pelo Instituto Sedes Sapientiae. Trabalhou no Projeto Esporte e Talento (PET) – Programa de Educação pelo Esporte, do Instituto Ayrton Senna e no Projeto Social Espaço Criança Esperança, em parceria com o Instituto Sou da Paz. Atuou com futsal na Sociedade Esportiva Palmeiras e com Basquete sobre rodas no clube GADECAMP. Atualmente trabalha no Instituto Olga Kos de Inclusão Social com as modalidades karatê e taekwondo para pessoas com deficiência.

Boa noite. Vou agradecer também o convite. Confesso que estou um pouco nervosa, o microfone me deixa um pouco nervosa, mas acho que daqui a pouco, embala. Eu vim falar um pouco da minha prática. Quando recebi o convite, fiquei pensando bastante qual seria a minha apresentação e fiquei pensando quando comecei a especialização em Psicologia do Esporte, o que eu gostava de saber também quando alguém se apresentava. Acho que essa coisa de apresentar um pouco da trajetória profissional é uma coisa bem bacana para você ver como você vai construindo a coisa, e como a área está crescendo mesmo e hoje estamos aqui debatendo sobre esse tema bem legal e estamos desenvolvendo mesmo a Psicologia do Esporte. Então, resolvi contar um pouquinho da minha caminhada profissional e espero que possa contribuir com alguma coisa. Vou começar bem do começo. O Instituto Ayrton Senna no Projeto Esporte Talento foi um lugar muito legal para mim, foi o meu primeiro estágio em Psicologia do Esporte e trabalhávamos com educação pelo esporte, então, que seria esporte educacional. Um lugar muito legal em que eu entrei em contato com muitos psicólogos do esporte importantíssimos na minha caminhada e consegui entender que era isso exatamente o que eu queria fazer e fui fazer especialização, e lá tive um contato gigantesco com a Psicologia do Esporte e percebi que estava no caminho certo. Fui para o Espaço Criança Esperança em parceria com o Instituto Sou da Paz; ali também era educação pelo esporte; eu trabalhava junto com os professores de dança, capoeira e esportes, isso é uma coisa bacana também da Psicologia do Esporte, porque sempre trabalhamos com alguém. O psicólogo do esporte está sempre com o educador físico, com uma equipe, sempre uma equipe interdisciplinar. Isso foi uma coisa bem bacana de você aprender a planejar junto, executar junto, porque você não se sente sozinha, são várias áreas de conhecimento para o mes-

mo objetivo, isso é uma coisa bem bacana. Lá aprendi bastante também, eram modalidades diferentes, trabalhava com jovens, outro lugar em que eu realmente aprendi bastante. Eu fui mais para o alto rendimento, mesmo com o treinamento mental, Psicologia do Esporte aplicada mesmo, trabalhava junto com a Gisele, que é uma colega nossa, com o Sub07 até o Sub17 nas categorias de base de futsal masculino. Fiquei lá um tempo, foi bem legal também entender qual é a grandeza de um clube, tem toda a estrutura de um clube, diretoria, todas aquelas coisas que são um pouco complicadas, mas foi um trabalho bem legal também; fiquei um certo tempo lá e aí comecei a focar um pouco mais na parte do feminino, porque estava sem psicóloga, era uma área que eu também gostaria de entrar e eu estava com o Sub17, Sub20 e adulto; acho que eu não coloquei o Sub17 aí, mas foi também outro lugar bem bacana e bem alto rendimento. Estou passando bem rápido, pessoal, porque quero chegar no atual, então vou dar uma passadinha mesmo, mas foram trabalhos muito importantes também da Psicologia do Esporte do alto rendimento. Também fui convidada para seleções paulistas, tive a sorte de acompanhar três delas, fui campeã em 2010 no Sub20, campeã brasileira também em 2011 com o Sub17 e com o Sub15 não classificamos, infelizmente, mas foram experiências boas, porque essa coisa de viagem, campeonato, aquela coisa na prática, mesmo. Eu queria falar um pouco mais desse trabalho que é um clube que se chama GADECAMP – Grupo de Amigos Deficientes e Esportistas de Campinas, onde comecei em 2011 com eles e é um time profissional, como a maior parte dos atletas, como a Gabi falou que é o mais comum no alto rendimento, eles são lesionados medulares, poucos tiveram poliomielite ou paralisia cerebral, então, é um outro contexto e também decidi trabalhar nessa área com pessoas com deficiência porque eu tenho

um irmão que é tetraplégico, tem paralisia cerebral e fiquei pensando em como contribuir com a Psicologia do Esporte e ainda também, de repente, conseguir entrar numa área em que eu achava que podia contribuir por conta de viver uma história de vida, onde eu, desde que eu nasci, tive que pensar em adaptação, em acessibilidade, em oportunidade, em acesso.

“Então, como fazer a pessoa com deficiência também se olhar pelo potencial e não pela limitação”.

Achei que seria uma área bem bacana de seguir também. Recebi o convite, quando eu entrei em 2011 eles estavam na série B, eles eram um time amador ainda, então, o trabalho foi bastante nesse sentido de tirar dessa coisa que nós estamos praticando o esporte para reabilitar, nós somos deficientes, então vamos fazer o que der. Não, tentar mudar a identidade do time, mesmo, porque o objetivo do clube era o alto rendimento. Então, como fazer a pessoa com deficiência também se olhar pelo potencial e não pela limitação, porque acho que é uma vida inteira, as pessoas sempre frisando que você não tem ou que você não pode, o que te limita e a partir daí você entender que o alto rendimento te dá potência, que as pessoas começam a olhar para você e ver o que você pode, o que você fez, qual é o seu desempenho, porque o olhar é bem esse, é desempenho, não importa se a pessoa tem deficiência ou não, é o desempenho e fomos trabalhando nesse sentido de entender a identidade do time: “Olha, nós somos um time de alto rendimento (ponto), com todas as limitações, com as questões individuais e como vamos fazer com isso?”. Só depois que conseguimos criar essa identidade, que começamos a trabalhar mais a parte do treinamento mental, mesmo, Psicologia aplicada e foi bem legal, porque eu consegui entender todo esse processo que a Gabi contou também, porque o meu irmão é tetraplégico, então, não foi atleta, ele só fazia esportes de participação, então foi o meu primeiro contato com para mesmo. Foi bem legal para entender essa escala de classificação e no esporte coletivo, ele é legal, porque isso é bem usado, acho que canoagem é individual, é isso, Gabi? Então, e daí talvez, eu acho que quando o esporte é coletivo isso fique um pouco minimizado, porque cada escala, cada pontuação é muito importante no time, tenho que ter todas as pontuações em todos os times para ficar um time com... para ficarem

justos, então, temos o ponto 1, temos o ponto 2, temos o ponto 3 para que possa participar do campeonato, então, não fica tanto essa coisa do que não tem, da funcionalidade, da infuncionalidade. Então, fica um pouco mais diluído, mas é bacana entender tudo isso. E acho que esse trabalho da equipe é muito importante. Em todos os lugares eu frisei que trabalhamos com a equipe, com comissão técnica e esse aprendizado de que o tempo é diferente. A potência existe e os potenciais estão aí para serem desenvolvidos, mas o tempo é diferente e precisa, sim, adaptar várias coisas e não para o grupo, para cada um, não tem muito receita de bolo, então esse atleta vai precisar disso, o outro vai precisar daquilo e como conseguimos fazer isso, atender a todas as cidades do grupo e também as individuais? O time cresceu bastante, eu fiquei acompanhando o time até o começo deste ano, depois eu saí do time, eles passaram da série B para a série A; eles foram vice-campeões brasileiros no ano passado, vice-campeões paulista o ano passado e, neste ano, campeões paulista e vice no brasileiro de novo. Então, realmente a coisa fluiu, o que eu achei bem bacana. No ano passado, também começamos a investir no projeto de iniciação esportiva da GADECAMP. Daí, por todo esporte de participação no primeiro momento, porque agora eles já estão levando também para a parte do alto rendimento, mas eram crianças e adolescentes que nunca tinham praticado esporte, a maioria era pólio e não era deficiência adquirida, eram crianças e adolescentes, então foi um trabalho bem legal também, começamos do zero, e como é que vai fazer esse projeto de iniciação esportiva? Foi bacana poder participar de todas essas etapas e construir esse projeto e ver todo o desenvolvimento. Você pega lá a criança que às vezes nem na escola está, ela participa de uma instituição só e aquele é o contexto da vida dela, aquilo... ela não consegue entender ainda essa potência, ela entra para o esporte pensando: “nossa, é isso!”, é uma identificação muito bacana e um desenvolvimento também muito real de conseguir entender as suas limitações e o meu trabalho era sempre no sentido das possibilidades: “O que vamos fazer para adaptar para você e colocar no grupo e você vai jogar e você pode, ao contrário do que dizem que você não pode, você pode!”. Está bem legal também, eu tive que sair, não consegui continuar o acompanhamento, mas também foi bem importante para mim toda essa participação nesse projeto. Agora, eu sei que eles disputaram este ano o campeonato paulista e eles foram campeões, ou seja, a coisa está indo muito rápido.

“O principal objetivo das oficinas de esportes é incentivar a prática esportiva, pensando no desenvolvimento e na melhora da qualidade de vida principalmente”.

E agora eu vou falar no que eu trabalho desde 2010, mas é o meu trabalho atual, daí ele não é alto rendimento, ele é esporte de participação, mesmo, não sei se alguém conhece, chama Instituto Olga Kos de Inclusão Cultural; ele foi fundado em 2007 e é uma OSCIP (Associação sem fins econômicos, com qualificação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) que trabalha com projetos de Artes e Esportes, Artes Plásticas e Esportes para pessoas com deficiência intelectual, particularmente, Síndrome de Down, mas na verdade temos pessoas com todas as deficiências, inclusive físicas, inclusive transtornos mentais, que eu acho que essa coisa que o Ricardo falou, nós somos um lugar que não tem nenhuma exclusão, então temos uma parte também do projeto que é destinada às pessoas com um nível socioeconômico baixo, as pessoas que moram perto das instituições que atendemos. Então, temos um escritório, mas não temos uma sede, um lugar onde damos as oficinas, então, as oficinas de esportes são de karatê e taekwondo e as de Artes é de Artes Plásticas; não vou falar tanto da parte de Artes, vou falar mais da parte do Esporte. O principal objetivo das oficinas de esportes é incentivar a prática esportiva, pensando no desenvolvimento e na melhora da qualidade de vida principalmente. Inscrevemos projetos no Ministério do Esporte, por isso que podemos atuar, oferecemos as oficinas nas instituições que já trabalham com esse público, mas também ampliamos para os CEUs, então fazemos um mapeamento das pessoas com deficiência no entorno e convidamos eles e o CEU cede o espaço; eles também atendem a uma quantidade de pessoas com deficiência, mas também por isso que entra, principalmente nos CEUs, bastante transtorno mental, porque tem uma parceria. Os CEUs têm parceria com os CAPS, então, estamos atendendo bastante esse público. Uma coisa bacana de pensar também é no crescimento, porque em 2009 eram duas oficinas, uma de taekwondo e uma de karatê e hoje em dia são 52 oficinas em 31 instituições, então, a coisa cresceu bastante e daí você pensa: cresceu por quê? Porque tem demanda, porque essas pessoas estavam em casa, sem acesso a nenhuma atividade, nenhum esporte, então, muitas vezes, nem na escola estavam. Então, pensamos

por que cresceu, isso que eu penso me impressiona. Acho que essa frase é muito legal: que o objetivo é estimular jovens com deficiência intelectual às práticas das artes marciais, acreditando que o esporte tem um potencial de educar para a vida e promover a inclusão social e essa coisa da oficina ter a faixa etária - ela é de cinco a sessenta - temos alguns projetos específicos para as crianças, que chamamos de *kids*, mas a maioria das oficinas, temos nessa faixa etária extensa e muitas deficiências diferentes, muitas pessoas com deficiências diferentes, então é um grande desafio fazermos a oficina, mas é impressionante porque a coisa acontece exatamente por isso, por entender que a diversidade soma, ela multiplica essa diferença do outro, seja uma outra deficiência, seja, sei lá, uma deficiência financeira ou um transtorno mental. É muito legal o trabalho que realizamos também na equipe interdisciplinar, entender isso que temos uma equipe interdisciplinar para conseguir dar conta dessa coisa toda. Então, são três professores da modalidade ou de karatê ou de taekwondo, um fisioterapeuta, um fotógrafo, porque como o Ministério do Esporte, Ministério da Saúde e ex-patrocinadores particulares, às vezes precisamos prestar conta desse dinheiro, a coisa está funcionando, então, tem fotos todos os dias e tem que ter mesmo, para mostrarmos que a coisa acontece. Tem um assistente de coordenação que é educador físico e um psicólogo. Na equipe de Artes é um outro contexto, mas é bem legal porque também é uma equipe. Aí está um pouco do que eu falei, a faixa etária de 5 a 60 anos, com vários tipos de deficiências e, inclusive, deficiência física e também temos na mesma aula deficiência motora, auditiva, visual, junto com pessoa que tem autismo, junto com a pessoa que tem Síndrome de Down, junto com o aluno que tem 5 anos e com o outro que tem 40. Então, vamos superando esses desafios. Eu vou passar um pequeno vídeo institucional, que eu acho bacana, enchi de imagem porque eu gosto das imagens.

Ida Frabciulli - Participante da Oficina de Artes: Parece que relaxa a mão, sabe?

Emily Pereira - Participante da Oficina de Artes: Cada vez que eu faço artes, fica mais criativa a minha vida.

Eduardo Souza - Psicólogo do Instituto Olga Kos: Temos a criação de vínculos, nós ficamos próximos desses participantes.

Gisele Lopes - Psicóloga do Instituto Olga Kos: Primeiro, as coisas mais simples como ficar sentado, ficar em fila.

Suzana Kunitaqui – *Instrutora de Karatê do Instituto Olga Kos: Eu acho que nesse tentar fazer eles melhoram muito.*

Vanessa Marques – *Fisioterapeuta do Instituto Olga Kos: Para que ele possa tanto dentro de sala de aula, como na sua vida, executar os movimentos de uma forma correta na sua vida social.*

Valeria Siqueira – *Mãe do aluno Pedro: E consiga colocar melhor para fora os sentimentos, a emoção.*

Era só para vocês terem uma ideia de qual é o meu trabalho. Eu já disse que gosto muito de imagens, eu sou muito visual, acho muito bacana quando podemos ver, não é? Por isso que eu trouxe para vocês e acho que eu vou falar um pouco mais especificamente do trabalho da Psicologia e de todo esse desenvolvimento que eu vejo acontecendo. Então, acho que várias vezes pensamos na nossa prática, estamos indo trabalhar todos os dias, semana após semana, ano após ano, tem que fazer sentido para nós; eu acho que isso é uma coisa muito bacana, você poder trabalhar com algo que faça sentido na sua vida, acho que todo psicólogo ama ver o desenvolvimento dos outros e poder contribuir para o seu, porque é sempre uma troca.

“Assim, o psicólogo preza pela inclusão, primeiramente, com a formação de uma equipe transdisciplinar e coesa. Em segundo, desmistificando o que vem a ser a inclusão social de pessoas com ou sem deficiência. Assim, os psicólogos pensam juntos como contribuir e o que efetivamente contribui”.

Então, eu percebo que cada oficina que eu participo é uma troca mesmo, uma troca para entender e para trabalhar as minhas questões e trabalhar as questões deles, principalmente de autonomia e ganho de autoestima, de autoconfiança, todas aquelas coisas que precisamos muito na vida para continuar evoluindo, mesmo que você já tenha, não tem um fim, precisa para sempre continuar evoluindo com tudo isso. Então, ainda coloquei umas fotinhos: aí tem uma turma que tem onze cadeirantes e é junto com uma turma de pessoas andantes com várias deficiências intelectuais, auditivas e visuais também. Uma foto do taekwondo, ali é do começo, bem para ilustrar. Eu gosto bastante dessa ideia

que temos na parte da Psicologia do Instituto, que eu vou ler para vocês: “Por, meio da compreensão do desenvolvimento humano, o psicólogo se disponibiliza para que haja integridade no grupo, pensando nessa diversidade que a gente tem nesse grupo. Essa atividade também é chamada de mediação das relações (participante-participante, equipe-participante, equipe-equipe, pais-equipe, participante-pais). Então, o objetivo é a articulação das perspectivas e a construção de uma equipe reflexiva”, porque assim como a Gabi disse, precisamos fazer com que a equipe esteja coesa e entenda as adaptações necessárias, e sair um pouco do senso comum; eu acho que entender um pouco as características da cada deficiência, mas não se apegar nelas. “Assim, o psicólogo preza pela inclusão, primeiramente, com a formação de uma equipe transdisciplinar e coesa. Em segundo, desmistificando o que vem a ser a inclusão social de pessoas com ou sem deficiência. Assim, os psicólogos pensam juntos como contribuir e o que efetivamente contribui”, o que a Gabi falou: alguém perguntou para eles? Dizer que estamos contribuindo, tem que pensar: será? Será que é exatamente esse tipo de lazer que quer? Será que não é a competição? Será que o que fazemos contribui ou não contribui? Então, isso é uma coisa bacana porque nós temos a coordenadora da Psicologia lá e nós somos em doze psicólogos, porque imagina, 52 oficinas só de esporte, mais 20 e poucas de Artes, não sei o número exato, então para que isso aconteça as oficinas de esportes são duas vezes por semana em cada instituição, ao todo 31, precisamos de uma equipe grande. Aí, de novo, eu coloquei as funções que são principalmente mediar essas relações todas, temos um instrumento de avaliação que realizamos no começo e no fim do projeto. Existem projetos que são de um ano e há projetos que são de dois anos, normalmente, tentamos captar verbas para que o projeto continue, então, vamos no primeiro ano, tentamos captar para o segundo ano, para o terceiro, às vezes conseguimos e, às vezes, não, mas nosso trabalho também não é de que eles virem faixa preta nas modalidades, nas artes marciais, o nosso objetivo é inclusão, é participação, são todos os benefícios da atividade física do esporte. Então, se pensarmos que estamos contribuindo de alguma forma, um ano é um tempo extenso se for o que é possível. Tentamos também fazer umas adaptações, põe esse público para um outro projeto e tentamos acompanhar, para que realmente consigamos, até porque a arte marcial, ela é um outro instrumento do esporte muito bacana, ela também tem toda filosofia; então isso é um método que é muito eficaz também para podermos trazer todo esse conceito de

harmonia, de respeito, de entendimento das regras e de disciplina, de hierarquia até, porque a arte marcial é muito assim e de entender respeito com benevolência também, não é porque estou fazendo uma arte marcial que eu vou sair batendo em todo mundo, então, às vezes para os pais é bem complicado entender isso, mas nas nossas oficinas não temos competição, mas é algo que temos pensado este ano como instituir uma competição para um esporte de contato com esse público, para as mães não ficarem malucas, porque é difícil, mas estamos tentando. Temos conversado bastante também sobre usar a CIF, mas é aquilo que conversamos, é uma avaliação muito difícil, não sei quem conhece, é uma avaliação em que precisamos ainda de verba e isso não está captado nos projetos, é uma; não sei se vocês viram, são 2.500 participantes, então temos uma amostra muito grande para realizar uma avaliação extensa, então, realizamos uma avaliação que chama PEI – Perfil de Indicadores Cognitivo, Emocional e Social, chama Perfil de Indicadores da Psicologia; usamos o mapa social, também, que acho que a maioria das pessoas deve conhecer. E realizamos um no começo e um no final para fazer a comparação e a avaliação e, daí, fora isso, tem o perfil evolutivo do esporte e tem da fisioterapia, então, cada profissional da sua área faz esse perfil que é adaptado na sua área e fazemos um comparativo, fazemos uma escala e isso sai na revistinha final também que temos de avaliação, porque precisamos prestar contas para todo mundo e o trabalho é muito legal, isso eu acho que é uma das partes que eu mais gosto, planejamos junto com a equipe uma metodologia adaptada para as demandas individuais, quando pensamos: mas é um grupo de 25 participantes, não podemos pensar em um só, mas também não podemos pensar só no todo, então, sentamos e fazemos as adaptações para aquela pessoa. Então, tem o aluno, o participante de 5 anos com autismo com muito movimento estereotipado, com uma hiperatividade gigantesca e eu não tenho como dizer que a meta e o objetivo dele é fazer, executar os movimentos do karatê; o primeiro objetivo com ele é se manter no tatame, se ele ficar no tatame, se ele entender que tem que cumprimentar na hora de entrar e de sair, isso já é um ganho, então vamos adaptando, mesmo, metodologia porque o que for possível é o que vamos trabalhando com aquilo para depois conseguir grandes metas de execução dos movimentos, de aprender o kata que é uma sequência de movimentos, que temos apresentações todo final de projeto, realizamos um festival de esportes e eles se apresentam para o público, para os pais, amigos, então também tem essa coisa de que sim, a forma é importante, apren-

der a modalidade também é importante, mas não é o nosso foco.

“Todos nós somos especiais, por que meu filho é especial, então, ele precisa ser superprotegido e eu vou fazer com que ele não tenha autonomia e nem independência de nada, eu vou fazer tudo por ele, daí chega lá, ele quer atenção individual e quer que façamos por ele e isso é impossível”.

Então, essa parte de planejar junto com a equipe dá muito certo e como também pensar nas demandas individuais sem prejudicar o foco que é o grupo, porque estamos dando uma aula para várias pessoas, são 25 pessoas. A orientação para os pais também é muito bacana, no sentido de desmitificar essa coisa da deficiência que: “Eu preciso superproteger, porque o meu filho é especial”, e eu não sou? Você não é? Todos nós somos especiais, por que meu filho é especial, então, ele precisa ser superprotegido e eu vou fazer com que ele não tenha autonomia e nem independência de nada, eu vou fazer tudo por ele, daí chega lá, ele quer atenção individual e quer que façamos por ele e isso é impossível, porque na sociedade todo mundo precisa ter independência e autonomia para poder viver, até porque as mães também precisam viver, elas não podem viver para o filho com deficiência, elas precisam viver a vida delas, então, fazemos umas orientações, algumas reuniões e as intervenções com os participantes no dia a dia nas aulas, então, faço uma roda de conversa no final de cada aula, pegamos os tópicos que aconteceram na aula e discutimos bem rápido. Então estou também ali fazendo karatê, às vezes, a gente precisa ficar lá no meio, às vezes empurramos cadeira, às vezes estamos lá no meio fazendo karatê, às vezes estamos acompanhando no ônibus, é um trabalho que tem uma plasticidade bem grande, isso que é bacana. É uma coisa bem bacana que lá nos primeiros slides eu coloquei que também trabalhamos com o foco de inserir no mercado de trabalho, e esse daí é o Marcio, é um dos nossos professores, que vocês podem ver na fotinho, na direita que ele é nosso aluno, era nosso participante, estava ali na faixa amarela, quando eu entrei, ele estava na faixa amarela e ele continuou aprendendo karatê e hoje ele é faixa preta e ele dá aula nos nossos projetos e temos outros participantes que estão sendo treinados. 🧘

Edgar Bittner Silva: Obrigado, Mariana. Eu acho que com a fala da Mariana, vimos que, trazendo um pouco junto com os nossos outros palestrante quando a Gabriela coloca aquelas três modalidades do esporte, como educação, como participação e como rendimento. Acho que aqui, vimos essas três modalidades, vimos a participação social aqui com o Ricardo, reinstituindo a essas pessoas o direito de estar na comunidade, estar com outras pessoas para além do gueto da deficiência, a Gabriela nos mostra esse esporte de alto rendimento, a construção dessa entidade do atleta, quem é o atleta, essa ideia de que ele tem uma rotina, que ele tem uma disciplina, que ele tem necessidades nutricionais, de descanso, como o atleta típico e, também, ele vai buscando destaque para ele também, ele está querendo ir para além das limitações, apesar de que para entrar na modalidade, ele tem que estar classificado numa falta, ele luta para superar essa falta. E a Mariana coloca para nós também o esporte numa modalidade educacional, quando ela traz os benefícios do esporte, em termos da disciplina, a hierarquia, quando trabalhamos com pessoas com o transtorno do espectro do autismo, com passos pequenos, como ela disse, se conseguirmos fazer com que ele fique no tatame, entenda que para entrar tem que cumprimentar o dojô, para sair, tem que cumprimentar o dojô, tem que respeitar os limites de faixa, que é um sistema organizado que é até bastante bom para pessoa com autismo, para a pessoa com deficiência intelectual também, e ele vai aprendendo aos poucos. Nisso, vai estabelecendo os seus vínculos com o professor, ela começa a ter um destaque e a partir desse destaque, um reconhecimento social. Vemos o papel do esporte então no desenvolvimento dessas pessoas. Quando fala da identidade do atleta e trazendo o que a Mariana coloca que eles ficavam em casa, ou mesmo quando ele foi aposentado por

conta de uma lesão, o que vai fazer? Você dá uma... o esporte proporciona uma vida nova para essas pessoas. Eu acho que agora podemos abrir nossa roda para debates. Então, pessoal, perguntas!

Eliana: Boa noite. Eu esperei mais ou menos desde 1992 por essa reunião, porque desde 1992 eu trabalho com atletas de alto rendimento. Comecei com os cegos, trabalhei com basquete, desenvolvi projetos para crianças em 2000 e aí, Edgar, com todo respeito, eu gostaria só de corrigir um pouquinho a sua fala, no sentido de que nenhum atleta de alto rendimento que possui uma deficiência, ele busca superar a falta, porque na verdade, com a sua classificação funcional devidamente para a sua prática esportiva, ele terá o equipamento que lhe dê a condição para esse rendimento. Eu acho que é superimportante alinharmos isso, até para não alimentarmos até justamente essa questão do preconceito em relação ao atleta. Porque atleta, quando você diz que ele só se supera, supera, ele fala: "Eu me supero", esse é o grande desafio, estamos aí às portas das Paralimpíadas, e é um momento extremamente importante. Então, eu estou muito feliz por estar aqui e estar participando dessa conversa com vocês; quero parabenizá-los. Então, acho que a gente tem futuros campeões, mesmo, para 2016, vai ser muito bom. Então, Mariana, eu gostaria de fazer uma pergunta para você em relação a sua proposta com as crianças, isso tem me chamado muita atenção porque precisamos buscar novos atletas justamente na escola, se você tem feito alguma ação de intervenção junto as escolas, porque temos tido um problema muito sério, principalmente no processo de inclusão dessas crianças com deficiência no ensino regular e agora que temos a LBI que regulamenta e dá mais força ainda para a questão da conven-

ção, se vocês estão realizando algo diretamente levando a atividade motora adaptada para dentro da escola ou vocês estão acompanhando essas crianças que fazem parte do projeto; conheço o Olga Kos, eu sou fã do trabalho deles, conheço mais a questão das Artes, se vocês estão fazendo uma intervenção direta nas escolas, se tem essa troca, se as escolas estão procurando vocês. Essa é a minha pergunta.

Mariana Maeda: Olha, Eliana, temos conversado sobre isso, mas não temos pernas ainda. Nós sabemos dessa necessidade e o que fazemos é conseguir chegar com a informação que nós oferecemos às oficinas, mas não fazemos uma parceria específica, principalmente nos CEUs, então quando propomos para o CEU que iniciaremos as oficinas, tanto de esportes quanto de artes, fazemos uma parceria com o CEU para eles fazerem o mapeamento e as escolas ajudam, tanto que temos vários participantes que são de escolas próximas, que tentamos pegar esse entorno do CEU mesmo, inclusive, nas instituições que são específicas para o público com pessoas com deficiência, como a APAE, temos oficinas no Hebraica, instituições específicas, tentamos fazer com que eles também abram para as pessoas do entorno, aí é um pouco mais complicado, justamente pelo que o Edgar falou: “Não, é o nosso público, é só deficiência... só Síndrome de Down”; “Mas tem uma pessoa com deficiência intelectual que não é Síndrome de Down aí perto, pode entrar?”. “Não”; então ainda são muitas barreiras e o Instituto Olga Kos tem um foco, não dá também para termos pernas para tudo, não é?; tem um monte de coisas, a CIF seria importantíssima, mas não dá ainda, quem sabe, acho que a proposta é sempre continuar tentando, então, nós, enquanto equipe de Psicologia, estamos tentando, mas ainda tem a questão burocrática de verba, de todas aquelas coisas que já conhecemos.

Edgar Bittner Silva: Mais perguntas, pessoal? O Ricardo quer fazer uma colocação.

Ricardo Santoro: Na verdade, é a questão da deficiência em relação aos usuários do CAPS, do que você levantou, Edgar; acho que é assim, realmente, se pensarmos de um modo criterioso e é bacana também podermos tentar fazer essa interface da mental com o núcleo de deficiência aqui do CRP, porque o que encontramos no nosso dia a dia com os usuários, e aí, quando eu estava na coordenação da residência, o que percebemos é o papel do familiar, o quanto o familiar sofre, então, por exem-

plo, quando você chega com o cara, isso para mim foi emblemático, uma vez eu cheguei num PS com um cara com diarreia, mas ele tem um F20 chapado, igual a um boi, mesmo, F20, ele não pode passar no PS, ele está com diarreia, mas ele é maluco, então, se ele é maluco, ele tem que primeiro passar na psiquiatria para depois passar no clínico. Eu acho que a mental ainda tem muito que discutir do quanto podemos batalhar desse lugar desses sujeitos, até do que é direito deles, mas sem tutelar também, porque eu acho que a clínica da mental tem que tomar esse cuidado, de também não reproduzirmos o que o manicômio sempre reproduziu, de ou tirar todos os direitos, ou de tutelar, porque uma das grandes dificuldades nossas é essa, na casa, ele vai morar numa residência, ele também não quer fazer nada, afinal, sempre lavaram a roupa dele, não é? E isso também vemos no esporte, porque ou a competição - parece que o campeonato é um campeonato de alto rendimento - ou, também, fica uma coisa de tutela, sabe, onde você nem ajuda o sujeito a se organizar: “Ah, tudo bem, chutou para fora, está feio, não é? Tudo bem, saiu com a bola correndo pela quadra para outra quadra, tudo bem, ele pode”, então também temos que tomar um cuidado na clínica, justamente quando fazemos o esporte, para também não poder tudo ou também ser um esporte de alto rendimento. Acho que era só uma colocação que eu acho que faltou na minha apresentação falarmos disso.

Edgar Bittner Silva: Queria colocar uma pergunta aqui para a Mesa. Temos perguntas aqui da internet. Então, uma pergunta aqui do Joari: “Boa noite a todas e a todos na Mesa Ciclo Estadual de Debates, diálogos sobre Psicologia do Esporte, palestrantes Gabriela, Mariana, Ricardo e coordenador Edgar e aos participantes do debate do auditório e da internet, por isso faço três perguntas: quais seriam os principais desafios para avançar a presença das pessoas com deficiência no esporte na perspectiva da inclusão com pessoas que não têm deficiência? Isso tem sido um dos grandes desafios para o trabalho de inclusão em todas as áreas como educação, assistência social e outras políticas públicas. Dois: como avaliam as consequências que a inserção no/e pelo esporte para a vida social em geral da pessoa com deficiência com comunidade, amigos, amigas, família, movimentos sociais e outras instituições? Três: se têm alguma opinião sobre possíveis avanços com a Lei Brasileira de Inclusão aprovada em 2015 tanto para garantir os direitos das pessoas com deficiência quanto para o aprimoramento da Psicologia no

atendimento às pessoas com deficiência?” Grato. De novo, quais serão os principais desafios para avançar na presença das pessoas com deficiência no esporte e na perspectiva da inclusão com pessoas que não têm deficiência? Acho que é um pouco do que o Ricardo trouxe também. Como vocês avaliam as consequências da inserção no e pelo esporte na vida social e em geral das pessoas com deficiência? E que opiniões que vocês têm sobre possíveis avanços com o estatuto da pessoa com deficiência recém aprovado?

Mariana Maeda: Pensando aí nos principais desafios da inclusão das pessoas com deficiência com as pessoas que não têm deficiência, acho que foi mais ou menos isso que foi a pergunta, é o que o Instituto Olga Kos já faz. Então, além das pessoas com transtornos mentais, também temos o público em situação de vulnerabilidade social, e é muito legal essa coisa, porque a coisa acontece.

“O participante entra lá e vê que bacana ele poder aprender com a limitação do outro e como não estamos focando a limitação do outro, muito pelo contrário, acho que tem a coisa da superação, mas não é superação toda hora, por isso que tem que ter adaptação, é dar o acesso”.

Talvez seja muito diferente da escola que estamos acostumados a ver a escola, e as pessoas com deficiência vêm e o pessoal da escola não sabe o que fazer direito, é quase como se fosse o oposto lá no Instituto, então, atendemos esse público, particularmente, especificamente e, também, tem a inclusão de pessoas sem deficiência. Então, talvez por isso, o foco seja diferente e é muito legal, porque temos alguns participantes que conseguem auxiliar muito na própria atividade, eles auxiliam os professores na hora da execução dos movimentos e, principalmente, de conseguir entender, acho que é muito legal o processo para eles, deles entenderem o respeito, as diferenças entre deficiências e desmitificar porque assim como a pessoa que tem um transtorno mental é o louco, o deficiente, as pessoas têm medo de pessoas com deficiência ainda, acreditem, têm medo, há todo um precon-

ceito de que vai me agarrar, de que vai me bater ou babar ou sei lá, o que é isso? É real, não é, pessoal? É todo o dia e aí o participante entra lá e vê que bacana ele poder aprender com a limitação do outro e como não estamos focando a limitação do outro, muito pelo contrário, acho que tem a coisa da superação, mas não é superação toda hora, por isso que tem que ter adaptação, é dar o acesso, que é o que a Eliane disse um pouco também, acho que é importante, no alto rendimento há os instrumentos, há todo um material que faz com que você não tenha que pensar o tempo todo em superação, porque o próprio equipamento faz isso e no karatê e no taekwondo também tem isso, o público é de pessoas com deficiência? É, só que também não vamos ficar focando isso, se vamos focar na especificidade individual, mas aqui é uma aula para todo mundo, então, uma pessoa sem deficiência vai estar lá fazendo, aprendendo e aprendendo com aquele contexto que ele está ali, também, não é? A coisa flui muito bem nas nossas oficinas e nas oficinas de artes, também temos pessoas sem deficiência, também temos familiares de pessoas com deficiência que muitas vezes não querem participar, não podem, então, a coisa flui. Essa é a verdadeira inclusão, talvez, seja lá, se você tem uma deficiência, ou você não tem uma deficiência, você pode participar, estamos oferecendo uma oficina em que conseguimos ver a necessidade de adaptações, porque as adaptações são importantes. Existe uma discussão bem importante aí de que as aulas não poderiam ser adaptadas, mas, eu preciso; adaptação é uma coisa muito boa, não é uma coisa ruim; não é por preconceito que você adapta, adaptação é uma coisa importante, então adaptamos e isso fica bacana, até para as pessoas que têm deficiência verem isso, vivenciarem isso.

Edgar Bittner Silva: É, a adaptação é essencial, como você está colocando, você quer que eles tenham igualdade de condições, você tem que colocar as condições adequadas para que elas possam ter ali a mesma oportunidade. Acho que um dos desafios, um dos principais desafios para esse avanço, é a quebra de algumas barreiras, além das barreiras... sempre que pensamos em barreira, pensamos em arquitetura. Temos as nossas próprias barreiras aqui no CRP. Mas uma barreira de difícil transposição, são barreiras latitudinais, como se percebe a pessoa com deficiência, como você coloca: “A pessoa com deficiência é perigosa”. Eu trabalhei um pouco com surdos, e eu sempre ouvi: “O surdo é agressivo”, “A pessoa com deficiência intelectual vai me agarrar”, alguns agarram, assim,

porque sempre foi... deixou agarrar a vida inteira... é uma questão de educação, mas a própria presença de pessoas com deficiência na comunidade estimula a quebra dessa barreira, a pessoa começa a perceber que a deficiência é normal, a deficiência faz parte da vida, todo mundo se chegar numa idade avançada vai ter uma deficiência, vai ter! Seja uma mobilidade reduzida, seja uma perda cognitiva, seja uma perda auditiva, seja uma perda... vai ter uma deficiência. Então, deficiência faz parte da vida e essas duas coisas, sim, andam juntas, a participação social da pessoa com deficiência promove uma diminuição das barreiras que vão promover a participação da pessoa com deficiência, então são coisas recursivas.

Gabriela Gonçalves: Eu acho que isso que o Edgar estava falando, só para complementar, mesmo, o esporte é um super filão para pensarmos isso, o esporte de alto rendimento, porque estamos com as meninas na mídia, não têm perna, não têm braço, andam de cadeira de rodas, é uma dificuldade de se locomover, tudo precisa ser adaptado etc.; tem limites diferentes dos nossos limites, mas há ali uma quebra também de estereótipos, e tipo assim: "Se ele faz, eu também vou fazer". O esporte de alto rendimento pode servir muito com esse olhar, com essa imagem até para a ideia mesmo do imaginário do esporte, como eu falei mais cedo e do esporte adaptado e das pessoas, são pessoas que podem fazer com limite, com aquele limite físico ou com aquela diferença física, com aquele problema cognitivo, enfim, eles podem fazer. Acho que isso, apesar do alto rendimento não ser inclusivo, ele pode servir para esse olhar de inclusão.

Edgar Bittner Silva: Mas o próprio esporte de alto rendimento, ele é muito inclusivo, mesmo para a pessoa sem deficiência, não é? Quando pensamos as categorias, esse é o limite: você tem que ter isso aqui, você tem que conseguir correr os 100 metros rasos, senão, você não vai fazer os 100 metros rasos.

Ricardo Santoro: Às vezes, é isso, a forma não está fora, está dentro também, porque a deficiência é assim como a mental, eu acho que – respondendo a segunda questão – é a quebra de preconceitos, mesmo, é desmitificar, é mudança de paradigma, agora só mudamos de paradigma se quebrarmos os preconceitos. Sempre falo que o pior manicômio não é aquele que está em quatro paredes com muro alto; o pior manicômio é aquele que está dentro da nossa cabeça, se não mudarmos o manicômio que existe dentro da nossa cabeça, faremos um mon-

te de CAPS, mini manicômios. Arrepiam-me o cabelo quando vemos CAPS que têm tudo dentro, quadra, aula de inglês, tudo lá dentro, por isso que para mim, eu acredito muito nesses espaços fora também. Eu acho muito legal quando você fala de uma instituição onde ela tem uma sede, mas ela explora outros lugares onde essas pessoas possam se apropriar depois desse outro lugar e esse outro lugar onde outras pessoas frequentam, o SESC, o CEU, o clube ali do lado, a praça e é tão bacana, eu lembro de um fato: eu tinha uma aluna minha que foi na Copa da Inclusão, levou o filhinho de 5 anos, e ele levou como trabalhinho das férias dele a Copa da Inclusão. E aí, começa lá de trás mesmo, lá de trás que depois, ele se torna um menino com cinco, seis anos, que possa ter uma deficiência e, lá na frente, ele se torna um atleta de alto rendimento, que era o trabalho que você fazia lá com os meninos no basquete. Eu acho que temos muito preconceito, ainda, para quebrar. Mas só vamos quebrar o preconceito se desinstitucionalizarmos, se sairmos do gueto, senão, reproduzimos também.

Edgar Bittner Silva: Eu acho que você acabou respondendo, talvez, possamos até avançar um pouco nisso, tem aqui pergunta do Victor Souza. Ele pergunta: "Gostaria de parabenizar a Mesa pelas apresentações até então, percebemos que as práticas apresentadas foram proporcionadas ao público-alvo dentro de instituições. Qual o maior desafio encontrado para que pessoas com algum tipo de deficiência tenham acesso ao esporte ou atividade física fora de instituições?"

Ricardo Santoro: Temos que tomar um cuidado que uma coisa é da institucionalização, de colocarmos os guetos, encapsular o sujeito. Outra coisa é não vivermos de instituições, aí têm as falas famosas da Saúde Mental, quanto mais dependente nos tornarmos, mais independente também estaremos. Quanto mais instituições eu tiver ligado, isso me coloca ainda mais no meu lugar de cidadão. Ou quantos mais papéis eu exercer na minha vida, mais sujeitos eu posso ser, sabe? Então eu trabalho, eu jogo uma bola, eu vou no jogo do Palmeiras, eu estou aqui no CRP, eu sou psicólogo... só temos que tomar o cuidado para não achar que a instituição é ruim, pelo contrário, o que não é instituição? A minha família é uma instituição, o meu prédio é uma instituição, a minha praça pode ser uma instituição. Eu acho que a questão, de novo, é do manicômio que temos na cabeça, como é que vamos lidar com a institucionalização e, de novo, temos que tomar um cuidado com as nossas instituições

para que elas não institucionalizem o sujeito no amadurecimento que se torna um gueto, não é? O instituto pode facilmente se tornar um CAPS manicomial, um clube também pode, um CAPS também pode. A questão de como trabalharemos o lugar desses sujeitos nas instituições.

Edgar Bittner Silva: Acho que uma coisa também que o Victor quer saber é sim, o seu trabalho é realizado dentro do CAPS, a fonte dele é dentro do CAPS, o da Mariana está ali dentro da organização. Como seria possível promovermos a participação social das pessoas com deficiência dentro do esporte em lugares além da organização social? Dentro da assistência, temos os serviços de convivência, que acabavam também se tornando os “guetinhos”, tínhamos os serviços para as pessoas com deficiência e virava ali o depósito da pessoa com deficiência. Como garantir, como proporcionar oportunidade, por exemplo, nós temos... a Prefeitura tem um projeto com a Secretaria de Esportes de escolinhas de futebol. Como conseguimos promover a participação da pessoa com deficiência nas escolinhas de futebol com crianças sem deficiências? Acho que isso é um desafio, que eu estou colocando aqui para a Mesa, como é que vocês acham que podemos enfrentar esse desafio?

Gabriela Gonçalves: Eu estava aqui pensando enquanto você falava, até com a pergunta do Victor também, esporte de alto rendimento não tem como não ser institucionalizado, mas no caso do esporte inclusivo, acho que essa ideia do esporte aí para todos, que as prefeituras, os governos, enfim, estão fazendo e nós temos praças com aparelhos e temos ciclovias etc. Acontece que não temos uma cidade adaptada, então, até o acesso para esse tipo de lugar, então por exemplo, aqui embaixo, na Sumaré, temos um parquinho desses com vários tipos de aparelhos etc., o chão é todo de brita, cascalho. Então, as pessoas não têm como chegar a isso, o passeio é todo de paralelepípedo. Então, talvez, acho que a ideia seja um pouco pensar antes até de desinstitucionalizar, mas é pensar como é que faremos isso, de começar a adaptar. As ciclovias são pequenas, uma pessoa não tem como andar com uma cadeira de rodas etc. numa ciclovias, porque para chegar ali é muito difícil. Então, acho que tem que haver uma adaptação bem social para isso.

Edgar Bittner Silva: Dentro das políticas públicas, estamos trabalhando com o conceito de acesso, e o avanço agora do Estatuto da pessoa com deficiência, a Lei Brasileira de Inclusão, é que ela prevê a

adaptação do mobiliário urbano, das rotas dentro da cidade, inclusive, até abril de 2015 os municípios deviam aprovar o seu plano municipal de mobilidade urbana, sendo que o plano municipal, ele deveria estar pautado por princípios de desenho universal.

“O Estatuto da pessoa com deficiência, ele traz uma série de avanços importantes alinhando a linguagem que se usa em toda legislação referente a toda pessoa com deficiência e tratando de direitos à educação, à saúde, ao esporte, ao lazer”.

Não sei se todos vocês sabem o que é o desenho universal, a ideia do desenho universal é que você constrói a via, você constrói o acesso de maneira que ele seja acessível a todo tipo de configuração corporal. Você não está adaptando o lugar, você está construindo para que ele não precise ser adaptado. Então, os planos municipais de mobilidade urbana deveriam contemplar esses princípios. Então, em termos de política pública, em termos de legislação, estamos bem pautados, o problema é como que essa legislação vai ser implementada. O Estatuto da pessoa com deficiência, ele traz uma série de avanços importantes alinhando a linguagem que se usa em toda legislação referente a toda pessoa com deficiência e tratando de direitos à educação, à saúde, ao esporte, ao lazer que vi envolver a capacitação de funcionários, quando estamos pensando em aparelhos públicos, nem a capacitação de funcionários para conseguir trabalhar com essa população, adaptação de espaços, reforma de espaços para garantir o acesso também. Então, uma das dificuldades... é como eu falei, tem ali a área com os equipamentos, mas se a pessoa não consegue chegar até lá, não serve para nada. Aí vem... aí: “A gente construiu aqui, mas eles não usam”, não usam porque não chegam. Então, são desafios grandes que temos, mas a partir desse momento que temos o Estatuto entrando em vigor a partir de janeiro, deve gerar uma série de discussões que vão cair para nós também, psicólogos. Se vocês ainda não se apropriaram do estatuto, deem uma olhadinha, estudem ele porque ainda falaremos muito dele, muito! Eu acho que Victor, acho que essa partici-

pação de pessoas com deficiência com pessoas sem deficiência tem bastante a ver com o esporte como participação social e deve ser promovido nas escolas, nas unidades públicas. Acho que é complicado pensarmos nele como o alto rendimento de pessoas com deficiência e sem deficiência juntos, não sei como trabalhar com isso, mas o esporte como educação e o esporte como participação social, acho que a Eliane consegue lá.

Eliana: Vamos ver se juntos conseguimos dar uma resposta a ele. Porque é assim, precisamos diferenciar algo que é extremamente importante, esporte; todas às vezes que eu falo em esporte, eu penso no mais forte, no mais rápido, no mais veloz, eu penso na competição. Então, eu gosto muito do que propõe a Eliane Mauerberg de Rio Claro, eu diria assim, que é uma das melhores obras em relação a esse universo da inclusão da pessoa com deficiência, ela não fala em esporte adaptado, ela fala em atividade motora adaptada. Eu até convido vocês a conhecerem a www.sobama.org.br, porque precisamos realmente alinhar este conceito, porque nem toda pessoa com deficiência que pratica uma modalidade esportiva que pode ser só uma socialização, uma inicialização, ele virá a ser um atleta de alto rendimento, não é? Então, quando pensamos numa atividade motora adaptada, uma atividade física adaptada, eu penso em todos os espaços, não apenas dentro da escola, porque uma criança que tem um recurso, uma cadeira de rodas, que ela tenha um professor que saiba participar, favorecer a participação dela mesmo junto na aula de Educação Física regular, ele está disponibilizando uma ferramenta extremamente importante na sensibilização e na quebra de paradigmas. Então, quando penso numa atividade motora adaptada, penso não apenas na pessoa com deficiência, ou independente da sua deficiência, eu penso em quem tem o transtorno mental, eu penso na gestante, no idoso, obeso, no hipertenso, no cardiopata. Então, essa abrangência é inclusiva, porque esporte de alto rendimento, como vocês muito bem colocaram, ele é a formação do gueto, sabemos disso, porque é a institucionalização, eu preciso ter rendimento, eu preciso ter resultados e todo atleta, ele não quer ter a paciência de esperar aquele que tem uma velocidade menor que a dele, que atrapalha o treino do basquete, a Mariana que trabalhou com atletas do basquete sabe muito bem, que aquele ponto 1 que inventa de arremessar é arrumar uma encrenca para a equipe toda. Então sabemos que não é tão simples. Mas eu convido a todos os psicólogos a entenderem

um pouquinho melhor o universo da Educação Física. Eu sinto falta dessa aproximação, eu fico muito feliz quando vejo psicólogos dentro da Educação Física, então eu acredito que um professor de Educação Física precisa vir fazer parte dessa instituição, que ele tem uma ferramenta e um conhecimento que nós, psicólogos, por mais que entendamos de comportamento humano, não temos, que é a prática dessa atividade. Então, eu espero ter contribuído um pouquinho com o Victor.

Edgar Bittner Silva: Obrigado. É o mais, o alto rendimento é o mais, eu gostei dessa diferença de atividade motora adaptada, qual que é a referência que você colocou, Eliane? Eliane Mauerberg, como é que se escreve esse Mauerberg? Eliane Mauerberg, está aí uma boa referência, então, olha, quem está assistindo pela internet, quem está aqui já vai sair pelo menos com uma referência. Educação Física de Rio Claro.

Camila Teodoro Godinho: São algumas colocações que eu fiquei pensando quando a Eliana diz que espera desde 1992 por uma discussão, uma mesa, talvez não como essa, mas algo que traduzisse um pouco sobre o que estamos falando hoje; eu acho que está aí uma proposta para ir para o CNP, que estamos também com o objetivo hoje, é que o CNP fomente mais discussões como essas, que pessoas com deficiência façam parte também de algumas bandeiras que já temos aqui, principalmente, na garantia de direitos humanos, para todas e todos. Acho que uma outra proposta que saiu daqui também dessa discussão é a organização e, talvez, uma estruturação que garanta acessibilidade para as pessoas, o Edgar mesmo fala do palco, aí se você parar para ficar pensando em toda a estrutura física e de comunicação, realmente, temos muito ainda para fazer.

Edgar Bittner Silva: Por acaso, não temos aqui a pessoa intérprete da língua de sinais.

Camila Teodoro Godinho: Não temos. Realmente! Então, acho que são muitas coisas que, talvez, ainda começemos a engatinhar, pelo menos saímos lá de 1992, não é? Então, acho que são duas propostas, eu fiz essas duas propostas que eu estou contando um pouco, escrevi um textinho, mas eu acho que é algo para pensarmos assim, de que lugar falamos, acho que se apropriar da Lei também é uma outra coisa, porque eu acho que ficamos muito nessa construção histórica que temos, qual é a construção histórica? Do louco e daquele

que tem deficiência e faz esporte e quando ele ganha, achamos lindo e maravilhoso. Fiquei pensando também na fala da Gabriela quando comenta do alto rendimento, o quanto eu percebo que os atletas paralímpicos, eles são completamente resilientes e eles têm uma questão que é muito diferente dos atletas, típicos, que conhecemos, são completamente diferentes; eu acho que eles têm uma capacidade de resiliência muito maior e isso é traduzido quando a gente vê o pódio, né, de uma olimpíada e de uma paralimpíada, completamente diferente. Então, são coisas para pensarmos e percebermos também o quanto esta instituição precisa se apropriar deste tema, deste assunto. Então é isso e agradecer a vocês pela discussão.

Edgar Bittner Silva: Isso que você falou me lembra um outro dia em que vi naquele TED, se vocês não conhecem o TED, é uma organização que tem palestras rápidas de 20 minutos ao redor do mundo e um dia tinha uma advogada, uma pessoa com deficiência, nanismo, uma série de comprometimentos e ela estava falando como a tendência, que sempre que mostra a pessoa com deficiência fazendo alguma coisa que ela não deveria estar fazendo é para ser uma história de superação! Ela falou: "Eu não quero ser uma história de superação, eu não vou fazer uma história motivacional aqui para vocês. Eu só quero trabalhar, eu só quero fazer o que eu quero, o que eu preciso fazer para ganhar a vida", é bem interessante isso.

Mariana Maeda: Eu acho que essa questão da acessibilidade física, mas eu acho que não só isso, talvez, o que o Victor está perguntando é uma coisa bacana, cada vez mais, ter acesso à informação, mesmo, de conseguir saber do Estatuto, dos direitos e talvez, ainda, ir além, de tentar formar pessoas nas comunidades que consigam divulgar todas essas informações e mais que isso, capacitar a rede social dessas pessoas, de repente, eles mesmos, para que eles possam também divulgar isso e multiplicar o conhecimento; e familiar também pode fazer isso, ele pode ir lá e levar o filho dele para os lugares e ele fazer a coisa acontecer e pegar a rede social e os amigos e ir no campinho e jogar, se não for de terra, e se não for alguém que usa uma cadeira de rodas, porque estamos pensando bastante em acessibilidade quando pensamos em deficiências motoras, mas alguém que tenha deficiência auditiva, visual, intelectual ainda, então, tem bastante coisa ainda para ser feita pensando em deficiência intelectual, porque a motora, você vê, você sabe, ela é extremamente limitante,

até quando você olha, você sabe, mas deficiência intelectual também tem que ser muito estudada, muito difundida, muito conversada e multiplicar todos esses conhecimentos. Eu acho que essa barreira de informação tem que cair para formarmos multiplicadores. Quando a pessoa da comunidade consegue entender e tentar na sua própria comunidade desmitificar tudo isso, ela está fazendo algo para que a coisa aconteça fora da instituição, eu acho que desmistificar o preconceito é trabalharmos nos outros ao nosso redor e dizer não só capacidade de superação, não, ele quer ir lá, quer fazer e não quer mostrar para ninguém que ele está superando, ele quer só fazer, mas é porque ele tem acesso à informação que aquilo ficou uma coisa bem mais tranquila perto dele, porque a família dele faz com que ele perceba que ele pode, que a coisa acontece, que a coisa é feita. Então, eu acho que formar multiplicadores é muito importante, não sei qual... esse é um desafio para o CRP ou para as prefeituras, eu acho que é um grande desafio, mas não pensar só na parte física.

Gabriela: Pensando na questão da inclusão e das informações, que pensamos sempre no atleta ou na pessoa com deficiência, mas pensar também na questão dos pais, do núcleo familiar deles. Sei que existem projetos para questão de inclusão, mas vejo muito pouco com os familiares, para passar a informação para eles de como eles também são inclusos nesse meio do filho ou irmão do parente, do familiar que tem alguma deficiência. Eu gostaria de ver mais essa questão, para incluir os pais, passar mais informação para poder tirar um pouco do medo de inserir, de fazer a inclusão, porque eu vejo muitas famílias que têm medo do seu filho ter alguma deficiência, de estar junto de outras... de alguma criança que não tenha. Eu acho que é muita falta de informação que ainda existe aqui na nossa cultura.

Mariana Maeda: Acho que foi exatamente isso que eu quis dizer, o quanto também a rede de apoio a familiares que também são responsáveis por serem multiplicadores e por fazer a coisa acontecer: "Eu vou e levo, eu vou e faço" "Não tem adaptação?". "Ainda não hoje, mas a gente vai se juntar na comunidade, vai fazer um abaixo assinado", fazer a coisa acontecer, não é? Eu acho que temos que cada vez mais, também, discutir sobre isso, quanto nós somos responsáveis para a coisa acontecer também? Porque eu fico esperando da instituição e talvez por isso que tenha tanto a coisa da instituição, porque eu estou sempre esperando que o ou-

tro faça, o outro me diga, temos que conseguir ter uma proatividade. Se eu tenho um filho com deficiência, eu tenho um irmão, se eu tenho... eu preciso estar... buscar essas informações, buscar uma instituição que me dê essas informações e divulgar isso e fazer a coisa acontecer também, parar de achar que eu tenho que receber, que a coisa tem que vir. Então, o quanto eu posso ir? O quanto eu posso fazer? Esses pais, principalmente, porque eles são muito importantes em toda essa... para conseguirmos superar todos esses preconceitos e entender tudo isso. No Instituto é bem legal, porque os pais podem se reunir por conta da nossa oficina. Então, eles ficam lá, tem um grupo de pais que está fazendo até tai chi, uma das mães dá aula de tai chi, eles se juntaram para ir em programas culturais, então, eles vão em teatros, em outras coisas, eles estão se juntando, inclusive, para conversar com outros pais, porque nem toda instituição tem pernas para tudo. Então, acho que essa é uma proposta bacana mesmo, mas eu acho que conforme eles vão se institucionalizando, eles têm a capacidade também de se desinstitucionalizar, porque tiveram a informação e podem ser multiplicadores, então é muito bonito ver que a coisa acontece. A coisa acontece quando eles se reúnem e têm a informação, mas eu acho uma boa proposta, mesmo.

Ricardo Santoro: Completando também tem a questão da participação e do empoderamento do sujeito, do familiar e do sujeito. É engraçado você ver que, às vezes, as pessoas vão falando

dos princípios do SUS e o último a ser lembrado é o princípio da participação popular, enquanto muitas vezes... eu estou puxando para a minha lógica, mas o quanto muitas vezes, no SUS, os conselhos de gestores funcionam porque eles precisam acontecer e tem uma lista de presença, mas quais unidades, de fato, existem e tem conselhos gestores atuantes? Fica um convite até da assembleia do CAPS Aricanduva, a assembleia acontece semanalmente com uma participação massiva, mesmo, de usuários e familiares, mas dá trabalho. Dá trabalho, porque quando tem alguma coisa que eles não estão gostando, eles levam para a assembleia, o conselho leva, o conselho batalha, o conselho chama o familiar. Então, de novo, é mudança de cultura, e cabe também ao profissional saber que tudo não parte dele, é apoderar o outro a lutar pelos seus direitos e, também, seus deveres, porque também caímos naquela lógica: o sujeito só quer os direitos, mas ela não lembra também dos deveres e a família tem que estar junto, a família, comunidade.

Edgar Bittner Silva: Bom, gente, vamos começar aqui a encerrar, vocês que estão em casa, obrigado por participarem. Vocês da plateia, muito obrigado por estarem aqui até essa hora aqui conosco no CRP. As pessoas maravilhosas da Mesa, muito obrigado pelas contribuições e eu agradeço novamente o convite a participar, a coordenar essa Mesa e dou por encerrada nossa atividade desta noite. Obrigado a todas, a todos. Boa noite. 🙏

Informações dos eventos

Ciclo Estadual de Debates	Data	Inscritos	Presentes
<i>I Encontro - Dialogando sobre Psicologia, ética, mídia e comunicação</i>	09/03/2015	78	39
<i>II Encontro - Psicologia do Esporte e Práticas Integrativas e Complementares</i>	27/04/2015	178	63
<i>III Encontro - Dialogando sobre a formação em Psicologia do Esporte no Estado de São Paulo</i>	19/10/2015	105	47
<i>IV Encontro - Saúde Mental e Esporte Paralímpico: da Inclusão ao Alto Rendimento</i>	07/12/2015	191	20

Realização:



Conselho
Regional de
PSICOLOGIA SP